

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
CURSO: DOUTORADO**

**“DELICADEZA E ESPIRITO DE GRUPO”:
O BASQUETEBOL COMO INVENÇÃO CULTURAL**

Inês Almeida Vieira

Fortaleza
2009

INÊS ALMEIDA VIEIRA
ORIENTADORA: IRLYS ALENCAR FIRMO BARREIRA

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia,
Universidade Federal do Ceará

em 18 de junho de 2009.

Banca Examinadora

Giovani Jacó de Freitas

Inês Vitorino Sampaio

José Sérgio Leite Lopes

Ângela de Alencar Araripe Pinheiro

Irlys Alencar Firmino Barreira
Presidente-orientadora

**Fortaleza/CE
junho/2009**

Dedico esse trabalho à flor (minha mãe, D. Inez). E a Irlys Barreira, Sulamita Vieira e Sara Vieira Maia, pelas preciosas contribuições na produção deste texto. A Luana e Lorena (sobrinhas) e ao Patrício (irmão) que dividiram comigo a experiência das quadras de basquetebol.

AGRADECIMENTOS

A Deus, a quem confiei meus apelos por serenidade e sabedoria

Aos meus familiares

Aos professores de basquete, colaboradores, Tony e Campainha e suas respectivas equipes
(CEC e CEFET-CE)

A: Isac Vilanova, Anália Pontes, Auxiliadora Lemenhe, Isabelle Braz, Inês Vitorino, Rilda Bezerra, Joelma Freitas e Julita Leitão

À Narinha, ao Cesinha e à Denise, meus sobrinhos, por me ajudarem com tarefas operacionais,
no desenrolar desta pesquisa

À funcionária do BNB, Madalena Barroso, e à bibliotecária Elizabeth Albuquerque

À secretaria Inês Silvia, pela formatação desta tese

Ao contribuinte, responsável pelos recursos com os quais o CNPq financiou esta pesquisa.

RESUMO

O principal intuito deste estudo focaliza a sociabilidade entre os jogadores de basquete, enfatizando a construção e difusão do espírito de equipe, principalmente, entre jovens. A pesquisa é de abordagem interdisciplinar e se baseia em estudos sócio-históricos e antropológicos, para explicar como a dinâmica do basquete projeta aspectos da competição social em que ela está inserida, tais como a máxima “do sentido de equipe”, enfatizada em vários dos mecanismos de sua estrutura e encenação em quadra. Essa dinâmica pode ser vista como uma metáfora da realidade, ordenando a disputa regulada, cujo resultado sinaliza os processos de sociabilidade lúdica que fortalecem a perspectiva do trabalho em conjunto.

Apoiei-me em conceitos como o de sociabilidade, de acordo com Simmel, para mostrar como se constrói e se difunde o sentido de equipe na dinâmica do basquete. A descrição das observações do jogo de basquetebol visou mostrar a construção dessa forma de sociabilidade entre seus praticantes. A investigação analisou dois grupos: a escolinha do clube sócio recreativo BNB (Banco do Nordeste do Brasil) e a escola pública federal CEFET-Ce (Centro Federal de Educação Tecnológica). Essas organizações educacionais realizam, cada uma a seu modo, trabalho em conjunto com jovens de ambos os sexos, em Fortaleza. Esta tese focaliza eventos vivenciados por atores desse jogo em atividades competitivas, ocorridas nesta década, iniciada no ano 2000, prolongando-se 2009. Tais rituais são compreendidos a partir da perspectiva de Hobsbawm, dentre outros autores como Cuche e Peirano. Segundo Hobsbawm, essas iniciativas têm a importância de fortalecer identidades culturais no contexto de suas trocas sociais através da incorporação e veiculação ou reinvenção de símbolos e de tradições dos grupos que incorporam essa prática.

A pesquisa de campo incluiu entrevistas, observações diretas, com registro em diário de campo, fotografias, pesquisa documental, acervo de jornais, revistas, Internet (trabalhos localizados em bibliotecas virtuais) etc. Além da coleta de informações junto aos atletas das duas instituições referidas, a investigação considerou treinamentos e competições oficiais como Copa CEFET-2006; Encontro regional anual dos CEFETS Norte e Nordeste, em 2005 e 2006; transmissões por meio de televisão, de competições nacionais e internacionais. Esta tese mostra o basquete como uma prática experimentada por diferentes grupos, na vida em sociedade, em diversos contextos históricos. O jogo tem sido apropriado por segmentos empresariais e filantrópicos para promover “programas sociais”. Por suas especificidades de princípios e propósitos de disciplinar o trabalho em grupo reprimindo o abuso da força física é nomeado por adeptos de “o jogo da delicadeza”.

Palavras-chave: competição, “jogo da delicadeza”, identidade cultural, sociabilidade.

ABSTRACT

The main purpose of this research focuses the sociability in the universe of basketball players. It emphasizes the construction of the team sense, especially between its young players. The theoretical perspective is based on the social historic and anthropological investigation. The description of the basketball game dynamics shows the production of the sociability processes. It emphasizes the creation of the team sense. According to Simmel conception of sociability, the investigation analysed the two groups: the school group of a private social recreative BNB Club and the public and federal school CEFET. Both these educational organizations realize a joint work with young people in Fortaleza. The research methodology includes: the direct observations, interviews, field diary, photographies and documents research, magazine, newspapers, studies found in the virtual libraries and so on. The scientific analysis considered the reality such as the trainings and official competitions as the CEFET Cup in Fortaleza, in 2006 and the annual regional meeting of CEFETs named EDCENNE, in the years 2005 and 2006. These events have been realized since year 2000 up to now. The analysis includes events based on the Hobsbawm perspective which calls attention to the importance of the ritual in order to construct the cultural identity and to maintain symbols and traditions observed in the behavior of the groups in the Games context. The basketball game is appropriated in different social contexts as schools, recreational clubs and entertainment segments or enterprise ones. Some social organizations appropriated this game to divulge their image of the social responsibility and they also defend their trade strategies too. Some basketball players have called it the polite game due to its purposes that stimulate the team sense and the production of its specific discipline.

Keywords: The polite game, cultural identity, sociability, competition.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
O problema de investigação.....	9
Capítulo 1 – PELAS TRILHAS DA PESQUISA	13
Observando o basquete no país do futebol	19
Capítulo 2 – DIFERENCIAL DO BASQUETE: APRESENTAÇÃO DE UMA ATIVIDADE ESPORTIVA.....	26
Capítulo 3 – CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA INVESTIGADO	35
A inserção do basquete nos jogos olímpicos modernos.....	35
A trajetória do basquete no Brasil	38
O basquete em relação às diversas esferas da sociedade	47
A inserção do basquete em Fortaleza.....	57
O cenário do basquete em Fortaleza nos dias de hoje	61
Capítulo 4 – EU VOU MOSTRAR PRA VOCÊS COMO SE JOGA BASQUETE	67
Uma introdução à dinâmica do basquete	67
A disputa do rebote	74
Um treino no clube.....	78
Uma disputa na escola	82
A disputa da copa CEFET-2006.....	85
Um ritual de premiação.....	90
A linguagem dos <i>basqueteiros</i>	92
A equipe de basquete como protagonista de sua encenação	96
Capítulo 5 – BASQUETEBOL, FILANTROPIA e RESPONSABILIDADE SOCIAL	106
O jogo benfico (amistoso).....	106
A <i>Festa dos amigos do basquete</i>	107
As múltiplas dimensões do encontro de Amigos do basquete	113
A Festa dos amigos do basquete e suas relações.....	115
Basketball Without Borders ou Basquetebol sem fronteiras.....	123
Capítulo 6 – OS JOGOS COMO RITUAIS	131
O ritual esportivo e as identidades sociais	131
Copa CEFET-2006: competição e cooperação	145
O <i>Dia B municipal do basquete</i> : identidades que se consolidam	146
Em cena: símbolos, gestos e representações regionais	150
<i>Streetball</i> : as novas formas de identidades relacionadas ao basquete	158
Percursos do <i>streetball</i>	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	168
BIBLIOGRAFIA.....	171

INTRODUÇÃO

O que me despertou para analisar *a sociabilidade no contexto do basquete* foi o fato de considerar esse jogo como uma espécie de teatro de quadra, em cuja encenação é possível captar uma dramatização de atos que se estabelecem por cooperação e competição entre seus atores, para viabilizar uma disputa.

Nesta investigação, procurei apreender expressões dessa encenação nos treinos e jogos e em outras programações que acompanhei. Concretamente, esta pesquisa teve como campo empírico dois grupos de jogadores de basquete: o da Escolinha do BNB¹, clube privado, e o grupo da escola pública CEFET².

No desempenho cotidiano da sua prática, os jogadores de basquete buscam legitimar a idéia de que a disputa requer cooperação entre os integrantes do grupo, para que haja o confronto de equipes. Trata-se de um jogo norteado por um forte ideário de união e *cooperação* entre seus participantes, enfatizando-se, simultaneamente, a idéia de *competição regrada*, instituída através de uma sociabilidade específica, que se apresenta na própria dinâmica desse esporte. Vale ressaltar que, na prática do basquete, constantemente, é ensinado aos atletas que eles devem privilegiar a ação conjunta do time, a ação do coletivo, sem, no entanto, perder a individualidade de jogadas.

Atualmente, além de ser praticado em escolas e clubes, o basquete é encontrado também em outras formas de organização social, que aparecem, por exemplo, por ocasião das disputas que constituem a chamada Seletiva Estadual de Basquete de Rua³, em vários bairros da cidade de Fortaleza; e, nos jogos inter-regionais, é possível compreender a consolidação de equipes que sinalizam a existência de identidades regionais, tal como pude observar no Encontro Desportivo dos CEFETs Norte e Nordeste (EDCENNE), em distintas capitais destas duas regiões. Nesse espaço, por ocasião dos jogos, as equipes buscam afirmar símbolos culturais que

1 Refiro-me a uma empresa de propriedade do professor Campainha, denominada *Centro Esportivo Campainha* (CEC), que funciona em parceria com o clube do Banco do Nordeste do Brasil (BNB clube), em Fortaleza. O referido professor tem acesso a 50% do montante do pagamento feito pelos usuários. O empreendimento é mantido por alunos, sócios ou não-sócios do clube. Sócios pagam mensalidade correspondente a R\$ 34,00 (trinta e quatro reais) e, não-sócios, R\$ 39,90 (trinta e nove reais). Como termo de referência, lembro que, em abril de 2008, o salário mínimo no Brasil correspondia a R\$ 380,00 (trezentos e oitenta reais) e, em abril, passou para R\$ 415,00 (quatrocentos e quinze reais). O clube dá vestuário, bolas, cones de plástico e bambolês (usados nos treinos). O CEC foi fundado em 1999 e funciona no BNB clube. A escolinha já funcionava no BNB clube antes da chegada de Campainha. Este clube é uma entidade sócio-recreativa, privada, que congrega funcionários do referido Banco, ativos e aposentados, e seus respectivos “agregados” e sua manutenção provém da contribuição dos sócios e de atividades sócio-esportivas. Funcionam, ali, as seguintes modalidades esportivas: natação adulta e infantil; xadrez; musculação; judô; *tae kwon-do*; voleibol; voleibol misto; basquete; hidroginástica; futsal e capoeira. (Dados extraídos do site www.bnblclube.com.br, no ano de 2006, e do jornal *BNB clube informando*, complementados com observações registradas pela autora ao longo da pesquisa).

2 Centro Federal de Educação Tecnológica. Em 2008, passou a ser denominado Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFET-CE).

3 Refiro-me à competição estadual do basquete de rua que define equipes para compor o campeonato nacional nomeado LIBBRA (Liga Brasileira de Basquete de Rua), realizado, anualmente, no estado Rio de Janeiro.

evocam modos de vida encontrados nas regiões de onde provêm as escolas com suas respectivas equipes. Essas equipes são fundadas com base em laços afetivos que se estabelecem em meio aos processos de cooperação e competição, entre membros de um mesmo grupo ou, externamente, nos torneios entre grupos. Ressalte-se que, nesse contexto, os conflitos são também constitutivos da produção de identidades. Como exemplo, cito brigas entre as equipes CEFET e Colégio Juvenal de Carvalho, nos jogos-treinos preparatórios do EDCENE 2005, em Teresina, conforme pude observar ao longo da pesquisa.

O problema de investigação

O propósito fundamental desta tese é analisar a sociabilidade criada no “mundo do basquete”, focalizando regras que organizam a disputa, além de examinar também o desempenho de jogadores. Nesta perspectiva, dedico atenção especial à maneira como se constrói e se difunde, no basquete, a idéia de *espírito de equipe*. Ao que me parece, trata-se de uma espécie de marca, algo bastante forte – presente desde as origens, numa escola da sociedade norte-americana, nas relações que se expressam no “mundo do basquete”, nos inúmeros outros espaços pelos quais esse esporte tem se difundido, ao longo de mais de um século.

O seu precursor pensou o basquete como um esporte que cumpriria uma função pedagógica e, a meu ver, não por acaso, uma vez que nasce dentro de uma escola – instituição, por excelência, voltada para a educação –; um espaço em que, pelo menos no plano do discurso, o *coletivo* tem lugar central. Sabemos, também, que educar é uma processo que envolve ações multidimensionais. Portanto, nascendo como uma outra atividade que traz consigo essa proposta pedagógica, o basquete poderia ser visto, ali, como mais um dos espaços a contribuir para formar indivíduos; um espaço no qual há uma preocupação constante com a “orientação para a vida”, que deve ser transmitida aos atletas, educando-os também, assim, fora da sala de aula. E, no caso, como já mencionei, associado a uma instituição filantrópica, parece ter sido tomado também, paulatinamente, como uma possibilidade de ampliação ou fortalecimento de certos valores morais (respeito ao outro, dignidade humana, etc). Examinando, historicamente, a expansão dessa prática esportiva no mundo, e considerando alguns achados desta pesquisa nas duas experiências mencionadas, sou levada a pensar que aqueles princípios que nortearam as origens do basquete, a exemplo do *senso de equipe*, acompanharam, de um modo ou de outro, a construção dos inúmeros grupos através dos quais ele tem sido difundido, em meio a tantos outros aspectos.

É sob esse olhar, portanto, que analiso a sociabilidade no “mundo do basquete”, procurando compreender que elementos desse universo favorecem a formação de um *espírito de equipe*, conforme dito anteriormente.

Busco em Simmel a inspiração para compreender o funcionamento de grupos de jogadores de basquete como um processo em construção. Este autor se refere ao termo *socialidade* como equivalente a *sociabilidade*:

(...) tudo o que está presente nos indivíduos (que são dados de qualquer realidade histórica), sob forma de impulsos e interesses, propósito, inclinação, estado psíquico movimento – tudo o que está presente neles, de maneira a engendrar ou mediar influências sobre outros, ou que receba tais influências, designo como conteúdo, como matéria por assim dizer de sociação. Em si mesmas, essas matérias com as quais é a vida preenchida, as motivações que a impulsionam não são sociais. Estritamente falando, nem fome nem amor, nem trabalho, nem religiosidade, nem tecnologia, nem as funções e resultados da inteligência são sociais. São fatores de sociação apenas quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para um outro – formas que estão agrupadas sob o conceito geral de interação (SIMMEL, 1983: 166).

Segundo Simmel, a sociabilidade se concretiza no envolvimento de indivíduos reunidos por suas motivações. A sociabilidade como uma forma autônoma e lúdica é a resultante desse envolvimento de atores sociais em torno de suas realizações conjuntas. Para Simmel, quando interesses reais em cooperação ou colisão determinam a forma social como existência própria, eles evitam a manifestação de especificidade e singularidade individual de maneira ilimitada (SIMMEL, 2006, p. 61-64-65).

Este pensamento de Simmel me ajuda a explicar de que modo o andamento de atividades empreendidas por um grupo de jogadores passa a adquirir um sentido, assumindo, assim, naquele contexto, uma dimensão “social”; na medida em que aquela prática é norteada por certos valores, regras e princípios partilhados e encenados. Assim, me apropriando deste raciocínio do autor, eu diria que é no exercício da atividade como jogadores de basquete que eles “se tornam” um grupo que, ali, vai incorporando “formas específicas de ser”, como diz Simmel. Esse “fazer coletivo” pode contribuir para criar, entre eles, o sentimento de pertença àquela agremiação.

Esta tese consta de seis capítulos, assim nomeados: o 1º, “Pelas trilhas da pesquisa”; o 2º, “Diferencial do basquete: apresentação de uma atividade esportiva”; o 3º, “Contextualização do problema investigado”; o 4º, “Eu vou mostrar a vocês como se joga basquete”; o 5º, “Basquetebol, Filantropia e Responsabilidade social” e o 6º, “Os jogos como rituais”. Além destes, escrevi as “Considerações finais”.

No primeiro capítulo, estão descritos os procedimentos, e diversos recursos usados nesta investigação, incluindo imagens fotográficas; a descrição de uma viagem que fiz ao campo, por ocasião do torneio inter-regional denominado Encontro Desportivo de CEFETs do Norte e Nordeste (EDCENNE), ocorrido nas capitais nordestinas de Teresina e Recife, em 2005 e 2006, respectivamente; e a especificação de contatos que estabeleci com os adeptos do basquete na escola pública CEFET e no BNB clube. Nestes últimos contatos, destacam-se os treinamentos semanais, os eventos natalinos anuais que congregam “os amigos do basquete”,

inclusive num plano institucional, conforme se observa através da adesão à iniciativa, por parte de organizações como BNB clube e jornais cotidianos, de Fortaleza, *O Povo* e *Diário de Nordeste*, e entidades benficiantes como a Casa Menino Jesus e a Fundação Peter Pan.

Além dos dois grupos acompanhados mais diretamente, neste capítulo também estão registradas situações identificadas na ocasião em que acompanhei a programação *O Dia B Municipal de Basquetebol*, promovida pelo programa *Esporte na comunidade*, no ginásio municipal Paulo Sarasate e no Pólo poli-esportivo Beira-mar⁴.

No segundo capítulo, apresento a dinâmica do jogo de basquete, de acordo com o regulamento oficial e universal que ordena essa modalidade, segundo a perspectiva adotada pela Federação Internacional de Basquetebol Amador (FIBA). Ali, a preocupação principal foi descrever como o jogo é interpretado sob o ponto de vista daqueles personagens que o vivenciam nas quadras. Para compreender a dinâmica desse jogo, foi significante ter vivenciado a experiência de jogar basquetebol. Esse fato se, por um lado, contribuiu para que eu me sentisse muito próxima dos personagens acompanhados empiricamente, por outro lado, me permitia extrair as situações de pesquisa, interpretando de forma mais fidedigna, o basquete encenado nas diversas situações com as quais convivi. Essa condição me possibilitava interpretar mais facilmente, quando me deparava com a linguagem, táticas e técnicas do basquete, prazerosamente compartilhadas em cena semelhante da qual fiz parte um dia.

O terceiro capítulo reconstitui a história do basquete, chamando atenção para suas origens na sociedade norte-americana, em 1891, bem como sua expansão para outros continentes. Em particular, focalizo sua chegada ao Brasil, ainda no final do século XIX, na região Sudeste, e trago contribuições à compreensão de sua trajetória neste país. Discuto como esse esporte, historicamente, lutou para consolidar o seu espaço na sociedade brasileira. Tecendo considerações sobre a ocorrência de jogos de basquete no cotidiano da cidade de Fortaleza, me reporto também às possibilidades e limitações de investimentos financeiros que repercutem na viabilização e vivência do basquete, no Brasil e no âmbito da capital cearense, onde este, em sua forma oficial, está sendo praticado, predominantemente, nas escolas de setor privado, em competições inter-colegiais, embora haja novas identidades se projetando em capitais de estados e em outras cidades, como o *basquete de rua*, conforme explicitado mais adiante.

No quarto capítulo, mostro como esse esporte é jogado. Para tanto, tomo como base, além das regras da FIBA, a minha vivência pessoal de *basqueteira*, no passado; encenações e inúmeros depoimentos de diversos praticantes, registrados, ao longo desta pesquisa, por ocasião de treinos e jogos oficiais, ilustrados de acordo com situações específicas. Assim, me

⁴ Essa foi uma programação instituída, por iniciativa de um programa público *Esporte na comunidade*, ligado à Célula de Esporte e Lazer da Prefeitura Municipal de Fortaleza, em 23.12.2006. Envolveu adeptos do basquete, vindos de escolas e clubes, dos setores público e privado, e também da rua, que buscavam interagir com o público em geral, em um dia de sábado; evento realizado em vários “centros de cidadania” da capital cearense ou em ginásios municipais; a exemplo do Centro de Cidadania do bairro Prefeito José Valter e Ginásio Paulo Sarasate. Segundo a perspectiva dos organizadores, a participação de pública nesta programação foi estimada em mil e quinhentas pessoas.

refiro a: Copa CEFET 2006; torneios Regionais, anuais; Campeonato Mundial de Basquetebol, realizado no ginásio Ibirapuera, em São Paulo, em 2006; competição dos Jogos Pan Americanos 2007, no estado do Rio de Janeiro; Olimpíadas Mundiais de Pequim, China 2008; dois torneios Pré-Olímpicos de basquete, competições que se realizaram em Valdívia, no Chile (edição das Américas) e em Madrid, na Espanha (edição da Europa).

Os registros das situações, mencionados ao longo deste trabalho, resultam, assim, da observação de dinâmicas de treinos; de jogos de basquete oficiais, locais e inter-regionais, além de transmissões televisivas, por ocasião da realização de competições internacionais.

O quinto capítulo aborda o significado relativo, atribuído ao basquete, levando-se em consideração os vários contextos em que ele é adotado por determinados segmentos. Assim, destaco sua apropriação pela publicidade de empresas privadas; a utilização de acordo com a lógica de uma organização benéfica, ilustrada pela realização anual da *Festa dos amigos do basquete*, como é nomeada por seu mentor, o professor Campainha. No âmbito da ação comunitária internacional, chamo a atenção para a forma como esse esporte é utilizado por empresas, dentre outras organizações, as multinacionais americanas, a exemplo da Nike e do grupo McDonald's, sendo esta experiência nomeada *Basquetebol sem Fronteiras*, alcançando os continentes de Europa, Ásia, África e América. Esse programa tem sido editado, anualmente, e foi realizado pela primeira vez na China, no ano de 2001.

O sexto capítulo descreve os jogos como rituais, tal como está indicado no seu título. Essa parte do estudo reporta-se à experiência dos Encontros Desportivos do Norte e Nordeste, nas cidades de Teresina e Recife, edições realizadas em 2005 e 2006, respectivamente. Conforme se pode constatar, faço aí uma descrição de ocorrências que enfatizam eventos oficiais, a exemplo do ritual de abertura de competições, ou descrição e interpretação de cenas dos jogos realizados nesse momento, evocadas nas várias imagens fotográficas ou, ainda, numa tabela localizada no *site* do CEFET-PE. O estudo interpreta, ainda, a existência de grupos representantes de distintas categorias do basquete, que diversificam o cenário, das quais são exemplos: “o basquete veterano”, o “basquete paraolímpico⁵”, “o basquete-arte” ou street ball⁶, por ocasião do evento chamado o *Dia B Municipal de Basquetebol*, realizado em vinte e três de dezembro de dois mil e seis, em alguns bairros de Fortaleza. De forma mais superficial – por não se constituir em um foco desta pesquisa –, este capítulo se refere, ainda, à manifestação nacional e internacional, nomeada *basquete de rua*, vinculada ao movimento cultural *Hip hop* americano.

Para finalizar, apresento aquilo que considero como algumas conclusões desta pesquisa.

5 Esta nomeação é a mesma do basquete em cadeira de rodas.

6 Traduzindo do inglês para o português, essa expressão significa a bola da rua.

CAPÍTULO 1

PELAS TRILHAS DA PESQUISA

Este capítulo trata dos procedimentos e fontes que adoto como referências para viabilizar esta pesquisa.

Para caracterizar o “mundo do basquete”, tomei como ponto de partida tratar-se de um esporte coletivo. Ou seja, dentre outros aspectos, o basquete se caracteriza pela ação conjunta de indivíduos. Em outras palavras, o grupo é uma referência para que a pessoa expresse valores, relativos ao jogo. Ilustro esse universo a partir de falas dos sujeitos. Como diz professor Tony, o basquete é uma competição cooperativa, em que a bola é passada, em que *uns cooperam com outros e jogadores combatem com garra*; ou, conforme o professor Campainha, *um jogo sadio, em que uns não pisam nos outros*. É no espaço coletivo que se projetam idéias ou a forma do jogo ser jogado e aspectos como: afetividade, agressividade, diálogo com o companheiro, obediência a normas, reconhecimento de seus próprios limites, etc. No depoimento de professor Tony, competição é espaço de *congregação, de somar*; de indivíduos atuarem como *um corpo*.

O basquete faz parte de minha vida e esse fato também se liga à escolha para estudá-lo. Considero que quando era atleta, essa atividade abriu-me os olhos aos novos amigos na escola, mas não só. Afinal, a hora do jogo na quadra da escola era o ponto de encontro também. Ali era hora, não só de exercitar o físico, mas de vivenciar a paquera de encontrar o aconchego, começar ou recomeçar um namoro ou, por que não, espaço dos rompimentos afetivos, às vezes com a ajuda do grupo, dissipando os possíveis ressentimentos. Ou o simples lugar de também *jogar conversa fora*. A quadra, portanto, guardava confidências, que agora vêm à memória. O espaço do jogo era também o lugar de encontros e desencontros.

Observei o jogo amador⁷ por acreditar que há maior visibilidade local de adeptos nesta modalidade. Na pesquisa, abordei o basquete praticado por times femininos e masculinos, considerando que ambos os sexos aderem, sistematicamente, a esse esporte.

Minha decisão de escolha, pela escola CEFET-Ce, se deu em função desta ser uma escola pública, que faz parte de *competições* internas à própria escola, e ainda, ser anfitriã da Copa CEFET, uma *competição* anual, criada a partir de 2000, que reúne escolas dos setores público e privado, bem como participa anualmente do Encontro de CEFETs Norte Nordeste, iniciado também em 2000, em Maceió-AL, agregando escolas dessas duas regiões, em nove modalidades esportivas, com ênfase no jogo coletivo (basquetebol, handebol, voleibol, futebol, *futsal*, natação, atletismo, judô e xadrez).

⁷ O jogo que é praticado pelos jovens em escolas como aulas alternativas de Educação Física ou mesmo em clubes, como atividade que permite, também, a edificação de grupos.

O universo desta pesquisa se apresenta, assim, como um cenário rico de interações sociais. Chamo a atenção para as redes de relações interpessoais e intergrupais, que são construídas em meio às *competições* de que fazem parte os adeptos do basquete com os quais fiz contactos. Nesse universo, pode se ver a contribuição desse jogo para organizar a equipe. E, se penso no grupo do CEFET, essa rede pode ser observada através de relações que o time mantém com outras escolas, por ocasião de *competições* ou nas suas fases preparatórias; ou, ainda, em jogos internos à própria instituição.

A opção pela outra experiência do ensino de basquete – a da Escolinha do BNB Clube – se deu por ocasião do evento benficiente, *Festa dos amigos do basquete*. Essa experiência assinalava a ampliação do sentido, tal como aparece no primeiro grupo do universo recorrido. Assim, em 16.12.04, iniciei contatos com a escolinha mista de basquete no setor privado. Sua prática se distingue daquela do CEFET, dentre outras coisas, por acrescentar a experiência do *jogo benficiente*, e por ser uma prática de convivência de categoria mista, ligando os jovens que, no âmbito da escola, após o fim das séries iniciais, atuam em categorias separadas.

Usei na investigação a técnica da observação⁸, registrando os “achados” em diário de campo. No desenrolar da análise, esse material foi sendo submetido a classificações, isto é, fui partindo das anotações (entrevistas e diário de campo) e, com base nestas, elaborando categorias de análise tais como: *sentido do jogo*, *senso de equipe*, *encenação de jogo*, *redes*, *conflito*, e linguagem dos *basqueteiros*, configurando-se, assim, noções básicas na interpretação do “mundo do basquete”. Além dessa técnica, adotei também a entrevista. Neste caso, refiro-me tanto àquelas formais ou estruturadas, seguindo um roteiro previamente elaborado, como às semi-abertas ou informais, a partir de contingências surgidas no decorrer da pesquisa. Utilizo, ainda, outros recursos como a fotografia, documentando cenários, situações ou comportamentos, enfim, imagens de situações observadas. Lembro que imagens são textos. Ou, noutras palavras, procedi dessa maneira por considerar que esse tipo de imagens pode ser interpretado como formas de linguagem que traduzem situações, e, no caso, evocam certos princípios, valores e regras do jogo. Acompanhei atentamente, por Internet ou por emissoras de televisão, torneios internacionais como o Pré-Olímpico⁹ de Basquete Feminino, 2007, em Valdívia no Chile; o Campeonato Mundial de Basquete Feminino, 2006, em São Paulo; os Jogos Pan Americanos de Basquete Feminino e Masculino, 2007, no Rio de Janeiro; o Pré-olímpico de Madrid, Espanha, em 2008, bem como a vigésima nona edição das Olimpíadas Mundiais, 2008, em Pequim na China.

Para superar o desafio que faz parte desse trabalho ao estabelecer as relações com o universo de pesquisa, contei com a ajuda da leitura de Wacquant (2002), na sua pesquisa que

⁸ A observação participante é recurso de pesquisa adotado na investigação social como nos revela Wolf, ao referir-se às pesquisas em comunicação: todas têm em comum a observação participante (...). Os dados são recolhidos pelo investigador presente no ambiente que é objeto de estudo, quer pela observação sistemática de tudo o que aí acontece, quer através de conversas mais, ou menos, informais e ocasionais, ou verdadeiras entrevistas com pessoas que podem em prática os processos produtivos (WOLF, 1999: 186, 187).

⁹ Esses torneios, o Pré-olímpico das Américas e o da Europa, selecionaram equipes nacionais que foram classificadas para as Olimpíadas de Pequim, 2008.

trata do boxe em Chicago. Na interpretação do autor,

(...) a outra virtude de uma abordagem com base na observação participante (que no caso presente é mais uma participação observante) em uma banal academia de treinamento é que materiais assim produzidos não padecem de um paralogismo ecológico que afeta a maior parte dos estudos e relatos disponíveis sobre a Nobre Arte. Assim, nenhuma das declarações aqui relatadas, foram expressamente solicitadas: os comportamentos descritos são aqueles do boxeador em seu habitat e não só a (re) apresentação teatralizada e altamente codificada que ele gosta de fazer de si mesmo em público. E que as reportagens jornalísticas e os romances retraduzem e louvam segundo seus cânones próprios (WACQUANT, 2002: 23).

Inspirei-me, portanto, no seu trabalho, criando uma estratégia de comunicação para me inserir entre *os basqueteiros*. Ela me permitiu visualizar, mais de perto, como esse grupo interage, quando observei os *jogos-treinos* preparatórios¹⁰, priorizando *investigar do ângulo do banco de reservas*, no encerramento do primeiro semestre de 2005 e no *amistoso* entre alunas e ex-alunas do CEFET¹¹. Lembro-me, por exemplo, do dia em que o treinador e as jogadoras me chamavam para jogar em um *amistoso* com alunas e ex-alunas, enquanto eu relutava, dizendo que já tinha muita gente para jogar, que não queria tomar o lugar de ninguém. Porém, insistiram e entrei, embora o acesso à bola ficasse mais entre as jogadoras já familiarizadas entre si. Essa intervenção contribuiu para aprofundar minha investigação, porque me permitia ver melhor, de dentro da cena do basquete, como se processam interações na forma desse jogo ser vivenciado.

O estudo de Wacquant me serviu de referência para constatar o que acontece no “mundo do basquete”, observando muitas encenações e ouvindo conversas informais, ou examinando documentos aos quais tive acesso, direta ou indiretamente; e me ajudou também na compreensão de várias situações que presenciei, ao acompanhar treinos e jogos de basqueteiros. Além disso, estando ali, pude apreender melhor muitas das revelações que compõem os discursos explicitados durante os jogos. Assinalo essa constatação baseada na busca de compreender a relação que eles mantêm com a atividade e com o grupo.

Esta investigação requer, assim, a descrição etnográfica de cenários de práticas de basquetebol, como, por exemplo, um treinamento ou um jogo, envolvendo confronto entre equipes, por ocasião de torneios. Essas cenas ficam mais claras para o leitor no capítulo quatro,

10 Refiro-me aos treinos, se estes são aqueles de rotina da escola. Refiro-me aos *jogos-treinos*, quando ocorrem entre equipes rivais, a exemplo de colégio Juvenil de Carvalho x CEFET-CE, por ocasião da fase preparatória de jogos inter-regionais.

11 Mesmo eu pressupondo que o jogo ocorre entre atletas do nível médio, constato que a equipe reúne alunas de distintos espaços físicos e níveis escolares; por exemplo, uma aluna que veio do curso superior do CEFET do bairro Aldeota para treinar com alunas de nível médio, no CEFET do Benfica; ou uma ex-aluna que cursa, atualmente, Educação Física, na Universidade Estadual do Ceará, e que volta ao CEFET para treinos e para competir na VI Copa CEFET 2006, preservando laços afetivos com o grupo. Como a *competição* inter-regional ou mesmo a VI Copa CEFET local oficial, fixa a idade máxima de participação do atleta em 21 anos, pode haver alunos do nível superior que jogam com os do nível médio, nestas *competições*.

deste texto, que mostra como se joga o basquete.

Ao longo desta pesquisa, o trabalho de campo me possibilitou a descrição das observações, quando via as alunas em cena jogando. Assim, me mantive atenta à linguagem do professor e às “respostas” das alunas a essas interpretações, expressas ali; atenta a todo um conjunto de movimentos, gestos e falas, que apareciam na quadra, de diferentes maneiras e em circunstâncias diversas, quer nos contatos que mantinham entre si, quer quando comentavam sobre a forma como jogavam. Refiro-me, dentre outros aspectos: às brincadeiras das alunas; às conversas informais que escutei; a eventuais narrativas de acontecimentos anteriores, rememorando derrotas ou vitórias ou relembrando contatos com outros times, nos jogos intercolegiais ou nas competições mais amplas. Por exemplo, durante a sexta Copa CEFET 2006 (realizada em Fortaleza, de 30.05 a 09.06.06), em um só dia observei três jogos de basquete feminino e masculino. Duas das equipes eram orientadas por professor Tony: a escola privada, Santa Cecília, e a escola pública, CEFET, observação em que me baseei na entrevista a este professor em 08.06.06¹². Enriqueci o diário de pesquisa com registros do cenário desta competição. Mesclei, portanto, o recurso da descrição etnográfica do jogo com a montagem da entrevista, para tentar compreender o significado do jogo, do ponto de vista desse professor, bem como a importância da competição. Cruzei várias fontes de pesquisa, incluindo jornais diários, observações, documentos das instituições em que se inserem os grupos de basqueteiros por mim acompanhados, buscando exercer uma investigação a partir de diversos recursos. Estive ainda em um jogo entre equipes de UNIFOR e CEFET, por ocasião da copa Mundo UNIFOR, em 2006.

Enfim, interessava-me, nesta pesquisa, toda uma comunicação não só verbal, mas também gestual. Estes foram, portanto, caminhos através dos quais busquei apreender os princípios e as estratégias que viabilizam o jogo de basquete.

Também me inseri no time durante o “racha benéfico” da escolinha no BNB, em dezembro-2005; tal estratégia me permitia saber, por exemplo, de onde vinham os sujeitos que pertencem a esse movimento de ajuda mútua; enquanto exercia a troca de passes com a equipe, eu indagava sobre a procedência de meu parceiro na quadra e, assim, ia interligando os múltiplos fios de uma extensa rede: aqui, um aluno do colégio privado que vira o anúncio no jornal *O Povo*; ali, um outro, ex-aluno do setor privado onde jogara com o professor, ou mesmo com um outro técnico, mas que, por meio da comunicação informal, era atraído por *basqueteiros* que participavam daquela *Festa de amigos do basquete*. Podiam até já ter jogado juntos também na Escolinha e voltavam, naquela ocasião, movidos por laços afetivos que os ligavam àquele contexto. Havia alunos atuais de professor Campainha, da UNIFOR, e também da equipe de basquete profissional do Fortaleza Esporte Clube, bem como da Faculdade Integrada do Ceará (FIC). Desse modo, ia captando, na quadra, as redes em que se envolvem os praticantes que compõem o “mundo do basquete”.

12 Às vésperas da disputa da *medalha de ouro*, pela sua equipe, na Copa CEFET – sendo a primeira chance de saírem campeões nesta modalidade –, procurei saber, na entrevista que me concedeu, porque essas duas situações de jogo, perda do rebote e faltas cometidas por atletas, incomodam tanto o professor; ele estava na coordenadoria da Educação Física, conversando com atletas dos times masculino e feminino, quando realizamos nossa conversa.



Foto 1 – Torcedores acompanhando os jogos do VI EDCENNE em Teresina, 2005¹³.

Aparecem atletas de delegações que aguardam o jogo acabar para entrarem em cena. Eles acompanham os jogos femininos que são programados para o horário anterior àquele em que entrarão em quadra. Aqui, vêem-se atletas de camisa vermelha, do CEFET- Pará, bem como os jovens cujo uniforme tem cores azul e branco e vermelho, da delegação do estado do Rio Grande do Norte. Percebem-se as bolas de basquete e instrumentos como o surdo, que um aluno aparece batendo. Estes são artefatos com os quais a torcida realiza sua batucada. Em cena são vistas mochilas, bolas de basquete, garrafinhas de água, artefatos dos quais a equipe lança mão no momento da partida.

13 As fotos desta pesquisa foram produzidas pela publicitária Sara Vieira Maia.



Foto 2 – Teresina, por ocasião do VI EDCENNE 2005. Da arquibancada, a pesquisadora observa o jogo.

Esta foto mostra o lugar que o professor de basquete me sugeriu para assistir ao jogo no Centro Esportivo da Universidade Federal do Piauí. Tive de me adequar às regras da competição oficial, pois diferentemente do que ocorria nos jogos preparatórios, ali não me era consentido permanecer no banco de reservas, uma estratégia que facilitara minha investigação. Nesse evento, me positionei na arquibancada, ao lado de jogadores da equipe masculina de basquete do CEFET-CE, que foram orientados pelo professor Tony, a ficarem nesse local. É que como esses jovens faziam a torcida pelas garotas do Ceará, no jogo contra as “meninas” do CEFET-Pará, não lhes era permitido ocuparem o banco de reservas, já que, caso a torcida se juntasse ao banco, a equipe em quadra seria prejudicada, sofrendo falta técnica.

Além dessas iniciativas voltadas para as observações, em algumas situações fiz um levantamento de notícias em jornais veiculados nas cidades em que os jogos aconteciam. Em Fortaleza, priorizei a leitura de *O Povo* e *Diário do Nordeste*, acercando-me, assim, de um maior volume de informações e comentários sobre o cenário do basquete no local. Além disso, tive acesso a um documento intitulado *A estrutura organizacional do VI EDCENNE 2005* no site www.cefetpi.com.br. Em Teresina, contatei o presidente da comissão técnica desportiva do

VI EDCENNE, professor de *futsall* do CEFET-PI, que me passou um documento a respeito do evento, incluindo sua, programação, além dos jornais *O Dia* e *Meio Norte*, periódicos de circulação diária no Piauí, que veicularam notícias acerca desse evento. Voltei-me, também, para o *Jornal do Comércio*, de Recife; para o Boletim Informativo do VII EDCENNE 2006, e para o Regulamento Geral deste mesmo evento, ocorrido na capital pernambucana, de 18 a 26 de novembro de 2006. Investiguei o periódico *BNB Clube Informando*, jornal do BNB clube, bem como o Estatuto desta agremiação, além da revista *BNB clube 50 anos. Tradição em Cultura e Lazer*, edição histórica comemorativa do cinqucentenário da fundação do BNB Clube, em Fortaleza. Ressalte-se que esta pesquisa de campo foi concluída em 2008.

Nos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, de Fortaleza, bem como em boletins informativos nos *sites* do *Movimento de Basquete de Rua*, localizei matérias significativas acerca desta espécie de variação, derivada do esporte como é praticado oficialmente, uma nova modalidade nomeada também de *basquete arte ou street ball*, pelos adeptos da categoria. Essa modalidade dispõe de *sites* organizados por suas entidades representativas, a saber: a LIBRA (Liga Brasileira do Basquete de Rua), a SEBAR (Seletiva Estadual do Basquete de Rua), além da CUFA (Central Única das Favelas)¹⁴. É, portanto, uma modalidade derivada, e não faz parte do foco desta investigação, pois em função de sua complexidade, de suas articulações em âmbitos estadual, nacional e até internacional, é um fenômeno que me parece requerer uma investigação cuidadosa, à parte, que focalize, especificamente, seu próprio universo de eventos.

Selecionando aspectos com os quais decidira trabalhar nesta investigação, fiz uma descrição geral dessa variação do jogo, no item em que abordo *os jogos como rituais*, conforme a nomeação do capítulo seis deste trabalho. Nesse contexto, descrevi a história, o significado e em que espaços geográficos e que formas de redes foram criadas entre distintos segmentos, portanto, aspectos através dos quais o *basquete arte* (basquete de rua) se manifesta no Brasil e em Fortaleza.

Observando o basquete no *país do futebol*

Comparativamente, a conquista da seleção brasileira de basquete masculino, sagrando-se campeã sul-americana de 2006, teve pouca visibilidade, já que a tendência dominante de atenções focalizava a perda do hexa-campeonato mundial de futebol, pelo Brasil. Como parte da preparação do *Mundial de Basquete masculino 2006*, a ser realizado no Japão, de 19.08 a 03.09.06, ocorreu a Copa Stankovic, na China, reunindo equipes de basquete de vários países do mundo. O Brasil não chegou à final do torneio, por apenas um ponto de diferença, ao perder para a Alemanha, assegurando, porém, a disputa da medalha de bronze e seu lugar entre os quatro finalistas desta copa: Brasil, Alemanha, Grécia e China. Portanto, além de estar no cenário

¹⁴ Essas associações representam uma outra modalidade do basquete, criada dentro do movimento cultural de música *Hip hop*.

mundial do basquete, a equipe brasileira tem uma expressividade lá fora que, segundo um dos entrevistados abordados nesta pesquisa, não aparece, internamente.

Cito Plínio Bortolotti, jornalista e ombudsman do jornal *O Povo*,¹⁵ para reforçar a idéia de como se constrói a leitura de fatos sociais – no caso, aparentemente um fato esportivo – e de que maneira os assuntos veiculados pela imprensa podem tomar determinada direção, ajudando, assim, na consolidação ou na formação de opinião. Na ocasião, criticando a conduta da mídia durante o Campeonato Mundial de Futebol, em 2006, e suas interferências no jornalismo investigativo, Bortolotti observava que, embora circulassem matérias falando da “bolha no pé do jogador Ronaldo, provocada por sua chuteira”, nenhum repórter questionava, junto à Nike,¹⁶ se esta empresa havia entregue ao jogador uma chuteira defeituosa. E o jornalista prossegue, comparando questões desse tipo às “questões de Estado”. Mostra, assim, como a “paixão nacional” pelo futebol interfere nos comentários ou nas matérias jornalísticas (sob que ângulos os assuntos são enfocados, o que é posto em primeira plano, etc) e, neste caso, Bortolotti nos ajuda, também, refletir sobre o espaço reservado ao “mundo do futebol” no “mundo midiático”. Para ele, nem mesmo as eleições provocam esse envolvimento coletivo do “país que calça chuteiras”.

Esta sua análise ilustra bem aquilo que falei sobre uma postura omissa da imprensa, em relação a outros esportes, deixando-os na sombra; no caso específico, como assinalei, um torneio internacional (sul-americano) de basquete, em 2006, termina ofuscado por manchetes futebolísticas que punham em grande evidência, a perda do hexacampeonato de futebol pelo Brasil, em Berlim, na Alemanha. Ali, o futebol é, mais uma vez, alçado à condição de símbolo nacional e tratado como um tema de interesse da Nação brasileira. A equipe feminina de basquete, do Brasil, ao longo da história, conquistou vinte e dois campeonatos sul-americanos e, entre esses títulos, doze foram vitórias consecutivas. Além disso, é o esporte coletivo recordista de medalhas nos jogos Pan americanos. Esse mérito foi reforçado pela conquista do tricampeonato masculino nos jogos Pan americanos–2007, conforme demonstrado no capítulo três. Esse fato, porém, não tem obtido maior visibilidade na memória dos esportes brasileiros.

Assim, ao analisar o conjunto de práticas desportivas, me defronto com um dilema no qual tais práticas têm seu “valor distintivo”, fato relevante, na reflexão de Bourdieu (1997) sobre o tema. Este autor, ao se referir aos Jogos Olímpicos dos quais as várias nações do mundo participam, ilustra essas distinções sociais que se produzem no campo do esporte. Diz ele:

(...) da mesma maneira que na produção artística, a atividade diretamente visível do artista mascara a ação de todos os agentes, críticos, diretores de galerias, conservadores de museu, etc, que em e por sua concorrência, colaboram para produzir o sentido e o valor da obra de arte, e mais profundamente, a crença no valor da arte e do artista, que está no fundamento de todo o jogo artístico, assim também no jogo esportivo, o campeão corredor, de cem metros, ou atleta do declato, é

15 Bortolotti escreveu sobre o assunto na edição do jornal citado em 17.08.06.

16 Empresa multinacional, fabricante de materiais esportivos, uma griffe de grande prestígio no universo mercadológico.

apenas o sujeito aparente de um espetáculo, que é produzido de certa maneira duas vezes: uma primeira vez por todo um conjunto de agentes atletas, treinadores, médicos, organizadores, juízes, cronometristas, encenadores de todo um ceremonial, que concorrem para o bom, transcurso da competição esportiva, no estádio; uma segunda vez por todos aqueles que produzem a reprodução em imagens e em discursos, desse espetáculo, no mais das vezes, sob a pressão da concorrência e de todo o sistema das pressões exercidas sobre eles, pela rede de relações objetivas na qual estão inseridos (BOURDIEU, 1996: 127).

O autor enfatiza o aspecto já destacado por mim em parágrafos anteriores, a respeito de como paixões coletivas pelo futebol interferem e podem esconder a presença de agentes que contribuem para a construção do fato esportivo. Portanto, levando em conta os interesses envolvidos, de possíveis pressões que influenciam na interpretação do fato, cuja leitura não se faz sem essas interferências e disputas simbólicas no processo de sua produção, é possível dizer que, da perspectiva mercadológica, é provável, que uma emissora televisiva de maior poder no mercado no Brasil – e a Rede Globo de Televisão é uma ilustração apropriada disto – tenha interesse em divulgar, distintamente, o futebol. Que notícia é mais interessante para o mercado brasileiro? As brigas de torcidas organizadas, no futebol, ou o programa de *basquete arte* que surge “na crista da onda”, contra a violência?

Bourdieu chama atenção para a complexidade de interesses de segmentos sociais envolvidos no processo de produção e comunicação do fato esportivo. No caso ao qual me refiro, a preferência dominante no Brasil, pelo futebol, país que atribui a esse esporte o sentido de símbolo da nacionalidade, na imagem do senso comum traduzido como futebol *uma paixão nacional*, contribui para uma incomparável visibilidade desse jogo, nas várias esferas da nossa vida cotidiana.

Ainda acerca das relações que envolvem interesses de grupos e produção do fato esportivo, chamo atenção, também, para a dinâmica do esporte profissional na França, traduzida na leitura de Bourg e Gouquet (2005). Segundo esses autores, o financiamento crescente do esporte profissional, por empresas privadas, pode ser ilustrado tomando como ponto de partida o futebol; pois, de todos os jogos coletivos na Europa, este é o que é mais utilizado pelos interesses de mercado porque antecede, por exemplo, a evolução do basquete e do *rugby*.¹⁷ Referem-se, também, a diferenças entre as dimensões financeiras de 200 clubes de elites de esportes coletivos, na França, e lembram, dentre outras coisas, que o orçamento médio de um clube de futebol de primeira divisão é sete vezes superior, para um mesmo nível de competição, ao de um clube de basquete masculino e oito vezes superior ao de um clube de *rugby*; 33 vezes superior ao de um clube de basquete feminino. Baseados numa analogia entre o orçamento

17 Esse esporte é também chamado *rugby football*. É um jogo americano praticado em um grande campo, mas apesar da nomeação *rugby* futebol, os seus jogadores conduzem e arremessam a bola com as mãos.

médio de clubes em seis esportes coletivos, Bourg e Gouguet afirmam que, enquanto um clube de futebol de primeira divisão apresenta um montante de 133 milhões de francos e o time de basquete apresenta 19,2 milhões, o orçamento da equipe de basquete de uma liga feminina é de apenas quatro milhões de francos (GOUGUET e BOURG, 2005: 31-32).

Esse aspecto da dominação do futebol como elemento cultural em outras nações se reflete, também, na cultura brasileira. Nesse sentido, lembro mais um exemplo: segundo o professor Campainha, ele próprio enfrenta muitas dificuldades para viver na condição de profissional de basquete, referindo-se à extinção de suas equipes de trabalho, a exemplo da equipe do Fortaleza Esporte Clube, em função de falta de investimentos, associada a dificuldades que organizações sociais como clubes e escolas vivenciam no “modelo de trabalho” da sociedade contemporânea mais ampla.

É a partir dessas relações que associam os esportes ao mercado, que entendo certos aspectos do dia a dia desta pesquisa, quando, ao abrir o jornal, verifico que enquanto o futebol ocupa, às vezes, várias páginas no Caderno de Esportes, indago por outro lado, sobre o lugar do basquete na difusão de práticas esportivas. Este ganha bem menos visibilidade, aparecendo, quase sempre, em breves reportagens ou pequenas notícias, sendo a freqüência com que aparece, incomparavelmente menor do que aquela relativa ao futebol. Este fato pode explicar, em parte, a não-divulgação pelo jornal do evento beneficente do basquete no BNB clube. Não quero dizer, porém, que essa pouca visibilidade seja absoluta, mas a observação revela um lugar que tem sido construído por contingências históricas para o basquete no Brasil, conforme aparece no capítulo três em que analiso a história desse jogo.

Esta interpretação que faço acerca das pré-concepções do fato esportivo, observadas em fontes noticiosas ou falas de interlocutores é reforçada por um atleta profissional de basquete, com quem conversei. Este se refere a uma das dificuldades de adeptos da prática, como sendo a pouca visibilidade de jogos de basquete na imprensa, a exemplo da conquista por uma equipe cearense, ocorrida por ocasião de Jogos Universitários Brasileiros (JUBs 2006), em Brasília, que não é notícia nos jornais. O informante menciona também como dificuldade que afeta a ocupação de *basqueteiros* profissionais locais, a crise financeira vivida por muitos clubes, especialmente na região Nordeste.

Este atleta profissional se refere aos aspectos dos limites de investimentos nas condições objetivas de seu trabalho e os limites da importância atribuída por alguns meios de comunicação à divulgação também do basquete profissional em que a importância dada ao fato está envolvida por interesses de grupos ligados com sua produção. Portanto, aquilo que se fala acerca do fato é produto da sua interpretação por parte de atores sociais que contam essa história, sendo, assim, uma leitura cuja versão é produzida da perspectiva que interessa a quem produz a notícia.

Busco em Bourdieu (1990) inspiração para compreender tais dificuldades, que terminam sendo também obstáculos para se pesquisar o basquete. Ilustro assim, através da inter-

interpretação do futebol como *paixão nacional*, a dominação que, segundo este autor, é construída no campo da Sociologia e no campo do esporte. A sua perspectiva converge para a afirmação de Guedes (1998) segundo a qual, se é verdade que qualquer esporte pode acionar o sentimento de pertença à coletividade, isso se faz ao sabor de êxitos obtidos. No entanto, em relação ao futebol, os sentimentos são desencadeados por ocasião de vitórias e de derrotas (GUEDES, 1998: 41). Assim, esse lugar no espaço dos meios de comunicação se constitui como uma das variáveis a contribuir para que o Brasil seja nomeado, não por acaso, *o país do futebol*.

Além de observações de campo às quais me referi acima, quando dialoguei com Bortolotti para enfatizar considerações, encontro apoio, nesta afirmação de Simoni Guedes:

O que importa assinalar aqui é que embora se trate de um fenômeno muito mais geral, as características assumidas pela imprensa esportiva, em cada país ou região, denunciam pesos e valores diferentes que a informam, começando por um fato de enfocar, com maior ou menor vigor, as diversas modalidades esportivas. Sob esse ponto de vista, o dado mais imediato é a absoluta preponderância do futebol nas sessões esportivas da imprensa brasileira (GUEDES, 1998: 47).

Tomando Guedes e Bourdieu como meus interlocutores, busco explicar o tratamento dado pelo espaço publicitário aos esportes no Brasil. Sobre a absoluta dominância do futebol nas sessões da imprensa brasileira, Guedes me sugere esse comentário: se considero os meios de comunicação como um lugar de produção e difusão cultural, portanto, não só de produção de informações, valores, imagens, mas que pode contribuir para legitimar ou reforçar distinções, culturalmente produzidas, por certas crenças dominantes e veiculadas por esses meios a partir de preconceitos que envolvem a prática publicitária, a exemplo da idéia veiculada do futebol como *paixão nacional*, admito que a televisão, por exemplo, pode atuar condicionada por aspectos construídos culturalmente e situados para além das disputas esportivas em si.

Há grupos econômicos interessados em divulgar o esporte da preferência de um maior número de pessoas, se considerarmos que nesse processo de pré-construção e difusão do fato esportivo, convergem interesses econômicos de produtores de informação. Reporto-me à perspectiva de Barbero (2001) segundo a qual, imagens de novas tecnologias tendem a produzir atitudes convenientes a expectativas de seus produtores, tais como os anunciantes ou patrocinadores, de fabricantes de produtos de marcas esportivas, além dos indivíduos que compõem algum segmento que se torna consumidor em potencial desses produtos.

É possível também encontrar, entre os simpatizantes do futebol – o esporte da preferência do grande público – o maior número de consumidores desses produtos. Esse produto ao qual me refiro é o programa televisivo ou o próprio jornal, ou os produtos de mercado veiculados, cuja eficácia está associada a imagens de ídolos transformados em símbolos produzidos pela propaganda publicitária. Entre estes, Ronaldinho Gaúcho é uma ilustração no futebol e Os-

car Shmidt seria no basquete. Desse modo, enfatizo a idéia de o futebol como *paixão nacional* ser apropriada pelos produtores em busca de atrair consumidores nos variados segmentos.

Acerca de como a televisão pode criar os fatos e imagens, Bourg e Gouguet (2005) confirmam a perspectiva de Barbero. Segundo estes autores, as multinacionais encontram no esporte de alto nível, visto como espetáculo, o suporte a sua altura. Com a saturação de mercados tradicionais e superprodução de bens, o sistema não pode mais servir apenas às necessidades reais de consumidores. Desse ponto de vista, segundo estes economistas do esporte, o patrocínio esportivo é uma técnica privilegiada para criar as novas necessidades de mercado. Os símbolos e bens se transformam num alvo de *marketing* publicitário dos patrocinadores. Em consequência, os autores citados assinalam pelo menos, cinco razões para explicar os investimentos de grandes marcas nos principais eventos esportivos, a exemplo da *Nokia*, cuja propaganda aparece estampada em *outdoors* do torneio Pré-Olímpico-2007 de basquete feminino, em Valdívia no Chile, que encaminha as equipes selecionadas para a disputa das Olimpíadas Mundiais em Pequim, 2008. Estas razões são: as altas taxas de audiência; o estado de receptividade de telespectadores; a linguagem quase universal do esporte; a demanda de estar presente em todos os mercados e a vontade de afirmar para si a imagem simpática e popular (BOURG e GOUGUET, 2005: 72).

No Brasil, como se sabe, são incontáveis os simpatizantes do futebol, portanto, os consumidores do *esporte das multidões*. É possível estar nesse contexto o maior número de anunciantes de produtos de alguma marca esportiva ou patrocinadores de alguma agremiação, ou empresas, por exemplo, os meios de comunicação, apoiando-se em certas imagens vinculadas à prática do esporte, conforme ilusto no capítulo quatro deste estudo. Espera-se um maior retorno diversificado de sujeitos de um público consumidor dessa notícia, no caso da sua difusão ter maior alcance junto a adeptos do futebol, como esporte dominante. Desta perspectiva mercadológica, esse retorno viria de indivíduos oriundos de variados segmentos sociais. Assim, sob a ótica desta lógica do mercado, é provável que a imagem de Ronaldinho Gaúcho como símbolo da publicidade esportiva, sendo associada a um certo produto, este seja mais vendável do que o produto associado à imagem do *basqueteiro* Oscar Shmidt. Sob esse ponto de vista, vai se consolidando a dominância de preferência por um esporte, no caso o futebol, num certo espaço publicitário, no exemplo aqui referido, a publicidade brasileira..

Verifico, pois, uma complexa rede de relações envolvendo a produção do fato esportivo. Chamam-me a atenção, aqui, fatores que devem ser levados em consideração na investigação desse processo como: demandas de mercado, construção de imagem de prestígio de organizações empresariais, como aquelas de maior poder aquisitivo, em cujo processo se relacionam vários atores de distintas esferas da sociedade, a exemplo de ídolos do esporte, empresários produtores e veiculadores da notícia, fabricantes ou anunciantes de produtos de marcas esportivas e o consumidor ou espectador a quem são destinadas notícias e imagens. Assim, os meios de comunicação podem reforçar e reproduzir historicamente, no Brasil, a produção da

imagem do *futebol como a paixão nacional ou sua majestade o futebol, esporte das multidões* junto ao grande público.

Refiro-me aos meios de comunicação como a Rede Globo de Televisão, no âmbito nacional e o jornal impresso *O Povo*, como exemplo local. Estes meios são correlatos de interesses de um mercado publicitário, na medida em que, no Brasil, há uma visível ênfase dada à divulgação do evento futebolístico, de preferência, ocultando aquele evento *basquetebolístico*. Esse produtor de imagens ou valores que vêm historicamente sendo reforçados, pode se tornar uma espécie de refém desta lógica de mercado, ao considerarmos que o Brasil, como afirma Guedes, é o país do futebol.

Convergindo para pressupostos de Guedes e Bourdieu, vejo o estudo de Bourg e Gouguet (2005). Estes autores também chamam atenção para o aspecto distintivo que se observa no âmbito do esporte, ao destacarem as fortes desigualdades das rendas numa escala mundial, afirmando que a distribuição de rendas se revela muito desigual quando se consideram distintos esportes, tomando como algumas variáveis indicadoras de diferenciação, a modalidade praticada, a nacionalidade e o sexo (BOURG e GOUGUET, 2005: 43).

Esse aspectos podem refletir um tratamento distinto observado na produção do fato esportivo, em que uma certa modalidade aparece noticiada com maior evidência do que uma outra, conforme observei anteriormente, ao chamar atenção para o lugar de pouca visibilidade do basquete, como prática cultural no Brasil.

Na seqüência, o segundo capítulo, destaca um breve histórico e a forma como se joga o basquete, tendo como parâmetro as normas definidas pela Federação Internacional do Basquete Amador.

CAPÍTULO 2

DIFERENCIAL DO BASQUETE: APRESENTAÇÃO DE UMA ATIVIDADE ESPORTIVA

Reporto-me, agora, a um breve histórico acerca do *basketball*. De origem inglesa, esta palavra dá nome ao jogo cujo significado é bola ao cesto. No Brasil, refletindo um processo de adaptação cultural, ela foi incorporada com a denominação de basquetebol ou simplesmente basquete.

O *basketball* surgiu no estado de Massachussets, nos EUA, em 1891, mais particularmente numa escola de trabalhadores cristãos. De acordo com Weis (1996), James Naismith, um professor canadense, foi o seu inventor. Ele titulou-se como doutor em Medicina na Universidade de Colorado e recebeu também o diploma de professor de Educação Física, com incursões, ainda, em estudos de Teologia. Naismith compreendia o jogo como tendo a função de educar por intermédio de atividades físicas. Assim, na interpretação de Weis, ele pretendia contribuir para a realização do seu próprio desejo de um mundo melhor.

Segundo o mesmo autor, enfrentando dificuldades oriundas da falta de disciplina naquela escola norte-americana, o diretor da sessão de Educação Física da YMCA (ou ACM, Associação Cristã de Moços¹⁸) enviou, para o Springfield College, o professor Naismith, para ajudar a solucionar os problemas. Tais iniciativas são traduzidas por Weis (1996) como uma tentativa que as autoridades faziam para despertar, entre os jovens, o interesse pela Educação Física. Ali, Naismith teve de criar um novo jogo. O professor considerava que esportes jogados com a bola tinham maior aceitação.

Entre as especificidades do basquete, Weis (1996) observa que, para jogá-lo, já no início, foi escolhida uma bola maior, mais pesada. Segundo ele, como havia um grande número de jogadores, a escolha de uma bola com maior peso teria contribuído para reduzir o contato entre os praticantes, uma vez que, conforme as regras adotadas para esse esporte, a bola não poderia ser *conduzida*; ela deveria ser *passada* entre os jogadores. E, até hoje, não é permitido ao jogador caminhar com a bola; ou seja, ela pode ser batida em qualquer direção, mas, aquele que a conduz não pode agarrar ou empurrar o opositor. Outra especificidade do basquete, e que se associa à tentativa de facilitar as relações entre jogadores, é o reduzido número de participantes, por equipe: apenas cinco (05) pessoas, regra estabelecida desde 1897. Dentre outras coisas, pode-se dizer que o jogo criado por Naismith, ao longo do tempo, tornou-se um dos esportes mais praticados no mundo (WEIS, 1996, p. 67-68).

¹⁸ Trata-se, hoje, de uma rede de filantropia internacional.

Interpretando esse cenário, constato que o basquete foi se expandindo muito rapidamente, e se tornando uma novidade, para muitos países, situados além do seu lugar de origem, conforme será demonstrado no terceiro capítulo desta tese, acerca do seu histórico. De acordo com a análise de Weis (1996), era um jogo que superava a eficácia de certos métodos europeus tradicionais de Educação Física daquela época.

Ao olhar como se organiza e funciona o basquete, me chama a atenção o fato de ele haver nascido de um grupo de orientação religiosa, cuja concepção de vida valoriza princípios cristãos. É possível que esse aspecto, contribua para o fortalecimento de uma orientação segundo a qual, nesse esporte não há lugar, entre os praticantes, para o contato físico, corpo a corpo, considerado grosseiro ou violento. Essa especificidade histórica pode contribuir, dentre outros aspectos (por exemplo, o menor número de jogadores, o pequeno espaço físico em que é jogado, etc), para manter a imagem de um jogo que favorece o *trabalho em equipe*. Com base no conhecimento da sua estrutura e organização, é possível pensar nessa atividade também, como um espaço de criação de uma identidade assegurada pela construção de um senso de equipe.

E, seguindo o raciocínio de Weis, poder-se-ia dizer que, dentre outras coisas, desde a criação desse jogo, estaria presente a idéia de se construir um *senso de equipe*, entre os que, de algum modo, dele participam. Observa-se, portanto, a permanente construção de um “espírito de grupo”. Aqui está bem presente a *idéia de grupo* que caracteriza o exercício dessa atividade.

Considerando-se em particular a sociedade brasileira, sabe-se que, em 1896, Augusto Shaw, natural de Nova Iorque, bacharel em História da Arte pela Universidade de Yale, e professor do Colégio Makenzie de São Paulo, retornando de uma de suas viagens aos Estados Unidos, trouxe na bagagem uma bola de basquetebol.

O jogo foi, então, introduzido em uma escola tradicional da região mais desenvolvida do País. Segundo Weis (1996), a Associação Cristã dos Moços (ACM) – a mesma entidade que fundara o basquete em Massachussets, em 1891 – é responsável pela definitiva difusão desse esporte no Brasil; iniciando-se, em 1912, na forma de uma campanha da entidade, no caso, iniciativa da seção da ACM do Rio de Janeiro. O basquete, desde sua origem, se vincula à ação filantrópica internacional; assim, origina-se da iniciativa de um *coletivo*, sobressaindo-se ao *individual*.

Nesse contexto esportivo, a bola pode ser considerada um artefato valoroso, que desperta a dimensão lúdica do trabalho associativo. Ela dá o tom da brincadeira combinada à viabilização dos propósitos e tarefas que visam ordenar uma atividade produtiva; permite aos indivíduos a possibilidade de vivenciar a responsabilidade pelo trabalho de grupo, aliada ao desenvolvimento do espírito lúdico que pode fortalecer o exercício de relações de cooperação, envolvendo a atividade proposta, desencorajando ou escondendo o que seria considerado agressivo aos propósitos de um trabalho de grupo.

O esporte aparece como um aliado importante na mobilização de ações para a viaibilização de um projeto e na consolidação da vivência em grupos. Cai como uma mão na luva,

ao considerarmos que a disciplina do jogo vai sendo incorporada, sutilmente, combinada à vivência do espírito lúdico, conforme acepção de *habitus* em Bourdieu (1989: 87).

A construção da disciplina é um fenômeno observado em contextos dos jogos coletivos que incluem o basquete. Busco explicar, ao longo desta tese, especificamente, como se processa, no “mundo do basquete” a construção desse *espírito de grupo*. Assim, tento identificar a estrutura desse jogo, as formas de articulação entre seus componentes e os mecanismos ou regras que asseguram a disciplina dessa prática esportiva, no sentido de favorecer o *trabalho em equipe*. Ao que podemos observar, a prática esportiva na escola parece se combinar com valores presentes em outros espaços da vida em sociedade, como a família, conforme aparece na fala de crianças da escolinha de basquete do BNB clube, quando elas dizem estar lá porque os pais querem seu crescimento, ou quando um pai diz que a escolinha é boa para o filho fazer novas amizades, por exemplo, aspecto explorado, aqui, no capítulo sobre a performance do basquete. Segundo a mãe de um aluno da escolinha de professor Campainha – com a qual tive oportunidade de conversar e que, dentre outros assuntos, afirmou gostar muito desse professor –, a prática de esportes como esse, como fundamental para desenvolver as pessoas.

Quero, porém, lembrar que ao se examinar a contribuição da disciplina para pensar a consolidação da equipe, considera-se ainda o papel de conflitos desencadeados no processo do jogo. A disciplina desta prática implica inúmeras paralisações por ocasião do seu desenrolar e pode levar a um abusivo exercício de autoridade por parte de professores, uma vez que o papel de técnico dá, àquele que o exerce, um lugar de poder no grupo, de modo que, na sua relação com o aprendiz, ele pode gritar, gesticular, xingar, ordenar que este o escute, se irritar e retirar da quadra o jogador, caso este não se conduza de maneira a atender as regras do jogo. Porém, o técnico vê sua própria missão como a de “um pai generoso”, entendendo que para alcançar a disputa bem sucedida, ele quer tratar bem as jogadoras para que elas se dediquem à atividade. Portanto, investigando esse espaço relacional, chama-me a atenção o exercício de afetos conflitantes que envolvem a relação entre professor e aluno e entre os próprios jogadores.

Gaudin (2007), discutindo o basquetebol no Brasil, lembra que as regras desse jogo (as quais, tal como James Naismith as concebeu, deveriam limitar o contato e, por consequência, restringir a expressão da violência interpessoal entre os jogadores) não repercutiam nos jovens das classes dirigentes de um país com estruturas coloniais fortemente desiguais. No raciocínio do autor, eles estavam acostumados a mandar, dirigir e reprimir toda forma de oposição. Então, à época em que o basquete chega ao Brasil, as elites brasileiras não tinham a ética do respeito ao adversário, necessária ao exercício de uma prática tão controlada; os jovens masculinos resistiam, especialmente, a se entregar, mesmo no futebol, aos gestos que achavam efeminados como os “saltinhos”, necessários à disputa de bolas no alto (lance denominado *bicicleta*).

Assim, segundo Gaudin (2007), foram necessárias várias partidas entre as primeiras equipes de jogadores, britânicos expatriados, para o futebol ganhar adesão dos brasileiros. Chamo atenção para o fato de que, diferentemente de sua origem nos EUA, onde surgiu numa

escola de trabalhadores cristãos, a inserção do basquete no Brasil se deu, inicialmente, numa escola privada e tradicional da região Sudeste do Brasil, portanto, a região na qual se localizam, supostamente, os grupos populacionais de maior poder aquisitivo, aspecto que contribui para distinguir o lugar do basquete na cultura brasileira.

Ao contrário do futebol, o basquete não se beneficiou da presença de uma forte comunidade expatriada da atividade oriunda da nação mãe, sendo essa a primeira desvantagem em relação ao esporte bretão. Além disso, aqui o basquete foi apropriado, inicialmente, só por mulheres; os gestos que correspondiam tão pouco ao desejo dos rapazes, especialmente o desvio dos fortes contatos, foram aceitos, sem dificuldades, em primeiro lugar, pelo público feminino. Destaco que faz parte de uma crença dominante, observada entre desportistas no Brasil, a afirmação segundo a qual quem não agüenta os embates físicos no jogo “é mocinha”. As especificidades culturais vão delineando a história e o lugar construído no processo de adaptação desse esporte à cultura brasileira. Esta observação reporta-me à crença atribuída ao basquete por seus jogadores que o nomeiam “o jogo da delicadeza”.

Conforme Gaudin (2007), para os moços da sociedade local, naquele momento, o basquete não era suficientemente viril, compatível com o papel do “macho”. Assim, diz ele, Augusto Shaw só conseguirá montar uma equipe masculina no final de dois anos de esforço, em 1896. As regras foram traduzidas para o basquete brasileiro apenas em 1915.

Essa compreensão do basquete como um esporte, inicialmente, dissociado da virilidade me reforça a idéia de que se constitui uma especificidade do jogo a proposta de desenvolver a cordialidade, a reverência ao grupo, o respeito ao lugar que o opositor ocupa na disputa; portanto, essa imagem do jogo que favorece o confronto acompanhado da cordialidade, em que se espera que não haja lugar para quem faz a disputa abusar da força física. O jogo que não se associa à virilidade é o mesmo que exerce um rigoroso controle da força física e que, dessa forma, pode favorecer a vivência em grupo.

Descrevo, a seguir, como se joga o basquete, ressaltando as regras propostas pela Federação Internacional de Basquete Amador (FIBA). Com base nesses mecanismos universais de regulação do jogo, tento compreender como se constrói o princípio de *espírito de equipe*, que ordena a forma de jogar, no basquete.

O **basquetebol** (ou **basquete**, como é mais conhecido no Brasil) é um desporto jogado por duas equipes de cinco jogadores cada, que tem como objetivo passar a bola por dentro de uma *cesta*¹⁹.

19 Conforme conhecimento de muitos, trata-se de um cesto sem fundo e feito de fibras flexíveis, presas a um aro de metal, fixado no alto de uma tabela, nas extremidades do campo, seja em um ginásio ou ao ar livre. Em conformidade com as regras, a quadra de basquete mede 28m X 15m, e a sua iluminação, no ginásio, é de 1200 Lux (medida de intensidade de iluminação). Os aros que formam os *cestos* são colocados a uma altura de 3 metros e 5 centímetros. Além do professor (ou técnico), dos alunos (ou jogadores), o jogo envolve árbitros, coordenadores, auxiliares de quadra e de mesa coordenadora da Federação, a exemplo da ACOB (Associação Cearense dos Oficiais de Basquete) a quem compete exercer a arbitragem e fazer cumprir regras específicas do jogo.



Foto 3 – Quadra de basquete do centro esportivo da Universidade Federal do Piauí.

Estes personagens em cena compõem a mesa coordenadora. Vê-se o juiz de pé, segurando a bola. No fundo da quadra, a tabela e a cesta.

Norteados pelas regras do basquete, os jogadores podem caminhar na quadra com a bola, desde que *driblem* (batam a bola contra o chão) a cada passo dado. Nesse deslocamento, também é permitido ao jogador *executar um passe*, ou seja, atirar a bola em direção a um companheiro de equipe.

Nesse contexto, *cesta* é, também, o nome que comumente se dá ao lance de fazer a bola passar por esse aro; então, *marcam-se pontos*, na medida em que as cestas são feitas: dois pontos, no caso do arremesso entre a *linha de fundo* e a chamada *linha dos três pontos*; se o arremesso for feito de fora dessa área, e um ponto, quando o arremesso proceder de um *lance-livre*²⁰.

Conforme as regras do basquete, cada equipe deve fazer pontos sempre do mesmo lado (da meia quadra de ataque) e defender a cesta oposta (na meia quadra de defesa). Ou seja, dividida a quadra ao meio, cada metade passa a ser de uma equipe. Obviamente, a equipe que defende tenta impedir a equipe que ataca de fazer cesta, através da marcação, isto é, da interceptação de passes ou até mesmo do bloqueio (*toco*) ao arremesso da bola.

²⁰ No *lance livre*, o jogador se posiciona numa linha a 4,60 metros da cesta e arremessa a bola sem a marcação dos rivais.

Ressalte-se, no entanto, que, ainda de acordo com as regras, no exercício de toda essa atividade, contactos mais fortes são punidos como *faltas*. Se um jogador fizer cinco faltas, deve ser substituído e não pode mais voltar ao jogo. A partir da quarta *falta coletiva*²¹ de uma equipe, a cada 10 minutos do quarto do jogo a sua adversária tem direito a lance livre, toda vez que sofrer falta. Quando, ao arremessar a bola, o jogador sofrer a interceptação, e se a cesta “entrar”, além dos dois pontos já convertidos, terá direito a arremessar livremente outra vez, por *lance de bonificação*, independentemente do número total de faltas da equipe adversária. No caso de a bola não entrar na cesta, ele terá tantos lances-livres quanto o valor do arremesso tentado, ao sofrer a falta. Por exemplo, se o jogador buscou arremessar além da linha de três pontos, terá direito a repetir o lance por três vezes.

O *drible* é o fundamento ilustrativo da evitação do contato físico no jogo. O marcador se põe de pernas flexionadas e braços erguidos para atrapalhar a passagem dos jogadores por suas laterais ou a visão de jogo do adversário para o arremesso, sem o contato físico. Se ocorrer empurrão, por exemplo, o jogo é interrompido, de imediato, a menos que o árbitro não assinale a violação. Para que o leitor tenha mais clareza sobre o que estou escrevendo, lembro um comentário do brasileiro Oscar Shimidt – figura esportiva de destaque no basquete mundial, ex-jogador profissional – segundo o qual “o simples puxar a camiseta do adversário é algo incompatível com o jogo limpo”, no basquete. Ou seja, esse ato já caracteriza a falta, no esporte²². Essa observação do atleta do basquete serve para reforçar a crença do jogo visto como uma competição baseada no *princípio da delicadeza*.

No jogo de basquete, não é permitido sair dos limites da quadra; e, em se tratando de jogos oficiais, também não é permitido que o jogador leve a bola para a quadra de ataque e retorne com ela para a quadra de defesa. Nessa contingência o jogador não pode recuar, o que faz com que ele tenha o espaço físico de locomoção na quadra bastante limitado, forçando o atacante a articular e partilhar a bola com o companheiro, como a alternativa de jogada que lhe é possível, quando ele toma consciência do cerco ou pressão do adversário. Nesse reduzido espaço, a equipe que exerce a marcação em conjunto tem chances maiores de ganhar a bola do atacante solitário que a conduz, o que leva esse jogador a buscar, necessariamente, o apoio do grupo. Além disso, há também uma limitação de tempo (24 segundos após ter a posse da bola) para fazer a cesta; e, ao atleta é proibido saltar e retornar ao chão com a posse de bola, sem executar arremesso ou passe. Esses são artifícios da orientação que incentivam a partilha de bola entre o jogador e seu parceiro de equipe. As faltas são cobradas da lateral da quadra, assim como as demais violações das regras. Caso o jogador se ausente do banco de reservas sem comunicar à mesa coordenadora do jogo, o ato resulta em lances livres concedidos à equipe adversária.

21 É denominada *falta coletiva* toda aquela cometida após a quarta falta individual, em cada tempo do jogo. A violação da regra assegura mais vantagem ao adversário já que, em caso de falta individual, só resulta em lance livre quando ocorre no lance de finalização. No caso da falta coletiva, toda violação resulta em lance livre para o adversário.

22 Na ocasião, Shimidt comentava o que avaliou como “uma falta não considerada pelo juiz”, numa partida de basquete feminino, entre Brasil e Jamaica, nos Jogos Pan Americanos de 2007, no Rio de Janeiro, em 20.07.07. Acompanhei esse episódio pela televisão.

Em síntese, esta breve descrição de todo um conjunto de regras e mecanismos de controle do jogo aponta para aquilo que é considerado uma espécie de *diferencial* do basquete. Tais mecanismos parecem funcionar no sentido de desencorajar iniciativas individuais em prol de ação protagonista do grupo de jogadores. São esses mecanismos reveladores, portanto, de um tipo de sociabilidade que se processa no contexto de como se joga o basquete. Por ocasião desta pesquisa, observando partidas entre times de diferentes instituições, ou mesmo vendo o treino de um grupo de jogadores, me perguntava se tais mecanismos favoreceriam uma maior coesão de cada equipe. Penso nessa possibilidade, a partir de estratégias articuladas na disputa, de modo que a ação protagonista da equipe se sobressai às iniciativas individuais. Isso pode se ver, por exemplo, quando, por princípio, se inviabiliza a condução da bola por jogador, isoladamente. Conforme as regras, assim se podem evitar embates do corpo a corpo. Nesta mesma perspectiva, em várias situações, o movimento individual é desencorajado em função de uma maior articulação das pessoas.

A imagem do *jogo em equipe* é ressaltada, por exemplo, nestes depoimentos:

(...) o basquete não é jogo pra se vencer só [sem uma equipe]. É uma troca (Tony).

Eu priorizo o jogo coletivo (Campainha).

Estes são dois personagens-chave que estão entre os informantes da pesquisa: Tony é como é conhecido Clautistony Pereira do Carmo, professor de basquete do Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET-CE); Campainha é o pseudônimo de Osvaldo Venerando da Graça Júnior, professor de basquete da Escolinha do BNB Clube.

Ao mencionar a idéia de troca, Tony enfatiza a valorização atribuída à ação compartilhada, continuamente lembrada pelos técnicos no desenrolar dos treinos com os alunos. Por sua vez, neste depoimento, Campainha afirma também o sentido coletivo do jogo, estando sua orientação voltada para desestimular a jogada individual em favor do *jogo de equipe*.

Por ocasião de um dos treinamentos, após o encerramento do “Festival”, enquanto entregava medalhas a jogadores da Escolinha, através de advertências, o técnico sugeria que aquela medalha premiava valores como: o empenho na tarefa, a motivação à participação, a dedicação e a assiduidade ao basquete. Assim, dirigindo-se a uma das crianças, diz: “faltou muito, brincou, por isso estacionou; continue se dedicando”.

E, se voltando para mim (pesquisadora), comenta:

(...) No meu festival, não há um vencedor, especialmente, nessa faixa; tecnicamente são iguais e eu prezo pelo jogo coletivo; comprehendo que o atleta tem de aprender a dividir porque joga um jogo coletivo, porque se há um destaque individual, tem outros trabalhando para ele (professor Campainha).

O *Festival*, no caso, é a disputa desempenhada entre as crianças que compõem as turmas da Escolinha, cuja faixa etária é de sete a dezesseis anos. O professor coloca os alunos para jogarem entre si, formando grupos de mesma idade. E os grupos vencedores vão jogando entre si, até resultar em um finalista, vencedor. Todos os jogadores ganham as medalhas. Segundo Campainha, essa premiação coletiva adquire um sentido que não encontra termo de comparação com aquilo que usualmente é feito nas práticas esportivas: “(...), mas, é diferente no meu festival: eu tento evitar que os alunos pisem uns nos outros; não incentivo o destaque individual”.

Desse modo, no basquete, essa premiação expressa na medalha é mostrada como um mecanismo de distinção, não de um atleta individualmente, mas de um grupo, pelo seu empenho e envolvimento, na atividade coletiva. A prevalência de um sentido coletivo no jogo de equipe implica um princípio normativo não necessariamente cumprido, mas evocado em diferentes circunstâncias. Essa questão será retomada nos capítulos subsequentes da tese.

Imagino, aqui, que a motivação pelo jogo pode contribuir para que indivíduos se juntem em torno de uma preferência comum, por essa prática cultural, e passem a se expressar como um corpo social, regulado por princípios racionais de execução da tarefa, os quais levam ao aprendizado de atitudes de respeito ao espaço do “outro” na quadra em que o jogo é jogado; princípios que levam também essas pessoas a assumirem uma forma específica de se comportar, ou cada jogador a jogar “com e para outro”. O respeito ao “outro” estaria impresso naquela proibição de abuso da força física no relacionamento competitivo com o adversário, tendo como ilustração emblemática o impulso individual desencorajado, quando o regulamento do basquete impede o brusco contato físico com o corpo do opositor. Esta ocorrência do jogo é traduzida no dizer de Campainha, na “competição sadia”, ou *saudável, evoluída*, como diria Alberto Bial, ambos técnicos do basquete profissional, o que me leva a crer que esse princípio faz parte também da ordenação do jogo profissional, extrapolando a modalidade infanto-juvenil do basquete conforme praticado na Escola. Da perspectiva de seus praticantes, pois, ele é visto de modo que o sentido do *coletivo* busca se sobrepor sempre ao *individual*²³.

Uma das alunas, capitã da equipe do CEFET, revela como passou a fazer parte do grupo:

(...) Antes, só batia bola, não era em equipe de basquete. Um dia, brincava com os meninos no racha e aquela lá, de laranja (apontando para uma das atletas que está jogando), chegou e me chamou para treinar com a equipe. E elas me receberam muito bem. Fui pro basquete pela oportunidade, elas me receberam muito bem, Tony é um ótimo treinador (Maria, jogadora do CEFET-CE, em conversa informal com a pesquisadora, por ocasião de um treino).

²³ Ressalte-se que, conforme se pode perceber, ao longo do trabalho, as idéias de “jogo em equipe”, e “competição sadia” não negam a existência de conflitos na dinâmica desta prática esportiva. Ao ser desencadeado o conflito contribui para a reordenação do jogo de modo a consolidar a expectativa da disputa regulada.

Ao lhe indagar o que quer dizer com um *ótimo treinador*, ela responde:

(...) *ele é comunicativo, alegre, brinca, mas impõe moral; é respeitado porque, quando vai impor as regras, ele impõe moral, é bom, põe disciplina. Gosto de todos os esportes. Fui para o handebol, mas não me dei bem com as meninas de lá!* (Maria, atleta do CEFET).

Observe-se, neste depoimento, que a noção de “pertencer à equipe” aparece como algo que é construído, ali, nas relações entre indivíduos (as jogadoras) na edificação de um respeito pelo grupo. É pertinente, portanto, a partir desta imagem, pensar o grupo, tal como disse Simmel (1983), ou seja, como algo que vai se fazendo no cotidiano da prática (no caso, prática do basquete, nos encontros das alunas). Em particular, isto aparece, aqui, quando a interlocutora menciona sua inserção na equipe – “só batia bola, não era em equipe de basquete”; e quando se refere à forma como foi acolhida pelo grupo: “elas me receberam muito bem”, não se ajustando com facilidade, porém, ao outro grupo, isto é, à equipe de *handebol*. Vejo também, aqui, o reconhecimento da *identidade* do grupo, pela entrevistada, visto este, também, como espaço de acolhimento.

Após esta apresentação de como se joga o basquete, discutirei o surgimento do basquete no plano internacional, sua trajetória histórica no Brasil, desde a transição do século XIX ao século XX, época em que o Brasil foi o primeiro país sul-americano a aderir ao jogo de basquete. Posteriormente, destaco percursos históricos dos adeptos de basquete nas lutas cotidianas que esses personagens encenam na cidade de Fortaleza, predominantemente, em competições intercolegiais, em que a maioria das equipes tem origem no setor privado.

CAPÍTULO 3

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA INVESTIGADO

A inserção do basquete nos Jogos Olímpicos Modernos

Para compreender a forma do basquete, tomo como ponto de partida um diálogo com a idéia do *olimpismo*, como movimento símbolo da união pelo esporte que está presente no estudo de Bourg e Gouguet. Estes autores consideram que, historicamente, o crescimento internacional do esporte, da Inglaterra para o resto do mundo, é comparável à expansão espacial do capitalismo a partir de seu foco de origem, a Europa, para a periferia do globo. Da mesma maneira que o mercado se globaliza para grandes firmas que querem aproveitar os efeitos de escala e de massa, também o movimento esportivo tem o propósito de alcançar a universalidade. O objetivo do projeto do francês Pierre de Coubertin, criador dos Jogos Olímpicos, em 1896, em Atenas, os primeiros da chamada Era Moderna, era de internacionalizar o esporte (BOURG e GOUGUET 2005: 68).

Segundo Bourg (2000), o olimpismo, pela mesma razão que o comércio no Renascimento, foi concebido como meio de abolir as distâncias e as fronteiras, de pacificar e unificar o mundo. Essa descompartimentação, de acordo com a perspectiva de alguns pensadores, contribuía para integração das economias nacionais numa lógica mundial, tanto mais que o novo modo de desenvolvimento capitalista devia facilitar a penetração internacional do esporte de alto nível, na medida em que tende a uniformizar os mercados, os produtos e a publicidade num espaço planetário (BOURG e GOUGUET, 2005: 68, 69). É o início de estruturação do esporte em clubes e federações, ligas e campeonatos, abrindo-se, assim, espaço para a unificação das regras esportivas. O fim do século XIX e o início do século XX vêem o nascimento da maioria das federações internacionais – ginástica, em 1891; futebol em 1904; e das grandes competições mundiais: *Jogos Olímpicos*, *Taça Davis*, *Volta da França de Ciclismo*, campeonatos do mundo e da Europa, das principais modalidades (BOURG e GOUGUET, 2005: 8, 9).

Contextualizando a inserção de esportes como o basquete, na chamada Era Moderna, constata-se que as atividades esportivas reapareceram nas sociedades humanas no final do século XIX, concomitantemente, à reedição dos Jogos Olímpicos de Atenas, em 1896. Segundo Bourg e Gouguet (2005), o esporte moderno teria nascido na Inglaterra, com a Revolução Industrial e teria se difundido, progressivamente, através do mundo todo. A partir da segunda metade do século XIX, os esportes coletivos e individuais vão, gradativamente, substituir os jogos tradicionais e estender-se por todo o país, e depois por toda a Europa. Chamo a atenção para o fato de essa expansão haver se dado também para outros continentes e não só o europeu. Os jogos passam a estar sob controle de pessoas e organizações, conforme afirma Hobsbawm (2000).

Segundo Bourg e Gouguet,

(...) é possível notar desde 1850, data da emergência do esporte moderno, três períodos na evolução rumo à economia de mercado organizada dentro de uma perspectiva global (BOURG, 1999). A cada um dos três períodos corresponde “uma ordem esportiva”, definida por um projeto ideológico, um objeto esportivo dominante, uma área territorial de competição, estruturas institucionais e meios de midiatização. A primeira cobre o período de 1850- 1914), berço da Revolução Industrial e do capitalismo, a Inglaterra codificou e exportou inúmeros jogos da Idade Média adaptando-os aos novos valores da época: a competição e a concorrência. É nesse contexto econômico e social que o esporte se vai estruturar em clubes, federações e campeonatos, e vai unificar suas regras. As primeiras competições internacionais, de tênis notadamente, aparecem. Wimbledon em 1877, o US Open em 1881: (...) O lançamento dos Jogos Olímpicos, por iniciativa de Pierre de Coubertim, em 1896 se prolonga pela criação da Volta da França de Ciclismo em 1903 (....) (BOURG e GOUGUET, 2005: 60, 61).

Algumas observações desses autores ajudam a compreender a relação do esporte e a construção de identidades no contexto dos jogos que são afetados pela interferência da competição moderna, civilizada, conforme aparece também no pensamento de Norbert Elias (1992), quando este afirma que os jogos projetam a dinâmica social em que tais práticas culturais se manifestam. Após a Revolução Industrial de meados do século XIX na Inglaterra, novas formas de atividades aparecem e multiplicam as interações entre esporte e economia.

O número de países difusores de imagens confere, a cada manifestação, a configuração de uma “aldeia global”. No dizer de Marshal McLuhan, a televisão dá ao espetáculo uma dimensão universal, e a confrontação esportiva oferece um mundo de pertencimento de identidade e de mitos que permite saída para inúmeras atividades (BOURG e GOUGUET, 2005: 65). Observa-se um processo de construção de agremiações esportivas a partir de 1894, com o Comitê Olímpico Internacional e, em 1896, pela instituição dos Primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, criados pelo pedagogo francês Pierre de Coubertim, guiado, como disse antes, pela crença segundo a qual essa competição deveria abolir fronteiras, unificar e pacificar as culturas e integrar as economias mundiais.

A televisão, segundo esses autores, contribuiu muito para a mundialização da cultura. Mundialização entendida, por eles, como processo; no caso, basta atentarmos para práticas e competições esportivas que, historicamente, deixam de ser nacionais ou continentais e se transformam em fatos internacionais. Isto acontece na medida em que está presente, nessa idéia de internacionalização dos esportes, o pensamento segundo o qual, para se efetivar a confrontação entre os melhores, é necessário que se ultrapassem aquelas fronteiras que demarcam “mundos menores” tais como a região, a nação ou o continente (BOURG e GOUGUET, 2005: 62). E,

na interpretação desses autores, essa mundialização ocorre não só através do deslocamento espacial de práticas esportivas, diretamente, mas, também, se efetiva com o desenvolvimento de certas tecnologias e a adoção de outros costumes ou práticas culturais. Assim, para eles, alguns números alusivos à sociedade contemporânea sugerem a existência de uma civilização da imagem: 1,1 bilhão de receptores de TV no mundo, quatro bilhões de telespectadores potenciais, 3 horas por dia de média de tempo de consumo de programas televisivos (dados de 1998).

Esse estudo mostra, portanto, que o sentido da disputa esportiva extrapola o âmbito local e passa a ser também um espaço de disputa de afirmações de nações, num confronto entre distintas culturas.

Bourg e Gouguet (2005), ao revelarem os efetivos das dez primeiras federações esportivas internacionais (em número de federações nacionais, em 1998), mencionam o número por cada modalidade, o que nos permite dimensioná-las ou estabelecer certas comparações, como, por exemplo: o número de federações nacionais de basquetebol é de 201, para 203 federações de futebol. O processo de internacionalização das competições sinaliza que esta se dá em relação à quase unanimidade de modalidades. Entre 1994 e 1998, a grande parte das federações internacionais teve aumentado o número de federações nacionais suas filiadas: em média, de 103 a 112, ou seja, uma alta de 9%. Também a quantidade dos comitês nacionais componentes do Comitê Olímpico Internacional cresceu expressivamente durante o século XX: 7, em 1900; 46, em 1936; 130, em 1972; 200, em 1999.

Um outro autor que nos fala da institucionalização e expansão das práticas esportivas, embora enfatizando outros aspectos, é Hobsbawm. Para ele, tanto o esporte de massas quanto o de classe média, unia a invenção de tradições sociais e políticas de uma outra forma. O esporte se constituiu num meio de identificação nacional e comunicação artificial. A ascensão do esporte fomentou novas expressões de nacionalismos, através de escolhas ou da invenção de esportes tidos, nacionalmente, como específicos. Modalidades de esporte se associam a identidades nacionais. O mesmo autor também admite que o papel dessa institucionalização consiste em vitrine de exibição para o esporte. Percebe-se a institucionalização como fenômeno que permite a concretização de identidades no campo do esporte. Nesses termos, podemos citar, na Grã Bretanha, a taça de Associação de Futebol, em 1871; o campeonato de Críquete entre condados, de 1873, bem como o ressurgimento dos 1º Jogos Olímpicos da Era Moderna, em 1896, em Atenas. Essas competições servem, portanto, à reunião e afirmação de identidades. Mas, segundo Weis (1996: 64), os primeiros Jogos Olímpicos em que o basquete foi inserido foram os jogos de Berlim, em 1936. Acerca da institucionalização de práticas sociais naquele momento, Hobsbawm também chama atenção para o movimento histórico associado aos esportes, afirmando:

(...) a história social dos esportes das classes altas e médias ainda está para ser escrita, mas podem se deduzir três coisas: em primeiro lugar, que as últimas três décadas do século XIX assinalam uma transformação

decisiva na difusão de velhos esportes, na invenção dos novos e na institucionalização da maioria, em escala nacional e internacional (...) (HOBSBAWM, 2002: 307).

Este autor confirma a idéia de que a produção de práticas de esportes serve de regulação do estilo de jogos, baseando-se na valorização e criação de um sentido coletivo que se impõe para mostrar que o espaço de jogos prioriza o desempenho da competição regulada, portanto, civilizada, e restringe iniciativas isoladas da atividade esportiva, compatível com a competição na chamada modernidade. Aqui, Hobsbawm chama atenção para uma das funções do jogo, qual seja a de exercer o controle de forças físicas observadas na conduta de indivíduos, isoladamente. Essa perspectiva converge com a compreensão de Elias (1992) segundo a qual os jogos se produzem em processos civilizatórios. O jogo coletivo se constrói, paralelamente, aos processos culturais. É a partir de tais práticas que seus jogadores se conduzem, de modo a atender à interferência regulada por demandas de uma chamada cultura civilizada. Encontro nexo, também, entre afirmativas de Pontes e essas idéias de Hobsbawm. Analisando aspectos da dinâmica dos clubes, em Fortaleza, no início do século XX, essa autora constata que, além do futebol, outros esportes se difundiram na cidade conforme pôde verificar, examinando jornais desse período: noticiavam pouco os esportes, mas havia referências feitas a “brigas de galos”, “lutas livres” e “corridas de cavalos” que, bem como o futebol, ocorriam no campo do Prado (PONTES, 2005: 111).

Na sociedade contemporânea, tais atividades alcançam milhões de pessoas que com elas se envolvem de alguma maneira. De Rose (2002) afirma que o fenômeno abrange setores da sociedade, quer sejam privados ou institucionais, podendo ser usado, também, como estratégia de divulgação de ideologias políticas e aparecendo, inclusive, em planos políticos oficiais, como um caminho de aprimoramento cultural e físico dos indivíduos. Como exemplo desse uso, trazendo para o campo desta pesquisa, lembro o lançamento, em Brasília, do programa *Bolsa-atleta*, pelo Presidente Lula e seu Ministro de Esportes, à época, Agnelo Queiroz²⁴.

A trajetória do basquete no Brasil

O basquete chegou ao Brasil por iniciativa do bacharel em História da Arte que veio da Universidade de Yale, e o introduziu na Associação Atlética Mackenzie College de São Paulo, em 1896. No Rio de Janeiro, em 1912, na rua da Quitanda, teriam acontecido os primeiros jogos de basquete, com o *America Football Club*, tendo sido este o primeiro clube carioca a introduzir o esporte nesta cidade, incentivado por Henry J. Sims, diretor da Associação Cristã de Moços. Segundo Gaudin (2007), nesse momento esse esporte se expandia da Europa também para os países da Ásia, a exemplo da China, Philipinas e Japão.

24 Matéria noticiada em 25.07.05, pelo jornal *O Povo*, de Fortaleza. Conforme veiculado, através dessa iniciativa, o governo brasileiro busca financiar atividades para esportistas que não possuem nenhum tipo de patrocínio. O objetivo é incentivar os talentos que não têm oportunidades de se promover.

A origem dos Primeiros Jogos Olímpicos reflete, de algum modo, todo esse movimento histórico e cultural que envolveu muitas transformações sociais, dentre estas, também a institucionalização dos desportos, Hobsbawm (2002), e Elias (1992).

Conforme referido anteriormente, o basquete como um jogo que, desde o seu nascimento, reverenciava a vida e o corpo dos seus jogadores, chegou à região mais desenvolvida do Brasil, no final do século XIX, sendo visto como *jogo de mulher*. Ou seja, por um lado, no “mundo do basquete”, desde o início, se cultuava o respeito ao corpo e se difundia a preocupação com a integridade física do outro, não se admitindo, em hipótese alguma, o uso da força ou a prática da agressão, de uns jogadores para com os outros. Por outro lado, nos meios em que esse esporte começou a ser praticado, na sociedade brasileira, indivíduos e grupos associavam princípios de convivência – por exemplo: a cordialidade a civilidade, a delicadeza, etc. – à condição do ser feminino. Assim, na medida em que se pautava, enfaticamente, por tais princípios, naquele contexto o basquete era visto como *jogo feminino*.

Gaudin (2007), considera que esportes simbolizavam nações²⁵. Pode-se dizer que, historicamente, no decorrer das primeiras décadas do século XX, aos poucos foram sendo feitas associações entre certas práticas esportivas e determinadas nações, e, por esse caminho, construíam-se, também, *símbolos nacionais*. Assim, para citar apenas alguns exemplos, já no início do século, passou-se a associar: o boxe à Inglaterra; o *savate* à França; o judô ao Japão; o bâton a Portugal e a capoeira era vista como esporte de brasileiros. Enquanto o futebol atrai multidões que deram impulso à profissionalização, inicialmente, o basquete foi praticado por classes mais favorecidas, depois, com mais sucesso e mais tarde, foi incorporado por classes médias de regiões mais desenvolvidas. Em relação à imensa maioria das pessoas, elas se envolvem com o samba, a capoeira, além do futebol, onde seus praticantes buscam se profissionalizar (GAUDIN, 2007: 2).

Convergindo com a discussão de Gaudin, que trata da associação entre o esporte e identidade nacional, reporto-me a Leite Lopes, analisando os processos sociais que contribuíram para que o futebol se transformasse em um símbolo de identidade nacional brasileira. Este pesquisador considera que a década de trinta ficou marcada pelo avanço do processo de democratização no interior do futebol, no que se refere ao profissionalismo como a incorporação de um público amplo de massas, mas embora a difusão do futebol tenha sido enorme no Brasil a partir dos anos 1930 e fosse grande a preocupação do público com a exibição e estilo do futebol arte, havia uma crença forte na inferioridade do futebol brasileiro em relação ao europeu (em particular o inglês) e ao futebol argentino. Isso ocorria devido os estereótipos do senso comum e elaborações racistas e eruditas naturalizadas pela maioria da população e interiorizadas, inclusive, por negros e mestiços. Mas segundo ele, essa imagem foi invertida com a consagração internacional na Suécia, quando a seleção brasileira sagrou-se campeã mundial em 1958 (LEITE LOPES, 2004: 144 a 152).

²⁵ Ver também, a esse respeito, Hobsbawm (2002); e, na literatura brasileira, devem ser consultados Simoni Guedes (1998) e José Sérgio Leite Lopes (2004), dentre outros.

Leite Lopes, atento à dinâmica histórica e cultural brasileira, lembra ainda que o futebol mestiço no Brasil continua com suas tradições de sucesso e com seus conflitos mais ou menos silenciosos, relativos ao acesso e permanência de jogadores das classes populares e, portanto, de negros e mulatos, em uma área valorizada da identidade nacional, mesmo que a hierarquia legitimada das profissões privilegie atividades da dominação econômica política e intelectual (LEITE LOPES, 2004: 144, 155).

Retomando a análise de Gaudin acerca da posição que o basquete ocupa no Brasil, em relação a outros esportes, este autor afirma que, historicamente, esse jogo é comumente vinculado a uma imagem de modernidade, por aparecer associado ao setor privado no espaço de clubes, cujas atividades são patrocinadas por empresas desse setor. É visto como um esporte entre os demais, mas não se distingue como um esporte de maior alcance popular. Isto se observa porque o basquete tem sido praticado, ao longo de nossa história, por uma parcela da população, economicamente mais favorecida.

No contexto dessa dinâmica, pois, identificam-se os limites relativos aos investimentos financeiros nas práticas esportivas. Convém ressaltar que, na sociedade brasileira, não há investimentos financeiros expressivos de incentivo ao basquete, quer por parte do poder público, quer por parte de empresas privadas. Ou seja, eventuais relações entre economia e o basquete, no Brasil, nesse sentido, circunscrevem-se a espaços sociais muito restritos e, quase sempre, decorrem de iniciativas individuais de técnicos, por exemplo, ou de algum dirigente de agremiação recreativa. Esse fato ganha notabilidade maior especialmente, em regiões de menor projeção quanto ao seu desenvolvimento econômico regional. Apenas para se ter um termo de comparação, ressalto que, nos Estados Unidos, por exemplo, país em que o basquete ganha maior projeção, foi criada a *National Basketball Association* (NBA)²⁶ cujas regras são independentes daquelas definidas pela Federação Internacional de Basquetebol Amador (FIBA). E, freqüentemente, a NBA atrai jogadores de basquete de várias partes do mundo, que se deslocam para lá, esperando realizar suas expectativas de profissionalização. Tais informações nos ajudam a explicar, dentre outros aspectos, certas interferências “de fora” na composição de equipes brasileiras, para disputas internacionais. Em outras palavras, nos ajudam a compreender porque nem sempre o técnico da equipe brasileira pode, de fato, contar com “os melhores” atletas nacionais para formar o time com o qual gostaria que o Brasil enfrentasse os adversários, representantes de outras nações.

Nos Estados Unidos, ao longo de sua história, o basquete, fundado em uma escola de trabalhadores, se consolidou como um esporte da preferência popular. Portanto, se no sul do continente americano *está a pátria de chuteiras*, no norte, está *a pátria do basquete*. É preciso

26 De caráter profissional e localizada na América do Norte, esta é uma das principais ligas de basquetebol do mundo. Foi criada em 1946 sob o nome de *Basketball Association of America* (BAA). Em 1949, se fundiu com a *National Basketball League* (NBL) e foi renomeada NBA. O campeonato compreende 30 franquias (clubes) (29 estadunidenses e 1 canadense), divididas em duas conferências (Leste e Oeste). Estas, por sua vez, também se subdividem em três. Na fase final da competição, após uma temporada regular de 82 jogos, as 16 equipes classificadas se enfrentam.

reconhecer essas especificidades históricas, geográficas e culturais para explicar o lugar que o basquete ocupa nos distintos contextos. Bourg e Gouget assinalam entre os três principais esportes americanos, o basquete, o basebol e o hóquei no gelo (GOUGUET e BOURG, 2005: 45). Porém, segundo Boop (2004), o mais popular esporte nos EUA é o boliche. Aqui, volto a chamar atenção para a relatividade da importância e imagem cultural atribuída ao basquete, em diferentes partes do mundo.

É refletindo sobre o lugar desse esporte na cultura brasileira que Gaudin (2007) se refere à *Taça Brasil*, destacando sua origem, em 1965, portanto, antes de ser “rebatizada” de *Campeonato Nacional*, em 1990. Ao tratar de uma cartografia do basquete no Brasil, o autor afirma que, dos dezenove clubes que a conquistaram, pelo menos uma vez, quinze estão situados no estado de São Paulo. A maior parte, aliás, está fora da Grande São Paulo, em cidades do interior. E, das trinta e nove edições dessa competição, trinta e três foram vitórias de algum clube paulista. Os outros raros clubes vencedores estão situados em estados fronteiriços ou próximos: Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Do lado feminino, ocorre algo semelhante: dezoito, das vinte Taças do Brasil e Campeonatos Nacionais Femininos, realizados entre 1984 e 2004, foram conquistados por clubes do estado de São Paulo, contra somente dois por clubes do Rio de Janeiro. Para Gaudin, esta geografia do basquete brasileiro reflete uma concentração que se situa com mais ênfase ao redor do estado de São Paulo. A partir de sua afirmação, acerca do jogo de basquete, é possível repensar sobre estereótipos associados à nossa realidade social. Segundo esse autor,

(...) O basquete leva então a um Brasil um pouco diferente dos estereótipos tradicionais, o Brasil do sul da federação: trata-se de um Brasil desenvolvido, industrializado, com numerosos descendentes europeus imigrantes desde o fim do século XIX. Nas cidades de médio porte dessa região relativamente rica, a vida esportiva local é estruturada e organizada principalmente por clubes; esses clubes sociais cujo modelo é o social clube britânico importado do fim do século XIX. No Brasil com tradição liberal, os poderes públicos não construíram muitas instalações esportivas, com a exceção notável dos grandes estádios de futebol. Os playgrounds de basquete, assim como as piscinas e ginásios só existem nos recintos dos clubes privados e fechados às categorias populares. São esses clubes então, que estruturam a prática do basquete, geralmente com o apoio de empresários locais, quase sempre são também sócios do clube. Vínculos de sociabilidade se tecem, igualmente com as antenas locais do Lions Club e do Rotary, que dividem, freqüentemente, sua sede social com o principal clube esportivo da cidade. Os contatos entre o meio das empresas locais e os dirigentes esportivos são muito importantes, o que historicamente, facilitou o financiamento privado e a profissionalização dos jogadores (GAUDIN, 2005: 55).

O autor considera, ainda, que para essas empresas, a equipe de basquete da cidade é símbolo de sua prosperidade, tanto quanto representa o seu enraizamento no lugar. Um orgulho

local se desenvolveu em cidades de médio porte tais como: Catanduva, Ponte Preta, Franca, Presidente Prudente ou Jundiaí. Para Gaudin (2007), o basquete veicula muito bem uma dimensão de modernidade, de desenvolvimento, de “primeiro mundo, como dizem os brasileiros”, graças à sua imagem de esporte *não-popular*, ou seja, não praticado pelos pobres. (O autor faz uma analogia com o futebol). A propósito da relação entre basquete e construção de identidades, Weis (1996) também atribui ao basquete o significado de ser um jogo que contribui para criar uma imagem de identidade regional, ao se referir a Santa Cruz do Sul, como a “capital gaúcha do basquete”, quando uma equipe dessa cidade ganhou o título disputado por uma Liga Nacional de Basquetebol.

Acerca de certas imagens associadas ao basquete no Brasil, como disse antes, Gaudin (2007) faz vinculações entre o basquete e a construção da imagem de um Brasil moderno. Também se refere a um diálogo que surge entre as identidades de países sul-americanos, por ocasião de competições internacionais, referindo-se a disputas entre identidades, observadas, internamente, neste continente. Entre as questões levantadas por este autor, aparecem indagações do tipo: qual de nós é o mais “primeiro mundo?” Nas ponderações dele, é como se fosse estabelecido um diálogo entre nações sul-americanas. Gaudin vê a competição como algo que extrapola as quadras e associa imagens de identidades esportivas e identidades nacionais. Considera a conquista do basquete por um país sul-americano, por ocasião de uma competição internacional, como se esta fosse símbolo de façanha de “primeiro mundo” e essa rivalidade se alimentasse, internamente, entre oposições em um mesmo continente. Segundo ele,

(...) Os resultados das competições regionais de basquete permitem avaliar o valor de cada um, de elaborar classificações, de contabilizar as vitórias que são símbolos de uma superioridade ultrapassando a esfera esportiva; as competições que contam aqui são, certamente, os Jogos Olímpicos e os Campeonatos do Mundo, mas também os Jogos Pan-Americanos (que os Estados Unidos participam, mas nem sempre com as melhores equipes) e, sobretudo os Campeonatos Sul-Americanos, pois é por ocasião dessa competição que os brasileiros ganham o ouro, passam na televisão e mostram a seus rivais locais uma imagem de seu país diferente dos estereótipos habituais (GAUDIN, 2007: 56).

Este raciocínio do autor me reporta à celebrada conquista do tricampeonato pan-americano de basquetebol masculino pelo Brasil, nos Jogos Pan-Americanos de 2007. E, ainda, à disputada conquista da medalha de prata, feminina, nessa mesma competição, que, principalmente por haver ocorrido em uma partida contra os EUA, parecia adquirir um sentido especial, uma vez que o Brasil só perdeu para a equipe que tem a supremacia do basquete mundial.²⁷ As-

27 Para esclarecer ao leitor acerca da supremacia do basquete norte-americano, convém observar que, desde que este esporte passou a compor os Jogos Olímpicos Modernos, em 1936, os EUA venceram esta competição por doze vezes, considerando um total de dezesseis torneios. Iugoslávia, Rússia (duas vezes) e Argentina venceram as outras competições. Essas informações foram registradas por ocasião da transmissão do jogo de basquete masculino China (70) X EUA (101), ocorrido durante os Jogos Olímpicos de Pequim-2008, realizada pelo canal televisivo

sim, se diz que foi uma derrota, mas, com sabor de medalha de ouro. Um outro exemplo dessa sobreposição no plano das rivalidades internas ao continente, que extrapola das vitórias esportivas em quadras, pode ser a celebrada conquista do campeonato sul americano feminino, em 2008, contra a equipe da Argentina. É, sob esse aspecto que, para Gaudin, no Brasil o basquete aparece como um esporte de “primeiro mundo”; um esporte da modernidade e da urbanidade; que nós não vemos sendo praticado em terrenos indeterminados, nem nas praias, mas, em clubes e em salas, especialmente, concebidas para sua prática.

Entretanto, chamo atenção para os limites dessa abordagem de Gaudin (2007), e contra-argumento algumas de suas interpretações. Embora concorde com sua afirmação acerca da associação histórica do basquete a um jogo que, no Brasil, é praticado em maior escala em âmbito privado (escolas, clubes, etc), ressalto, porém, que, ao se voltar mais para olhar a realidade de setores mais favorecidos, o autor parece desconhecer a apropriação desse jogo, no Brasil, por outros segmentos da sociedade, como pode ser ilustrado com a experiência do movimento nacional, e até internacional, do basquete de rua. No Brasil, se instituiu o campeonato nacional dessa modalidade, conhecido como LIBBRA (Liga Brasileira do Basquete de Rua), realizado, anualmente no Rio de Janeiro, para onde convergem equipes selecionadas em disputas regionais, portanto oriundas de vários estados do Brasil, entre os quais estão Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso, Pará, Ceará e Espírito Santo, e se verifica, no Rio de Janeiro, conforme pode ser visto com base na experiência em que seus jogadores já se movem desse espaço rumo à profissionalização, conforme está destacado no capítulo seis desta tese.

O *basquete de rua*, no Brasil, surgiu em 2002, sendo incorporado até mesmo por uma competição internacional como jogo extra-oficial. Isso se verificou por ocasião dos Jogos Pan-americanos de 2007. Tal fato se contrapõe à interpretação de Gaudin, segundo a qual a popularização do basquete se verifica apenas nos EUA e na França. Ao se referir a esta popularização da prática, o autor deixa de mencionar, ainda, a experiência da China, país mais populoso do mundo, e onde o basquete é o esporte mais popular e berço do programa *Basquetebol Sem Fronteiras*²⁸, iniciativa à qual volto a me referir no capítulo cinco desse estudo.

Também Gaudin não faz referência às experiências de escolinhas desenvolvidas por atletas bem sucedidos, em âmbito nacional. Constituem exemplos a escolinha de Janete Archain²⁹, e o Instituto Passe de Mágica que aparece na foto a seguir, acompanhado pela *Magic Paula*, como ficou consagrada essa veterana atleta paulista da seleção brasileira de basquete nos anos 1990, a chamada “era de ouro” do nosso basquete.

Globo News, com comentários de Hortêncio e Oscar Shimidt, ex-jogadores das seleções brasileiras de basquete, feminina e masculina, respectivamente. Ao final desses jogos, a equipe norte-americana foi campeã, acumulando treze, dos dezessete títulos da história do basquete mundial.

28 O programa *Basquetebol Sem Fronteiras* abrange setenta e dois países, em todos os continentes e é uma iniciativa articulada entre a FIBA e NBA. Em 2007, o *Basquetebol sem Fronteiras “Américas”* foi realizado em São Paulo. Informações do site <http://www.nba.com/brasil>, 2008.

29 Atleta profissional que fez parte da seleção brasileira, bem como jogou pela NBA e que mantém essa escolinha para uma comunidade em São Paulo.



Foto 4 – Esta imagem é ilustrativa da escolinha *Passe de Mágica*, em São Paulo, fundada por Magic Paula.

Parece-me questionável, ainda, a afirmativa de Gaudin (2007) segundo a qual o basquete não é praticado em espaços indeterminados, nem nas praias. No estudo de Weis (1996), este chama a atenção para o fato de o basquete despertar o interesse da população de Santa Cruz do Sul, de modo que apareciam tabelas em postes, cestas improvisadas nas latas de lixo das ruas desta cidade cuja população é marcada pela presença de descendentes alemães, no Rio Grande do Sul. Essa mobilização popular agilizou a construção do ginásio poliesportivo municipal da cidade. Tal experiência me reporta a iniciativas de Estado que têm levado o basquete ao público, estimulando, assim, a ampliação da sua prática, de que é exemplo a programação do *Dia B Municipal do Basquetebol*, em Fortaleza, ocorrida em dezembro de 2006. Nesta cidade, tenho observado a presença do basquete na praia, em gincanas de colégios privados, promovidas em dias de domingo à beira mar, conforme me confirmou, por exemplo, uma aluna do CEFET, que veio da escola privada Farias Brito.

Mesmo que não haja uma visibilidade tão expressiva dessas experiências através das quais o basquete também se manifesta, considero pertinente um exame mais amplo e aprofundado acerca da interpretação de Gaudin, no sentido de repensar suas conclusões que se antecipam em negar, iniciativas de popularização desse jogo na cultura brasileira. Essa minha reflexão se baseia no acompanhamento da programação do *Dia do B Municipal de Basquetebol*, em Fortaleza, que se constitui em mais uma experiência no Brasil, que projeta o desempenho do

basquete para além do setor privado. Esta pesquisa, portanto, me possibilita afirmar a existência desses equipamentos, a exemplo de quadras de basquete em praças públicas, embora possamos dizer que eles não contam, ainda, com um serviço de manutenção adequado, que lhes garanta funcionamento ininterrupto. Este fato pode ser explicado baseado na crença de desvalorização de serviços e patrimônio público, atitude incorporada, historicamente, e que se faz presente em diversas esferas da sociedade brasileira.

A questão precisa ser, assim, analisada com maior rigor. Por exemplo, a programação naquele *Dia B do Basquete*, em Fortaleza, em dezembro de 2006, nos centros esportivos dos bairros Conjunto Ceará e Prefeito José Valter; do pólo poliesportivo *Beira Mar* e Ginásio Paulo Sarasate, se realizou nesses espaços municipais, também chamados *centros de cidadania*. Conforme os organizadores, esse evento reuniu, nos referidos espaços, cerca de mil e quinhetas pessoas. Cito, ainda, o programa *Fortaleza em Férias*, em que, o basquete junto com outras modalidades esportivas, aparece em praça pública como parte de iniciativas de democratização do uso dos espaços, tal como veiculado por um discurso institucional, conforme noticiado pelo jornal *O Povo*, em janeiro de 2006. Outra experiência ilustrativa da ampliação dos espaços com a prática do basquete está na realização de partidas que constituíram a SEBAR (Seletiva Estadual de Basquete de Rua), no Ceará, torneio regional, anual, que, conforme veiculado pela imprensa³⁰, em certas etapas, chegou a reunir cerca de cinqüenta equipes em disputa (assunto retomado no capítulo seis deste trabalho).

Uma outra cidade na qual também tem se difundido a prática do *basquete de rua* é Joinville, no estado de Santa Catarina, onde foi criado o projeto *Jovem cidadão*, que também dispõe de equipamentos públicos funcionais³¹. Verifico isso também ao ouvir o depoimento de um dos coordenadores do *dia B Municipal do Basquete*, e gerente do programa *Esporte na comunidade*, da Célula de Esporte e Lazer da Prefeitura, de Fortaleza. Para realizar essa programação que reuniu representantes da prefeitura e entidades da sociedade, a saber, escola e clubes privados.

A esse respeito, minhas observações captam uma dinâmica social *complexa*, o que não me impede de reconhecer a pouca visibilidade e o prestígio ainda reduzido do basquete na sociedade brasileira, e no âmbito local em particular, principalmente quando comparado ao futebol, conforme mencionei anteriormente. Aqui, estou apenas chamando a atenção para uma certa superficialidade de afirmativas de Gaudin acerca de espaços desse esporte. No Rio de Janeiro, a Liga Brasileira de Basquete de Rua (LIBBRA) ou campeonato nacional dessa modalidade, já foi reconhecida pela Federação de Basquete desse estado e é patrocinada pelo Ministério dos Esportes, e por outra empresa estatal, a Eletrobrás (Centrais Elétricas Brasileiras S.A.). Uma equipe de basquete de rua em Fortaleza representa uma Associação de profissionais liberais; refiro-me à equipe campeã de 2007, ligada à Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-

30 Jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*.

31 Conforme mencionado pelo técnico dessa equipe, Alberto Bial.

CE) e apoiada pelo clube de advogados. Aqui, visualizo redes de interações entre setores sociais distintos, criadas no contexto do *streetball*. É curioso como o basquete aparece, historicamente, desde sua origem, associado ou apoiado por entidades que trabalham em defesa de direitos da coletividade, aspecto que serve para fortalecer o argumento que relaciona essa forma de jogo à construção de *trabalho em equipe*.

Em Fortaleza, destaco, ainda, o depoimento de uma ex-jogadora de basquete do colégio privado Santa Cecília, que após ingressar na universidade pública, buscou “o racha” (jogo informal) de simpatizantes desse esporte, que se reencontram para um *bate bola*, em fins de semana, numa pracinha do bairro de Fátima (considerado de classe média), como uma forma de manter vivo o gosto pelo basquete. É preciso atentar para esses espaços informais de sociabilidade, que convivem com a descontinuidade de apoios, por parte de organizações formais³² que aparece nas falas dos profissionais ou jogadores de basquete.

Tais considerações têm relação direta com a dinâmica do jogo, que promove a *vivência em grupo*, e confirmam as dificuldades de sua manutenção, conforme revelações locais feitas por professor Tony, um de meus entrevistados, que também se pronuncia sobre a falta de estrutura local para a viabilização do basquete, e considera que o jogador se despede da prática, após os jogos colegiais.

Portanto, dialogando com Gaudin (2007), reconheço sua contribuição ao me ajudar entender a associação entre aspectos históricos e a dominância do basquete brasileiro no setor privado, mas destaco essas estratégias por meio das quais, alguns grupos buscam desenvolver suas iniciativas, às quais me referi, em Fortaleza, Recife, Joinville ou Santa Cruz do Sul. Como vimos, tais iniciativas visam assegurar a aquisição e utilização de equipamentos existentes em espaços públicos, apesar das condições precárias de funcionamento desta prática no setor público.

32 A esse respeito, transcrevo, ainda, trechos de matéria publicada, pelo jornalista Fred Figueiroa, do jornal *Diário de Pernambuco*, em Recife: “(...) Quando termina o ensino médio, o jogador de basquete fica praticamente sem destino. A oferta nos clubes locais para acolher estes atletas é mínima e a maioria daqueles que passa a atuar por um clube, acaba desistindo pela falta de condição destes. Assim, existe um enorme grupo de praticantes de basquete órfãos de treinamentos e de competições. Para não aposentarem de vez as *basqueteiras*, muitos procuram outras alternativas, reunindo-se em grupos e organizando peladas, como no futebol. Encontrar quadras públicas em boas condições é quase impossível. Existem algumas no Parque Memorial Arcosverde, no Parque de Santana, na Vila Olímpica de Rio Doce e em algumas outras praças do grande Recife, mas não dá para garantir que a tabela ou o aro estarão intactos, ou mesmo não tenham sido roubados. Diante de tantas dificuldades, não há outra saída senão tentar alugar o ginásio de algum clube ou colégio. Em média, consegue-se uma quadra para jogar uma vez por semana por R\$ 300,00”. E, tecendo considerações sobre o que pensam os jogadores, o jornalista acrescenta: “Para eles, essas peladas podem constituir uma atividade física importante. Além de proporcionarem o prazer de jogar basquete, servem também como uma aproximação com os amigos. Quando acabam eles põem o assunto em dia e se divertem ainda mais. Pelo fato de ser um esporte coletivo, o basquete é visto como prática que ensina aos seus adeptos lições de convivência em grupo como respeito e humildade” (edição de janeiro de 2002). Observe-se, pois, que tais informações reforçam também a imagem do basquete como *jogo de equipe*.

O basquete em relação às diversas esferas da sociedade

A discussão acerca da presença do basquete na sociedade brasileira, sua maior ou menor difusão, em espaços públicos ou privados, permite, com mais clareza, a percepção de que o “mundo do basquete” envolve outros personagens, além dos atletas, técnicos e dirigentes de entidades nas quais se pratica o jogo. Assim, a análise do tema exige que se olhe atentamente para a rede de relações entre o campo esportivo e a dinâmica social em que ele está imerso.

Refiro-me a relações que se estabelecem entre grupos, entre indivíduos e entre grupos e indivíduos, dentro desse campo. Ou seja, no caso em estudo, quero dizer que, além de jogadores e dos treinadores, há patrocinadores, federações ou escolas públicas; empresas privadas, como escolas e clubes sócio-recreativos, como Náutico Atlético Cearense, Círculo Militar, dentre outros; ou agremiações esportivas, como Fortaleza Esporte Clube, Ceará *Sporting Club*, e, ainda, meios de comunicação, a exemplo dos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, etc. No caso do BNB clube, visualizam-se relações com a sociedade mais ampla, por exemplo, através dos serviços que oferece e, também, dos próprios mecanismos acionados para sua manutenção, como a oferta do esporte, que requer um mercado consumidor para a viabilização de seu funcionamento, além do pagamento dos sócios.

Essa dinâmica pode ser ilustrada através do discurso que localizo no informativo *BNB clube informando*: “No BNB o esporte é escolha de campeão”. Com esse lema, a empresa tenta ganhar a demanda de um mercado consumidor para sua oferta de serviços esportivos, junto ao grande público. Essa dinâmica sinaliza o fato de o jornal *O Povo* aparecer divulgando a notícia, em dezembro de 2004, por ocasião do jogo de basquete benéfico, realizado neste clube. O evento está anunciado desta forma: BNB: *amistoso reúne os amigos do basquete*.

Na escola, essas relações podem ser identificadas, por exemplo, em forma de disputas por apoio, que resultam em falta ou obtenção de recursos externos à sua esfera. Apoios oriundos de forças sociais desse campo relacional em que o esporte se insere. Um professor da comissão técnica desportiva do EDCENNE-2005 me revelou que não houve nenhum apoio do seu estado (Piauí) ao evento. Porém, obtiveram ajudas de entidades da sociedade civil, entre as quais se incluem: o clube Círculo Militar, a Universidade Estadual e a Universidade Federal do Piauí que cederam as instalações para viabilizar as atividades. Tal informação chama-me a atenção para a falta de apoios institucionais ao evento esportivo citado, por parte do poder público, neste caso na esfera estadual.

A respeito das relações de sociabilidades produzidas no âmbito do esporte na sociedade atual, é possível identificar articulações entre esferas sociais a partir das quais esse tema ganha visibilidade, como relações entre agentes ou atores sociais, a exemplo de negociações de investimentos para o setor do esporte, envolvendo empresários e governo, bem como os segmentos mais diretamente ligados à disputa, como ilustro adiante, neste capítulo, ao me referir à lei recente de incentivo ao esporte, que desencadeou a disputa entre artistas e desportistas. Tais afirmações encontram respaldo no pensamento de Bourdieu segundo o qual:

(...) Esse espaço dos esportes não é um universo fechado sobre si mesmo. Ele está inserido num universo de práticas e consumos, eles próprios, estruturados e constituídos como sistema. Há boas razões para se tratar as práticas esportivas como espaço relativamente autônomo, mas não se deve esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam só a ele. Quero só dizer que não se pode estudar o consumo esportivo, se quiser chamá-lo assim, independentemente do consumo alimentar ou do consumo de lazer em geral. As práticas esportivas passíveis de serem registradas pela pesquisa estatística podem ser descritas como a resultante de uma relação entre oferta e uma procura ou mais precisamente, entre espaço dos produtos oferecidos num dado momento e o espaço de disposições (associadas à posição ocupada no espaço social, e passíveis de se exprimirem em outros tipos de consumo em relação com um outro espaço de oferta (...) (BOURDIEU, 1990: 210, 211).

Segundo este raciocínio do autor, observo a necessidade de relacionar o espaço do esporte com o espaço social em que o campo esportivo é imerso. Bourdieu vê como princípio de um método geral a idéia segundo a qual, antes de se contentar em conhecer a fundo um pequeno setor da realidade a respeito do que não se sabe muito, é preciso esforçar-se por construir uma descrição sumária do conjunto do espaço considerado e, depois, os próprios estudos empíricos que ele orienta, possibilitarão o seu preenchimento. Observo, também, distintas situações nas quais os significados do basquete aparecem. Tais situações reportam-me às interações no espaço desse esporte como universo de investigação sociológica.

Embora esse aspecto que associa o esporte e a economia não seja o foco desta pesquisa, enriqueço a discussão chamando atenção, também, para o lugar do basquete na vida social, como aparece para o professor Campainha, bem como para o jogador Fernando, este da equipe profissional do Fortaleza Esporte Clube. Segundo eles, a maior dificuldade para a prática do esporte é “a falta de investimentos”; fator que se relaciona à ampliação das ofertas de lazer em Fortaleza, associada a mudanças da dinâmica social atual, provocando recuo de sócios dos clubes; e acrescentam que isso ocorre até com equipes de futebol, para as quais costuma convergir um montante maior de recursos.

Essa informação vai ao encontro da abordagem de Bourg e Gouguet (2007), que situam essa problemática no âmbito internacional. Na sua análise, com base na realidade da França à qual fiz referência, anteriormente, quando estes argumentam que o orçamento médio de um clube de futebol de primeira divisão é sete vezes superior para um mesmo nível de competição, ao de um clube de basquete. Assim, surgem impasses que se opõem à prática, por falta de condições objetivas de algumas instituições para manter a oferta do esporte, como um serviço prestado à sociedade, conforme ressaltei, ao dialogar com Gaudin (2007). Essa discussão é novamente retomada no capítulo seis desta tese.

Se me desloco para o plano da prática do basquete em outras regiões para além do Nordeste, conforme atestam os informantes, a esse respeito, faz sentido uma alusão também à

discussão acerca da falta de apoios financeiros que viabilizem a prática do basquete na região Sul do Brasil. Esta pesquisa demonstra que a escassez de recursos não é localizada só em Fortaleza. Para compreender melhor o discurso de *basqueteiros* acerca da pouca importância atribuída ao basquete, preciso considerar também diferenças regionais interferindo na sua viabilização; ou seja, tal importância será maior ou menor, dependendo, ainda, de aspectos econômicos do desenvolvimento regional, como me falam alguns dos entrevistados e como afirma Gaudin, ao mencionar a cartografia do basquete brasileiro.

A relação entre desenvolvimento regional e a prática do basquete aparece, igualmente, na leitura de Gaudin (2007), e no estudo de Weis (1996) na cidade de Santa Cruz do Sul-RS, em função do seu processo de profissionalização, em que parcerias se dão entre clubes e empresas de grande potencial econômico. Segundo Weis (1996), a prática do basquete em Santa Cruz do Sul teve origem nas tradições de migrantes alemães que o inseriram nesse território como estratégia de afirmação de seus laços culturais, no início do século XX, em contrapartida à conhecida campanha de nacionalização ocorrida no Governo de Getúlio Vargas, nos 1930/40.

Naquele momento, o Governo via os imigrantes alemães como difusores do nazismo. Nesse contexto, se consolidou a criação do espírito associativo dos imigrantes e seus descendentes, concretizado pelo exercício da convivência com alguns elementos culturais de natureza diversa, dentre eles, o basquete, que funcionou como estratégia de afirmação de identidade para esses personagens no território cultural distinto, no caso, o brasileiro, o que reforça a idéia do jogo de basquete como uma prática que favorece a criação do *sentido de equipe*.

A respeito dessa falta de recursos para viabilizar condições objetivas de efetivação do basquete, Gaudin (2007) considera que os investimentos, na maioria dos estados do Brasil, são poucos. Uma difusão de maior alcance desse esporte encontra empecilhos em condições de infra-estrutura insatisfatórias à sua demanda. Faltam equipamentos e instalações suficientes.

Conforme Gaudin, da mesma forma que não há estádios de atletismo e piscinas, faltam quadras de basquete, devido a escassez dos meios financeiros e recursos de setor industrial voltados para investir em organizações como clubes, inclusive os de futebol, para que essa prática se desenvolva. Essa afirmação é confirmada por meus entrevistados, e também nas observações de campo.

Esse raciocínio que se volta para mostrar a descontinuidade de investimentos e as informações de praticantes do basquete captadas ao longo deste estudo, me levam a uma articulação dessas observações com o cenário político brasileiro mais amplo, no qual, em certos momentos, os esportes são favorecidos com uma decisão política que propõe investimentos para o setor. Porém, esta decisão esbarra em disputas entre grupos. Porque ainda que o discurso presente nessas iniciativas vise investir no esporte, a medida política não se apóia em investimentos do Tesouro Nacional disponíveis para, de fato, viabilizar as verbas prometidas que permitiriam a sua execução. Não há uma política de investimento do setor privado no esporte, pois

a medida política se encaminha de modo que a conta fica como encargo para o setor público, já que esses recursos provêm de caixas de empresas que reivindicam isenção de seus impostos. Recursos são remanejados de um fundo social, para outro setor.

A discussão envolvendo o incentivo ao esporte no Brasil é ilustrada pelos meios de comunicação, a exemplo do periódico *Terra Magazine*, ao noticiar em 27.12.06, uma polêmica sobre a Lei de Incentivo ao Esporte³³ neste exato momento histórico. Segundo essa fonte, o debate só vai terminar no dia em que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva aprovar uma medida provisória que aponte uma saída para a questão.

Envolvendo tal polêmica, vêem-se disputas entre categorias sociais, no caso esportistas e artistas, reivindicando, do Governo Federal, investimentos. No dito popular, cada grupo *puxa a brasa para sua sardinha*. Por exemplo, em dezembro de 2006, houve a aprovação no Senado de incentivos fiscais para o esporte, não envolvendo sua retirada da Lei Rouanet, destinados à cultura. Porém, o Congresso Nacional alterou essa decisão e se criou a polêmica, pois esta instituição propôs que os recursos para o esporte saíssem dos incentivos à cultura e do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). Tais medidas em suas contradições desencadearam disputas de interesses entre os grupos que, nestas contingências históricas, se favoreciam ou se prejudicavam. No senso comum, se traduz esse fato a partir da máxima: *descobre-se um santo para cobrir outro*. É por isso que, segundo a fonte referida, são veiculados discursos, a exemplo daquele da atriz Marieta Severo, dizendo: “nos colocar contra o esporte é sacanagem”. Ou a revelação da ex-jogadora de basquete brasileiro, Hortência, segundo a qual, “todos vão sair ganhando”. Destaco, assim, falas de personagens, tidos como símbolos desses segmentos, que foram ditas, naquele momento enquanto esperavam a decisão do Governo Lula, por uma medida provisória que resolvesse o impasse.

Esses episódios envolvendo disputas entre grupos da esfera deliberativa de investimentos – investimentos que, supostamente, seriam destinados ao desenvolvimento dos esportes, dos quais uma das modalidades a ser fortalecida seria o basquete – podem contribuir para a desmobilização e, portanto, para a descontinuidade de iniciativas que buscam se consolidar no campo do basquete. Entretanto, para ampliar os esclarecimentos sobre a dimensão política dessa realidade seriam necessárias informações complementares a respeito de investimentos nas esferas federal, regional e local, em períodos diferentes, fato que demanda estudos complementares, para além do foco e propósitos desta tese.

³³ Segundo Barbosa (2009), presidente da comissão de ética da câmara municipal de Goiânia – o presidente Lula assinou, no dia 3 de agosto de 2007, o Decreto 6.180, regulamentando a Lei 11.438, de 29 de dezembro de 2006 – a chamada Lei Federal de Incentivo ao Esporte. A lógica da Lei Federal de Incentivo ao Esporte é praticamente a mesma que rege as leis de incentivo à cultura, como a Lei Rouanet e a Lei do Audiovisual. Ela estabelece que as pessoas físicas ou jurídicas podem destinar parte do seu Imposto de Renda (IR) para projetos de cunho desportivo e paradesportivo, no limite de até 6% do referido imposto, para pessoas físicas, e 1%, para pessoas jurídicas que declarem IR sobre o lucro real.

Aprofundando minhas observações acerca do discurso oficial do governo Lula, lembro que esta instância de poder federal, através de duas de suas medidas provisórias, autorizou o investimento de cerca de um bilhão e duzentos milhões de reais nos jogos Pan Americanos-2007, no Rio de Janeiro, e de um milhão e oitocentos mil reais, do Ministério do Esporte, para o desfile da escola carnavalesca Portela, no ano de 2007, que homenageou os esportes, visando a divulgação do Pan-2007.

Ressalte-se que esses investimentos do Governo Lula nos Jogos Pan-americanos-2007, além de expressarem o esforço pelo êxito do evento, no Brasil, não estão dissociados de algo mais amplo, iniciado anteriormente, que é propagação de uma retórica em torno da “construção de cidadãos”; tais investimentos traduzem, também, estratégias de afirmação política e desejo deste governo ser reconhecido no *ranking* mundial, como nação, que poderá sediar a Copa do mundo de 2014. Chamo atenção para a dimensão política desse evento: abrigar a Copa de 2014, o que, a meu ver, será tomado como um marco distintivo deste grupo político, no sentido de projetar a nação brasileira, face às demais nações do mundo. Essa discussão me permite ampliar a compreensão dos diversos significados associados ao esporte, envolvendo, dentre outros, esse apelo ideológico por *cidadania*, veiculado pelo Governo Lula.

Prosseguindo nessas considerações, observa-se que as contradições, entre a retórica política e os recursos efetivamente aplicados revelam, por outro lado, um investimento, que se constitui em uma intervenção federal, pontual, nos esportes, o que não significa, necessariamente, a existência de uma política mais consistente, capaz de garantir uma sistemática de atendimento à demanda que se mantém, para as várias regiões, em diversas ocasiões e eventos esportivos, inclusive, naqueles que dizem respeito ao basquete.

Interpretando esses descompassos entre discursos e vivências ou práticas efetivas, me parece relevante chamar a atenção, aqui, para o fato de o tratamento de políticas públicas poder variar em relação às distintas regiões e significados atribuídos, por certos grupos, a determinados eventos, no âmbito do esporte, em específicos momentos históricos. O depoimento do técnico da equipe do CEFET vem reforçar esse argumento: ao preparar “suas meninas” para os jogos de VI EDCENNE-2005, Tony disse em entrevista, para esta pesquisa, em junho de 2005, que o governo federal, através do Ministério do Esporte, investira cento e quarenta mil reais (R\$ 140.000,00), atendendo à luta dos desportistas do CEFET, encaminhada ainda pela coordenação do IV EDCENNE-2003, e, embora alegando falta de verbas, reconhecia ser aquela reivindicação um direito constitucional. Nessas contingências, a liberação dos recursos indica o atendimento a uma demanda respaldada pela Constituição da República e que não vem sendo reconhecida de fato para essas regiões.

A respeito desses incentivos, em notícia veiculada pelo jornal *O Povo*, em 14.04.07, sobre o assunto, após ouvir Ernando Ferreira, presidente da Liga Urbana Cearense de Basquete, esta entidade não obteve um único patrocínio da Prefeitura, nem do governo do estado, e recebeu 30.000 reais, resultantes de emenda da Assembléia Legislativa do estado. Contextualizando

o momento em que o recurso foi deliberado, este coincide com as manchetes em jornais da rea-lização da Seletiva Estadual do Basquete de Rua, ao mesmo tempo em que a imagem desse jogo é difundida pelo noticiário da Rede Globo de Televisão, concebendo-o como “a febre do bas-quete de rua”. Essas revelações fazem-me considerar um possível jogo de interesses envolven-do a preservação de imagens institucionais presentes nesse acontecimento. Outros segmentos sociais (político, da esfera da comunicação) vêm-se juntar ao evento nesse momento específico e há essa liberação, apenas eventual, de incentivo financeiro. Esse aspecto pode indicar uma falta de sustentabilidade financeira do setor. O fato suscita-me a indagação: é possível falar de uma contínua e consistente política de incentivo ao basquete em Fortaleza?

Minhas observações convergem para a discussão de Veronez (2005), no seu estudo intitulado *Quando o estado joga a favor do privado: as políticas do esporte após a constituição de 1988*.³⁴ Nesta pesquisa, ele afirma:

O esporte no Brasil, tema central deste estudo, não passou alheio e tampouco ficou imune às transformações e investidas do Estado brasileiro. Foi um setor (e continua sendo, em que pese à autonomia conferida pela Constituição de 1988), quando não sob intervenção, substancialmente influenciado e dependente do governo, de instituições e empresas estatais, sobretudo no que diz respeito a sua sustentabilidade financeira. O estudo realizado comprova a principal hipótese elaborada, isto é, as mudanças ocorridas no setor esportivo depois de promulgada a CF³⁵ de 1988 ficaram muito aquém do esperado pelos segmentos que vislumbravam a possibilidade de que parcelas maiores da população pudessem ampliar sua participação no esporte, tendo em vista sua universalização como direito social. Não foi construída uma nova cidadania esportiva no Brasil, como alguns chegaram a acreditar logo após a promulgação da assim denominada Constituição Cidadã de 1988. Durante o período analisado pelo estudo, o esporte como direito social permaneceu como uma questão em aberto (VERONEZ, 2005).

Como se vê, o autor põe em dúvida a sustentabilidade financeira do setor esportivo, no Brasil, no que pese toda uma retórica, alusiva a autonomia, que tem sido veiculada a partir de 1988, com a promulgação da última Constituição da República. Ele argumenta que a pretensa universalização do esporte como direito social não tem se viabilizado de fato. Aqui me chama a atenção a elaboração de um projeto reivindicatório eventual de recursos materiais, em Fortaleza, encaminhado pelos mentores da programação do *Dia B Municipal*, em 2006 (professores de basquete do setor privado, articulados com o gerente do programa *Esporte na comunidade*), sem que essa programação seja reeditada no ano seguinte. Esse fato me sugere a ingestão de recursos públicos como iniciativa isolada, em resposta à demanda pendente: precária estrutura

³⁴ Pesquisa de doutorado em Educação Física, realizada na Universidade de Campinas, localizada no site da Bi-blioteca Virtual da UNICAMP, ano 2008. <http://libdigi.unicamp.br>.

³⁵ Constituição Federal.

de equipamentos públicos de lazer. Demanda que se projeta, ainda, na fala do aluno da escola pública estadual no *Pólo Poliesportivo Beira Mar*, no *Dia B do basquete*. Este me revela que gostaria de jogar ali, mas sonha com a bola de basquete que não existe neste equipamento de lazer e ele não pode comprar.

Essas considerações ajudam a explicar, também, observações da minha pesquisa que vinculam o acesso de pessoas ao basquete como prática que tem sido vista, ao longo da história no Brasil, predominantemente, no setor privado, apesar das lutas cotidianas de segmentos interessados, cujas expectativas de promoção de desenvolvimento de tais práticas tentam romper com esse cenário.

A esse respeito, Pontes se refere à introdução do basquete em Fortaleza, no clube Náutico Atlético Cearense, como sendo um esporte que, na história local, emergiu em um dos clubes de maior prestígio social da cidade nos anos 1940. Nas palavras da autora,

O basquete, desde 1942 já constituía uma atividade de investimento do clube. Nesse ano, chegou a criar uma Liga interna a fim de melhor coordenar e desenvolver as atividades do esporte. No âmbito estadual, conquistou vários títulos envolvendo a categoria juvenil até a adulta. Em 1957, o clube alcançou destaque nessa área, fora do estado, quando alcançou o vice-campeonato do segundo Torneio de clubes Campeões do Nordeste, realizado em Natal no Rio Grande do Norte. Em 1959, venceu o primeiro campeonato nacional de uma equipe local, sagrando-se vice-campeão brasileiro juvenil de basquete masculino (PONTES, 2005: 230).

Nas décadas que seguiram o período do seu estudo (1950 a 1970), a autora diz que o Náutico consolidou, cada vez mais, suas atividades no campo esportivo, conquistando vários títulos locais e regionais. Diversos atletas desta agremiação foram convocados para integrar as seleções cearenses, em disputas de campeonatos brasileiros, em várias modalidades.

Na atualidade, a autora se referia, assim, ao fato de todos os clubes enfrentarem sérios problemas quanto à gestão de suas mega-estruturas. Como mecanismos de sobrevivência e de captação de recursos, alguns deles implementaram atividades alternativas como escolinhas de esporte abertas ao público, a exemplo de um dos grupos de estudo que acompanhei nesta pesquisa (Centro Esportivo Campainha, CEC). Pontes (2005) faz alusão, também, aos bailes semanais, pagos, direcionados principalmente ao público da chamada “melhor idade”, como no caso do então Clube dos Diários e do Círculo Militar de Fortaleza. Anualmente, por exemplo, acontece o baile *Branco Total* em clubes distintos. No Círculo Militar, semanalmente, há o baile *Dança Comigo*. Em outras palavras, com diz a autora, as demandas do mercado impuseram aos clubes a popularização. Ela se refere ao fato de os “clubes atraírem outros nichos de clientes”.

Reforçando a argumentação de Pontes, conforme explicitei na *Introdução*, lembro que, no BNB, a escolinha é aberta aos sócios e não-sócios. Essas mudanças na dinâmica histórica de Fortaleza têm repercussões também na ampliação do alcance do basquete, que vai ser

apropriado por outros espaços e públicos sociais, a exemplo da migração de jogadores de clubes para o *street ball* ou basquete de rua, conforme está explicitado no capítulo seis desta tese.³⁶

Discutindo a luta de esportistas visando à consolidação de práticas na sociedade brasileira no início do século XX, Normando (2003) admite que esportes como o futebol e o basquete se inseriam nos anseios de mudança de grupos sociais de maior status das cidades brasileiras. Na transição do século XIX ao XX, as metrópoles européias passaram a ser espelho para a cultura no Brasil. Para elites que copiavam esses jogos, o exercício de prática esportiva se associava a expectativas da vida social. Assim, a condição do ser moderno estava vinculada, por exemplo, à adesão de um grupo à prática do esporte como estilo de vida. Olhando a produção cultural de uma perspectiva dinâmica que caracteriza o relacionamento entre os grupos e distintas culturas, vê-se que alguns grupos culturais, do Brasil, copiavam um novo modelo de sociedade, dita moderna, o que, supostamente, significava a inserção do país no “mundo civilizado” (NORMANDO, 2003). Interpreto, assim, a incorporação do basquete pela sociedade brasileira como expressão de modernidade que se projeta através da adesão a esse jogo. De acordo com Weis (1996), o Brasil foi a primeira nação sul-americana a aderir ao jogo do basquete.

Segundo Normando, naquele momento, o jogo de bola envolvia jovens maravilhados com aquela prática esportiva que aliava ritmo a vibração, movimento e velocidade, de modo peculiar.

Simultaneamente, o autor se reporta a eventos esportivos, vistos por perspectivas diversas, observando-se certa polêmica entre detratores e defensores do esporte. As polêmicas saiam de espaços sociais informais e iam parar em jornais, destacados ambientes literários, enfim, travavam-se entre os mais respeitados intelectuais do período. Conseqüentemente, os jornais daquela época expressavam um redirecionamento que consideravam significante da inserção futebolística no cotidiano urbano, quando essa expressão criava modificações no estilo de vida de brasileiros, por sua inserção em variados segmentos.

Em torno das polêmicas sobre os significados do jogo para a vida em sociedade, Normando (2003) comunga com a idéia segundo a qual, na transição do século XIX para o século XX, havia controvérsias em que se envolviam, por exemplo, os jornalistas Coelho Neto e Lima Barreto. De um lado, o primeiro personagem acreditava no aprimoramento da mente e do corpo físico dos

36 Para compreender a história do basquete, partindo do âmbito local para o nacional, lembro que, conforme Gaudin (2007), em 1933, foi criada, no Rio de Janeiro, a Federação Brasileira de Basquetebol, efeito da cisão de clubes pluri-sportivos, na adoção da profissionalização de jogadores no futebol e, até o pós-guerra, em uma parte dos clubes de Rio de Janeiro e São Paulo, não existia a prática do basquete. Esse esporte foi trazido por expatriados americanos, dentre os quais Fred Brown, particularmente empreendedor, embaixador pelo clube Fluminense, um dos mais ricos da capital. Conta-se que Fred Brown integrou a primeira geração de treinadores brasileiros, entre 1933 e 1936. Ele não só foi treinador no clube do Fluminense, mas também treinou a equipe nacional. Atribui-se, ainda, a ele a implantação das bases de uma organização desse esporte numa escala do país. Foi graças ao seu trabalho que os clubes do Rio de Janeiro se tornaram, em 1941, uma entidade única, congregando todas essas agremiações. Segundo Gaudin, no Brasil esse jogo se pratica, principalmente, na região Sul e menos no âmbito nacional, ainda que haja vinte e sete federações filiadas à CBB (Confederação Brasileira de Basquetebol). Em 2009, das quinze equipes que compõem a Liga Nacional de Basquete, nove equipes vêm de São Paulo e as outras se distribuem entre os estados de Minas Gerais, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Rio Grande do Sul.

indivíduos, através de esportes como o futebol, em função de seu senso de coletividade, alegando que a ampliação dos espaços em que o futebol era jogado, facilitaria a intervenção no cotidiano de diversos grupos de trabalhadores, exaltando sentimentos nobres de “raças superiores” como *senso de disciplina, harmonia social, e amor á pátria*. Se, de um lado, este literato tentava usar o esporte para sustentar um argumento ideológico, de outra perspectiva, o escritor Lima Barreto, contra argumentava o chamado esporte bretão. Exercia a crítica ao discurso de “regeneração da raça”, e defendia que o futebol contribuía para a “desorganização do viver urbano” e alimentava rivalidades de grupos sociais, ao mesmo tempo em que ajudava a criar desarmonias e preconceitos.

A partir dos anos 1930, Normando (2003) lembra que o futebol no Brasil passava a ser instrumento de discurso político de distintas perspectivas, a exemplo do discurso nacionalista. Ele ilustra como o mito da “democracia racial”, da obra de Gilberto Freyre, na qual este sociólogo exaltava o elogio à mestiçagem, tomando o futebol como expressão que confirmava esse pressuposto, na medida em que, segundo Freyre, o futebol permitia a ascensão social do indivíduo com a bola nos pés. E, assim, ao longo da história, esportes como o futebol e o basquete podem servir à afirmação ou à negação de certos discursos. Segundo Normando, essas divergências eram potencializadas por posturas apaixonadas de defensores e detratores que não ficavam alheios ao enraizamento do futebol em urbes modernas; mas acredita que tais posições eram limitadas para dimensionar o significado social desse esporte (NORMANDO, 2003: 1, 2, 3, 4).

Tal discussão vai ao encontro da afirmação de Murad (1996), sociólogo e professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ); como estudioso desta temática, ele considera que o futebol pode apoiar crianças à beira da marginalidade, uma vez que, na sua concepção, os pequenos são atraídos pelo espírito lúdico do jogo, mas acabam assimilando noções socializantes de disciplina e de autoridade. O sociólogo menciona a existência de 50 mil escolinhas de futebol em todo o País e acredita que, se bem orientadas, esses estabelecimentos podem se tornar um poderoso instrumento de reintegração social. Um outro exemplo que sinaliza a relação entre a forma do jogo e a criação do *sentido de equipe* é a proposta de organização social responsável pela fundação do jogo de basquete na escola americana em Massachussets.

Tem-se, assim, uma análise apoiada na idéia segundo a qual, o esporte é concebido como um espaço capaz de produzir equipes consolidadas e que vão além do exercício do jogo. Portanto, segundo essa perspectiva, a prática do basquete, ancorada em todo um conjunto de regras, pode funcionar como um veículo eficaz para consolidar identidades sociais.

Por outro lado, há posições que contra-argumentam a tese de Murad que vê o esporte como mediador de conflitos, uma vez que, para os opositores dessa ideologia, a violência cotidiana observada, por exemplo, nas torcidas de futebol, é um fato que tende a negar a contribuição positiva do esporte como elo construtor ou responsável por ordenar e fortalecer laços sociais.

Convém lembrar aqui que a ciência pode contribuir para legitimar um senso comum, e ser apropriada por certas ideologias, ou teorias políticas. Exemplos dessa apropriação

é a crença que associa o jogo a um “fator inibidor de violência”. Ou a idéia propagada pela ideologia nazista de que “esporte não é prática feminina”. Assim, segundo essa perspectiva, as mulheres deveriam ser protegidas deste tipo de atividade. Sobre as reminiscências históricas dessa visão, recordo que Weis (1996), em estudo acerca da história do basquete entre descendentes de imigrantes alemães, no Sul do Brasil, constata ainda a crença que vincula a prática de esporte a “coisa de homem”.

Prosseguindo a abordagem sobre o movimento esportivo no contexto das várias nações e suas relações com as mediações e trocas culturais, na passagem do século XIX ao século XX, Weis (1996) considera que o basquete reforça laços afetivos e tradições culturais dos imigrantes alemães, em Santa Cruz do Sul. Segundo ele, associações esportivas, culturais, religiosas alemãs exercem, ali, relevante papel na criação de laços de amizade, no sentido de manter essa tradição no Brasil.

Esses esportes, aos poucos, foram sendo incorporados à cultura brasileira. Weis lembra a busca de manutenção de laços de afetividade, preservação da cultura e tradições alemãs, em sociedades de cunho esportivo e recreativo, criadas no Rio Grande do Sul, mais especificamente, em Santa Cruz do Sul (WEIS, 1996: 21, 22).

No seu trabalho, o autor ilustra a idéia de uma função social desempenhada por tal esporte, e afirma que na vida cotidiana dos moradores de Santa Cruz do Sul, em dias de clássico entre as equipes principais de basquete da cidade (Sociedade Ginástica X Corinthians Sport Club), o jogo virava a notícia predileta nas rodas de conversa, e elemento de diversão no quiosque da praça e em bares da cidade, manifestações que se estendiam até durante a semana posterior à disputa. Observavam-se até tabelas em postes e cestas improvisadas em latas, nas ruas da cidade. Na interpretação de Weis, a emoção era tão grande, que tais manifestações contribuíram para a construção do Ginásio Poliesportivo, pelo governo municipal (WEIS, 1996: 70).

Pelas considerações feitas neste estudo, em diferentes contextos históricos, a exemplo de diversas outras práticas esportivas, o basquete aparece como espaço de consolidação de relações afetivas construídas através de grupos de pertencimento a certas modalidades e, muitas vezes, pode afirmar a imagem política de nações³⁷. Ressalte-se que se trata de um esporte praticado por mais de cinquenta milhões de pessoas, do mundo inteiro, nos 212 países filiados à Federação Internacional de Basquetebol Amador (FIBA).³⁸ Assim, mesmo que não possa ser considerado um *esporte de massa*, mesmo sem aquela visibilidade desejada pelos seus adeptos, o basquete ocupa atualmente um lugar que vale a pena ser analisado sociologicamente (conforme o fazemos aqui), na medida em que esta pesquisa nos mostra, por exemplo, toda uma rede de interações sociais

37 Por exemplo, o comitê olímpico dos EUA, país que detém a supremacia do basquete mundial, comunicou à Confederação Brasileira de Basquete que não enviaria sua principal equipe aos jogos Pan Americanos de 2007, no Rio de Janeiro. Ao que parece, seria mais interessante para a nação norte-americana estar no torneio pré-olímpico, preparatório de jogos de repercussão e projeção internacional, no caso, as Olimpíadas Mundiais de 2008, em Pequim, fato que pode levar a uma maior afirmação política daquele país.

38 Segundo noticia a Sport TV, pelo menos a partir de estimativas oficiais feitas durante o Mundial de Basquete Feminino, em setembro de 2006, em São Paulo.

construída, seja pelos contatos diretos, entre grupos de participantes; seja através da comunicação impressa, nos jornais de grande circulação; por meio de matérias veiculadas nas emissoras de televisão e rádio, na Internet; ou através do diálogo cotidiano de pessoas nas ruas e praças e em locais de trabalho, bem como na esfera da vida doméstica, cotidianamente.

As competições esportivas que venho analisando aqui envolvem grupos, instituições, municípios, estados, nações. Há muitos símbolos associados à atividade tais como: desenhos, formas, cores de camisas e bandeiras (do time, do colégio ou outra instituição, do município, do estado, do país), enfim, em eventos coletivos como os que já mencionei, por exemplo, pode-se visualizar, em um mesmo tempo e espaço, uma profusão de imagens visuais e auditivas (os hinos, por exemplo), evocando, simultaneamente, identidades diversas. Exibidos, publicamente, tais símbolos desempenham papel na configuração do cenário, construção de identidades e constituição do espetáculo. Ajudam a mobilizar atletas, desportistas e também afirmações institucionais; divulgam programas políticos, auxiliam na promoção de patrocinadores, portanto, cenários que reportam a muitos significados representativos para os participantes, os quais constituem objeto de interesse da análise sociológica.

A inserção do basquete em Fortaleza

Contextualizando o esporte como prática cultural em Fortaleza, Pontes (2005) afirma que nos anos de 1900 alguns clubes futebolísticos foram criados. Em seu estudo acerca da importância de clubes no início do século XX, ao se referir à inserção dos esportes em Fortaleza, afirma que o futebol foi introduzido na cidade e em outros pontos do país, para os homens, e que, inicialmente, foi jogado por praticantes oriundos de um público mais favorecido economicamente. Segundo ela, equipes que ocupavam o lugar de destaque no conjunto de diversões masculinas competiam no campo do Prado (PONTES, 2005: 110).

Esta autora acrescenta que a rápida difusão que o esporte obteve neste período levou à inauguração do estádio municipal que depois veio a se chamar Presidente Vargas. Com o passar dos anos, outras modalidades esportivas, especialmente de amadores, apareceram, associadas a clubes sociais ou escolas. Conforme a autora, nesse contexto histórico específico, competições de basquete, vôlei e tênis sempre foram prerrogativas de pequena parcela de jovens inseridos em setores privilegiados da sociedade. Em particular, se refere ao clube Náutico Atlético Cearense como responsável pela introdução, no Ceará, nos anos 1940, de modalidades como o basquete e o vôlei masculino e feminino, para jovens e adultos, inclusive, atendendo a uma certa demanda de segmentos que passaram a se preocupar com exercícios corporais. Em 1943, afirma, esse clube organizou a Federação Cearense de Basquetebol (PONTES, 2005: 192).

Chamo a atenção, aqui, para dois aspectos, nesse processo de expansão do basquete, em Fortaleza. Em primeiro lugar, a entrada desse esporte, através de um dos clubes mais elegantes da capital do estado, à época, provavelmente, fortalecia valores culturais que associavam basquete

a uma prática de elite. Em segundo lugar, a existência de uma Federação – um órgão que congrega diversas unidades – poderia contribuir para a criação ou consolidação de novas identidades sociais. Esta perspectiva de explicação converge para a discussão de Gaudin, acerca da história do basquete e seu papel na construção de identidades, tecidas ao longo desse capítulo.

Sobre o esporte como elemento estratégico na educação, observa-se, ainda, no Ceará, a existência de parcerias feitas por grupos importantes, para trabalhar com crianças ditas *em situação de risco*. Como exemplos, cito: o projeto *Semear é preciso*, desenvolvido em parceria com a Polícia Militar, no vigésimo quinto Batalhão de Caçadores (23 BC), para se contrapor à violência na favela do Lagamar, em Fortaleza, e o livro *Cultivando a vida, desarmando violências* (2001), uma publicação lançada pela UNESCO, resultante de uma pesquisa, de mais de um ano, quando foram observados duzentos e vinte e dois institutos, e selecionadas trinta iniciativas inovadoras nas áreas de educação, cultura, esporte, lazer e cidadania, desenvolvidas em dez estados brasileiros³⁹.

No Brasil, onde se percebem práticas nas escolas, academias, ou em clubes recreativos nos quais as famílias matriculam os filhos, vêem-se projetos sociais organizados por atletas considerados bem sucedidos que resolvem por em prática iniciativas para treinar crianças. A esse respeito, destaco a criação do Centro Esportivo Campainha, ou Escolinha do BNB, idealizada pelo professor Campainha, uma parceria entre ele e o Clube. Conforme o seu depoimento,

(...) Eu tinha uma escolinha no Náutico, me ausentei e daí, pus a escolinha no ex-Gel do Meireles [colégio da iniciativa privada], na rua Moreira da Rocha; fiz contrato verbal, não judicial; me tiraram e vim para o BNB com o Centro Esportivo Campainha. O CEC é uma prática de iniciação ao basquetebol. Na escolinha, meu trabalho é que o aluno tenha condição de desenvolver o estudo dele dando seqüência a uma modalidade de esporte. Trabalhar a coordenação motora, domínio de bola e do corpo, os fundamentos do jogo de basquete propriamente dito: o passe, o arremesso o drible, a bandeja. A criança vai em busca do esporte, sonha com a modalidade (...) O objetivo do trabalho foi deixar a criança à vontade. Esperamos que ela tenha um sentimento pelo basquete, que dê seqüência, que leve a sério; o nosso objetivo é ver crianças desenvolvendo todas as aptidões, sem esquecer o estudo (Em entrevista concedida à autora, dezembro/2005).

Nesta fala, se vê o empenho do interlocutor em buscar apoios para viabilizar a prática do basquete junto às crianças; vislumbra, nesta iniciativa, a possibilidade de que os alunos se

39 Entre essas experiências, no Ceará, há também a EDISCA (Escola de Dança e Integração Social para Crianças e Adolescentes). A proposta desta entidade foi alvo de estudo de pesquisa para dissertação de mestrado em Sociologia, na UFC, de Freitas acerca da ressocialização de crianças e adolescentes na periferia, em Fortaleza. A mesma autora deu prosseguimento ao estudo, visando à elaboração de tese de doutorado (FREITAS, 2000: 2006). Naquela instituição, crianças residentes em favelas de Fortaleza aprendem balé clássico. A EDISCA pressupõe que essa experiência abrirá novas perspectivas para os “aprendizes da dança”, possibilitando-lhes ultrapassar os limites impostos por condições sócio-econômicas a que estão submetidas, nas suas famílias, recuperando, assim, a auto-estima perdida em meio às privações de meninas de famílias de baixa renda em Fortaleza.

desenvolvam em suas várias dimensões, incluindo também a realização de atividades em grupo, o que pode favorecer a imagem do jogo que vem consolidar ações em equipe.

Essas considerações que enfatizam o esporte como elo mediador de identidades sociais encontram reforço ainda nas palavras da jornalista Eleuda de Carvalho, que, em matéria sobre o “Carnaval da saudade”, do clube Náutico Atlético Cearense, referindo-se à origem dessa agremiação recreativa, afirma:

Esse clube, que foi criado em 1929 por 11 jovens comerciários e bancários, na antiga Praia Formosa, hoje Praia de Iracema, para ser um espaço voltado às práticas esportivas, acabou se transformando num dos mais tradicionais e elegantes de Fortaleza, destacando-se na Beira Mar por seu estilo arquitetônico, um castelinho com escadarias internas e amplas varandas, todo pintado de verde e branco (jornal O Povo, 10.02.07).

Esta pesquisa me possibilita dizer que, em relação ao BNB Clube, ocorre algo semelhante: a prática do esporte surge ali, em 1954, quase que paralelamente à fundação do próprio Banco, em 1952, conforme notícia veiculada em uma edição especial da *Revista do BNB*⁴⁰.

Conforme esse periódico, desde que foi idealizado, o BNB clube faz história no esporte. Um dos principais motivos para obter uma sede própria foi o desejo de ter espaço para desenvolver anseios esportivos e recreativos de funcionários do Banco. O clube foi fundado em 1954, época em que o primeiro time de futebol treinava em um campo alugado. Foi a primeira associação recreativa do Banco do Nordeste. Na inauguração de sua sede, foram convidados a participar de jogos comemorativos atletas das cidades em que existiam agências do Banco. Para os funcionários, era motivo de orgulho fazer parte de um seleto grupo; pessoas que trabalhavam em uma grande empresa e ao mesmo tempo podiam representá-la no esporte.

Caracterizando melhor o cenário esportivo local, vejo a emergência de personagens do “mundo do esporte” que vêm desses processos sociais de atividades realizadas em clubes ou escolas. Segundo a mesma revista, os egressos da prática de esporte nesse clube estão entre atletas profissionais, ou vão para a universidade de onde também provêm treinadores de modalidades esportivas ou professores de Educação Física⁴¹.

40 Revista do BNB, edição de ouro – BNB clube de Fortaleza 50 anos. Tradição em cultura e lazer, publicação histórica especial de 50 anos, edição única 2005.

41 Tony, o professor do CEFET, por exemplo, não é ex-atleta do Clube, mas é ex-atleta de basquete da escola pública na qual atualmente é treinador, tendo concluído o curso de Educação Física na Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Como destaques entre os egressos do BNB Clube, podemos citar dois exemplos: Shelda Bruno, atleta profissional do vôlei de praia, campeã cearense do Norte e Nordeste, e campeã brasileira. Saiu para o clube de Regatas do Brasil. Ganhou reconhecimento nacional e internacional no vôlei de praia. Oito vezes campeã do Circuito do Banco do Brasil; sete vezes campeã do Circuito Mundial e duas vezes vice-campeã olímpica. O outro é Roberto Lopes, que se sagrou bicampeão mundial de vôlei de praia; é bicampeão do Circuito Banco do Brasil-98; é medalha de bronze dos Jogos Pan-americanos-1999; campeão brasileiro, em 1999; vice-campeão brasileiro, em 2000 e 2001 e, atualmente, cursa faculdade de Educação Física.

No que se refere, pois, à história do esporte local, em relação a distintos momentos, é possível observar uma dinâmica da própria cidade e acompanhar, com o surgimento dos clubes sociais, todo um processo dentro do qual as opções de lazer vão surgindo ou se ampliando, para indivíduos e grupos de distintos lugares sociais, alcançando-os, de maneiras diferenciadas. Aí se inserem, como vimos, as práticas esportivas, segundo Pontes (2005). Nessa fase, as praias próximas à capital não haviam sido incorporadas à geografia do entretenimento. Optar por casas de campo ou serras, diz a autora, não era prática corrente. Mudanças históricas atuam no, âmbito do esporte em distintos contextos. Essas mudanças na oferta de opções de lazer contribuíram para a desativação de esportes, atualmente, na esfera dos clubes, já que na história local, estes perdem sua importância como um lugar de lazer, considerando que, entre as opções dessa esfera, o esporte já alcançou uma visibilidade bem maior.

Por esse raciocínio, professor Campainha diz enfrentar muitas dificuldades, em meio ao que chama de atual crise financeira na qual estariam envolvidos os clubes de Fortaleza, em face da ampliação de ofertas de lazer que afasta sócios e empobrece os clubes. Sobre as dificuldades que atingem o basquete profissional, este professor afirma:

Tento passar para eles [refere-se aos seus alunos da escolinha] que, antes de ser um profissional de basquete, eu vivo do basquete, mas, espero que eles não vivam. Pois é uma dificuldade muito grande, especialmente no Ceará. Associados pouco freqüentam os clubes que são falidos. Mesmo no futebol. Fortaleza é, hoje, uma cidade com n diversões. Há opções de lazer entre praias e serras. Sócios se afastam do clube. O clube do Fortaleza, por exemplo, é quatro vezes campeão cearense, campeão do torneio Roberto Patrick, bi campeão do Nordeste, 3º e 4º lugar no Brasil, quase se classifica para a Liga Nacional e, há quatro anos, não participa da Liga Nordeste. Tô numa dificuldade grande de participar no Torneio em São Luís e Caruaru (trecho de entrevista concedida à autora, novembro/2005, BNB).

Este depoimento do professor Campainha vai ao encontro do relato de professor Tony, o qual faz referências às condições objetivas de seu trabalho, ao revelar a falta de recursos ou de estrutura do basquete local, em entrevista que me foi concedida, em 08.06.06, por ocasião da sexta Copa CEFET-Ce. Além do que os jornais mostram, portanto, a pesquisa identifica menções a estas dificuldades que são reforçadas por relatos e observações de campo, como se vê também na ocorrência da programação municipal o dia B Municipal do Basquetebol. De acordo com depoimento de professor Moreira, do colégio Batista, a briga dos dirigentes prejudica os profissionais e adeptos do basquete local. A crítica aparece, ainda, na revelação feita por Benjamim, atleta veterano homenageado durante esta programação municipal.

A seguir, destaco o depoimento de Tony, o professor Clautistony Pereira do Carmo, do CEFET-CE, que, se referindo à sua trajetória, também se reporta a dificuldades, ao vivenciar o basquete em Fortaleza, como estudante e como profissional:

(...) Joguei muito pouco basquete; estudei em escola pública, joguei de 14 a 17 anos. Com 18 / 19, eu já era técnico da escola pública e fazia a Universidade de Fortaleza que, se não me engano, surgiu em 1971. Foi a primeira que surgiu. A UNIFOR já abriu com o curso de Educação Física. Minha formação como jogador de basquete foi pouca, até porque, aqui, com 17 anos, o jogador já não tem incentivo. Há as competições da escola, não há competição além delas, pela própria estrutura do basquete. A Federação Cearense de Basquete é a maior confusão, não apóia a competição, acaba-se o atleta aos 17 anos. Se houver 600 atletas, não competem; um vai pra uma universidade, o outro pra outra... Nos Jogos Universitários Cearenses (JUCS), se perder um jogo, saiu, da competição. Treino há 20 anos na escola pública (Professor Tony, em entrevista concedida à autora, em junho de 2006).

Para possibilitar ao leitor uma compreensão mais clara do cenário local do basquete, embora não seja esse o foco da investigação, ressalto que a confusão a que o professor Tony se refere pode ser ilustrada a partir de lutas atuais entre a Federação Cearense de Basquete e outros grupos sociais, conforme noticiadas em matéria do jornal *O Povo*, em 18.01.05⁴².

Nesta mesma edição do jornal *O Povo*, lê-se que o SINDICLUBES⁴³, entidade representativa dos clubes de Fortaleza, solicita na justiça direito de voto aos clubes impedidos, pela Federação Cearense de Basquete, de participar de eleições para sua presidência. Esse conflito foi desencadeado quando o SINDICLUBES reivindicou a sua participação em eleições da Federação, e esta lhe negou a demanda, sob o argumento de que os clubes não haviam estado em competições de 2004. Os clubes alegam que a Federação promoveu competições só para as agremiações do interior. Em 28.01.05, o jornal *O Povo* chamava a atenção para esse conflito, assim: “Sindoclubes compra a briga”. O periódico se referia a uma ação impetrada pelo Sindoclubes, reivindicando que os clubes sociais de Fortaleza tenham direito a voto nas eleições para presidente da Federação Cearense de Basquete (FCB), na cidade de Quixeré, e a ação também pedia intervenção na entidade.

O cenário do basquete em Fortaleza nos dias de hoje

Sobre a prática do basquete em Fortaleza, atualmente, conforme referido antes, tenho acompanhado grupos orientados pelos professores Campainha e Tony.

Conforme pude observar, e ouvir, ao longo desta pesquisa, além de treinar várias equipes, de instituições diversas, Osvaldo Venerando da Graça Júnior, conhecido como Cam-

42 No Ceará, existe a FECECO (Federação Cearense de Esportes Colegiais), ACOB (Associação de Oficiais de Basquete). Esta última coordena atividades de competições intercolegiais, enquanto a FCB (Federação Cearense de Basquetebol) atua no controle das competições realizadas no âmbito profissional, envolvendo os clubes.

43 Sindicato dos Clubes Sociais do Estado do Ceará, integrado pelos clubes: AABB (Associação Atlética do Banco do Brasil); BNB clube (do Banco do Nordeste do Brasil); Círculo Militar, Ideal clube e Náutico Atlético Cearense, todos situados em Fortaleza. E também a Associação Desportiva de Educação Juvenil e o Centro Esportivo Campainha.

painha é um incansável lutador, na busca de patrocínio para os eventos; organiza festas e movimentos benficiares, etc. Este personagem conta que herdou o apelido do pai, um jogador de basquete amador que, por sua alta estatura e por fazer muito barulho, passou a ser chamado assim por seus amigos, no bairro Riachuelo, do Rio de Janeiro, onde se localizava o *Riachuelo Tênis Clube*. Nesta agremiação, o professor Campainha iniciou seu ofício como jogador de basquete. A seguir,vê-se trecho de um depoimento no qual fala de sua trajetória:

(...) o basquete é onde conquistei tudo o que tenho, o pouco que tenho. Os meus amigos, minha saúde, as cidades que conheci. O basquete é tudo. Comecei a jogar, de 11 a 12 anos, no Riachuelo Tênis Clube, no bairro Riachuelo, do Rio de Janeiro, bairro que se localiza entre o Meier e o Maracanã. Depois, em 76, fui pra São Paulo; de São Paulo, vim pra Fortaleza; de Fortaleza, voltei pra mesma cidade de Rio Claro-São Paulo; de lá, de São Paulo, fui para o Paraná – Cascavel, Paranaguá, Curitiba... Em 1989, returnei a Fortaleza e parei de jogar. Vim inicialmente para o FRIFORT (Frigorífico de Fortaleza); depois, fui para o Círculo Militar. Desde 2000, sou técnico da categoria adulto, do FEC (Fortaleza Esporte Clube). Sou coordenador técnico de categorias de base infanto-juvenil. Trabalho no Colégio Marista e Maria Ester 2; tenho parceria com o BNB no Centro Esportivo Campainha (entrevista concedida à autora, em dezembro de 2005, no BNB clube de Fortaleza).

Além de retratar a trajetória profissional, este depoimento traduz o envolvimento afetivo do professor com o basquete, que se inicia, ainda, no grupo familiar, quando ele revela como foi se fazendo jogador, a partir das ligações com o pai. A paixão pelo basquete é o que o move no seu deslocamento incessante por tantos lugares, proporcionando-lhe a ampliação de experiências em função da convivência com as diversas regiões que percorreu, ampliação de redes de amizades, além de uma atividade cuja prática lhe assegurou saúde e qualidade de vida; portanto, o adepto atribui ao jogo dimensões que extrapolam em muito o âmbito de uma prática esportiva. Citando-o, vou demonstrando como se relaciona a forma do basquete e o desenvolvimento das relações entre indivíduos em equipe, aspecto para o qual chamo atenção ao longo dessa investigação.

Por sua vez, o professor Tony, de várias escolas públicas, incluindo o CEFET, também é técnico do colégio Santa Cecília (setor privado). Ele diz que, na escola, o treino de basquete corresponde à aula de Educação Física e afirma ter controle de freqüência e notas. Diz, ainda, que, no CEFET, os jogadores iniciam no nível médio e que só há iniciação ao basquete oficial nas organizações privadas particulares. O treino é misto com meninas e meninos, até o nível médio; depois é que se param.

Com base em registros que fiz ao longo desta pesquisa, quer como resultado da observação de atividades dos *basqueteiros*, em treinos, jogos ou outras ações às quais se vinculam; quer pelo acesso que tenho tido a matérias veiculadas pela imprensa, e, ainda, através de

conversas informais e entrevistas dirigidas, aqui já referidas, com os técnicos e também com os alunos, ou a partir de imagens fotográficas desses cenários, posso afirmar que, em Fortaleza, o basquete amador está presente em escolas dos setores público e privado, quase sempre em contexto de aulas de Educação Física, configurando-se, no caso, como prática curricular alternativa. Percebo, igualmente, que essa modalidade esportiva tem adquirido maior visibilidade, por intermédio da participação dos times em campeonatos intercolegiais.



Foto 5 – Esta é mais uma entidade que identifico na pesquisa. A equipe da escola privada Santa Cecília.

Nesta imagem, as atletas celebram, reunidas, a conquista da medalha de prata, por ocasião da competição *Interdamas*, em Pernambuco, em 2004. Aqui, me vem a evocação de uma identidade construída no processo de relações que possibilitou o fortalecimento de vivências por parte desta equipe, que representa, como vimos, uma agremiação privada do âmbito educacional.

Um outro espaço no qual floresce o basquete é aquele dos clubes recreativos, entre os quais cito a já mencionada Escolinha do BNB Clube. Ali, meninos e meninas, de faixas etárias de onze a quatorze, ou até dezessete anos, jogam juntos. Há, igualmente, o exemplo do Círculo Militar que, além de manter a escolinha, também reúne os jogadores que compõem a seleção cearense, treinada pelo professor Dannyel Russo. Vê-se, ainda, que nos clubes em que o jogo é tratado profissionalmente, como em clubes de futebol, o basquete depende da ajuda de

patrocinadores, cuja intervenção se associa à promoção de competições por iniciativa da FCB (Federação Cearense de Basquete), que não tem organizado eventos desde 2003, fato que afasta a chance de acesso a patrocínios pelos competidores.



Foto 6 – A Festa dos *Amigos do basquete*, em 19 de dezembro de 2006. Em cena, o professor Campainha e sua escolinha.

Esta imagem evoca o basquete como produção cultural, que extrapola o sentido de prática esportiva. Nesse jogo amistoso, os *Amigos do basquete* se confraternizam e revivem a solidariedade em reverência à memória da tradição religiosa do Natal, atualizada a cada ano. O professor Campainha, juntamente com seus *Amigos do basquete*, tem buscado o apoio de outras organizações sociais, a exemplo do Clube, dos meios de comunicação, desde o ano 2000, para tentar reviver essa memória que, transcendendo a história, nos faz viajar de volta às origens do basquete em Massachussets, quando o jogo passou a existir, tendo sido fundado, como vimos, por iniciativa de uma Associação cristã, cuja iniciativa tentava desenvolver também o sentido de *trabalho de grupo*, princípio fundamental também para a organização do trabalho em empresas na sociedade contemporânea.

Caracterizando o lugar ocupado pelo basquete em Fortaleza atualmente, ressalte-se que a prática desse jogo amador não tem apoios de recursos materiais, de parcerias de outras entidades. Associa-se, principalmente a uma parcela populacional que pode arcar com seus custos.

Acerca dessas relações do jogo e de investimentos, o estudo de Pontes (2005) mostra que no período de 1950 a 70, em Fortaleza, o vôlei e o basquete eram práticas associadas a grupos de maior poder aquisitivo. Ao tomar conhecimento do estudo de Weis (1996), pude constatar que o basquete amador requer o acesso a um material para sua viabilização como objetos de uso individual, cuja aquisição é de responsabilidade do jogador. Encontro um exemplo disto no depoimento do professor Tony, da escola pública, ao revelar que, tanto na escola pública como na escola privada em que ensina (respectivamente, CEFET e colégio Santa Cecília), quem arca com o material é o indivíduo e não a agremiação. Ao comentar o preço da *basquetearia*, que custa em torno de trezentos reais, o professor disse que “o basquete ainda é elitizado”. As condições materiais observadas no contexto local se verificam também em outras regiões do país, conforme Weis:

Quantitativamente era fraca a participação do negro nessa modalidade. O fator socioeconômico também é importante. Como o basquete era uma modalidade esportiva amadora, dessa forma os jogadores tinham de pagar despesas de fardamento para o treinamento (calção, camisetas, meias tênis, além de despesas de viagens, passagem e alimentação) tornou-se uma modalidade inacessível para a maioria (1996: 118).

A profissionalização é uma dimensão da prática que requer um grande esforço dos envolvidos junto às empresas para superar dificuldades. O Corinthians Sport Club, segundo Weis (1996), conseguiu levar em frente um projeto graças à aliança celebrada em 1990 com a empresa Arcal. Outros patrocinadores surgiram, a partir de 1992, todos eles com o mesmo objetivo de veicular seus nomes na grande mídia esportiva. No caso, as empresas patrocinadoras oferecem todo o aporte financeiro para a contratação e a manutenção dos jogadores, enquanto, ao *Corinthians Sport Club*, cabe veicular e projetar os produtos do patrocinador.

Acerca de recursos materiais obtidos pelo basquete profissional, no contexto local, observei, por exemplo, a participação da equipe do Fortaleza Esporte Clube, na Copa Nordeste 2005, com *eventuais* recursos da empresa de ônibus, Expresso Guanabara. Chamo atenção, com a expressão “eventuais recursos”, para a descontinuidade de investimentos constatada no cenário do basquete. Por ocasião desta pesquisa, acompanhei a conquista desse torneio, por parte da equipe do Fortaleza, que, naquele momento, tinha como técnico o professor Campainha. Este foi entrevistado pela TV Jangadeiro, no BNB clube, por ocasião do treino da escolinha, fato também noticiado pelo jornal *O Povo*, de grande circulação em Fortaleza, em 14.12.05.

Na escola pública pesquisada, pude captar, com base em depoimentos e observações, que o jogo é realizado com as alunas que vêm, principalmente, da escola privada. Das dez

atletas que formam a equipe do CEFET, pelo menos oito procediam da escola privada, o que me diz que o processo de ensino / aprendizagem do basquete parece se desenvolver, especialmente, nesse setor. Conforme revela Professor Tony, em entrevista, a iniciação ao basquete oficial só existe no setor privado.

Ao se referir à procedência de alunos na escolinha do BNB, o professor Campainha também falou sobre seus alunos cujo poder aquisitivo, enfatiza, está entre médio e alto. Os coordenadores da atividade *do Dia B Municipal* vêm, dos clubes e escolas privadas, com seus grupos. Foi o que pude observar, com aqueles com os quais contatei, por exemplo: professores e atletas do colégio Batista (professor Moreira e seu grupo); colégio Christus (professor Bolívar e seus jogadores) e do Clube Círculo Militar (professor Dannyel e sua escolinha).

Concluída essa contextualização do problema desta investigação, apresento, a seguir, o capítulo alusivo à performance, que trata do processo de jogos e treinos que permitem ao leitor a compreensão da forma através da qual o basquete é jogado.

CAPÍTULO 4

EU VOU MOSTRAR A VOCÊS COMO SE JOGA BASQUETE

1. Uma introdução à dinâmica do basquete

Observando situações do desenrolar do basquete, elaboro no momento uma descrição de um treino desse jogo que traz elementos à compreensão de sua dinâmica. Inspiro-me em Connerton para explicar a performance do basquete. Segundo este autor, ao cultivarmos um hábito, é o corpo que apreende a informação. Seu raciocínio me ajuda a relacionar tal idéia à prática do basquete. Tratando da participação de indivíduos em certos rituais, afirma:

(...) a execução adequada dos movimentos contidos no repertório do grupo não só recorda aos atores os sistemas de classificação que o grupo considera importantes, como exige também o exercício da memória hábito. nas representações, as classificações e máximas explícitas tendem a ser tomadas como certas, na medida em que forem recordadas como hábitos; na verdade, é precisamente porque aquilo que foi representado é algo a que os atores estão habituados que o conteúdo cognitivo daquilo que o grupo recorda em comum, exerce uma força tão persuasiva e persistente (CONNERTON, 1999: 101).

Essa capacidade do indivíduo aliar a memória cognitiva à memória de hábito, associando o conhecimento de uma prática à experiência vivida, ajuda-me a compreender o desempenho dos atletas no jogo de basquete. Se tomo como ponto de partida a situação de bater a bola ou, na linguagem do basquete, “quicar a bola”, observo que o jogador se posiciona com os joelhos flexionados, mantendo o tronco e a cabeça erguidos, com uma postura corporal (incorporada como hábito) correspondente ao enunciado segundo o qual, no jogo de basquete se encara a disputa de frente, para que seja possível o jogador ler o jogo do adversário, mantendo-se, ao mesmo tempo, atento ao jogo de seu próprio grupo. Isto significa, por exemplo, prever quem poderá lhe tomar a bola e saber para quem deve passá-la.

O enunciado dessa estratégia de jogo é transmitido de geração a geração, e praticado em quadra. Na quadra, o *drible* pode ser encenado, de modo que, no momento em que um jogador vai ultrapassar o outro, faz um giro de corpo, batendo a bola com a mão contrária à que vinha batendo, ao trocar a bola de uma mão para a outra, com o fim de evitar que ela lhe seja tomada pelo adversário.

No caso em estudo, para mim, essa noção de memória da aquisição da informação atrelada à memória da experiência vivida me ajuda a entender as estratégias desenvolvidas por aqueles que transmitem a memória do jogo de basquete, isto é, os meus entrevistados. Essas

estratégias produzem dimensões de sociabilidade, oriundas do sentimento de pertença, gestado na construção de identidade de certos grupos.

Uma estratégia em que é visível a função reguladora da iniciativa individual, no jogo, é a marcação individual exercida pelo jogador-defensor sobre o jogador-adversário; aqui, o professor, lembra, sempre ao aluno que cada jogador deve marcar individualmente. No entanto, no momento em que o adversário pressiona no ataque, a orientação é para esquecer que a pessoa do adversário existe. A esse respeito, Tony enfatiza: “sob pressão, esqueça que ele existe, olhe só para a bola! A marcação é na bola!”. Com este ensinamento, quer evitar o confronto corpo a corpo, do aluno com o adversário, pois, conforme referido anteriormente, esse confronto individual é também um ponto do conflito; acarreta falta contra a equipe adversária que ganha lances livres e pontos a seu favor, situação que prejudica a equipe do jogador que violou a regra.

Com base nessas observações, é possível lembrar o fato de que, mesmo os jogos sendo regidos por ações que propõem normas racionais e impessoais para seu desempenho, o contexto de jogo pode gerar conflitos, bem como laços afetivos, a ponto de atletas estarem no grupo por terem sido bem recebidos; por se sentirem aceitos no mesmo, pela chance de criação de vínculos, conforme mencionam jogadores de uma das equipes pesquisadas, aspecto que vol-tarei a tratar na seqüência do texto.

Focalizando, agora, a forma do jogo, podemos dizer que sua dinâmica traduz o desenrolar da prática a partir da encenação de situações através das quais os adeptos expressam como o basquete é jogado. O *senso de equipe* leva, por exemplo, o professor Campainha a enfatizar a importância de “uma equipe homogênea, porque, mesmo que haja destaques individuais, outros jogadores trabalham para que o jogador apareça”. A descrição da performance se refere ao jogo *amistoso*, ao jogo oficial e aos treinos.

Os orientadores de equipes se referem à necessidade de atuação individual, sempre associada a parâmetros que orientam *o jogo coletivo*, não só por discurso, mas, por meio da encenação, instruindo cada jogador para: pegar rebote; exercitar-se com velocidade, acompanhar o parceiro; ajudar a equipe através da articulação de jogadas; ter *visão de conjunto*; “passar a bola ao companheiro”, lembrando, sempre, que “basquete se joga com tronco e cabeça erguidos”, o que possibilita ao jogador enxergar aquele a quem passar a bola ou de quem a receberá, ou, ainda, quem poderá lhe roubá-la.

O técnico adverte, assim, o jogador, constantemente, a se ver no cenário do jogo *como parte de um corpo social*, que atua através de funções inter-relacionadas, definidoras de uma dinâmica grupal: *um, pivô, dois armadores e duas alas*. Enquanto no *handball*, por exemplo, o atleta se movimenta com a bola, no basquete, em qualquer que seja a situação em quadra, é proibido ao jogador se locomover com a bola nas mãos, movendo o pé de apoio. Esta estratégia exige a constante articulação do *indivíduo* com o outro jogador da *equipe*. Se mexer o pé de apoio, a bola fica com o adversário.



Foto 7 – Orientação da equipe por Tony, em intervalo de jogo.

Nesse sentido, é importante registrar que o treino na Escolinha estudada é realizado semanalmente em dois dias alternados, terça e quinta-feira. À época desta pesquisa, essa atividade se iniciava às dezessete e trinta horas e tinha duração formal de uma hora. Começava com o grupo realizando exercícios físicos, saltitando, corrida com parada, com corrida lateral, em dois tempos, polichinelo, abdominais, aquecimento. Em seguida, o técnico entrega às atletas a bola, tentando *afirmar sua autoridade*, e são formados grupos de três pessoas, fileiras ou duplas para se exercitarem na quadra.

O basquete é um jogo em que se sobressai o aspecto do jogador protagonista estar sempre articulado a um jogador-ator coadjuvante em cena, conforme me disse um deles: “No basquete, o atleta não faz nada sozinho. No pólo aquático ou no futebol, ainda há jogada individual, mas no basquete não. O atleta não faz nada sozinho”. Assim, os exercícios adotados no treino estão todos respaldados em formas de agrupamento e todos os enunciados de sua aprendizagem são seguidos da encenação da prática. Ora juntam-se duas alunas, ora um exercício reúne três, ou, ainda, uma fileira; são variações de agrupamento, adotadas pelo técnico, para quem “o basquete é um jogo *coletivo* e não se pode vencer só. É uma troca”.

Aqui, a fala e a própria encenação do técnico na quadra, quanto à disposição de alunas em grupo, para praticarem exercícios que compõem o treino revelam o significado que este orientador atribui ao jogo. Em cena, alunas ao passarem a bola têm gestos apropriados ao momento da disputa. Observam-se, assim, traços diacríticos desse grupo, através da linguagem com a qual os jogadores se expressam.

Em um dos exercícios feitos na Escola, colocavam-se duas fileiras de alunas no centro da quadra, e elas iam batendo a bola, até chegar na entrada do *garrafão*, para fazerem a bandeja e arremessar e converter, ou não, a cesta. De acordo com as regras, caso essa bola não vá para a cesta, ao cair, a atleta do *fundo de quadra* pega o rebote. Um outro exercício consiste em, por duas fileiras com posicionamento no centro da quadra, ficando duas duplas de cada lado, no *fundo da quadra*, até que, uma a uma, cada atleta da fila vem *quicando* a bola, passa para a que está no *fundo da quadra*, que lhe devolve e ela entra *de bandeja*, para tentar converter a cesta. Passa, então, para o lado oposto, e a que também veio da fileira oposta, *quicando* até passar para sua parceira do fundo da quadra, que lha entrega de volta, para ela tentar converter, passa para o lado oposto. Fileiras são formadas nas laterais da direita e da esquerda da cesta. A atleta que está de um lado passa para a fileira do outro lado e vão, assim, se alternando.

Ainda um outro exercício é: de três em três, as jogadoras iniciam o treino com uma atleta posicionada no centro, que passa a bola para uma outra, que está à direita; esta passa para quem está à esquerda, que, por sua vez, passa para quem está no centro. Com esta estratégia de treino, vão se aproximando da cesta, até que aquela aluna mais bem posicionada arremessa. A disposição das atletas e a encenação de exercícios durante o treino revelam traços da sociabilidade vivenciada pelas *basqueteiras*. O exercitar da técnica de *passe de bola* ou da *bandeja* implica, ainda, praticar interações humanas definidas a partir de regras, fundamentos básicos destinados a regular a performance de indivíduos envolvidos no jogo, nesse caso, impessoais, conforme a descrição de regulamento do jogo que apresento na *Introdução* desta tese.



Foto 8 – Cena da defesa, com ênfase na marcação do ataque, por ocasião da partida disputada entre CEFET-CE X Lourenço Filho, na estréia dessas equipes na copa CEFET em 2006.

Na convivência, um jogador é levado a reverenciar o lugar do outro, e reconhecer o limite na relação com este. Um exemplo é o exercício de defesa: o jogador marca o adversário, acompanhando-o com o movimento do próprio corpo, tentando lhe atrapalhar a visão, caso o mesmo tente passar a bola ou arremessá-la; ou impedir sua passagem por laterais, arrodeando-o com pernas flexionadas e braços abertos, às vezes erguidos em gesticulação constante; ao mesmo tempo, sem experimentar o embate corporal, pois, conforme enfatizado em outras passagens deste trabalho, aqui é impensável a tolerância com algum movimento que atinja o adversário. A *falta de ataque* também inibe o abuso do jogo individual. Esta ocorre quando um jogador de defesa, estrategicamente, se interpõe entre a cesta e o adversário, *dando o corpo* ao atacante. Ao ser atropelado por aquele que conduz a bola, é assinalada pela arbitragem a *falta de ataque*.

Em caso de falta intencional, como já foi dito, a equipe prejudicada é duplamente premiada: ganha não só lance livre como também posse de bola. Numa partida entre as equipes do CEFET e colégio Santa Cecília, por ocasião da *Copa CEFET 2006*, Tony interveio sapateando na borda da quadra:

(...) Tá ouvindo! Solta a bola! O atleta tava sozinho, joga no pivô! Fecha lateral, volta! Tem de segurar a bola! Pega a bola e quer correr... Tá vendo aí... No pivô, boa bola! Sem falta! Sem falta! (Apela) Calma! Calma! Pra dentro! No meio! Calma! Sob pressão, esquece o jogador, vai na bola! a marcação é na bola! Ah meu Deus do céu!

Também eram expressões do professor, quando a equipe atacava: “o outro tá sozinho lá!”. Chamava atenção para o jogo em equipe, ou seja, para a *cooperação mútua*, discorria do jogo em que o atleta queria correr e passar. Assim, quando o aluno recuperava a bola, exclamava: “trabalha a bola! Mexe a bola!”. Falava para o grupo se articular de volta à defesa, após perder a bola no ataque: “volta à defesa! Finta!”.

Com tais intervenções, o técnico tinha o intuito de educar os jogadores para a prática de um o jogo articulado, enfatizando o *espírito de equipe*, até mesmo quando se inquietava porque a aluna queria sair driblando, sem saber, quando deveria se voltar para a colega, que desmarcada, podia ter recebido o passe. Ou seja, toda a dinâmica do jogo acenava para a idéia de que *quem ganha o jogo é a equipe*, princípio que ordena a forma de jogar basquete.



Foto 9 – Marcação de ataque.

Cena em que a jogadora espanhola marca a adversária brasileira, durante uma disputa pela vaga nas Olimpíadas Mundiais. Esta disputa se dá, por ocasião do Pré-olímpico Mundial, em Madri, maio de 2008. Observa-se o acompanhamento da adversária sem que o corpo da atleta da marcação vá ao encontro do corpo opositor. Nesse jogo a eficácia defensiva da equipe assegurou a vitória brasileira com placar de 71 a 68 pontos.



Foto 10 – Outra vez, marcação de ataque.

Nesta foto, mais uma ilustração de como se dá a sociabilidade no basquete: a jogadora espanhola, que marca a brasileira Iziane, se conduz de modo a respeitar o lugar da sua opositora no ataque. Iziane tenta finalizar a cesta, enquanto sua opositora a acompanha atenta na marcação da jogada, sem, no entanto, sequer encostar-se na atacante que vai para a cesta. A marcadora sabe que se empurrar ou puxar sua camiseta, Iziane ganhará lance livre para o Brasil, com grandes chances de converter os dois pontos. De acordo com regras do basquete, aqui só resta à marcadora, se conduzir de modo a apostar no erro da opositora ou impedir a cesta com a *tapinha* ou o chamado *tôco na bola*. Observe-se, na foto, a distância corporal que as adversárias mantêm, entre si, no momento de finalização da jogada.

A respeito do *sentido de equipe* encontrei analogia, ainda, entre os registros da dinâmica de funcionamento dos grupos por mim pesquisados e o estudo de Wacquant acerca da construção do grupo de boxeadores em Chicago. O olhar dos professores Tony e Campainha – que concebem o basquete como disputa que não se vence só, mas como uma atividade ordenada, tendo como âncora a troca de experiências – converge para a afirmação deste autor que, tomando a academia de boxe como universo de sua descrição etnográfica, considera-a um “escudo protetor” contra as tentações e os riscos da rua. Para ele, a academia de boxe não é apenas o local de exercício rigoroso do corpo. E, apoiando-se em Simmel, define aquele espaço como “de sociabilidade”. Refere-se a processos de interação social que têm seu fim neles mesmos. Segundo Wacquant, ali, tais processos ocorrem na medida em que os membros do clube devem deixar na porta todos os status, os problemas que eles têm lá fora nos registros do trabalho, da família, e do coração. Tudo se verifica como se um pacto de não-agressão governasse as relações interpessoais e excluísse da conversa todo tema sério, capaz de atentar contra essa “forma lúdica de socialização”. É aí que se desenvolvem as trocas cotidianas (WACQUANT, 2002: 55).

Assim, encontro uma espécie de sintonia entre essa concepção de Wacquant e a interpretação que faço do “mundo do basquete”, tomando as falas e procedimentos de encenação do jogo, adotados pelos professores Tony e Campainha, que fortalecem a idéia de uma prática esportiva ancorada no princípio segundo o qual, na disputa se prioriza uma disciplina que busca ordenar e favorecer as trocas interpessoais e o reconhecimento de valores culturais tais como a sobreposição do *espírito de equipe* que rege esse jogo, cuja produção é vista como uma condição imprescindível para viabilizar a disputa entre os *basqueteiros*, buscando se preservar, deste modo, interações nas quais se confrontam combatentes e opositores.

2. A disputa do rebote



Foto 11 – Essa é uma estratégia que enfatiza *o jogo em conjunto*.

Aqui, a jogada traduz um momento da partida em que os jogadores de ambas as equipes disputam uma eventual posse de bola, após esta ser arremessada; e há disputa do rebote defensivo e ofensivo. Aqui, há um conflito entre as partes, cada uma querendo ganhar a posse de bola e rearticular o jogo de sua equipe. Neste jogo entre as equipes CEFET-CE X CEFET-PA, durante o EDCENNE-2005, em Teresina, a equipe do Ceará estreava na competição. Em um dado momento do jogo, o professor queria que o jogador partilhasse, buscassem articular

jogadas com a equipe. Ele falava: “Calma! Começa o jogo!”; Tony chamava o jogador para se posicionar: “Embaixo! Usa a tabela!” Alertava o jogador que subia com a bola para converter a cesta. No “mundo do basquete”, o *bom jogador* é aquele que se concentra ao mirar o quadrado da tabela. Tony apelava para os jogadores atacarem, dizendo: “vamo pontuar, vamo meter as bolas! Passam dez anos para uma cesta! Se tivesse passado a bola, tinha três pares! Sai driblando sem saber...”.

Ao desencorajar o jogo individual, naquela situação, a atitude do professor como que referendava a opinião de uma das minhas interlocutoras, por ocasião da pesquisa, ao comentar um episódio da seleção brasileira de basquete feminino, envolvendo o corte da jogadora Iziane, pelo técnico Paulo Bassul,⁴⁴ que alegara indisciplina da atleta (desobedecendo a uma ordem do técnico, ela não voltou à quadra). Segundo a entrevistada, “o professor Tony é igual ao Paulo Bassul: não gosta de estrelas”. E sobre a indisciplina de jogadoras, me confirmou que se um jogador comete três faltas, em uma partida, o professor já o deixa no banco, para que sua indisciplina não prejudique a equipe”. Ela deixou claro que o professor Tony sempre desencorajou o jogo individual, por entender que “as estrelas não ajudam a equipe ganhar”, uma vez que o jogador faltoso é alvo de provocações do opositor, que *cava*⁴⁵ as faltas, procedimento que resulta na redução de chances do grupo que abusou de força física, conquistar a disputa.

Mais um depoimento de um atleta reforça o desencorajamento da jogada individual faltosa no basquete. Refiro-me ao caso de um jogador atacante sofrer a falta. Esse ato pode resultar em até seis pontos de vantagem para sua equipe, uma vez que o atacante ao sofrer a falta, mesmo interceptado, pode *converter a cesta*⁴⁶ de dois pontos. Por isso valem os pontos da cesta convertida. Após o apito do juiz assinalando falta, o atacante tem dois lances livres a seu favor que poderão ser convertidos. Caso o jogador faltoso reclame do juiz, este marca outra falta técnica que resulta em mais dois lances, possivelmente, convertidos. Além disso, o jogador que abusa da falta, perde sua reputação no grupo. Não é bem vindo, por prejudicar a equipe, e às vezes, é substituído, pois esse procedimento, no entendimento do técnico prejudica seus companheiros.

Explicando essas relações observadas na dinâmica do basquete inspiro-me no pensamento de Baley (1971). Conforme esse autor, ser socialmente aceito vem em consequência de “como jogar o jogo social”, de como vencê-lo. Na competição de basquete, parece-me que não basta vencer a partida em quadra, revelar-se o *cestinha da equipe*. Para assegurar o lugar no grupo, é preciso saber como ganhar a confiança dos amigos, levar em conta o código que legitima o êxito do grupo. Trata-se, pois, de saber “estar em relações” com o espaço social, para que se sinta aceito pela equipe, até para que lhe passem a bola. Ao mesmo tempo, cada um busca preservar seu auto-respeito e se guiar pelo código do jogo, pois, segundo a máxima do basquete, não se pode destruir a iniciativa do adversário através da agressão, sob pena de ser

44 Esse episódio ocorreu por ocasião do torneio pré-olímpico europeu, realizado em Madri, em 2008. Refere-se aos jogos classificatórios para as Olimpíadas Mundiais de Pequim, nesse mesmo ano.

45 Neste contexto, *cavar* quer dizer provocar a falta.

46 Diz-se que os pontos foram convertidos, quando a bola arremessada caiu dentro da cesta.

punido; esta é uma forma de não provocar a agressividade do opositor, e servir aos interesses de seu próprio grupo.

Conforme observei, no trabalho de campo, a competição pelo rebote implicava mais um apelo de uma disputa articulada, em grupo. Ali, o técnico dava as instruções para que o jogador se posicionasse em relação ao conjunto: para tomar posse de alguma sobra de bola arremessada pelo parceiro ou pelo adversário. Nesse momento, um outro aspecto das regras impedia o jogador de permanecer *dentro do garrafão* por três segundos; e essa norma reguladora resultava em mais um procedimento favorável à articulação de jogadas, desencorajando a iniciativa do jogo centralizado no indivíduo. Outro mecanismo de articulação entre o jogador, individualmente, e o corpo social formado pelos demais atletas, aparece na criação de dois jogadores, armadores. É possível visualizar, assim, a relação entre a estrutura específica do jogo de basquete e a coesão da ação de seus jogadores.

Com base em observações e nos relatos sobre regras e comportamentos de personagens que fazem parte desse jogo, mostro, assim, a relação entre a dinâmica do basquete e a produção do *sentido de equipe*; percebe-se como a dinâmica de todo um conjunto de princípios e procedimentos vai instituindo, aos poucos, essas idéias de *espírito de equipe* e *respeito ao corpo do atleta* – que, historicamente, aparecem como centrais na concepção do jogo –, ao mesmo tempo em que o espaço deste é visto como espaço de competição.

A linguagem da *assistência, da ajuda mútua, da bola passada por cada jogador, da rotatividade da equipe* é uma linguagem, repetidas vezes, evocada na cena do basquete. Ela se faz sentir através do *passe de bola* exercido por jogadores ou é vista no momento em que a equipe luta pelo *rebote* defensivo ou ofensivo. Nesse momento, o jogador deve olhar onde a bola está, assistir ou acompanhar o seu parceiro e segui-lo quando ele se encaminha para a cesta, de modo a não perder a bola de vista, para recuperá-la, caso o parceiro não seja bem sucedido na finalização. O manejo de equipe, nesse caso, se apóia no jogo sem bola, aquele movimento que é fundado na concentração no jogo e na construção de estratégias racionais de jogadas. No dizer de professor Tony, “basquete, tem de olhar; se não olhar não tem jogo”. O técnico chama atenção para a *visão de conjunto* como um elemento fundamental no basquete, que permite a articulação do indivíduo ao coletivo, apoiado no raciocínio concentrado e no manejo de corpo que podem articular a cesta em um segundo. Do ponto de vista técnico, é esse manejo de equipe possibilitado por uma inteligente *ginga* do corpo e chance de recuperação de rebotes ofensivos, dentre outros artifícios, que explicam porque o basquete, muitas vezes, é decidido em segundos. E, da perspectiva sociológica, toda essa dinâmica nos permite perceber o “mundo do basquete” como um espaço de interação, permeado, simultaneamente, por práticas de *competição e cooperação*.

Entre os elementos observados no teatro do basquete, vêem-se: *velocidade, concentração, transição, senso de equipe, calma, sincronismo de jogadores, iniciativa, visão de jogo em conjunto, disciplina, garra, ginga e domínio do corpo, manejo de bola*. O treino adequado do manejo de bola e da ginga de corpo é anterior ao treino do passe, ao drible e à marcação. São

também importantes: *plasticidade, combatividade, lealdade, cooperação, confiança, coragem de errar, agilidade, racionalidade, inteligência, espírito lúdico, imprevisibilidade, marcação individual e marcação em zona*. A “individual” é o movimento no qual cada jogador marca um outro da equipe adversária. É chamada *marcação homem-a-homem*, quando se verifica em equipe masculina.

A tentativa da forma de jogo congregar os seus atores voltava a se expressar na tática da *marcação em zona*, que designa o posicionamento do conjunto dos jogadores dentro de uma zona da quadra, na busca de impedir a “infiltração” da equipe opositora. Conforme se pode observar, na primeira marcação, o alvo é o *jogador*, enquanto na segunda, a atenção se volta para a *equipe*. Esse é um tipo de marcação que prioriza a tentativa de impedir o ataque do adversário, de modo que a defesa se dá por intermédio de uma articulação entre os cinco jogadores.

Examinando, assim, a dinâmica do jogo, em particular associando-se essas técnicas e estratégias postas em prática dentro da quadra, pode-se reforçar a imagem do basquete como o jogo que, segundo seus adeptos, valoriza o *trabalho em equipe*. Enriquecendo tais considerações, encontro o estudo de Montagner (1993), nomeado *Esporte de educação e competição? O caso do basquetebol*. Para este autor, o rendimento do esporte tem um sentido maior de se constituir como prática cultural e histórica com referências coletivas. Tal raciocínio permite compreender diferentes evoluções – como, por exemplo, a dança e os jogos de bola –, ocorridas ao longo da história e que resultaram atualmente em inúmeras modalidades como esportes aquáticos, terrestres de montanhas, dentre outros.

No seu estudo sobre o basquetebol como esporte de *competição e cooperação*, realizado em Piracicaba, São Paulo, Montagner afirma que a aprendizagem de manifestações culturais como jogos, existe em vários contextos, podendo estar na família, no clube, ou em vários grupos de referência dos quais seus adeptos fazem parte. As possibilidades de desenvolvimento de práticas existem em diversos espaços sociais. Para esse autor, é visível a influência de instâncias sociais no processo de educação, dentre elas a família, a religião, o clube esportivo e os meios de comunicação, entre outros.

Desse modo, em todo esse processo de instruções técnicas, cujo registro pude fazer, nesta pesquisa, por ocasião dos treinos de basquete, observei a ocorrência simultânea da difusão sistemática de uma série de valores culturais mais amplos que incluem, por exemplo, o respeito ao corpo do adversário e o exercício de senso de equipe; daí os apelos permanentes do técnico, por atenção dos alunos, ao que ele está falando, sendo essa relação, às vezes, situação geradora de conflitos, na medida em que se expressam, ali, tentativas de controle de iniciativas individuais, contrárias a princípios constitutivos que ordenam a forma de jogar basquete em equipe. Pelo que observei, compreendi o significado do *jogo cooperativo* a partir da comunicação dos componentes dos grupos, que me falavam através de seus depoimentos e de suas práticas na quadra. O significado do jogo, por exemplo, aparecia também através do conflito em quadra; quando alunos iam contra o código do jogo, o conflito se associava à ruptura de um princípio segundo o qual, no

basquete, o *coletivo* está acima da iniciativa *individual*. Ressalte-se que, por sua vez, o orientador podia abusar de autoridade, na imposição das normas. O exercício de poder do professor ou a incorporação de preceitos da prática, por parte de jogadores, eram atitudes vivenciadas em conflito. Na prática, não se estabelecia nenhuma disciplina absoluta, uma vez que em muitas situações não se observa o respeito ao jogo coletivo como fator determinante dessa dinâmica.

3. Um treino no Clube

O treino da escolinha do BNB envolve grupos de distintas faixas etárias que são encontrados no intervalo de sete a dezessete anos. A escolinha funciona em dias alternados da semana, nos horários de dezessete às dezoito horas, de dezoito às dezenove e de dezenove às vinte horas. Há turmas de jovens de menor faixa etária, às dezessete horas. O último horário da noite se destina aos jovens de faixa etária mais elevada. Há turmas que funcionam às terças e quintas-feiras, e outras às segundas e quartas-feiras, semanalmente; ou seja, cada horário reúne crianças de uma determinada faixa etária. O treino envolve uma seqüência de exercícios que rememoram os fundamentos básicos do basquete, nomeados *passe*, *drible* e *arremesso*. Conforme pude observar, os alunos se posicionam em fileiras sob orientação de Campainha e efetivam tal seqüência. No final desse treino, aqueles que na primeira parte da atividade realizavam exercícios individualmente, são divididos em dois grupos para exercerem o confronto.

No início do treino, o professor se dirigia aos alunos e alguns o abraçavam. Por ocasião dessa atividade, são realizados vários exercícios. Um deles é aquele em que os alunos se movimentam com a bola, após jogá-la para o alto, saltando em seguida para pegá-la. Outro exercício é o movimento de flexão do pulso, em que o jogador gira para soltar a bola, ou a bola é passada por ele, entre as suas próprias pernas, como uma forma de exercitar o drible. Treinando a coordenação motora, cada jogador passa a bola da mão esquerda à direita. Um terceiro exercício é o de jogar na tabela, pegar o rebote, girar o corpo e sair *quicando* em direção à cesta oposta, onde o atleta finaliza, convertendo dois pontos. Esta é uma forma de treinar a ginga e o domínio do corpo. Um outro exercício realizado é aquele em que o aluno bate a bola, paralelamente, aos cones dispostos na quadra, simulando jogadores em ação. O aluno segue, acompanhando os cones, *quicando*, e retorna de costas, sempre com a batida de bola. Com três cones dispostos noutra posição, se observa um espaço entre eles para que o aluno que vem driblando passe por um primeiro cone, pelo segundo, depois por um terceiro, em zigue-zague, e alternando o drible que, ora se faz com a direita, ora se faz com a esquerda, mudando direções. Ao passar por todos os cones, o aluno faz a *bandeja* e sobe, finalizando a cesta.

Esses exercícios se associam ao treino de ultrapassagem de opositores, sem violar aquele princípio universal que impede o uso da força física e o confronto corpo a corpo entre jogadores. É interessante como o drible é feito de modo a evitar o adversário, sendo a bola

passada por entre as pernas de quem a conduz e não do adversário, na perspectiva do basquete; observe-se, aqui, a linguagem reforçando a máxima *do jogo que se ganha em equipe*.

Numa outra situação de treino, os alunos se posicionam numa fileira, voltando-se de frente para a outra extremidade da quadra e, neste contexto em que se posicionavam, “batiam papo”, aproveitavam para “jogar conversa fora”, enquanto quem estava numa fila, aguardava o colega arremessar para então exercitar sua vez.

Nesses detalhes do processo de treinamento, é possível se ver como jogadores exerciam as relações dentro do grupo, identificando limites pessoais regulados por uma orientação da convivência apoiada na *ação coletiva*.

Em outro momento, o técnico lançava mão do apito para exercitar a sua orientação e chamava atenção dos atletas. Dos cerca de vinte alunos, apenas quatro eram mulheres. “Atenção, por favor!”, adverte o técnico, para fazer chamada.

O técnico faz uso do bambolê para delimitar o espaço. A criança pisa com o pé direito no primeiro bambolê, com o esquerdo no segundo e dá um impulso para converter a cesta. Observa-se uma jogada articulada entre componentes que atacam. Outra vez o técnico: “passa a bola ao companheiro, Marcelo!”; “não olha pra bola, Gabriel!”. Dois aspectos da postura do jogador de basquete são estimulados aqui: *o senso de equipe*, e *a visão de jogo*. O técnico intervém, transitando entre o papel de juiz e o de orientador da equipe, consertando as jogadas; ou alertando para *jogar de cabeça erguida* e *não perder a relação com o conjunto* do cenário, e partilhar jogadas. Depois da realização da cesta, o aplauso do técnico: “Vai, vai！”, incentiva com leveza e bom humor: “tô gostando, tô gostando, da escolinha só não presta o técnico”. E se referia ao Felipe como “o melhor da cidade na categoria, denominando-o de “o futuro do CEC do BNB”, expressando, assim, um mecanismo de estímulo. O elogio era acompanhado de risos. Quando o time perdia, continuava a estimular: “vamos buscar, vamos buscar!”

O técnico incentivava, assim, seus alunos a encararem o desafio, indo à luta. Alguns saem da quadra para dar lugar a outros, que esperam sua vez de jogar. Os alunos estendem a palma da mão de encontro à palma da mão de Campainha, num gesto expressivo de sociabilidade, demonstrando, também, o sentimento de fazer parte desse grupo social.

Aqui, se vê o incentivo dirigido ao destaque individual do aluno, e não à equipe, fato que revelava tensões envolvendo a relação do indivíduo com um grupo. Essa motivação para o exercício *em conjunto* não é determinante do funcionamento da prática, uma vez que a convivência de pessoas envolve a expressão de individualidades. O treinador encenava o jogo. Ao estimular, o técnico chamava atenção, ora para o fato de ser *o jogo uma prática coletiva*, ora incentivava a *iniciativa individual*.

No fim do treino, o *coletivo* exercita *o jogo em conjunto*; ou seja, os treinandos passam a formar dois times e “começa a partida”, que se inicia com a bola jogada para o alto, e os dois atletas, posicionados no círculo central, disputam então a bola, dando uma “tapinha” nela.

Ressalte-se que nesse momento o jogador só pode “dar uma tapinha” na bola para o parceiro pegá-la; não pode segurá-la. Campainha estimulava as jogadas: “bandeja! Bandeja! Boa bola!”. E ia acompanhando o atleta rumo à cesta. O técnico se pronunciava também quando o atleta ia para o ataque e o jogo lhe agradava, encorajando-o: “boa!” “Pula!”. São detalhes do basquete que mostram a valorização do *trabalho em equipe*.

Membros da escolinha no BNB clube, em intervalos de treino, me diziam que este é um jogo interessante, acrescentando que já conheciam o vôlei e o tênis e queriam ter *uma experiência nova*; vivenciar o desafio e a curiosidade da descoberta; queriam *conhecer as regras do jogo*. Na concepção deles, este esporte está associado à condição de realização positiva, a imagens como: *orgulhoso de si mesmo, alegre, feliz, vencedor, campeão*. Expressavam, ali, o desejo de *poder exercitar o corpo, ter qualidade de vida e o sonho de vir a ser um jogador de basquete*. Conversei, por exemplo, com Ademir, 13 anos, e Henrique, 14 anos, estudantes do colégio Farias Brito; e com Priscila, 12 anos, que queria fazer boxe, mas disse que sua mãe não concordava; e que, se o fizesse, “não era pra sair batendo nas pessoas”. Para Priscila, “o melhor do basquete é fazer o coletivo”, isto é, treinar, brincar com as outras crianças. Já Gabriela, disse estar ali porque seus pais queriam que ela crescesse. Para os entrevistados, o “bom jogador de basquete” tem que ter altura, força e coordenação motora. A incorporação do *espírito de equipe* aparece no depoimento de um garoto que retornava à escolinha, no evento benéfico, por ter sido chamado pelo colega; e diz que volta para “reencontrar a galera”. Ou, no caso de alguns que voltam ao BNB para “cooperar com Campainha”, no evento através do qual ele pedia doações para o jogo benéfico, em prol das crianças da Casa Menino Jesus.

Observe-se, no depoimento destas crianças, a circulação de valores da cultura dita civilizada que se projetam na vivência do grupo dos pretendentes *basqueteiros*. No contexto dessas práticas, pois, encontramos a veiculação de valores de uma vida coletiva, presentes também em outros grupos da sociedade, a exemplo dos grupos religiosos, da escola, da família, etc. Nesse sentido, refiro-me, dentre outros, à *cordialidade* ou ao *reconhecimento do lugar do outro*; ou mesmo ao *espírito de cooperação* nas relações em grupos. Observei também a fala de mães e pais que valorizavam a disciplina adotada pelo professor Campainha, que mantém os alunos ligados por um trabalho em grupo, expressando a importância do esporte para o desenvolvimento pessoal. Em uma conversa informal, à beira da quadra, apreciando o treino, enquanto aguardava o filho, o pai de Henrique me revela:

(...) foi o próprio Henrique quem escolheu o basquete; eu gostei da escolha. Não gosto do futebol, pois este é muito violento, tem, chute, soco; porque ele [o filho] é muito na dele e, indo para o basquete, ele faz amizades. É calado; tem a turminha dele na escola, mas é trancado; nunca recebi reclamação dele; agora acho que tá melhor, por isso faço sacrifício e o acompanho no treino.

Este depoimento evoca significados atribuídos ao basquete como uma prática cultural, esportiva, que favorece a criação de um grupo, podendo também ajudar em mudanças interiores, dos indivíduos; o basquete é visto como espaço através do qual a criança pode criar laços de convivência. Nas palavras do pai, o filho “era calado, na dele (...) agora acho que tá melhor”, chamando atenção para o jogo como espaço que facilita a criança passar a conviver com outras pessoas. Além disso, na interpretação do pai, o basquete aparece como um jogo em que não há chutes e socos, e nesse aspecto favorece, relações inter-pessoais, e essa mudança lhe traz satisfação com o filho, embora ressaltando que o comportamento “trancado” da criança, anteriormente na escola não se constituísse como problema.

O depoimento do pai do aluno acerca do espaço do basquete como um lugar de restringir o contato corpo a corpo guarda íntima relação com as origens deste esporte, concebido, desde o início, com o intuito de facilitar a criação de relações em grupo no contexto da atividade física.

Como já afirmei anteriormente, o basquete pode ser interpretado como um esporte cujo desempenho é emblemático de um estilo “delicado de jogar”. Nesse sentido, é oportuno reproduzir aqui o comentário que ouvi do coordenador de uma escolinha, ao falar do seu desejo de ensinar “às crianças a delícia e a delicadeza de jogar basquetebol”. De fato, esta pesquisa me mostra que o basquete tem se difundido pelo mundo inteiro, seguindo esse princípio da não-brutalidade, embora, aqui e ali possamos constatar, em meio ao público que o assiste, vozes discordantes, tal como este outro comentário que escutei de um espectador presente a uma disputa entre as equipes CEFET e UNIFOR, durante a copa *Mundo UNIFOR 2006*: “Que jogo fresquim! O jogador num pode nem triscar um no outro!”.

Durante o “festival” – denominação dada por Campainha aos jogos da sua Escolinha –, a expressão de habilidades individuais daquele aluno que assimilava os fundamentos básicos com bom desempenho era celebrada pelo técnico. Nesse caso, eram exercitados certos princípios de jogo que regulavam a convivência dos praticantes. Exemplo: se um jogador puxava a camiseta do adversário, era punido por esse ato, considerado “falta antidesportiva”; do mesmo modo, o empurrão corpo a corpo entre jogadores se constituía falta, porque caracteriza o desrespeito a regras do basquete. Exercitam-se nesse contexto as articulações do desempenho individual bem sucedido de alunos com a finalidade de promover o trabalho em grupo.

O “festival” envolve uma disputa que produz resultados os quais extrapolam a competição esportiva propriamente dita, gerando motivações exteriores a ela, ao preservar a integridade física do adversário, e ter efeitos para além do rendimento da disputa esportiva, propriamente dita. A *imagem de equipe*, vivenciada no “mundo do basquete”, encontra na interpretação de Montagner, que concebe este esporte como uma prática que desenvolve, também, o sentido de cooperação (MONTAGNER, 1993: 40).

Identifica-se raciocínio análogo nos depoimentos dos professores entrevistados nesta pesquisa:

Desde que a copa existe, queremos ser campeões dentro de um planejamento, dentro de uma ajuda do grupo; por exemplo, não posso ser campeão só, mas sempre junto com todo o grupo, preservando a formação do aluno; quero dizer não tínhamos equipes bem estruturadas. Da Copa CEFET para cá, há seis anos, que a gente vem buscando a melhora destas equipes na disciplina e na parte técnica da modalidade. Concentração é outro aspecto fundamental. Concentrar no que o adversário tá fazendo, no que companheiros tão fazendo; aluno não pode estar desligado do jogo. O basquetebol é um jogo coletivo; é ganho com o grupo. É o corpo de grupo trabalhando por resultado melhor: tomar posse de bola, sair da defesa para ataque, sair numa transição boa, trabalhar a bola, cansar o adversário. Basquetebol exige parte técnica e tática e se desconcentrar pode perder a bola em segundos. Pode acontecer de num momento a técnica individual prevalecer em face do coletivo; mas, sempre partindo da iniciativa do atleta, ele tomou a iniciativa, mas só, momentos. A maior parte do tempo, é o coletivo. Todo mundo tem que ficar igual. Todos têm que saber na hora da decisão, mas se todo mundo fizer, se só dois fizerem, fica complicado (professor Tony, CEFET, em entrevista concedida à autora, junho de 2006).

O basqueteiro, aqui, reforça o sentido do *jogo em equipe* como a estratégia principal para ganhar a disputa e também como uma espécie de exigência para se realizar aquilo que pode ser chamado de um “bom jogo”. Aparecem em sua fala as duas dimensões da disputa: a iniciativa pessoal, mas que deve ter a *cooperação do grupo como âncora de sustentação* para ganhar a competição. Tais explicações do professor reforçam a imagem do basquete como veículo que fortalece *o jogo em equipe*.

A cooperação criada no jogo de basquete, conforme a perspectiva de Montagner, é reforçada, não só pela fala de Tony, mas ainda na seguinte afirmativa de professor Campainha: “Associo o esporte à educação pra vida; competição sadia. Prezo pelo jogo coletivo. Para um não querer ser melhor do que o outro. Todos que participam dos jogos da escolinha ganham medalha. Todos são convidados” (entrevista concedida à autora, dezembro de 2005).

Os professores enfatizavam, pois, a criação de relações em grupo, de referências coletivas produzidas no contexto do jogo. O professor Campainha é enfático, chamando atenção para o fato de que a premiação de medalha é pela participação, pela dedicação, conforme reforça Fernando Carvalho, um jogador profissional do Fortaleza Esporte Clube que o substitui, eventualmente, nas aulas da escolinha do BNB. Ressalte-se que Campainha e Fernando são personagens do basquete profissional e que o regulamento do jogo é o mesmo para os dois contextos, tanto profissional quanto amador, uma vez que as normas que orientam esse treinamento dos alunos são definidas pela Federação Internacional de Basquetebol Amador (FIBA), não se tratando, portanto, de uma orientação pedagógica isolada.

4. Uma disputa na escola

Verificam-se, a seguir, cenas do jogo oficial entre CEFET-CE e CEFET-PA, por ocasião do VI EDCENNE 2005, em Teresina.

Antes de se iniciar propriamente a disputa, os jogadores têm um momento de aquecimento. No cenário físico, vê-se, na lateral da quadra, uma mesa em que estão os auxiliares de marcação do tempo e placar, além de um coordenador da organização do evento. É a mesa de Federação. Aqui, se percebe a interferência da Federação, que acompanha a competição oficial, e controla o jogo para viabilizar o atendimento às suas regras. A mesa intervinha na substituição dos atletas. Cada atleta, ao substituir o outro, devia comunicar à mesa. É tarefa desta, com a colaboração do treinador, substituir e inscrever os atletas. O mesário alerta Tony: “Professor, a 11 tem 4 faltas”, chamando atenção para o fato de a jogadora nº 11 estar “pendurada”, no limite com 4 faltas⁴⁷, um princípio de jogo que se apóia na regulação da força física por impedimento de fortes contatos corporais. A violação do jogo se encontra sob vigilância da cumplicidade do professor e da mesa coordenadora do confronto, em busca de garantir a produção do jogo “civilizado”.



Foto 12 – Cena da vitória de Ceará X Alagoas, em Teresina.

⁴⁷ O limite de faltas para um jogador, em cada partida, são quatro faltas. Assim, estar “pendurado em 4 faltas” significa que, se cometer mais uma, aquele atleta será expulso da quadra.

Nesta imagem, Maira abraça Tony, respectivamente, professores de vôlei e basquete, enquanto as jogadoras Maria e Carla celebram a vitória, partilhando o momento com a equipe masculina. A imagem é reveladora também dos laços afetivos que se fortalecem em situações dos jogos quando as pessoas estão ligadas, inclusive, pela partilha de suas conquistas. O abraço vitorioso entre os professores e a celebração dos jovens traduzem, também, os laços afetivos e a partilha de emoções que contribuem para mostrar como se produz as identidades, vivenciadas no desenrolar da disputa do basquete.

Professora Maira, que aparece na foto abraçada ao professor, refere-se ao EDCEN-NE desta forma: “Esse evento é um laboratório. A oportunidade de alunos de escola pública viajarem. É uma rede de amizades; tenho alunas que fizeram amizades com o pessoal no Pará, que permanecem”. Este comentário da professora reforça aquela idéia segundo a qual a inserção no basquete passa a ter, para os adeptos, esse sentido multidimensional, na medida em que, segundo a interlocutora, a realização dos jogos é uma oportunidade para o surgimento ou a ampliação de laços afetivos entre as pessoas nos grupos de que já fazem parte ou em novos grupos. É também um momento que permite a essas pessoas vivenciarem novas experiências e ampliarem seus conhecimentos, ao serem estabelecidas outras formas de relações com os diferentes espaços. Assim, pode-se dizer que, a cada novo torneio de que participam, diversificam-se os contextos de experiências vividas. Encontro mais um reforço para esse sentido dos jogos no depoimento de professor Campainha, ao dizer que “o basquete é tudo”, e que deve ao basquete sua saúde, seus amigos e os lugares que conheceu.

Na seqüência, esta imagem evoca representações de afetos que se projetam em cenas dos jogos; o gesto de delicadeza e companheirismo do atleta masculino que conforta sua colega da equipe feminina CEFET-CE, após a importante vitória cearense contra a equipe alagoana, naquele momento, considerada a adversária mais difícil por ostentar o status de tricampeã do torneio.



Foto 13 – Jovens jogadores do CEFET-CE, após a vitória contra Alagoas, em Teresina, outubro 2005.

5. A disputa da Copa CEFET-2006

A abertura da copa CEFET assinala presença de várias delegações, de escolas públicas e privadas, em Fortaleza, em setembro de 2006. O ritual de Abertura do torneio é composto pelos representantes de tais agremiações, que se posicionaram na quadra, diante da *mesa de autoridades*, enquanto a banda de música do CEFET se preparava para recepcionar os visitantes. Cada um desses grupos simboliza uma identidade, cuja distinção pode ser feita, nesse momento, pelo uniforme; vistas à distância ou mesmo de perto, as cores se configuram como códigos de linguagem significativos na informação das identidades ao público. Nesse cenário, perfiladas em oposição uma a outra, as equipes compõem um quadro evocativo das disputas que ocorrerão por ocasião do torneio. A análise do ritual de abertura será retomada no sexto capítulo.

Agora, passo a descrever a disputa final da Copa CEFET-2006, na qual, enfrentando a equipe do Colégio Juvenal de Carvalho (campeã da Copa CEFET-2005), o time do CEFET-CE lutava por sua primeira medalha de ouro na história desta competição, em vigor desde o ano 2000.

No momento de entrada, observei o seguinte: posicionadas de modo a entrelaçar os braços, formando uma roda, traduzida no “mundo do basquete” como uma *corrente positiva*, da qual participa também o professor, as meninas gritavam: “raça, raça, Juvenal!”, ou: “um, dois,

três, CEFET!”. Era um momento em que, reunido, o grupo evocava o nome da entidade da qual fazia parte e que estava representada por ele, naquela situação.



Foto 14 – Entrada da equipe CEFET-CE em quadra.

Esta imagem apresenta a encenação de entrada na quadra, quando os componentes entoavam palavras de ordem, evocando a idéia de unidade. Este é um momento vivenciado imediatamente antes de o jogo começar. O entrelaçamento das mãos sugere que a competição é ganha pela *força da equipe* ou simboliza *o espírito olímpico* de uma cooperação que se sobrepõe à competição individual. A imagem reverencia a unidade do grupo em prol da disputa.

Durante a partida, ouviam-se intervenções do professor Tony, dirigindo-se às alunas: “Larissa, olha o jogo! Olha o rebote! Joga se escondendo... Peça a bola, Larissa! Não se liga só em fazer o corta luz, sem pedir bola. Peça bola! Fique na cabeça do garrafão. Apareça no lance livre!”.

Na encenação, o professor tentava fazer com que a aluna exercitasse um dos valores que ele incentiva, e ao qual se referia na entrevista: a *iniciativa do atleta*. Conforme a conduta do técnico, é possível captar, ao mesmo tempo com base em sua fala, que faz observações do tipo que chama atenção para encorajar as relações que se vão construindo dentro do grupo.

Pedir a bola, não se esconder, estar atento ao rebote ou ao contexto do jogo são estratégias que o professor prioriza com o propósito de incentivar *a participação em conjunto* e a articulação de cada indivíduo ao coletivo. Os enfáticos apelos do professor ocorrem porque ele quer evitar situações em que o jogo individual é praticado, e uma disputa conjunta pode ser ignorada.

Em meio ao jogo, ao se verificar o conflito, ou seja, se havia um lance livre, no momento em que um dos times fazia cesta, a sua torcida celebrava o feito com gritos de: “boa bola!”, “Boa!”, “Valeu!!!”, “Aêêêêê!”, ou ensaiava um “ola”, prática que se originava no futebol⁴⁸. E, inversamente, se fosse concedido a um dos times o direito de arremessar, livremente, quando ele sofria falta, a torcida contrária se manifestava e, de forma articulada, com o intuito de pressionar o time adversário, emitia um: “uuuuuu”, simulando uma vaia, seguida dos gritos de “vai errar!”. Esse tipo de mecanismo, posto em prática de ambos os lados, contribuía para desconcentrar o jogador. Atenta a esses aspectos, ao longo da pesquisa, pude observar situação idêntica durante a partida final, de basquete masculino, entre Brasil e Porto Rico, na decisão dos Jogos Pan Americanos-2007, no Rio de Janeiro, quando as vaias da torcida do Brasil, na Arena Olímpica (local da disputa) inviabilizaram a conversão dos pontos de arremessos, em muitas tentativas feitas pelo hábil armador da equipe de Porto Rico, contra a seleção brasileira que, naquele momento, se sagrou tricampeã desses jogos.

48 Segundo Silva (2001), este é um movimento envolvente, criado pelos mexicanos, por ocasião da disputa pelo campeonato mundial de futebol, no México em 1896. É executado a partir da posição sentado. Os torcedores, de todos os pontos, de onde estão se levantando e elevando os braços estendidos para o alto, gradativamente, até que se complete o ciclo de onde se originou a coreografia, reiniciando-a. Daquela Copa em diante, essa coreografia passou a ser realizada, freqüentemente, pelos torcedores dentro de estádios. Em jogos internacionais é comum, que o público nos estádios, mesmo sendo de países diferentes, se comunique através dessa evolução que é concluída com aplausos.



Foto 15 – A Conversão de uma cesta.

Esta foto registra o momento em que ocorria uma finalização de jogada com a bola arremessada para a cesta, enquanto as jogadoras a acompanhavam, atentas a uma possível “sobra da bola” no rebote defensivo e ofensivo, estratégia que reforça a articulação de indivíduos em grupo. No fundo da foto, à direita, Carla da equipe do CEFET já saía correndo para comemorar os pontos convertidos. Nesta imagem, a celebração do coletivo articula-se ao desempenho individual bem sucedido na finalização. Conforme pude observar ao longo da pesquisa, nesses momentos se confundem os movimentos e reações nos planos individual e coletivo; celebrações dos grupos ilustram essa articulação.

Na transição para o ataque, o professor fazia suas intervenções, dizendo que as jogadoras tinham de “levantar a cabeça e ir pro meio”, chamando-as, assim, a se posicionarem de uma forma estratégica na articulação do ataque. E, no momento em que a jogadora perdia a chance de fazer a primeira cesta, ele gritava, em tom reprovativo: “Karla, minha filha, começa com uma bola dessa!”.

Chamou-me a atenção a situação em que professor Tony retirava de quadra uma jogadora que, segundo ele, queria jogar só. Reclamava da mesma, criticando-a por ser “afoita e cometer falta sem nenhuma necessidade”. A jogadora chorava no banco e comentava que ele só vê quando ela erra. Os dois discutiam. Depois a chamava de volta à quadra e dizia: “é pra

jogar para o time; vai aprender, é nova...”. Com esta sanção, ele queria desestimular, naquela situação, o jogo individual. Observa-se a quebra de uma regra numa situação que reforça o poder do técnico e da competição considerada apaziguada. Essa situação ilustra a iniciativa individual vista como negativa apesar de ser considerada positiva em momentos em que permite fortalecer o grupo como quando o jogador armador articula o jogo em equipe. O bom armador do basquete é aquele que distribui bolas e faz a equipe jogar.

Essa passagem é bem ilustrativa da construção do *espírito de equipe*, algo que vai se edificando, também, dentro da própria prática. Observe-se, nesse sentido, que a cena referida expressa o desencadear da potencialidade de conflito (o procedimento da jogadora, violando o princípio universal de reconhecer o lugar do adversário na disputa, e a imediata reação do técnico) e, simultaneamente, mecanismos de regulação do mesmo (a punição da jogadora e o seu posterior retorno à quadra).

Aproximando-se o final da partida, a torcida do CEFET gritava: “é campeão! É campeão! É campeão!”. E, após o apito final do juiz, o placar era de 24 pontos para o CEFET e 14 para o colégio Juvenal de Carvalho.

Mesmo acabado o jogo, atletas ficaram na quadra para a cerimônia de premiação. Jogadoras cumprimentavam-se com tapinhas nas palmas das mãos, nas costas, apertos de mão; trocavam abraços e risos. Participavam dessa cena, professores e também os auxiliares da partida, juizes e componentes da mesa. Era um momento de “jogar conversa fora”, comentar jogadas, celebrar a conquista, se reencontrar. Nessas contingências, pode ocorrer alguma desavença em função da situação de rivalidade criada pelo contexto; aí, não raro surgem “piadas”, pedidos de revanche, ou mesmo manifestações de deboche em relação à conquista do time opositor. Na interpretação da atleta Rocicler, esse tipo de provocação “faz parte da richa nos dias de jogo”⁴⁹.

Naquela ocasião, o CEFET conquistava a medalha de ouro, pela primeira vez, desde a criação do torneio, no ano 2000. Assim, parecia configurar-se, ali, o momento de revanche e afirmação da *identidade* do CEFET, em relação a outras equipes dessa competição, e o grupo vivenciava uma espécie de compensação pelas perdas anteriores. Todo esse cenário me fornece elementos acerca da importância do basquete para afirmação ou consolidação de uma identidade relacional dos grupos participantes do torneio.

⁴⁹ Rocicler integrava a equipe do CEFET e fez este comentário enquanto entrava em quadra, para um jogo preparatório do EDCENNE-2005, contra essa mesma equipe do colégio Juvenal de Carvalho, que era o vencedor da Copa CEFET anterior, e, naquele momento, junho de 2006, perdia, para a equipe do CEFET, a medalha de ouro da sexta edição dessa copa.

5.1. Um ritual de premiação



Foto 16 – Equipe da escola privada Santa Cecília, medalhista de prata em uma das competições de que participou.

Aqui, as “meninas do professor Tony”, do colégio privado Santa Cecília, pousam para o registro de muita alegria pela conquista do segundo lugar, no torneio *Interdamas*, interestadual, em Pernambuco, 2004. Observe-se, a evocação de uma linguagem visual: com a unanimidade do sorriso aberto, e abraçadas ao técnico, ao mesmo tempo em que expõem a bola e exibem no peito a medalha-troféu, é como se o grupo cristalizasse, nesse instante festivo, a construção de um *espírito de equipe*.

Após a disputa final, na Copa CEFET-2006, o ritual da entrega dos troféus foi o seguinte: inicialmente, o técnico da equipe que ganhou a medalha de ouro, no caso professor Tony do CEFET, anfitrião da competição, entregava as medalhas para a equipe convidada (colégio Juvenal de Carvalho), segunda colocada, portanto, medalha de prata. Depois, a professora desta equipe, vice-campeã, condecorava com “o ouro” as cefetianas. No ato da entrega, os professores beijavam a face das jogadoras, isto é, daquelas adversárias do momento anterior. Assim, adversários exercitam um gesto de reaproximação no contexto, e se reverenciam mutuamente, celebrando a premiação por suas conquistas. Sendo esse momento do ritual uma espécie de instante maior, ou o ponto alto de consagração do torneio, ele termina tendo, também, a função

de reafirmar toda uma série de valores e princípios que norteia o jogo. Desse modo, é como se o ritual apagasse o momento e as cenas imediatamente anteriores do torneio, em que as equipes se posicionavam como rivais, em campos opostos, com interesses divergentes, na disputa por um primeiro lugar naquela competição.



Foto 17 – Equipe do CEFET, campeã da VI copa CEFET-2006.

Nesta foto, mais uma vez, encontro evocações de uma sociabilidade que se projeta em diferentes facetas, por meio de gestos de reaproximação, compondo o cenário posterior à disputa entre os grupos que, até então, assumiam posturas de oposição. Um troféu, símbolo da premiação feita à equipe, foi entregue por Tony, o anfitrião, a uma das representantes da equipe. Nesse momento, a mesma se juntava às outras e ao técnico, rearticulando-se, aí, o corpo da equipe. Eram vivenciados aqui sentimentos de conquistas ou emoções individuais e coletivas que ganhavam lugar na mesma cena. As atletas exibiam troféu e medalhas que trazem no peito, em meio aos sorrisos. Algumas se abraçavam, partilhando a conquista da medalha, com parceiras ou com pessoas que se aproximavam, mostrando-a para o outro e para fotógrafos. Beijavam a medalha, prêmio individual, e a exibiam, publicamente. A equipe campeã, na foto, era também a anfitriã da Copa. O ritual de entrega de medalhas e troféu afirma a consagração do grupo.

O sentido de unidade, idealizado pelo regulamento a partir do qual o jogo se fundamenta, contribui para a regulação de conflitos que, eventualmente, aparecem nas relações entre os personagens da cena, conforme ilustrado no próximo item deste capítulo. Isto porque, para além da gestão de um *sentido de equipe*, essas relações envolvem também as divergências e rivalidades figurantes no cenário de congratulações, e contribuem para consolidar os grupos, que se afirmam em função de vivências ou motivações que orientam a ação das agremiações que se diferenciam como identidades particularizadas, com suas especificidades de expressões. Essas distinções se concretizam por meio de uniformes próprios, nomeações, emblemas, cores, bandeiras, expectativas próprias acerca dos jogos (positivas e/ou negativas), hino, histórico de premiações naquela competição, e seu próprio posicionamento no tocante ao desempenho ou rendimento no jogo, ou resultado de escores e prêmios obtidos em processos de disputa.

Encontro apoio para esta interpretação no pensamento de Simmel. Para esse autor,

(...) a inflexível concentração na meta permite a competição absorver conteúdos sobre os quais o antagonismo se torna puramente formal. Nesse caso, assim isso não serve apenas ao propósito comum de ambas as partes, como também permite ao vencido beneficiar-se com a vitória do vencedor (SIMMEL, 1983: 136).

Simmel adverte: o resultado objetivo do jogo que se concretiza no escore de pontos convertidos, ou na medalha de ouro ou prata não é o que mais importa na competição. Ele quer chamar atenção para a dimensão social do esporte; dimensão manifesta, aqui, através da criação de valores culturais produzidos, nesse espaço. Diferentes formas do grupo se fazer representar são vistas como a do sentimento de pertença à legião de *basqueteiros* ou desportistas. A cena mostra dimensões de sociabilidade, em que atletas aparecem opondo-se no jogo. E uma outra cena, após a conclusão da partida, em que as atletas se congregam no movimento que oscila entre vivência da competição individual e do exercício de equipe, entre pessoas que fazem parte de cada uma dessas agremiações.

6. A linguagem dos *basqueteiros*

Para tratar da noção de *construção da identidade*, no “mundo do basquete” inspiro-me na análise de *ação social* de Max Weber. Segundo este autor,

A ação social orienta-se por comportamento de outros seja este passado, presente ou esperado como futuro. Os outros podem ser indivíduos ou uma multiplicidade indeterminada de pessoas desconhecidas completamente. A ação social é determinada também, dentre outros modos, pelo afetivo emocional. Este está no limite ou além daquilo que é ação conscientemente orientada pelo sentido (...). Por relação social entendemos comportamento reciprocamente referido quanto ao seu conteúdo de sentido por uma pluralidade de agentes e que se orienta

por essa referência. Toda ação, especialmente a ação social e por sua vez particularmente, a relação social, pode ser orientada pelo lado dos participantes e pela representação da existência de uma ordem legítima (...) (WEBER, 1991: 13, 15, 19).

No caso em estudo, é a partir de uma linguagem comum, e diferenciada, entre grupos – linguagem expressa em gestualidades; cores; sons; manifestações verbais e nomeações as mais diversas, de incentivo ou desestímulo, que compõem um simbolismo construído no dia-a-dia das relações sociais dos atletas – que é possível se autodenominarem e serem reconhecidos como *basqueteiros*. Tomo como referência, para explicar a comunicação entre os adeptos do basquete, algumas situações observadas em campo: o pedido de bola com os braços erguidos acima da cabeça e a batida de palmas onomatopaica, “pá, pá, pá”, são gestos a partir dos quais o *basqueteiro* se identifica e se comunica durante o jogo. A batida na palma da mão seguida da palavra “aqui!”, para que alguém do grupo lhe passe a bola, é outro gesto elucidativo desta linguagem. Uma outra ilustração é o estilo de jogada nomeado *corta-luz*, no qual a aluna se coloca no bloqueio à marcação feita à colega que conduz a bola, pela sua adversária, e nesse instante, desvia a atenção desta adversária que marcava sua parceira; esta se livra da marcação e entra para pontuar. Um outro exemplo de linguagem própria do basquete é a ênfase dada pelo técnico para que os atletas não reproduzam no basquete o estilo de passe do *handbol*, ao articularem jogadas entre si. O passe de bola no basquete é feito à altura do peito do atleta ou, às vezes, com braços erguidos acima de sua cabeça. Um estilo de linguagem técnica pode ser um traço distintivo. Refiro-me, pois, a uma linguagem verbal e gestual.

A combinação dessas situações observadas em campo é emblemática, portanto, da representação desse grupo. Assim, no contexto de funcionamento desta prática em estudo, ganha significado, por exemplo, o “rabo de cavalo”, amarrilho do cabelo das garotas, ou uma tiara sobreposta aos cabelos de quem precisa prendê-los pra não impedir a visão de quadra, e do jogo do adversário. Afinal, orientando a equipe, o técnico adverte, sempre: “não se bate bola sem olhar pra frente, para os lados”; “basquete tem de olhar pra quadra; se não olhar, não dá”. E repete: “O grande lance do basquete é o dinamismo do próprio jogo, suas estratégias. Tem de saber ler o jogo do adversário”. Portanto, todos esses códigos de conduta gestuais e verbais bem como artefatos que os evocam, são mensagens que resultam na construção do *sentido de grupo* cuja identificação é de *basqueteiros*.

A vigilância na marcação individual de braços abertos como se fosse abraçar o adversário, sem, no entanto, tocá-lo, atitude regida pelo código disciplinar do grupo, faz parte de uma comunicação simbólica exercida por aqueles identificados como *basqueteiros*; é um gesto cordial de reverenciar o lugar do adversário, ao mesmo tempo em que interdita a jogada adversária. Nesse caso, o jogador de defesa delimita o seu território de ocupação e articulação da identidade do grupo de que faz parte; e, se há qualquer confronto corporal, se caracteriza a falta. O jeito de driblar, exercendo essa forma de aproximação do adversário, ou a ginga da ultrapas-

sagem são expressões que ajudam a caracterizar o grupo ou o “nós”, para os quais tais gestos adquirem significados que podem ser reconhecidos pelos outros, “de fora”, como específicas dos *basqueteiros*. Seguindo o raciocínio de Cuche (1999), temos, assim, um jogo de identidades quando se observa a imagem do “nós” diferenciados de outros.

Mergulhando no universo de significados tecidos no contexto desse grupo, observo que sua distinção se faz, dentre outros aspectos, pelo uso de adereços carregados nas bolsas, como por exemplo: chaveiro com bola de basquete ou o celular com a impressão dessa bola em sua tela, encontrado nas bolsas de atletas; ou, ainda, o uso do tênis específico denominado *basqueteira*⁵⁰.

Além destes artefatos, há também nomeações ou gestos que compõem a linguagem construída pela equipe, conforme pude observar, freqüentemente, ao longo da pesquisa, como neste exemplo: “Cuidado pra não escrever o nome da “galera” errado, diz Karla, enquanto se reúnem e programam a confecção do uniforme, nas arquibancadas da quadra, em momentos que antecedem o treino preparatório do EDCENNE 2005. A *galera*, no caso, é constituída por um grupo de dez atletas (titulares e reservas), identificadas por seus números, o seu nome, o nome da sua modalidade e um símbolo do CEFET-CE, projetado pelas figuras da meia lua, a jangada e o sol, sobre o nome basquetebol, nas duas peças do uniforme (blusa e *short*), se distinguindo, assim, o estilo de vestir de quem pertence àquele grupo⁵¹. Assim, tem-se, ali, um conjunto de códigos, que possibilita não só a interação entre os componentes de cada grupo, mas também entre os dois, na quadra; além disso, tais códigos são incorporados pelo público, de modo que, assistindo, por exemplo, a uma partida, pode-se acompanhar todo o jogo, ou toda a dinâmica da interação entre os times, sem a necessidade de transmissão oral, por um narrador.

Constituindo-se como times, distintos uns dos outros, *basqueteiros* se identificam com base na orientação proposta por princípios racionais para desempenhar o jogo, seguindo, assim, normas de exercício da prática. Ainda ancorada no raciocínio de Weber (1991), considero que, na dinâmica das relações no “mundo do basquete”, se desenvolvem, ações afetivas, envolvendo os atores sociais, no desempenho das suas atividades, visando objetivos racionais específicos, como realizar certas tarefas no jogo e vencer a disputa em grupo; portanto, vejo aí um contexto de criação de relações não só racionais, mas que constroem, também, afetos paralelos. Isto pode ser ilustrado na imagem do *jogo amistoso*, reunindo alunas e ex-alunas do CEFET, em junho de 2005: as atletas vão chegando, abraçam e beijam, carinhosamente, Tony, o treinador, que, rodeado pelas “discípulas” e se dirigindo a mim, comenta: “este jogo é amistoso; é para congregar, confraternizar, pois o mau das pessoas é que deixam os lugares e não aparecem. Faço o jogo para elas aparecerem. A gente viajou juntos... Elas ligaram umas pras outras para fazer este jogo”. É

50 Conforme aparece, por exemplo, no depoimento de Karla, em setembro de 2005, ao me dizer que chegou atrasada ao treino preparatório do VI EDCENNE 2005, porque fora com sua mãe comprar a *basqueteira*, um tênis apropriado para não causar problemas de articulações. Diz que sua prima não usou o tênis requerido e teve problemas no joelho.

51 Bárbara 10; Aglaê 17; Nídia 6; Lídia 13; Neila 8; Adriana 14; Maria 5; Daniela 9; Carla 4 e Rocicler 12.

importante lembrar que a dimensão afetiva não elimina a racionalidade do processo esportivo, funcionando como uma espécie de acumulação de energias para o próximo jogo.

Chamo atenção para o *conflito* que, de acordo com o pensamento de Simmel, faz parte dessas relações, como um elemento estruturante; e, ao regular a convivência das pessoas, limitando suas singularidades, contribui para a constituição do próprio grupo. No caso em estudo, por exemplo, eventuais proibições e certas advertências do técnico, para com a equipe, podem gerar dissidências entre ele e as alunas. Ao mesmo tempo, na medida em que decorrem da existência de princípios ou normas do basquete, e ele está ali para ensinar-educar, essas atitudes funcionam como mecanismo de controle e, associadas aos próprios conflitos delas decorrentes, terminam por reforçar a configuração do grupo.⁵²

A propósito do conflito como um dos elementos estruturantes do grupo, me vêm à lembrança, também, dissidências que podem desencadeá-lo, no jogo. Observei isto, por exemplo, entre equipes adversárias por ocasião de um “jogo-treino”, preparatório para o VI EDCENNE-2005. Ali, uma jogadora do CEFET, saindo da partida, se refere a uma agressão sofrida: “Gente, aquela menina deu umas tapas em mim!”. E outra se queixa: “aquela menina veio me empurrando com o cotovelo... Aquela psicopata! Ah uma jaula aqui!”. Expressam-se, assim, relações pouco amistosas entre atletas adversárias.

Enfim, várias cenas que pude registrar durante a pesquisa, algumas aparentemente insignificantes, revelam o quanto o impedimento do latente conflito pode acenar para a consolidação do *espírito de equipe*. Atitudes consideradas desrespeitosas, em quadra, traduzem o não-reconhecimento do lugar do adversário pelo jogador, levando o juiz a assinalar falta. E, no caso, a sanção é *dada à equipe*; embora, a *falta* tenha sido cometida por um dos seus integrantes, que negou o lugar do opositor na disputa. Ou seja, o jogador é punido porque não corresponde a expectativas do grupo. Assim, se, por um lado, ocorrem reações pouco amistosas entre jogadoras de equipes rivais, por outro lado, a punição estabelecida pelo juiz (decorrente de tais reações na quadra), ao mesmo tempo em que tem a função de controle, desperta o sentimento de grupo (o

52 Pelo menos três exemplos registrados por mim na pesquisa podem ilustrar o que acabo de escrever: 1) em uma ocasião, o técnico não autorizara o início do treino e as alunas pegaram as bolas e foram brincar na cesta; ele interrompeu a brincadeira e chamou as garotas para adverti-las, lembrando que elas não gostariam que mexessem em suas coisas. Olhando para elas e para os artefatos do jogo (integrantes da demanda do grupo no desenrolar da atividade), parecia deixar claro seu poder de controle sobre as atletas e o material, de acordo com regras conhecidas pelo grupo. Conforme ouvi de algumas alunas, “o professor Tony dá *bronca* na gente, mas a gente também dá *bronca* nele”. 2) O conflito aparece outra vez, quando alunas violam a norma de entrar em jogo com o uniforme distinto, fora do padrão identificador da equipe, conforme ocorreu em Teresina, durante o EDCENNE-2005. Ali, o técnico explicitava a sua insatisfação e reprovava tal comportamento das atletas, uma vez que essa violação do padrão de uniforme poderia resultar em perda de pontos, favorecendo, assim, a equipe adversária, independentemente de qualquer escore. E enfatizava o que todos deveriam saber: a não-efetivação do jogo, podendo ser dada como vencedora, pela mesa coordenadora da partida, a equipe que tivesse com o uniforme padrão. 3) Internamente, podem se desencadear também situações de atrito entre os alunos e o professor, a exemplo do que Tony me falou, certa vez: atletas do CEFET estariam gerando ou alimentando “fofocas” através do site Orkut. Segundo ele, estariam criticando-o, pondo em discussão se era aceitável um jogador ir ao torneio preparatório para o EDCENNE, sem fazer parte da equipe da escola. Na opinião do técnico, este tipo de atitude revelava um “mau caráter”. Sabedor disso, chamou-os para uma conversa, mostrando-lhes não ser correto fazer críticas a ele, sem que estas lhe fossem dirigidas pessoalmente.

“nós”), uma vez que não só o *infrator* foi atingido; e, simultaneamente, o adversário se sente justiçado. Verifica-se a desobediência de normas ao mesmo tempo em que essas são afirmadas. O conflito contribui, pois, para a construção do *espírito de equipe* que pode ordenar a forma de jogar basquete de modo “civilizado”, conforme ensinamento de Elias (1992). O conflito latente faz parte da estruturação da *competição apaziguada* que visa a produção da civilidade, reforçando a imagem idealizada proferida por jogadores de basquete: a de que este deve ser “o jogo da delicadeza”.

7. A equipe de basquete como protagonista da sua encenação

Inspiro-me no conceito de competição de Norbert Elias (1992), para compreender o fato de que o esporte é uma manifestação de “cultura civilizada”, já que essa atividade é regulada por normas de “boa competição”. Para Elias,

(...) As competições integram um conjunto de regras que asseguram a possível obtenção de tensão na luta e razoável proteção de ferimentos. A desportivização possui caráter de impulso civilizador em que regras de etiqueta representam papel significativo. O desporto seja qual for é uma atividade de grupo organizada, centrada no confronto entre pelo menos duas partes. Exige esforços físicos de certos tipos e é disputado de acordo com regras conhecidas, incluindo, onde se revelar apropriado, regras que definem limites autorizados de força física (ELIAS, 1992: 232).

Como se observa, na interpretação de Elias, o jogo é analisado dentro de *processos civilizatórios*, envolvendo todo um movimento de forças sociais, nem sempre previsíveis, que resultam em tensões e controle das emoções, na relação histórica: relação em que práticas individuais se constituem dentro de uma teia de processos sociais. O autor concebe o esporte em geral como sublimação de violência e cita o exemplo do basquete. Tomando-o como referência teórica, neste estudo, encontro indício emblemático da *competição regulada*:

(...) Como bons vinhos, a maioria dos desportos necessita de muito tempo para evoluir até essa forma, para crescer até a maturidade e encontrar a forma óptima. É raro – embora tenha acontecido – inventar-se um jogo-desporto satisfatório. Refiro-me, ao basquetebol que, na sua forma inicial, foi inventado pelo dr. James Naismith de Springfield College em Massachussets, como exemplo de semelhante jogo (ELIAS e DUNNING, 1992: 232).

Elias faz alusão à competição aceita, se praticada dentro de regras prefixadas, como princípios de competição esperada. A partir dessa noção, ele toma o basquete, como exemplo de uma disputa que se aproxima do *confronto apaziguado*. Sua idéia pode me ajudar a compre-

ender como jogadores de basquete se relacionam seguindo ou rompendo as regras, conforme destaquei anteriormente. Um exemplo é o ato do juiz impedir que um jogador conduza a bola para dificultar a colisão com o corpo do adversário. Baseada na forma como o basquete se constitui, investigo como este favorece a criação do *jogo em equipe*. Penso que a norma que regula o tempo em que o time pode ter posse de bola, dentre outras orientações, impede o jogador de centralizar o jogo, podendo agilizar a disputa em conjunto e reforçar a ação da equipe como protagonista da cena.

Compreendo suas considerações, relacionando-as a contingências históricas de inserção do basquete no Brasil, que contribuem para a formulação dessa interpretação segundo a qual o desempenho de esportes como o basquete está ligado à modernidade. Encontro essa associação no estudo de PONTES (2005: 29, 30), que mostra os antecedentes históricos do jogo de basquete em Fortaleza. É interessante ressaltar, aqui, o fato de o Brasil ser o primeiro país sul-americano a incorporar o jogo de basquete (WEIS, 1996). Ele é trazido por um membro da classe dominante dos EUA, e inserido na região Sudeste do Brasil, na passagem do século XIX ao XX. Também foi trazido por migrantes alemães para Santa Cruz do Sul, na região Sul do Brasil.

Verifica-se que nesse contexto ocorre o fluxo migratório da Europa para o Brasil, que contribui, em larga escala, ampliando as diversidades culturais desse território. O basquete como experiência cultural foi incorporado no período histórico referido. Segundo Pontes (2005), desde meados da década de 1940 as noções de *progresso e desenvolvimento* incorporavam-se a discussões de ordem política e intelectual, nas nações capitalistas do Ocidente. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, surgiram no âmbito internacional duas potências polarizadoras. Uma destas potências é os EUA, que passou a tutelar o mundo capitalista, sobretudo a Europa Ocidental e as Américas, constituindo-se, nas palavras dessa autora, como referência de civilização ideal, na qual as demais nações se inspiravam, cujo estilo de vida constituiria um modelo a ser seguido.

Pontes analisa, sob essa ótica, o fenômeno urbano em que grupos ou segmentos sociais buscavam formas de expressão da vida moderna que se instalavam, marcadamente, na primeira metade do século XX, em grandes centros urbanos no Brasil, quando elites aspiraram a aparência *progressista* visando dar à cidade um aspecto de saúde e beleza. E essa visão difundia-se por vários contextos da sociedade. Era assim que ocorria com a organização do Clube Náutico Atlético Cearense, que se apresentava nas décadas de 1940 e 50, como um dos símbolos da cultura moderna em Fortaleza e que introduziu o basquete nesta cidade. Tal inserção pode contribuir para reforçar a relação entre basquete e modernidade. Essa orientação permeava o discurso de setores dominantes àquela época, e enfatizava o argumento de superação do atraso e do subdesenvolvimento. Ressalte-se que imagens de atraso e subdesenvolvimento eram associadas aos países pobres.

Segundo Pontes, essa perspectiva que se espalhava passou a compor concepções, teorias e estudos relativos à sociedade, à natureza, ao direito e à religião, veiculando também

a idéia de que a ciência e a técnica seriam capazes de resolver os problemas da humanidade, possibilitando-lhe o alcance da felicidade. Esse ideário moderno se projetava no campo da idéias e teorias que eram incorporadas em várias esferas da vida social e se expressava, inclusive, através da vivência dos esportes. O basquete aparecia como ilustração emblemática da aspiração de grupos sociais por esse estilo moderno. Essa discussão é reforçada por argumentos de Elias, que considera o basquete um exemplo emblemático de um jogo cujas estratégias de disputa favoreciam a maior aproximação da experiência do *jogo apaziguado*.

A construção histórica do sentido do esporte moderno aparece, ainda, na análise de Normando (2003) sobre o futebol como objeto de investigação. Ele reforça a discussão acerca do esporte como invenção cultural, que pressupõe o significado da dimensão de vida coletiva sobreposta aos impulsos individuais. Normando considera que o esporte foi sendo apropriado por classes dominantes no Brasil, no começo do século XX, criando novas formas de interações na vida das grandes cidades brasileiras como Manaus, Rio de Janeiro e São Paulo como símbolo de modernidade. Segundo esse historiador, havia a incorporação de atividades pelas pessoas, por mobilização das práticas esportivas mais variadas: *rowing*, remo, tênis, a luta greco-romana, o trufe, a pelota, o boxe, o ciclismo, a esgrima, o golfe, a patinação, o hipismo, o bilhar, o pedestrianismo, além de *rugby*, *cricket*, *baseball*, *handbal*, basquete, tiro ao alvo, peteca, alteres, automobilismo. Essas modalidades se expandiram, na sociedade do Brasil, trazidos por migrantes de *boa estirpe* do Velho Mundo.

A discussão do sentido do esporte por esses autores chama-me a atenção para a construção social do simbolismo do *espírito olímpico*, concretizado na imagem da Tocha, o chamado *fogo simbólico*. Este está presente em ritos esportivos modernos, em competições regionais, nacionais ou internacionais, conforme pude observar ao longo da pesquisa, por exemplo, por ocasião do desfile das delegações, na Abertura dos jogos inter-regionais, em Teresina-2005, do qual o grupo de basquete que investiguei participou. Apareceu, igualmente, na Abertura dos jogos Pan Americanos-2007, no Rio de Janeiro. Assim, esse *espírito olímpico que rege a condução da Tocha* é associado à expressão de unidade por meio do esporte, através do desfile de identidades materializadas no corpo de suas respectivas delegações; unidade compreendida como símbolo da *competição civilizada*. Nesses contextos, a imagem do *espírito olímpico* tende a se impor sobre as manifestações de impulsos individuais, por exemplo, eventuais abusos de força física no cenário dos jogos. O fogo simbólico traduz a expectativa de união, luz e paz entre grupos e nações.

Nas Olimpíadas Mundiais, um ritual preparatório reconstitui a história dos jogos modernos, através do revezamento do *fogo simbólico*, partindo da Grécia e passando por distintos países, até chegar ao local que sediará os jogos. No ritual de Abertura, observa-se a configuração das equipes em determinado espaço físico, evocando, simultaneamente, as imagens de *identidades nacionais* (delegações de diferentes nações, devidamente caracterizadas) e de uma *universalidade* das “culturas civilizadas” (o conjunto das delegações ali distribuídas). Na

cerimônia de Abertura, a primeira delegação a desfilar é a da Grécia. E esse rito atualiza a memória. O ritual se verifica de modo que a última delegação a aparecer em cena é anfitriã dos jogos, representante da nação-sede do evento no momento em que acontece a edição.

O *fogo simbólico* é preservado; ou seja, mantém-se a tradição, mesmo que se verifiquem pressões econômicas e políticas envolvendo o evento. Muitos protestos políticos ao redor do mundo marcaram, por exemplo, a ocorrência da vigésima nona edição das Olimpíadas mundiais em Pequim-2008. De acordo com discursos dos manifestantes, reagiam à repressão aos direitos humanos na China, fato que repercutiu nas relações diplomáticas entre as diversas nações envolvidas na competição.

Segundo Normando, o simbolismo cultural que associa o jogo à expressão do ser moderno foi incorporado por pensadores da História do Brasil, na transição entre os séculos XIX e XX. Essa discussão confirma, ainda, o argumento de Hobsbawm (2002), autor que chama atenção para o fato de o espaço do esporte se constituir, também, em um espaço de preservação de tradições. Esses autores vêem o esporte como prática cultural, e, no caso, para que a competição exista, é preciso que uma demanda coletiva se sobreponha à demanda individual. Esse pensamento converge com a perspectiva de Simmel, segundo a qual a competição tem uma *meta social*, pois esta pode ser incorporada por um grupo que se produz para legitimar a preferência de indivíduos por um esporte específico e segue princípios próprios, universais ou impessoais, dessa forma de jogar. Para esses teóricos, o esporte contribui para regular relações sociais e associar os indivíduos em processos culturais. Processos que objetivam, também, preservar o opositor, uma vez que essa preservação, apoiada na regulação do conflito, é a condição coletiva imposta para que o confronto possa se estabelecer e se viabilizar.

Essas considerações servem para explicar como a dimensão coletiva da disputa busca se impor sobre a dimensão individual, envolvendo, porém, seus aspectos conflitantes. É através desses processos sociais que o *jogo em equipe* aparece no desempenho de adeptos do basquete, tomando-o como exemplo de uma atividade que se apóia em certos princípios de relacionamento, o que implica um jogo também de boa convivência.

O estudo de Montagner (1993) reforça o basquete como espaço de promoção de grupos. Conforme este autor, tal esporte não pode ser visto como um lugar apenas de competição, uma vez que ele contribui para criar relações de cooperação, já que no confronto que objetiva um resultado, observa-se a relação com “o outro”. Para Montagner, os esportes coletivos como o vôlei e o basquete supõem, para além de confronto, a cooperação, na medida em que uma equipe não atua isoladamente, e sim em um contexto relacional, com o grupo opositor:

(...) não se consegue uma performance sem vencer um oponente, sem um adversário, sem um confronto. Não se joga apenas “contra alguém, mas também com alguém”. Isso pressupõe a característica de cooperação. Essa característica pode e deve ser enfatizada por aqueles que acreditam em esporte e educação (MONTAGNER, 1993: 93).

Esta passagem do pensamento do autor reforça noções explicitadas anteriormente, segundo as quais, na dinâmica do jogo, observa-se a preservação da *competição regulada*. Acerca da construção da disputa, tomando como referência aspectos táticos e técnicos do basquete, constato ser corrente entre seus adeptos a idéia de que o basquete é *um jogo de defesa*. Essa crença dos *basqueteiros* é expressa, por exemplo, na fala de Hélio Rubens⁵³, para quem *nesse esporte de precisão, a âncora e o apoio do jogo de basquete é a consistência defensiva, posicionamento adequado e defesa agressiva*. Ocorre-me perguntar, porém, como um jogo que envolve intensa movimentação, velocidade, poderia ser visto, principalmente, como um *jogo de defesa*? Tal concepção pode reforçar a valorização da *imagem de equipe* no basquete. *Defesa agressiva*, porém, dentro de limites fixados, regularmente, deve acontecer de modo que o defensor se antecipa e rouba a bola, sem puxar, sequer, a camisa do adversário, pois isto, nas palavras do ex-jogador Oscar Shmidt, “caracteriza desrespeito ao jogo com falta anti-esportiva”.

Equipes que alcançam um elevado nível de aprimoramento técnico, a exemplo de EUA e Cuba, participantes dos jogos Pan americanos-2007, são equipes que têm boa articulação defensiva, algo que alguns adeptos como professor Campainha (da escolinha do BNB) chamam de *homogeneidade*. Em seu *conjunto*, a equipe assim se conduz de modo a assegurar o ganho de rebote defensivo. Um tipo de marcação em conjunto é a *marcação por zona*. Esta ocorreu, por exemplo, quando a equipe de Porto Rico enfrentou o time da Argentina, durante as semifinais dos jogos Pan americanos-2007: a defesa bem articulada na *marcação por zona*, em um dado momento, permitiu ao time que estava à frente no placar, alcançar a vantagem de 28% de recuperação de rebotes, isto é, das bolas que sobraram dos arremessos dirigidos à cesta, contra um aproveitamento de só 22% dos rebotes defensivos da equipe que está em desvantagem no placar.

Além de impedir infiltrações e atrapalhar os arremessos do time contrário, essa estratégia de defesa contribui para o time defensor assumir, com rapidez postura mais ofensiva, já que a forma de regulação do jogo impede que o atacante seja abordado em seu contra ataque, pois ao tentar parar esta iniciativa ofensiva o marcador pode cometer a falta. O jogador que se apossa da bola e vai para o ataque estará, relativamente, sem obstáculo para converter a cesta. A única possibilidade da equipe adversária se defender, por regulamento do jogo se limita à aplicação do *tapinha*⁵⁴ na bola, tentando roubá-la do atacante que a conduz. Essa estratégia de defesa produzida serve, entre outros aspectos, para mostrar como a forma do basquete pode reforçar o *espírito de equipe*.⁵⁵

Essas situações constatadas ao longo da pesquisa têm relação direta com a expectativa ideal que regula o basquete da perspectiva de sua estrutura, proposta como universal e impessoal pela FIBA.

53 Ex-jogador de basquete da seleção brasileira e comentarista da emissora de televisão Sport TV, por ocasião dos Jogos Pan Americanos-2007.

54 *Tapinha* ou *tôco* é um artifício em que o jogador “rouba a bola” do adversário, sem, no entanto, tocar-lhe no corpo.

55 Hortência, ex-jogadora de basquete profissional do Brasil, criticou o jogo individual de alguns jogadores brasileiros, por ocasião da partida Brasil e Ilhas Virgens, em julho, na cidade do Rio de Janeiro, por ocasião dos jogos Pan Americanos 2007. Questionou o jogo inadequado que não visou o *conjunto da equipe*, isto é, criticou uma prática em que o jogador não dava bola ao outro.

Uma outra situação observada que reforça a idéia de *espírito de equipe*, no “mundo do basquete” é a criação da “posição de armador”, de acordo com a qual, a equipe funciona com até dois jogadores⁵⁶. Espera-se do “bom armador” do basquete a distribuição que permita envolver os outros quatro personagens da equipe na cena do jogo. O “bom armador” tem como tarefa distribuir ou passar as bolas. O *passe* e o *drible* são dois fundamentos básicos deste esporte, que valorizam a imagem do basquete jogado *em conjunto*, por impedirem a centralização da bola e o embate corporal, a menos que seja violado o regulamento.

Mas, o basquete também apresenta, às vezes, *a catimba, a provocação, o bate boca* entre alguns jogadores, e isso faz parte do *jogo sujo*, conforme argumentou Hélio Rubens⁵⁷. Na sua opinião, vencerá “a melhor equipe”, no caso, Porto Rico, pois a Argentina jogaria ao estilo de um de seus jogadores, Gonzalez, “catimbeiro, que joga sujo e prejudica a equipe”. E é mais um a reforçar a idéia segundo a qual o basquete é *o jogo que se ganha com o conjunto de jogadores*.

Durante a partida de basquete masculino, entre Brasil e Uruguai, na semifinal desses jogos, ao comentar um lance em que um atleta do Brasil *converteu uma cesta*, Alberto Bial⁵⁸ observou que *o basquete do Brasil é solidário*; a jogada é acionada passando pela mão de cinco jogadores e com finalização bem sucedida *para converter a cesta*. Aparece novamente, aqui, a ênfase atribuída ao basquete como um esporte que *reforça o espírito de equipe*. Bial chamou atenção, igualmente, para o basquete *bem visto* ou articulado, adequadamente, por todos os jogadores do time. Na mesma direção se pronuncia Paula, ex-atleta profissional de basquete e da seleção brasileira, no início do jogo entre Brasil e Porto Rico, na final do Pan-americano/2007:

A grande arma da seleção brasileira na busca da medalha de ouro é o jogo em conjunto, deixando o individualismo de lado (...) basquete é esse jogo em conjunto, um jogador ajudando o outro, Valtinho fez cesta, Marcelinho fez cesta; o basquete do Brasil é isso aí: o jogo em equipe (...). O Marcelinho é melhor jogador atualmente, pois antes ele jogava bem, mas jogava para ele, agora ele está jogando bem, mas joga para a equipe.

Paula explica, ainda, que na ocorrência de falta intencional, além da equipe prejudicada ter a seu favor a vantagem de concessão de arremessos livres, tem direito também a ter posse de bola. Chamo atenção, nesta situação emblemática, para o fato de como o regulamento do jogo busca desencorajar certos impulsos individuais, os quais contrariam os tais princípios universais, reforçando, pois, a imagem da disputa que é *ganha por uma equipe*. Após a conquista do título de tricampeão do basquete masculino, pelos jogadores brasileiros, Paula afirmava que o Brasil merecera, pelo *jogo em conjunto, a defesa compacta com ataque ofensivo*. Refere-se a como esses aspectos táticos contribuem para produzir uma forma de sociabilidade.

56 Um exemplo disto aparece no papel desempenhado pela jogadora Adrianinha, da seleção do Brasil, por ocasião dos jogos Pan Americanos-2007.

57 No momento em que se defrontavam Porto Rico e Argentina, em 28.07.07, por ocasião dos Jogos Pan Americanos.

58 Técnico de basquete profissional, da equipe do Joinville, em Santa Catarina, e comentarista da emissora *Sport TV*.

Esses depoimentos de outros profissionais do basquete vêm se juntar aos testemunhos de Tony e Campainha, quando afirmam que o *bom jogador de basquete* é aquele que vê o jogo como *troca*; é o que aprende a dividir; é aquele que reconhece que embora haja o destaque individual é porque outros trabalham para ele. Vê-se, portanto, a constante presença, no “mundo do basquete” da noção do jogo apoiado no arranjo de jogadores articulados, como princípio organizador de um conjunto de jogadores protagonistas na encenação do basquete.

Encontro uma analogia entre a orientação coletiva universal que estrutura o jogo de basquete como deveria ser jogado, e conforme é constatada nestas e em outras falas por mim registradas ao longo deste trabalho, com a perspectiva de Simmel, para mostrar como se processam os relacionamentos na dinâmica do jogo, com base na experiência de seus próprios adeptos. Simmel comprehende a competição como uma unidade supra individual ou meta social que extrapola o seu resultado mais específico. Não interessa apenas chegar a uma determinada soma de pontos, ao final da disputa desportiva, mas também difundir valores que ultrapassam o âmbito específico do jogo. Nas palavras do autor:

(...) A tonalidade específica da luta é que seu resultado em si não é meta. A meta da ação global só é alcançada com a disponibilidade de um valor que não depende daquela disputa competitiva. A luta consiste apenas no ato de que cada concorrente busca a meta por si mesmo sem usar sua força contra o adversário (...) Cada parte combate seu adversário sem se voltar contra ele, sem tocá-lo por assim dizer. A motivação subjetiva e antagonista conduz à realização de valores objetivos e a vitória na luta não é realmente o sucesso da luta em si, mas, mais precisamente, a realização de valores exteriores a ela (SIMMEL, 1983: 135; 136; 137).

Assim, apropriando-me deste raciocínio de Simmel, encontro nele um importante referencial teórico para análise de aspectos de uma dimensão cultural do “mundo do basquete” por mim identificada nesta pesquisa. Penso aqui que há princípios universais que regem esse esporte que ajudam a preservar a convivência entre indivíduos e grupos que se sobrepõem às singularidades individuais expressas por seus adeptos na disputa da prática esportiva propriamente dita.

Na minha interpretação, há uma espécie de equivalência entre a orientação universal que norteia o desempenho de jogadores do basquete e essa perspectiva da meta social que Simmel supõe como reguladora da competição. Numa analogia com o jogo, vejo que todo um conjunto de regras e princípios – à primeira vista especialmente destinado a estabelecer “como o jogo deve ser jogado”, isto é, regras que impedem, por exemplo, o jogador de empurrar o adversário no confronto; de tomar-lhe a bola, quando este se encaminha para executar sua tarefa de converter cesta, etc. – na prática, ao lado dessa função técnica, preenche outros sentidos, repercutindo sobre o comportamento e a vida dos *basqueteiros* em outras dimensões. Ou seja, tais orientações ultrapassam as fronteiras do que seria “puramente técnica”, ali na quadra, onde

se dá a competição, estendendo-se aos campos do *respeito pelo outro*, da *civilidade*, da *dignidade humana*, para citar apenas alguns daqueles aspectos referidos em outras passagens deste trabalho. Além disso, a vigilância e o cuidado dispensados a esses princípios norteadores, pelos “dirigentes” do basquete, parecem contribuir para a sua incorporação, também fora da quadra. Nessa direção, a pesquisa me faz ver a construção do *espírito de equipe* como uma das evidências mais visíveis e significativas do alcance dessas orientações.

Uma outra afirmativa de Alberto Bial, nos ajuda a compreender a construção do *espírito de equipe* no “mundo do basquete”:

O Brasil é essa equipe, é disso aí que gosto (se referindo à roda de jogadoras abraçadas na quadra após o jogo). *Uma vitória maiúscula do coletivo, do conjunto da defesa. Gostei do inter-relacionamento das meninas do Brasil. Eu gosto quando a confiança do interpessoal se sobressai. Nessa situação o pessoal fica melhor; o jogador ganha mais confiança com o grupo. O bom jogador do basquete é o que faz a equipe jogar*⁵⁹.

Com este comentário o técnico reforça a idéia de ordenação do basquete pela sobreposição do interpessoal, ou, no dizer de Simmel, pela unidade supra-individual, conforme aparece, por exemplo, neste depoimento de Tony:

(...) Tinha um aluno muito bom; aos oito anos já saía driblando, todo mundo até chegar na cesta e fazer. Era muito bom, veloz, gostava do jogo, mas não passava a bola pra ninguém. Os outros não o acompanhavam. Ficava frustrado, não tinha para quem passar a bola... Alguém assim, eu deixo driblar porque é bom; mas, só até um certo ponto, quando então eu tirei ele do drible. Ele não percebia que basquete não se vence só; é um jogo coletivo. É uma estratégia. Tiro o aluno do drible e boto para ele treinar o passe. Quem não passa bem, vai treinar passar bola. Quem dribla sozinho, boto para passar a bola, ficar um pouco na armação da jogada (em entrevista concedida à autora, junho de 2005).

O discurso do professor do CEFET é compatível com a fala de um outro com quem dialoguei em campo, o professor Campainha, também treinador profissional. Para este, “o atleta não pode pisar no outro; o jogo é pra ensinar que ele tem de dividir, de jogar com os companheiros e exercer a competição sadia”. Segundo Campainha, só há destaque individual porque há outras pessoas trabalhando para ele.

Ilustro com esses depoimentos a maneira como vai sendo lapidada essa convivência entre os participantes que compõem uma equipe de basquete. Assim, com base em táticas que educam o jogador para *passar a bola* ao invés de buscar ultrapassar o opositor, trabalhar o passe

59 Comentário emitido em 28.09.07, em transmissão através da emissora de televisão *Sport TV*, por ocasião do torneio pré-olímpico-sul-americano, classificatório para as Olimpíadas Mundiais de Pequim, quando o Brasil venceu o México por 119 X 44, no Chile.

e não a tática de ultrapassagem, o professor contribui para desencorajar a jogada individual e para favorecer que esses jogadores desenvolvam o *sentimento de equipe*. É priorizando, pois, a tática do fundamento do jogo, nomeada *passe*, que se apóia na ação de vários indivíduos, e desencorajando o drible solitário, ou movimento individual entre o atacante e o opositor, que o orientador contribui para a construção de certas condutas entre os aprendizes do basquete. É nesse fazer do grupo, cotidianamente, que a troca de experiências vai sendo vivenciada por jogadores, *resultando na consolidação de uma identidade de equipe*.

O princípio que ordena a forma de jogar basquete é reforçado também pelo depoimento de Adlanda, atleta do CEFET-Ce, referindo-se à viagem feita a Recife, para participar do EDCENNE. Indagada acerca de como vê essa competição, ela responde que quer conhecer Recife e outras pessoas; acrescentando que gosta muito do basquete, enfatizando, ao mesmo tempo, a sua dedicação àquele esporte: “(...) é dar o máximo pela equipe. Isso é mais importante do que ganhar a competição”.

Acerca do sentimento de pertença ao grupo que move adeptos do basquete, chamo atenção, ainda, para a fala de Karla, do CEFET, durante a Copa CEFET-2006. Segundo ela, o fato de estar nesses jogos *aumenta a responsabilidade de jogar pela equipe*. Disse que quer “competir, competir, jogar, encontrar pessoas de outros estados”; que joga o basquete porque neste jogo, “você vai à luta, tenta passar pelo outro... Vôlei é aquele jogo parado...”. Raíssa, integrante da equipe do colégio Santa Cecília, no mesmo torneio, me revelou gostar mais de jogar no clube do que na escola. Nas suas palavras, “no clube as alunas jogam mais pelo envolvimento com basquete, se empenham mais pela equipe; na escola, algumas alunas estão lá por obrigação curricular”. Ludimila, também componente do time do CEFET-CE, quer estar no VII EDCENNE, para conhecer outros lugares, pelas brincadeiras com as colegas, para ganhar, mas, quer também é estar com as pessoas, envolver-se nas brincadeiras com elas. Na mesma ocasião, Bárbara, atleta do CEFET-Ce, revelou: “Gosto da rotina de estar junto com outros, todo mundo junto, de ir ao banheiro e encontrar alguém de outro estado, fazer amizades, gosto dessa interação. É bom ganhar, principalmente, quando ninguém tá confiando”. Rocicler, outra jogadora do CEFET-CE, diz que ir ao EDCENNE é bom para “encontrar as pessoas e viajar de graça”. Maria, também do CEFET, revela, por ocasião de treinos que acompanhei na escola, o que os jogos significam:

(...) é bom trocar telefones e e-mails, fazer amizades... Mesmo depois, a gente fica se comunicando com as pessoas dos outros estados. Troco mensagens por telefone ou e-mail, com gente do Pará, João Pessoa, Alagoas, Rio Grande do Norte... Participei dos encontros que houve no Pará, 2004 e aqui em Fortaleza em 2003 (Maria, do CEFET, agosto/05).

Aqui, os depoimentos convergem para a perspectiva de evidenciar como se produzem *vivências em grupo* no “mundo do basquete”. As falas dos entrevistados realçam o sentido e o prazer que sentem de estar no contexto pelas brincadeiras com as colegas, pela chance de

encontrar pessoas. Além do empenho pelo jogo em si, gostar do basquete é um fator de motivação, tanto quanto o é exercitar o espírito competitivo, com as outras pessoas com quem criam laços de amizade. E, assim, vai se consolidando, para esses jogadores, um sentimento de pertença àquele espaço social, no caso, o seu grupo; e, simultaneamente, vai se produzindo uma *identidade* – a identidade de *basqueteiro* –, a partir da produção e/ou incorporação de linguagens, estratégias, tarefas, brincadeiras, partilhas e outras formas de convivência e uso de artefatos, símbolos e representações, próprios do grupo, conforme demonstro no item anterior em que analiso a linguagem dos *basqueteiros*.

Ultrapassando as fronteiras das instituições que pesquisei, encontro reforço para a valorização do sentimento de equipe no “mundo do basquete”, ao atentar para a fala do técnico do grupo masculino, de basquete do Brasil, o espanhol Moncho Monsalve, em junho de 2008. Em face da conduta de jogadores masculinos, atuantes no basquete americano, que pediram dispensa para não participarem do Pré-Olímpico da Grécia, que disputaria a vaga para as Olimpíadas de Pequim-2008, o técnico afirma: “Esses jogadores não serão chamados na próxima convocação. É um desrespeito ao grupo e à Federação. Estrelas não ganham; grupos é que ganham o jogo”⁶⁰.

Em seguida à apresentação da dinâmica do basquete, trato da descrição e análise de ocorrências em que esse jogo é apropriado, por parte de algumas empresas, principalmente, da esfera privada como clubes, meios de comunicação ou empresas de produtos esportivos, a exemplo das multinacionais. Nesse contexto, tais empresas visam utilizar propósitos do jogo, paralelamente, à vinculação desses princípios aos processos de propagação de valores tais como *filantropia* e *responsabilidade social*. Ao promoverem iniciativas de solidariedade apoiadas nessa prática, utilizam o basquete em defesa também da difusão de sua imagem. Nesta perspectiva, em sentido mais amplo, vejo que noções como *eficácia*, *competência*, *resistência*, *vigor*, *competitividade*, *vitalidade*, *conquista*, são veiculadas como *valores culturais*, vinculados com a atividade e associados à imagem, de ídolos de esporte, paralelamente, à prática esportiva. O próprio meio de comunicação, a exemplo do jornal *O POVO* que busca formar opinião, se apropria da mensagem desportiva, digamos assim, como uma jogada de *marketing* no jogo da própria vida, junto a um público consumidor dessas mensagens face à competição da sociedade de que essas organizações fazem parte.

60 Aqui, verifico, também, exemplo de conflitos advindos da relação *técnico X atleta*, cujo pivô da discórdia é o rompimento, por parte de atletas, com a visão do *jogo coletivo*. No caso, essa questão se torna complexa em função da migração de nossos principais atletas, que passam a fazer parte da profissionalização do basquete no exterior. Este comentário de Monsalve ocorre, paralelamente, às notícias que circulavam na imprensa de que um dos principais atletas masculinos, o armador Leandrinho, que joga nos EUA e que pedira dispensa por se encontrar com inflamações no tendão, estava jogando futebol benfazente nas ruas de Nova Iorque. Essa discussão entre os adeptos do basquete alimenta uma discordância que se evidencia, inclusive, quando o Brasil perde sua vaga masculina para as Olimpíadas da China. O diálogo entre Alberto Bial e Oscar Shmidt projeta o conflito acerca de motivos que explicam a derrota do Brasil. Se, de um lado, para Oscar, esse fato pode significar falta de envolvimento individual com a seleção, para Alberto Bial, não se pode acusar o jogador de assumir, nesse caso, uma *atitude não-patriota*. Bial considera a precariedade de oportunidades de trabalho do profissional no Brasil como razão da migração deste para o exterior, e afirma, também, que a ausência de atletas da seleção em competições internacionais tem origem na complexa rede de organização do basquete americano, uma vez que, em defesa de seus interesses, o clube não se dispõe a liberar um profissional de seu plantel para servir à seleção do Brasil, sem impor condições que protejam suas necessidades.

CAPÍTULO 5

BASQUETEBOL, “FILANTROPIA E RESPONSABILIDADE SOCIAL”

Analiso, neste capítulo, diferentes significados que o basquete pode adquirir, ao ser apropriado por várias esferas da vida social. Como prática cultural, o basquete se manifesta em distintos lugares geográficos e contingências históricas, envolvendo distintas formas de sociabilidades, que podem ser construídas em sua dinâmica, articulando diversos atores sociais. Observa-se, por exemplo, sua apropriação pela publicidade, para atender a usos políticos ou empresariais. Assim, o basquete pode servir aos propósitos de “solidariedade” de entidades no exercício do jogo benficiente, bem como ao ser praticado no contexto das competições oficiais, serve como vitrine de projeção de distintas formas dos grupos e modalidades esportivas culturais se representarem, a exemplo do que foi observado neste estudo por ocasião dos jogos inter-regionais, em que as equipes representavam diversidades culturais de vários estados, dentre outros usos. Reconheço, portanto, uma relação estreita entre situações em que o basquete é praticado e as suas significações.

1. O jogo benficiente (*amistoso*)

O basquete pode ser concebido como uma espécie de método de treinamento de jovens em grupo, ou uma opção de profissionalização. Ou seja, há várias maneiras de utilização dessa prática, e elas podem ser vistas como elos de conexão do jogo com outras atividades coletivas, de modo que grupos sociais, de interesses distintos, se apropriam de certas práticas e delas fazem usos variados, como aparece, por exemplo, em textos jornalísticos. Isso pode ser observado, ao longo da história de Fortaleza, como afirma Pontes (2005), ao destacar a relação entre o jogo benficiente e clubes sociais. A autora se baseia em informações veiculadas em jornais locais e focaliza especialmente o papel do Náutico Atlético Cearense na vida dessa cidade. Segundo Pontes, examinando-se a história deste clube, constata-se essa associação dos esportes – entre os quais cita o basquete – com as campanhas benficiares da cidade.

(...) *O nome do clube associa-se ao Lyons e Rotary, duas entidades de cunho assistencial e filantrópico que o reverenciavam ao utilizar instalações para realizar reuniões ordinárias ou realização de eventos diversos. Vários acontecimentos e promoções de natureza caritativa tiveram lugar nos salões do Náutico* (PONTES, 2005: 217).

Essas ações benficiares são iniciativas que articulam indivíduos e entidades sociais, a exemplo de clubes, cujas práticas reforçam, dentre outras, a ação entre os atores comprometidos com tais propósitos; ao mesmo tempo, essas entidades promotoras exercitam a

“ajuda mútua”, reafirmam seus interesses e imagens particulares em face da população da sociedade de que fazem parte.

Um outro exemplo encontro no estudo de Weis, nomeado *O caso do basquetebol em Santa Cruz do Sul*. Referindo-se à atuação do basquete com fins benficiares naquela cidade, o autor menciona, entre seus objetivos:

Incentivar e cultivar os esportes amadoristas em todas suas modalidades; estreitar laços de união e solidariedade entre sociedades congêneres por meio de competições esportivas oficiais e amistosas e promover reuniões e diversões de caráter benficiente, social, cultural (WEIS, 1996: 40).

Na cidade de Fortaleza, o jornal *O Povo*, edição do dia 16.12.04, publicou matéria na qual encontramos “sinais” de uma rede de interações se tecendo através de um jogo *amistoso* de basquete, no BNB clube; atividade que visava apoiar uma entidade benficiante. A notícia era veiculada nos seguintes termos: “BNB, amistoso reúne amigos do basquete”. Esse evento foi promovido, pela primeira vez, no ano 2000, por iniciativa do professor Campainha e é também chamado, pelo seu fundador, de *Festa dos Amigos do basquete*.

2. A Festa dos Amigos do basquete



Foto 18 – Cena do “basquete solidário”, no encontro realizado em 19.12.06 no BNB Clube de Fortaleza.

Aparecem, nesta foto: a mãe de um aluno, o professor Campainha (ao centro, de boné azul marinho), com a voluntária da *Casa Menino Jesus* à sua direita; atletas do basquete profissional, do Fortaleza Esporte Clube e da UNIFOR; ex-atletas como o gerente do programa

municipal *Esporte na comunidade*, ex-atleta do clube Círculo Militar e atleta atual da Faculdade Integrada do Ceará (FIC), vestindo a camisa da programação chamada *O dia B Municipal do Basquetebol*, se mesclam com aqueles da escolinha Centro Esportivo Campainha.

Essa ilustração reforça a imagem do basquete como uma produção cultural que articula os seus adeptos, de diversas entidades, no plano local. Tal experiência transcende gerações; como diz André, aluno da Escolinha, sempre “bate rachas” com seu pai no clube; não gosta do ambiente de sua escola. Esta fala converge com a de Campainha que, conversando sobre seus alunos, nos disse que, ao chegarem à Escolinha, alguns já jogavam com o pai. Conforme explicitado anteriormente, o próprio Campainha disse ser filho de um jogador de basquete amador, do Riachuelo Tênis Clube, no Rio de Janeiro, de quem herdou, além da habilidade de jogar, também este apelido. O exercício desta prática transcendendo gerações é confirmado, ainda, pelo depoimento de Gustavo, aluno de Campainha na equipe masculina da UNIFOR. Segundo esse adepto⁶¹, seu pai também jogava basquete pela UFC.

A seguir, descrevo a *Festa dos amigos do basquete*, procurando mostrar de que maneira, através dela, vai se formando, historicamente, uma verdadeira rede de relações que, no plano institucional, envolve: os jornais *O Povo*, e *Diário do Nordeste*; a *Casa Menino Jesus* e o *BNB Clube*, num contexto de visível mobilização, no período anterior ao Natal de 2004⁶².

Nesse cenário, aparece, portanto, uma organização privada (o BNB clube), articulada a outras, também do setor privado; estas, no campo da comunicação, no caso, os jornais *O Povo* ou *Diário do Nordeste*. A intervenção dos jornais reflete a necessidade de apoiar e incentivar atividades esportivas e culturais, como prática vinculada à “responsabilidade social” no Estado do Ceará. Os referidos periódicos, com grande abrangência na Capital, têm mediado o processo de divulgação do evento, expressando um apelo para que as pessoas da sociedade civil participem dessa iniciativa. O jogo benficiante é disputado entre atletas atuais e veteranos.

O comunicador Sílvio Carlos, do jornal *Diário do Nordeste*, na edição de 19.10.05, refere-se ao papel do basquete veterano local, na vida social, assim: “Basquete veterano. Faz gosto a gente ver o pessoal do basquetebol antigo praticando este esporte no dia-a-dia. Até parece que eles não passaram dos 60. E uns até dos 70”.

Por ocasião de uma programação do *Dia B Municipal do Basquetebol*, desenvolvida em dezembro de 2006, em Fortaleza, tomei conhecimento da existência da AVAB (Associação de Veteranos e Amantes do Basquetebol). Esta pode ser tomada como mais uma expressão de identidade de grupo, produzida no contexto desse esporte, o que reforça, para mim, a idéia de

⁶¹ Nossa conversa com Gustavo ocorreu em 23 de dezembro de 2006, durante a programação municipal citada anteriormente.

⁶² A campanha é veiculada nos moldes das chamadas *campanhas de solidariedade*, no período pré-natalino, quando se verificam várias iniciativas, por parte de diferentes grupos, dentro da sociedade. Nesse caso, por exemplo, no ano 2000, a entidade a ser favorecida foi a Fundação Peter Pan; no ano seguinte, o Lar Torres de Melo; em 2004, foi a *Casa Menino Jesus*, estando previsto também, na lista de beneficiados para receber donativos, o IPREDE. Em 2006 e 2007 as doações foram feitas novamente à *Casa Menino Jesus*.

considerar o basquete como um espaço de criação de identidades que se edificam nas relações entre seus jogadores.

Vale ressaltar, aqui, o papel dos meios de comunicação na divulgação dos significados circunstancialmente atribuídos a esse esporte. Neste caso, observe-se a especificidade do grupo *veterano*, como uma variável a mais, a se entrelaçar naquela rede já mencionada. Trata-se, pois, de um *jogo beneficente*, praticado por *veteranos* e, nesse contexto e situação específicos, se configura um outro significado; o objetivo não é o mesmo de um time de jovens estudantes, vinculados a uma escola ou a um clube.

Ainda me chamou a atenção o envolvimento de diferentes gerações, que se juntaram (atletas atuais e ex-atletas, veteranos e meninos da Escolinha), associadas com o esporte, articulados pelo evento. Este agregou os adeptos do jogo, chamados por Campainha a arrecadar donativos para a *Casa Menino Jesus*, uma instituição, existente em Fortaleza, que cuida de crianças acometidas de câncer.

Toda a dinâmica desse cenário tem direta relação com os propósitos desta pesquisa, de analisar a construção da *competição* que é, ao mesmo tempo, aqui, uma *iniciativa que serve para ligar* indivíduos ou grupos sociais reunidos, tendo como meta a obtenção de um troféu cuja conquista simboliza uma *ação cooperativa*, visando à recuperação da saúde, ou à qualidade de uma sobrevida digna, de crianças com câncer. Estamos, pois, diante de um jogo ou do exercício de interações cujos propósitos alcançaram dimensões muito mais amplas, e que, em termos de indivíduos ou grupos, extrapola, significativamente, aquele universo composto por atletas, treinadores etc., vinculados a uma agremiação em particular (ou agremiações particulares).

Portanto, por trás de uma competição, o *senso de equipe* se constrói; a imagem do “nós” pela qual cada um (indivíduo ou grupo) se responsabiliza – “Nós os amigos do basquete, por exemplo” – constitui uma entidade. A competição individual é vista, assim, como algo que se constrói levando-se em consideração a convivência, a valorização do coletivo que se sobressai ao individual. Cada um é parte dessa equipe pela qual todos são co-responsáveis. Por exemplo, o professor Campainha criou o grupo *Amigos do basquete*, fundando, também, um movimento beneficente, com o apoio da imprensa, que reforçou essa categoria, se apropriando desta expressão para se referir especificamente àquele grupo. Dando-lhe tal denominação, a categoria passa a existir; deste modo, ela é construída. O texto do jornal *O Povo*, edição de 14.12.05, referenda essa imagem, como uma identidade que vai se legitimando, com base na denominação expressa nos discursos de pessoas adeptas do jogo ou que compõem instituições, a exemplo do clube ao anunciar: “Amigos do basquete realizam encontro”:

(...) A 5ª edição do Encontro dos Amigos do Basquete, uma promoção do Centro Esportivo Campainha, será realizada amanhã, a partir das 19 horas, no BNB Clube. Durante a confraternização está programada a disputa de uma partida amistosa entre os participantes da festa. A

única exigência é a doação de um quilo de alimento não perecível. Todo o material arrecadado será doado para a Casa Menino Jesus. Ano passado, foram arrecadados 200 quilos em alimentos.

Para compreender o significado que o informante dá à ação, pergunto ao referido professor, sobre o contexto em que se criou essa iniciativa. E ele responde:

(...) Dentro do basquete, sempre gostei de ajudar. Preciso de apoio, ajuda de alimentação para passagem e hospedagem. Sempre quis ajudar entidade carente. Financeiramente, não tinha respaldo para tirar de mim esse apoio a entidades. Então, há cinco anos, em 2000, eu tive a idéia de chamar os amigos do basquete. Sempre que posso, tó ajudando o próximo, dentro de minhas condições. Numa maneira de retribuir o que venho ganhando, por muitos anos, com o basquetebol, com essa ajuda, se Deus quiser, será o 5^a evento. A gente tá aí, já vou no Náutico me reunir com o presidente do Náutico, pra ver se ele me cede o ginásio e vou botar no jornal, para que nesta 1^a semana de dezembro, estejamos fazendo essa festa dos amigos do basquete, em prol de uma entidade que ainda não está definida (entrevista concedida à autora, dezembro de 2005).

Conforme se lê neste trecho, ao basquete podem ser incorporados outros valores (além do sentido de prática esportiva), na medida em que, através de uma iniciativa como esta, ultrapassa os muros da quadra em que é usualmente praticado e, também, os limites da escola ou do clube. Tudo isto pode ocorrer em âmbitos público e privado. É assim que o basquete parece contribuir para consolidar associação de pessoas, conforme se constata nesta pesquisa, quer através da *Festa dos Amigos do basquete*, ou de outras experiências como a escolinha do BNB e o grupo de *basqueteiros* do CEFET. Vê-se que a experiência em grupo faz surgir nos indivíduos um sentimento de fazerem parte desta agremiação. Enfatizo, porém, que valores como a filantropia e a solidariedade precedem, historicamente, a invenção do basquete. Manifestam-se, portanto, em vários círculos sociais, e aparecem projetados através de outros elementos culturais, distintos do esporte, a exemplo dos eventos artísticos (musicais, cênicos, exposições de pinturas ou de artes plásticas), religiosos, comerciais, tais como os bazares benfeiteiros. Como exemplos de campanhas de solidariedade que marcam a história da sociedade brasileira, na atualidade, há a ação de cidadania cujo precursor foi o sociólogo Herbert de Souza (o Betinho), bem como o programa *Fome zero*, uma iniciativa da gestão do governo de Luís Inácio Lula da Silva que teve início em 2002.

Como disse anteriormente, a *Festa dos Amigos do Basquete* reúne jogadores e ex-jogadores de basquete. Conta-me o professor Campainha que essa reunião permite que pessoas exerçam *ajuda mútua* dentro de suas possibilidades. Com esta iniciativa, ele atrai os *basqueteiros* e busca estimular a “solidariedade coletiva”, expressa na afirmativa segundo a qual, “com essa ajuda, se Deus quiser, será o quinto evento”. Dessa forma, procura fortalecer laços afetivos

entre os *basqueteiros* e reacender, mais amplamente, o *espírito de solidariedade coletiva*, presente no “mundo do basquete”, desde que foi proposto por uma escola cristã em Massachussets, tal como mencionado, aqui, antes. Se, me dirigindo a Campainha, me refiro ao seu movimento, o professor retifica: “o *nossa* movimento”. Nesta festa que ele diz ser dos *seus amigos, dos amigos do basquete*, por sua vez, um jogador afirma ter ido ali “encontrar um colega” com quem jogou na Escolinha, que o convidou, e veio ao encontro “da galera”, sobressaindo-se, assim, a motivação para se relacionar em grupo. Esse jogador ressalta o sentimento de ser parte desse conjunto de pessoas.

A finalidade do jogo benficiente é de *confraternização social* entre os *basqueteiros* no período do Natal. Participando do evento, as pessoas exercitam, também, o espírito de *ajuda mútua*, presente no sentido desta ação, envolvendo os adeptos do basquete em *cooperação* com uma outra entidade. O jogo *amistoso* contribui para se consolidar um corpo social, tal qual é veiculado no pensamento de Simmel (1983), quando este autor afirma que as motivações de jogadores isolados se juntam, para concretizar uma *ação mútua*, articulada por vários atores na criação de formas de interações ou de organizações sociais. São ações dessa natureza, pois, que tenho observado por ocasião de vários *amistosos benficiares* no BNB, que vêm ocorrendo há sete anos, e que tenho acompanhado, anualmente. Essa é uma das expressões da prática que pode servir de ilustração emblemática para mostrar como o *espírito de equipe* se faz presente nas vivências dos jogadores de basquete. E, nessa mesma perspectiva, destaco, aqui, o trecho da fala do professor, no qual afirma que, dentro do basquete, sempre quis ajudar e, não podendo fazê-lo com seus próprios recursos, encontra uma forma de associar esta sua impossibilidade àquilo que ensina no dia-a-dia aos seus alunos, ou seja, o valor do *trabalho em grupo*. Reuniu, assim, os *amigos do basquete* na companhia dos quais acredita que, movidos pelos mesmos princípios, em breve consolidarão uma *ação de cooperação* bem mais ampla, que extrapola o sentido restrito de um jogo, e que tem como ponto de partida, no caso, a afinidade de um grande número de pessoas com o basquete.

Por ocasião deste estudo no BNB clube, fui registrando pequenos detalhes que, integrando um conjunto mais amplo e variado, contribuem com o processo de criação dos “amigos do basquete”. Por exemplo, um atleta do Fortaleza Esporte Clube não quis fazer a foto da reunião dos amigos, para mim (que me incluí no grupo para documentá-lo), argumentando que também queria se ver representado no mesmo grupo; portanto, se sentia parte dessa associação⁶³.

Durante a *Festa*, Professor Campainha, como seu fundador, pôs-se ao lado da quadra e recebia os donativos de cada um que chegava ao local, saudando o participante com um aperto de mão e um abraço, e agradecendo, ainda, a contribuição.

Após algum tempo do *amistoso*, o Professor paralisou o jogo e passou a liderar uma encenação na quadra: ordena que todos se dirijam ao centro do espaço; e os *basqueteiros* obe-

63 Refiro-me a Fernando Carvalho, o cestinha da equipe, no torneio *Copa Nordeste*, em dezembro de 2005, em Caruaru, Pernambuco. Fernando é um atleta paulista que veio compor a equipe profissional do Fortaleza Esporte Clube.

decem ao chamado. Com exceção de eventuais conversas paralelas de alguns menos atentos, os demais permanecem em posição de reverência ao apelo do professor que ali ocupa um lugar de comando. Segundo um jogador, “o professor é o comandante do basquete no Ceará!”. A voluntária da *Casa Menino Jesus* se dirigiu às pessoas que colaboraram levando sua doação, agradecendo: “vocês são campeões da solidariedade de humanidade; que Deus abençoe vocês”.

Na investigação da *Festa dos Amigos do basquete*, identifica-se uma linguagem projetada por Campainha e seus companheiros, reveladora da consolidação dessa entidade informal. De acordo com a fala do professor, a difusão desse evento se fez em função da “ajuda mútua de meus atletas, meus amigos, os amigos do basquete. Uns avisam aos outros na comunicação, no boca a boca”. Quando, em um dado momento, uma mãe o questionou, indagando-lhe por que não ligara para seu filho, respondeu, que pedira a um colega para avisá-lo. Dessa forma, Campainha enfatizou o sentimento de pertença desenvolvido entre os personagens desta entidade de *Amigos do basquete*. Em conversa com outros personagens presentes ao mesmo evento, alguns falavam estar ali para “reencontrar um colega”. Este foi o caso de Luciano que informou, ao mesmo tempo, haver sido avisado por Felipe, um ex-parceiro da equipe da escolinha do BNB clube e do colégio privado Farias Brito. Por isso veio ao encontro “da galera” naquela reunião... Luciano também falou que jogara no clube Náutico e no colégio privado irmã Maria Montenegro e que, agora, só faz “bate bola”.

Como outro exemplo da criação dessa rede, destaco Tales, o qual me falou que veio atendendo ao chamado do jogador Betinho, do curso de Educação Física da UFC. Tales jogou nos clubes Náutico e Círculo Militar e fez parte também da seleção cearense. Não jogou com Campainha, mas o conhece do meio *basquetebolístico*. Está ali, assumindo o papel de gerente do programa *Esporte na Comunidade*, e, conforme explicitou, queria “divulgar uma programação, no intuito de valorizar e levar o basquete ao conhecimento público, através da promoção do *Dia B Municipal do Basquetebol*,” já mencionado aqui. Essas revelações feitas por pessoas que compõem a dinâmica dessa reunião evocam-me a idéia de uma rede local que religa jogadores e ex-jogadores de basquete.

Chamo a atenção, aqui, para o uso, por parte de alguns entrevistados, do termo “galeria”. No contexto em que está sendo adotado, ele traz o sentido do “nós”, podendo traduzir, assim, uma identidade que, ali, termina por reunir vários “nós” (o grupo que veio de uma escola; o grupo da UNIFOR; o grupo do Fortaleza Esporte Clube, etc.), conforme referido em passagens anteriores deste trabalho. Esses “nós”, em outros contextos e em outras circunstâncias, até podem competir ou divergir. Porém, ali, formam um todo; ou seja, um “nós” mais amplo, aquele dos *amigos do basquete* que, por sua vez, vive uma experiência à qual se associam outros significados, expressos, por exemplo, como *valores* (solidariedade, fraternidade, humanismo...), que passam a ser incorporados por todos aqueles que, de algum modo, aderem à campanha cujo centro é o “mundo do basquete”.

2. 1. As múltiplas dimensões do encontro de *Amigos do basquete*



Foto 19 – Esse cartaz traduz a programação que descreve locais (Centros de cidadania municipais), atividades, horários, e fones de contato, que constituem informações relevantes para garantir a concretização do *Dia B Municipal do Basquete*.

Em um dado momento da reunião, o professor Campainha paralisou o *amistoso* para ceder a palavra ao gerente do programa *Esporte na Comunidade*, que buscava sensibilizar os simpatizantes do basquete para uma programação do setor público. Tal iniciativa cria a possibilidade de uma articulação entre o âmbito público e o privado, ao mesmo tempo em que se traduz como um esforço por fazer o basquete ter mais reconhecimento junto ao grande público. O espaço da reunião adquire o significado de espaço de atualização de notícias veiculadas no universo dos praticantes do basquete.

Assim, o Encontro tem função multidimensional: do ponto de vista cultural, se constitui em uma das várias promoções que visa à *confraternização* de Natal de adeptos desse jogo, possibilitando, simultaneamente, a *solidariedade* com a *Casa Menino Jesus*, por meio da doação de alimentos; traduz-se, também, como exercício de habilidades e valores culturais ensinados-apreendidos no jogo, como “divulgar e valorizar o basquete na comunidade”; atualizar a memória *basquetebolística*, através da programação do *Dia B do Basquetebol*, que incluiu o reconhecimento de seus jogadores por meio de homenagens prestadas a atletas veteranos; religar ex-jogadores e atuais praticantes do basquete, promovendo o reencontro de gerações, o que é visto também como reencontro da *família do basquete*. A *Festa* possibilita, ainda, a articulação de *velhos amigos*, momento em que o *basqueteiro* vem rever o colega com quem já jogou anteriormente.

Esse trabalho do professor na Escolinha, conforme mencionado anteriormente, visa desenvolver nos jovens aprendizes certos valores culturais, o que se amplia para outras categorias, congregadas, no caso, os *Amigos do basquete*; portanto, não se restringe às crianças da Escolinha ou do Centro Esportivo Campainha. Na minha interpretação, a construção do evento se faz com elementos / mecanismos “de dentro” e “de fora” do espaço esportivo propriamente dito, conforme explicitado antes. Só para ilustrar, chamo a atenção para seguinte: em 2005, no momento em que a equipe de basquete do Fortaleza Esporte Clube conquistava a *Copa Nordeste* em Caruaru, Pernambuco, muitos atletas profissionais da equipes feminina e masculina tomavam parte na *Festa dos Amigos do basquete*. Dois anos depois, no entanto, essa equipe extinguiu-se, nas palavras do próprio Campainha, “por falta de campeonatos”; tal episódio associava-se, também, a um conflito entre o Sindicato de clubes de Fortaleza e a Federação Cearense de Basquete, como foi visto, aqui, no capítulo três.

Para explicar, portanto, a dinâmica da rede constituída pelos *Amigos do basquete* convém estar atento a uma série de elementos, muitos dos quais exteriores às quadras e que repercutem internamente no campo do jogo. Destaco, assim, as perdas de condições de profissionalização de simpatizantes e interessados, ocorridas em decorrência do fechamento de suas agremiações de trabalho, uma vez que a participação nas promoções sociais (como no jogo beneficente) demanda investimentos também de recursos materiais, de que são exemplos as doações (no caso, exigência para ingresso no clube) e os custos com transportes para os deslocamentos dos voluntários.

Se, na perspectiva mais restrita, esse trabalho do professor na Escolinha procura difundir entre os jovens aprendizes do basquete alguns valores culturais, em termos mais amplos, a meu ver, aparecem aspectos que extrapolam a falta de vontade do adepto para exercer a participação no Natal beneficente. A construção do *sentido de equipe* pode estar afetada pela falta de condições objetivas para a manutenção de eventos articuladores dos simpatizantes do basquete.

Buscando explicar como a performance do basquete aparece na vida social contemporânea, destaco observações de economistas do esporte. Bourg e Gouguet (2005), falam de

concepções de esporte construídas a serviço de duas finalidades: política e econômica. Ao se referirem à dimensão política do esporte amador, os autores consideram que o jogo é praticado em nome do respeito de si, respeito do adversário, *flair play* ou jogo limpo, prática desinteressada, o que se chama espírito esportivo. E sobre a dimensão econômica, eles se referem à organização do esporte profissional, cujo propósito envolve a performance, o resultado, recorde, e competição. Segundo tais autores, não é possível falar dessas duas dimensões do esporte como estritamente opostas. A sua dimensão econômica não se limita à atividade profissional, uma vez que são numerosos os impactos econômicos e sociais também do esporte amador, os quais se expressam por muitas externalidades positivas (vínculo social, educação, etc.).

Essa discussão busca relacionar a atividade do esporte a outras esferas da vida na sociedade contemporânea. Para compreender mais amplamente a contribuição do basquete na criação de um *sentido de equipe* e empecilhos que se contrapõem a esse fenômeno, é preciso reconhecer, ainda, que sua condição profissional também se liga a atividades sociais e educacionais. Portanto, essas esferas não atuam de maneira isolada. Nessa perspectiva, a forma do jogo amador ser vivenciado reflete essas fronteiras indefinidas entre os propósitos do amadorismo e a profissionalização.

2.2. A Festa dos Amigos do basquete e suas relações com a organização do trabalho na sociedade contemporânea

Refletindo sobre as ligações entre o “mundo do basquete” e outros espaços sociais em Fortaleza, tomo como referência um depoimento registrado por ocasião da reunião dos *Amigos do basquete*, em 20.12.07, promovida pelo BNB clube e o Centro Esportivo Campainha. Refiro-me a um comentário feito por Tatiana, ex-aluna de iniciação ao basquete, filha de Campainha e que cursou toda a sua trajetória de ensino médio no colégio privado Marista⁶⁴. A ex-aluna falou que essa fechara suas portas por não investir em todo um *marketing* publicitário, como o fazem, segundo ela, outras escolas particulares. Isto é apenas uma leve alusão àquela multidimensionalidade do “mundo do basquete” a que me referi em outras passagens deste trabalho, e nos serve para ressaltarmos, também, a complexidade do amplo jogo de relações constitutivo da realidade em análise.

Naquela mesma ocasião, fui informada, pelo professor Campainha da extinção da equipe de basquete do Fortaleza Esporte Clube. E o fechamento se associa, segundo ele, à “falta de investimentos”. A Federação, diz ele, “não promove campeonatos e tá na justiça”. Ressalto que esse aspecto contribui para inviabilizar a obtenção de patrocínio por parte de equipes que assim ficam sem recursos para desenvolverem as suas atividades, fato que pode resultar em desestruturação das mesmas.

⁶⁴ Conhecido como *Colégio Cearense*, trata-se de um tradicional estabelecimento de ensino, de orientação religiosa, da cidade de Fortaleza, com uma imagem historicamente consolidada no mercado.

Concretamente, ao fazer tais comentários, o Professor se referia a um conflito existente entre clubes da cidade de Fortaleza e a Federação Cearense de Basquete, diante da falta de competições, para estimular a profissionalização desse esporte, conforme tenho observado, cruzando as informações captadas também por outras fontes (jornais, outras leituras, depoimentos), ao longo desta pesquisa, tal como está citado no capítulo três deste estudo. Essa reunião, em momentos anteriores, contou com os jogadores do referido clube, conforme pôde ser constatado em 2005. Episódios dessa natureza se constituem perdas não só financeiras, mas sociais, em função da desmobilização de grupos, desestruturação de laços sociais e afetivos de componentes dessas agremiações, como também perdas materiais, uma vez que, tomando o exemplo de Campainha, este profissional perdeu duas opções de emprego. No segundo semestre de 2007, ele se deslocou para dirigir uma equipe na cidade de Salvador, na Bahia, retornando a Fortaleza somente em dezembro do mesmo ano.

Acerca dessa ampla dinâmica em que está inserido o basquete, é possível verificar os efeitos do fechamento de associações, como foi destacado anteriormente nesse capítulo. Ressalto, ainda, se tratar de um período em que pessoas – especialmente os jovens, que predominam na modalidade *amador* – se deslocam em viagens de férias com familiares, aspecto que pode contribuir, também, para desmobilizar iniciativas dessa natureza, já que, principalmente, na sociedade contemporânea, os indivíduos estão expostos a demandas muito variadas, de seus grupos de referência. Refiro-me a várias instituições com as quais esses indivíduos se relacionam tais como: família, trabalho, escola, clube, religião, organização comercial. Ilustro com uma estratégia usada pelos *shoppings* que, de uma perspectiva mercadológica e, portanto, diferente daquela propagada por uma ação filantrópica, se apropriam do símbolo natalino do papai Noel para promoverem suas vendas e atraírem o público consumidor para suas lojas. Também a empresa comercial faz uso do artifício adotado por algumas outras organizações de outras esferas da vida social, de uma carta enviada por alguma criança que faz um pedido àquele voluntário que quiser ajudá-la, etc.

Assim, as iniciativas que postulam a *ajuda mútua*, de uma certa maneira, por estarem imersas na ampla competição social de organizações da sociedade contemporânea, também são afetadas por seus efeitos; e os grupos envolvidos com “ações solidárias” dessa natureza também passam a participar, embora nem sempre de forma consciente, de uma espécie de disputa nesse momento, por essas ações se expressarem em diversos grupos, o que pode repercutir na redução de freqüência dos *Amigos do basquete* em sua reunião. A propósito, destaco a revelação de Juliana, atleta da Escolinha. Ao ligar para ela e me informar acerca da data da reunião em que faríamos as doações em 2007, ela me respondeu que viajaria nesse momento e não estava informada a respeito do fato, sugerindo o nome de um amigo para eu entrar em contato. Esses comentários vêm se juntar a outros depoimentos e fontes da pesquisa por meio dos quais foram identificadas inter-relações entre aspectos da estrutura econômica e social em

que o basquete está imerso. Raíssa, jogadora do colégio privado Santa Cecília, já me falara⁶⁵ da extinção da equipe Marista, que estava fora da competição intercolegial *Copa da Amizade*, ao comentar a realização desse *torneio* que envolve os colégios católicos.

Alguns personagens, em distintas ocasiões, ao longo deste estudo, me falaram de dificuldades de viabilização do basquete. Neste sentido, lembro do discurso de Tony, do CEFET, quando disse que “com a confusão da Federação que regula o basquete profissional e a falta de sua estrutura local, acaba-se o atleta aos dezessete anos, nos jogos colegiais”.⁶⁶ E aqui se vêem, ainda, as competições colegiais também afetadas pelas dificuldades das “empresas de Educação” de se manterem funcionais nas relações com o livre mercado, em Fortaleza.

Outro aspecto que me chamou a atenção, nesta pesquisa, foi o fato de os coordenadores da programação do *Dia B Municipal do basquete* não terem comparecido à reunião dos *Amigos do basquete*, na sua sétima edição. Essa iniciativa, conforme mencionado anteriormente, foi promovida pela articulação de setores público e privado, em dezembro de 2006, sob a responsabilidade do programa *Esporte na Comunidade*, da *Célula do Esporte e Lazer* da Prefeitura de Fortaleza e, esperava-se, fosse reeditada em 2007.

O discurso de Tales, gerente do programa *Esporte na comunidade*, um ex-jogador da seleção cearense de basquete, bem como o texto de *folders* e cartazes de divulgação, além de apelos sonoros ouvidos em serviços de som veiculavam a proposta segundo a qual, essa iniciativa do *Dia B* consistia de uma tentativa de *valorizar, vivenciar e divulgar o basquete junto ao grande público para que todos tivessem oportunidades de vivenciar a experiência da prática*.

A programação consistia de exercício, nos quais eram ensinados fundamentos básicos do basquete (arremesso, dribles e passes) que demonstravam esse jogo nos vários ginásios municipais, em centros de cidadania em Fortaleza, conforme será visto no capítulo seis. Verifiquei que o discurso assumido por Tales, por ocasião da realização daquela programação, no papel de gerente do programa de iniciativa do setor público, reproduzia um discurso político da gestão municipal da prefeita Luiziane Lins, iniciada em 2004. Tal discurso já vinha sendo veiculado, conforme noticiou o jornal *O Povo*, em janeiro de 2006, ao divulgar o programa *Fortaleza em férias*, que incluía apresentações de basquete e outras modalidades na Praça do Ferreira, como forma de *democratizar o esporte na cidade*. Esse discurso jornalístico respaldava-se na fala de Roberto Gomes, cujo papel desempenhado nesse cenário é de Secretário do esporte municipal. Essas observações refletem como se processam as relações entre as esferas do basquete e da política, no âmbito local.

De Rose (2002), ao argumentar que o esporte é usado como veículo para divulgar programas e ideologias políticas, me ajuda a explicar em parte, essas observações relativas ao

65 Raíssa me deu esta informação quando conversávamos sobre a história do basquete local, durante a *Copa CEFET-2006*.

66 A confusão à qual o professor Tony faz alusão é o conflito envolvendo a disputa jurídica entre o sindicato de clubes e a Federação Cearense de Basquete.

sentido do basquete, tal como aparece na programação do *Dia B*. Ou seja, esse programa não se reeditou em 2007, fato que mostra, no caso em estudo, um descompasso entre uma propaganda política oficial que se refere à “universalização do esporte” e a prática política. Em outras palavras, verifica-se que, em Fortaleza, o basquete ainda é dominante no setor privado e que organizações de trabalho estão fechando e inviabilizando seu desenvolvimento local, apesar de eventuais iniciativas apoiadas em discursos como esse que acabo de mencionar.

Esse tipo de descontinuidade ou quebra de um planejamento, previamente anunciado ou dado a conhecer ao público, dentre outros aspectos, pode ilustrar a demanda de um apoio institucional mais efetivo a práticas esportivas, em particular às promoções do basquete. Nesse sentido, podemos tomar tal descontinuidade também como uma variável a interferir, no caso, negativamente, na constituição de uma rede de relações mais amplas (a partir do “mundo do basquete”, conforme referido antes). Digo ser negativa tal “quebra do planejado”, não só por obstruir ou anular espaços de relações, reduzindo, assim, interações, mas, também, pela possibilidade de repercussão direta no esperado processo de construção daqueles valores, ou da sua consolidação em espaços sociais mais amplos, envolvendo (no caso, deixando de envolver) maior número de indivíduos, grupos e instituições, em âmbitos público e privado; inclusive, integrantes de outras categorias sociais, conforme aludimos em parágrafos anteriores.

Essas observações convergem, e me levam a fazer considerações a respeito da relação entre dimensões estruturais e o micro grupo de atividades que envolvem o basquete. Refiro-me a esses aspectos econômicos e a outros, da esfera deliberativa da própria prática. Para os professores com quem conversei, a Federação – órgão tido como a instância que deveria promover e organizar campeonatos e deliberar decisões sobre as oportunidades de trabalho dos adeptos da prática – é inoperante e “ainda atrapalha quem quer trabalhar”. Ilustro com o dizer de professor Moreira, do colégio privado Batista, um dos coordenadores da programação do “Dia B do basquetebol”. Segundo ele, “enquanto dirigentes brigam, eles prejudicam o trabalho dos profissionais do basquete”.

Chamo a atenção, mais uma vez, para o fato de que, apesar de um discurso de valorização do basquete como atividade também educativa – expresso de diferentes formas e em variados momentos e circunstâncias, por atores sociais diversos, tais como o discurso do gerente do programa *Esporte na comunidade*, apoiado na retórica institucional de *democratização do esporte*, ou outros exemplos como a fala dos próprios professores dos grupos que investiguei –, podemos constatar que este esporte encontra espaço, principalmente, no âmbito do ensino privado; nele não predominam estudantes da escola pública. Ou seja, conforme mencionei no capítulo três, o basquete oficial é cultivado, na maior parte das vezes, nas escolas particulares e, em menor proporção, em clubes, a começar por sua iniciação que, segundo o professor Tony, só se verifica no setor privado.

Esses aspectos me fazem relacionar, também, as dificuldades enfrentadas por profissionais e jovens aprendizes, em um contexto no qual identifico tensões, mais ou menos fortes,

entre aqueles que lutam por consolidar o *espírito de grupo* no basquete (a exemplo do que verificamos no *Encontro anual de Amigos do basquete*), em Fortaleza, e se deparam, muitas vezes, com obstáculos alusivos a um modelo de organização do trabalho, em espaços sociais nos quais a competição se torna muito acentuada. Assim, tais espaços aparecem como palco de disputas e de oportunidades desiguais de acesso aos investimentos, empreendidas por organizações de trabalho – neste caso, me refiro a clubes e escolas –, para assegurar um lugar no mercado de bens e serviços.

Convém lembrar, também, que tais dificuldades não são regionais ou locais, e sim estão circunscritas a outras organizações ou instituições sociais. Assim, elas estão presentes, muitas vezes, mesmo em regiões geográficas com outras dinâmicas empresariais e outra infraestrutura de serviços, a exemplo da região Sudeste (WEIS, 1996). Ou até mesmo se encontram no âmbito transcontinental, Bourg e Gouget (2005), como foi visto no capítulo três desta tese.

Interpreto tal fato como sendo uma consequência da falta de oportunidades para o desenvolvimento desse esporte no contexto mais amplo da sociedade brasileira. Aqui, nesta pesquisa, ouvi igualmente o atleta Fernando Carvalho, que veio de São Paulo para jogar no Fortaleza Esporte Clube, que me falava de dificuldades envolvendo o basquete profissional. Observo que o trânsito de jogadores, de uma região a outra, no Brasil, ou de nações sul americanas para outros países e continentes reflete os percursos pelos quais esses profissionais do basquete procuram encontrar suas oportunidades de trabalho.

Reforçando as observações de Bourg e Gouget assinaladas aqui acerca das relações do basquete com outras esferas sociais destaco considerações de Elias e Dunning acerca da relação do esporte com outras esferas da sociedade. Tais autores questionam uma perspectiva de olhar da Sociologia, à qual só interessam ‘negócios sérios de vida econômica e política’, e admitem que há muitos elementos através dos quais é possível observar os significados do desporto para a vida.

Entre as áreas que podem merecer investigação, Elias e Dunning ressaltam:

(...) as relações entre o desporto e a indústria; a economia do desporto; a comercialização do desporto; a política e o desporto, a política do desporto; o papel do Estado no desporto; os padrões de administração, organização e controle nas organizações desportivas, internacionais, nacionais e regionais; padrões de emprego e modelos de mobilidade social no desporto e em seu redor; relações entre os setores no âmbito destes diferentes níveis de organização; o desporto nos países do Terceiro Mundo; os meios de comunicação social e o desporto; o desporto e a educação; o desporto e as classes; o desporto e a violência (...) (ELIAS e DUNNING, 1992: 18).

Reportando-me ao problema investigado, acerca de como o basquete ao funcionar como estratégia de promoção de grupos favorece a criação de um *espírito de equipe*, recordo

Simmel, para quem a sociabilidade como uma forma autônoma e lúdica é resultante desse envolvimento que, ao levar em consideração a cooperação ou a colisão de interesses no contexto de produção dessas relações, contribui para a gestão dessa entidade dos “amigos do basquete”. Refiro-me à consolidação dessa associação informal *por meio da realização anual que se dá no BNB clube*, como pode ser ilustrado com a formação do grupo em processos paralelos de enfrentamento de muitas dificuldades observadas na sua relação com as demais esferas da vida social. Aqui se verificam as articulações entre “amigos do basquete”, BNB clube, *Casa Menino Jesus* e os jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, programa *Esporte na comunidade* da prefeitura municipal. É de articulações desse tipo que nos falam também Elias e Dunning. Esses autores tecem considerações acerca das relações entre o esporte e as esferas diferentes da vida em sociedade contemporânea, como se verifica neste caso em que o basquete se relaciona com o clube e os meios de comunicação. Nesse contexto, não se produzindo processos de sociabilidade oriundos de um envolvimento de atores sociais reunidos por suas motivações, ancorados em suas realizações conjuntas em defesa de interesses individuais e empresariais.

Assim, através dessa atividade, em que o técnico do BNB diz estar “querendo ajudar o próximo”, projetam-se também, outros interesses, já que o local do evento é cedido pela diretoria do clube, sendo que a iniciativa serve igualmente à divulgação da imagem desta instituição – que utiliza o slogan “esporte no BNB é escolha de campeão” – que ganha visibilidade nas suas relações com o mercado e em outros espaços sociais, se fazendo conhecer para além dos seus próprios muros, face às desigualdades de oportunidades do mesmo mercado. Da perspectiva empresarial, é preciso fazer valer, ainda, para além da *ação de solidariedade*, um lugar neste espaço para não ficar fora da competição que assegure sua manutenção.

Sobre a construção do grupo *Amigos do basquete*, chamo a atenção, ainda, para este trecho de um depoimento do professor Campainha:

(...) ‘os amigos do basquete’ é, uma iniciativa individual. Você joga basquete, vai levar seu quilo de alimento. O clube só cede o local para jogar. Eu vejo o Daniel num jogo de futebol, uma multidão, tal cidade recebe ele, cada um leva 1kg de alimento, dá para a entidade. Sonho com um evento assim. Reunindo prata de casa, prata de fora... O meu sonho, com a imprensa ajudando, é encher o ginásio do colégio marista: 5000 pessoas! É um sonho; se Deus quiser, um dia vou realizar. Qualquer um que joga basquete é convidado, pode participar, até de outros estados. (Professor Campainha, em entrevista concedida à autora, em dezembro de 2005, no BNB clube).

O entrevistado quer dizer que os *amigos do basquete* se consolidam apoiados em uma articulação entre iniciativas individuais de adeptos dessa prática e, prosseguindo, expressa as fantasias que impulsionam a ação benéfica. Movido por esse sonho de *ajuda mútua*, o técnico convida aqueles que chama de “meus atletas”. Dentre eles, aparece um de seus aliados que afirma ser “o professor Campainha quem comanda o basquete aqui no Ceará”. A idéia do

professor, ao mencionar os “meus atletas” e a cumplicidade do jogador, ao reverenciar a autoridade do mestre, no comando da *família do basquete*, em Fortaleza, demonstram, ainda, a consolidação de uma equipe que se funda em laços afetivos. Na imagem, destacada a seguir, da festa dos *Amigos do basquete*, realizada em dezembro de 2005, no BNB Clube, a voluntária da *Casa Menino Jesus* expressa um agradecimento público, aos “basqueteiros solidários”, pelas doações feitas à entidade que ela representa naquela reunião.

O grupo de *Amigos do basquete* se compõe de pessoas de distintas gerações e modalidades, incluindo profissionais e amadores, que incorporam o papel de jogadores de basquete, atentos ao agradecimento que está sendo dirigido a eles. A imagem evoca a idéia de perpetuação de valores e memórias, associados a essa prática cultural que ultrapassa gerações, através da consolidação de uma identidade de grupo, cujas relações vêm se efetivando em um processo, desde a sua criação no ano 2000. Esta observação encontra reforço na afirmação do jornalista Sílvio Carlos, em sua coluna de 20.12.07, no jornal *Diário do Nordeste* que voltou a noticiar a festa dos *Amigos do basquete*, reforçando assim a construção desta entidade, que conta com a colaboração de mais essa empresa de comunicação: o jornal noticia a festa:

A NOITE DO BASQUETE: UMA TRADIÇÃO

Um quilo de alimento não-perecível é o preço do ingresso para a grande noite do basquetebol que será realizada, hoje, a partir das 19 horas, no BNB Clube. Este encontro é uma festa do pessoal do basquetebol, que já deu muitas glórias ao nosso Estado. Osvaldo Venerando da Graça Júnior, o Campainha, é um dos mentores desse encontro, e o arrecadado vai para a Casa do Menino Jesus. O presidente do BNB Clube, José William, e o seu diretor de esportes, Geraldo Ribeiro, estão dando todo o apoio a esta iniciativa das mais saudáveis. Desde que fundou o Centro Esportivo Campainha (CEC) que este notável desportista promove o encontro dos companheiros do basquetebol. Sua escolinha ali funciona de segunda a quinta e nestas férias vai de vento em popa. Campainha completa, em 2008, 42 anos de basquetebol. Está, hoje, numa posição de realce no esporte nacional, assumindo a Faculdade Tecnológica e de Ciências em Salvador, onde realiza mais um formidável trabalho.



Foto 20 – Encenação do agradecimento feito pelo representante da *Casa do Menino Jesus*.

O jornalista faz referência à iniciativa do professor juntamente com os adeptos do basquetebol que constituem a entidade *Amigos do basquete*, mas, enfatiza também “o lugar de comando” que o personagem ocupa, por sua larga experiência, na cena do basquete local, ressaltando sua atuação de quarenta e dois anos dedicados a esse esporte. Reforça, ainda, o depoimento do jogador que disse ser o professor Campainha “quem comanda o basquete no Ceará”. Essa imagem do professor exercendo o papel de “comandar o basquete” pode se expressar, dentre outros aspectos, também através da consolidação do encontro, destacado por meio da imagem mostrada, que retrata o Natal de 2006, no BNB clube, ocorrência reeditada a cada ano.

A matéria jornalística menciona apoios a essa iniciativa, reforçada por parte da organização do BNB Clube; veicula, explicitamente, a adesão do diretor de esportes e do presidente do BNB Clube, que vêm contribuir com a atualização dessa iniciativa, nomeada de “uma tradição” e que já vem enriquecer os registros da memória *basquetebolística* da cidade de Fortaleza. O evento tem apoio, ainda, da Rádio FM Universitária (da Universidade Federal do Ceará), que incorpora em sua linha editorial, prioridade à veiculação de eventos que contribuem para fortalecer ações sociais que atendam a demandas coletivas.

Todos esses atores – o jornalista, o presidente, o diretor de esportes do BNB clube e o grupo dos *Amigos do basquete*, que provêm de segmentos sociais diferenciados – aparecem articulados, aqui, na promoção que visa manter vivo o *espírito de solidariedade*, valor cultural que historicamente tem feito parte da ordenação do jogo de basquete, desde que este foi inventado. Ressalte-se, uma vez mais, que a solidariedade como um valor cultural precede a esse jogo, sendo observada, portanto, na história de várias das nossas organizações sociais.

Isso ocorre, conforme explicitado aqui, paralelamente à demanda de apoios financeiros, sistemáticos, à viabilização do basquete. Atores de distintos segmentos aliam-se à luta dos *Amigos do basquete*, em um *exercício de solidariedade*, buscando contribuir, para perpetuar a “tradição do jogo beneficente”, iniciativa que vai ousando se consolidar dentro de suas limitações estruturais, em uma sociedade na qual as oportunidades de investimentos financeiros se efetivam de formas bastante desiguais, entre os indivíduos e entre instituições de que os atores sociais fazem parte.

A prática do *basquete solidário beneficente*, referida ao longo deste estudo, vai sendo, assim, historicamente reafirmada, e vai se atualizando por intermédio de cada uma das edições da *Festa dos amigos do basquete*. Esse evento serve também, paralelamente, à reafirmação e consolidação de uma identidade que vem se construindo nesse percurso histórico, e vem se legitimando como os *Amigos do basquete*. Chamo atenção, pois, para a construção de uma identidade, ressaltando a sua dinâmica, situacional ou relacional, conforme é observado no diálogo com Cuche (1999), uma discussão que será retomada no capítulo seguinte.

Na minha interpretação, a experiência no âmbito da Escolinha do BNB clube, em Fortaleza, tem relação direta com propósitos do programa nomeado Basketball Without Borders (*Basquetebol sem fronteiras*). Ou seja, ambas as experiências podem servir como ilustração da convivência dessa indefinição de fronteiras entre o amadorismo e a profissionalização no basquete e se ligam ao basquete beneficente, que tem sido observado também no âmbito internacional.

3. Basketball Without Borders ou o programa *Basquetebol sem fronteiras*

O programa *Basquetebol sem fronteiras*⁶⁷ nos ajuda a compreender aspectos relativos ao problema desta pesquisa, mostrando a contribuição do basquete no fortalecimento do *sentido de equipe*. Trata-se de um programa internacional que alcança quatro continentes – Europa, África, América e Ásia – e se propõe a acompanhar os jovens na sua formação multidimensional. A sua primeira edição, financiada por multinacionais americanas, surgiu, não por acaso, em 2001, na China, uma grande potência econômica e o país mais populoso do mundo e também aquele em que o basquete é o esporte mais popular. Este é, supostamente, um público em que se encontra grande parcela de consumidores, pelo menos em potencial, para atender aos interesses empresariais de multinacionais. Esse programa foi criado por uma parceria envolvendo duas instituições, a NBA (National Basketball Association), ou liga profissional do basquete americano, e a FIBA (Federação Internacional do Basquetebol Amador). O *Basquetebol sem fronteiras* é realizado em função de uma proposta de *ação conjunta* de empresas patrocinadoras multinacionais como Mc Donald's, Nokia, Reebok, Nike, entre outras, e jogadores ídolos

⁶⁷ Ao tratar do programa *Basquetebol sem fronteiras*, ponho aspas em certas palavras para indicar a procedência de discursos verbalizados por agentes envolvidos com este empreendimento que tomam parte em diversos segmentos da sociedade.

do basquete profissional mundial, atuantes na NBA e que procedem dos vários continentes do planeta. Dentre as propostas do projeto de alcance social, há “a prevenção contra a AIDS”, portanto, aparece o uso do basquete associado a múltiplas dimensões como veículo para “promover educação e saúde”, por meio de estratégias de edificação de grupos.

O Programa pretende que figuras representativas do basquete mundial, oriundas de vários continentes do globo, reunidas nessa liga do basquete profissional americano, possam contribuir, apoiando tal iniciativa de desenvolvimento de recursos humanos. A idéia é propiciar a construção de um *basquetebol solidário*, em prol de experiências que favoreçam, de um modo ou de outro, a gestão de sociabilidades entre os indivíduos dentro dos grupos de que passam a fazer parte, nas comunidades de origem desses profissionais de basquete, presentes em vários continentes.

Para compreender esse jogo de interações que permeia o programa *Basquetebol sem Fronteiras*, tomo como referência a análise de Ferreira Júnior⁶⁸ sobre as relações de poder no campo organizacional do basquete. Parafraseando Bourdieu e Elias, este autor se refere ao esporte como elemento que reproduz o que ocorre na sociedade, uma vez que sua performance tem mecanismos comuns. ‘Toda sociedade é uma estrutura de competição’. Segundo Ferreira Júnior, essa competição é o elemento básico dos esportes, o que acarreta mudanças nas relações sociais. O esporte também tem uma característica de agrupar indivíduos de diferentes posições sociais que, como parte da competição esportiva, formam um agrupamento que faz do esporte uma situação de relação comum. ‘O jogo ou a competição caracterizam as relações de interdependência que ligam os indivíduos e que constituem os grupos sociais, quaisquer que sejam sua dimensão e sua posição social.’⁶⁹

Esse mesmo autor considera, ainda, que a criação do *campo* esportivo ultrapassa as próprias fronteiras da prática do esporte propriamente dito e agrega agentes e estruturas que não estão relacionadas a esta, mas servem de apoio para a mesma, fazendo com que *campos* diferentes se inter-relacionem. Ferreira Júnior, retomando o conceito de campo de Bourdieu, considera que o *campo*, então, é definido basicamente por um espaço cujas lutas de agentes e estruturas por seus objetos de disputa e interesse, determinam, validam e legitimam representações que são chamadas de *poder simbólico*. Esse *poder simbólico* é definido como qualquer poder que consegue impor significação. O poder simbólico, como diz Bourdieu, só se exerce com a colaboração dos que lhe estão sujeitos porque contribuem para construí-lo como tal (BOURDIEU,1989).

De acordo com NBA e FIBA, o programa *Basquetebol sem fronteiras* se constitui em uma iniciativa que favorece as “relações comunitárias” mais destacadas da NBA, no âmbito internacional. Para concretizar seus objetivos, o *Basquetebol sem fronteiras* reúne os “convidados” no que denomina de *acampamento de basquete instrucional*; no caso, jovens entre dezes-

68 Este é um estudo de mestrado em Educação Física do setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná, apresentado em Curitiba, 2008.

69 O autor toma como referência de análise o pensamento de Norbert Elias.

seis e dezoito anos de idade, com o intuito de promover valores culturais considerados *fundamentais* da perspectiva dos organizadores desse programa, tais como *amizade*, *vida saudável* e *educação*. Esses valores passam a exercer um poder simbólico em defesa de sua perpetuação e contam com a participação de jogadores e ex-jogadores da NBA, assim como pessoal técnico da Liga. Até hoje, mais de quatrocentos e quarenta jovens, de setenta e dois países e territórios, já participaram desse programa da NBA e da FIBA. Também têm sido criados centros de leitura e aprendizagem na África do Sul e no Brasil, como parte dos esforços dirigidos para concretizar essa iniciativa cuja finalidade propaga a “valorização da comunidade”. Ao realçar a *amizade* como um dos valores a serem estimulados no acampamento, o Programa se empenha na criação de condições para o desenvolvimento de laços afetivos entre os indivíduos, e contribui para o desenvolvimento de grupos nas respectivas comunidades de origem.

Em consequência da imposição vinculada ao exercício desse poder simbólico, essas ações sociais extrapolam o jogo das quadras, sendo possível falar aqui de um jogo também de relações que tentam legitimar essas interações entre empresas de diversas esferas, (públicas, privadas, etc). Observa-se o uso do basquete, considerando-se diferentes perspectivas de sua apropriação por parte de vários segmentos. Essas ações convergem para a explicação de Bourdieu (1989) acerca de como o poder simbólico se impõe por intermédio de relações que envolvem campos sociais distintos, permeados por disputas de interesses entre os agentes que incorporam esses valores considerados *fundamentais*, da perspectiva de um certo grupo social (de que é exemplo a NBA), contribuindo, assim, para legitimar essas ações conjuntas. O empreendimento tem, desse modo, também, a adesão de iniciativas empresariais, congregando organizações como as multinacionais americanas, vinculadas por essa iniciativa, visando também, afirmar suas imagens articuladas a suas estratégias comerciais, ao mesmo tempo em que na luta por defender seus interesses e imagens a serviço da *responsabilidade social*, concomitantemente, se submetem a esse jogo de relações, servindo para fortalecer a preservação daqueles valores ditos *fundamentais*, do ponto de vista das instituições organizadoras do basquete. Dentre estas, se vê a imagem da chamada “família NBA”.

Para compreender melhor esse jogo de relações de poder envolvendo a apropriação e legitimação do *Basquetebol sem fronteiras*, por distintas esferas sociais, convém enfatizar, aqui, as específicas contingências históricas e geográficas de sua origem. Chamo a atenção, mais uma vez, para a estratégia comercial que esse programa representa, tendo origem na nação chinesa, em função de seu forte poder econômico, de seu vasto contingente populacional, elevada densidade demográfica, além de ser um local em que o basquete tem o maior contingente de simpatizantes, face a outras nações do mundo. Esses fatores funcionam como impulsionadores do complexo significado do empreendimento também comercial, que este programa social pode vir a representar, ao contar com a adesão das multinacionais americanas para se efetivar.

O programa serve, mais uma vez, para ilustrar o *espírito associativo* como componente fundamental que prevalece como fator de viabilização de vivências de grupo, que ca-

racteriza uma cultura no “mundo do basquete”, como venho olhando ao longo da história e de situações em que esse jogo foi observado. De acordo com um de seus representantes, o sentido do Programa é traduzido assim:

O ‘Basquete Sem Fronteiras’ se afirmou como um projeto mundial e inovador, que reforça o compromisso da família NBA, de suas equipes, jogadores e técnicos, em atingir comunidades ao redor do mundo com os objetivos da ‘NBA Cares’ - Junto com a FIBA e com a preocupação de nossos parceiros comerciais com a responsabilidade social, estes acampamentos são exemplos de como devemos utilizar o esporte para alcançar metas maiores, integrando e ajudando a transformar a sociedade pelo mundo (Kathleen Behrens, vice-presidente sênior de programas comunitários da NBA).

Esse discurso volta a chamar atenção para a função social do Programa. Os adeptos do basquete associados por essa realização se reconhecem, eles próprios, como uma “família”. É dessa forma que o basquete contribui para que seu desempenho produza valores que extrapolam a prática esportiva e venha reforçar ensinamentos de uma tradição cultural edificada ao longo de sua história tais como a ação nomeada pelo interlocutor como “responsabilidade social”. A experiência da edição do *Basketball sem Fronteiras-Américas*, que ocorreu no Brasil em 2007⁷⁰, tinha, dentre outros propósitos, o de ajudar a explorar potencialidades da juventude, ou, “desenvolver e dar condições para que os jovens mostrem seu talento no basquete”.

Os participantes são escolhidos pela FIBA e pelas federações participantes, de acordo com requisitos como “habilidade, liderança e dedicação”, relativas ao basquete. Os cinqüenta melhores jovens jogadores de basquete (abaixo de dezenove anos) dos mais de vinte países da América Latina e Caribe participaram de competições e palestras. De acordo com a perspectiva de organizadores do Programa, ele visa promover uma “relação amistosa”, de “igualdade social e racial”. Dessa forma, os participantes eram divididos em *equipes*, sem que fossem levados em consideração aspectos como “raça e nacionalidade”, conforme se observa no discurso da liga americana. Segundo seus organizadores, todos convivem, por alguns dias, com seus novos companheiros e participam de seminários diários que têm por objetivo discutir temas como “educação, liderança, vida saudável e a prevenção contra as drogas”, além de discussões sobre temas e cuidados com o vírus HIV (AIDS).

Segundo informações veiculadas pelo *site* da entidade no Brasil, as “iniciativas comunitárias” da NBA foram fundamentais para a criação do projeto ‘NBA Cares’ (Cuidados da NBA). Com a viabilização do *Basquetebol Sem Fronteiras*, a NBA e seus parceiros já criaram, pelo mundo, 26 novos centros, onde crianças e suas famílias podem viver, aprender e praticar o basquete.

⁷⁰ Em 2007, o Programa veio para o Brasil e foi realizado o acampamento no Esporte Clube Pinheiros, no estado de São Paulo, região Sudeste.

A seguir, destaco alguns depoimentos de atores sociais representantes de entidades oriundas de diversos espaços sociais, e lugares geográficos, articulados pelo princípio de *responsabilidade social* de promover o Programa; estas falas foram extraídas do site da NBA:

- *Espero poder dividir um pouco da experiência que adquiri na NBA com o povo do meu país, assim como a de outros jogadores e a equipe NBA que participará desse maravilhoso acampamento que combina o basquete com educação e as iniciativas que ajudam à comunidade* (Nenê Hilário, jogador brasileiro, membro da equipe do Denver Nuggets da NBA).
- *A FIBA está orgulhosa em poder aliar-se à NBA para o ‘Basquetebol Sem Fronteiras’, um programa ambicioso que busca promover o basquete. Estamos entusiasmados em poder levar esse projeto para São Paulo e ter ao nosso lado Barbosa, Nenê, Varejão e Araújo, quatro estrelas da Seleção Brasileira, e que estão se destacando na NBA. Eles serão técnicos excepcionais para nossos jovens atletas* (Zoran Radovic, diretor de Desenvolvimento da FIBA).
- *Receber o ‘Basquete Sem Fronteiras’ pela segunda vez mostra o prestígio do basquete brasileiro e estamos trabalhando muito para que esta edição também seja um sucesso. Para isso vamos contar com a excelente infra-estrutura do Esporte Clube Pinheiros, que tem amplas e modernas instalações e capacidade de receber um evento de alto nível como esse. Com certeza será uma emoção muito grande para esses jovens entrar em quadra ao lado de Anderson Varejão, Leandrinho, Nenê e Rafael ‘Baby’, atletas que estão se destacando no cenário mundial* (Gerasime ‘Grego’ Bozikis, presidente da CBB).
- *O E. C. Pinheiros agradece e se orgulha de ter sido escolhido pela NBA e pela FIBA para receber o ‘Basquete Sem Fronteiras Américas 2007’. Tenho certeza de que nossas instalações esportivas e nossos funcionários irão atender bem e superar todas as expectativas da organização. Estamos ansiosos aguardando o início do evento* (Antônio de Alcântara Machado Rudge, presidente do Esporte Clube Pinheiros).
- *Nós, da Nike, estamos muito felizes com a parceria com o ‘Basquete Sem Fronteiras’ e NBA. O programa que ensina a jovens jogadores de basquete a importância do esforço, da dedicação, do trabalho em equipe e do companheirismo. Todos esses são motivos essenciais para esses jovens participantes; são lições e aprendizados que servirão para o futuro dentro e fora de quadra, e estamos muito orgulhosos de podermos trabalhar com a NBA e a FIBA para promover esses valores* (George Raveling, diretor mundial de marketing esportivo da Nike Basketball).

Os depoimentos – quer seja o do presidente do clube, o do atleta, o do representante da liga americana, ou a fala do empresário – assinalam a participação de diversos atores sociais, oriundos de associações que compõem segmentos diversos, envolvidos com essa programação do basquete. Paralelamente ao discurso de ”*responsabilidade social*” destas empresas, que deixa transparecer a defesa da

ação comunitária, essas organizações defendem também aqui os seus propósitos de difundir imagens e de atender seus interesses empresariais, buscando consumidores em potencial para os seus produtos. Este último depoimento é revelador da importância que o basquete tem na produção ou desenvolvimento de valores que extrapolam a atividade física, conforme o interlocutor e empresário da *Nike* se refere, ao mencionar aspectos como: *companheirismo, esforço, dedicação e trabalho em equipe*. Aqui reaparece a contribuição do basquete para a ordenação de *equipes de trabalho*.

De acordo com o discurso da Liga americana, desde sua primeira edição, em 2001, o *Basquete Sem Fronteiras* contou com a participação de cento e sessenta jogadores da NBA, treinadores e comissão técnica de trinta equipes diferentes, que trabalharam na formação de mais de mil jovens, vindos de cerca de cem países e territórios diferentes. Em 2007, o Programa contou com mais de sessenta e cinco membros da “família NBA”, que participaram do projeto, incluindo mais de trinta técnicos e ex-técnicos da Liga.

O Programa me chama a atenção pelas possibilidades de favorecer articulações de *identidades*, a exemplo da “família NBA” e pela contribuição dessas articulações em promover sua organização, envolvendo entidades de âmbito internacional, como algumas empresas multinacionais, além da Federação Internacional do Basquete Amador ou do UNICEF e entidades de âmbito nacional, como a Confederação Brasileira de Basquete, e de entidades locais, onde o Programa é sediado e desenvolvido, a exemplo do clube Pinheiros em São Paulo⁷¹.

Destaco, também, a interação do programa *Basquete Sem Fronteiras* com empresas do setor privado. No Brasil, por exemplo, foi acolhido, em 2007, como acabamos de afirmar, pelo Clube Pinheiros, um espaço que dispõe de amplas e modernas instalações, podendo garantir eficiência nos serviços, cuja propriedade é de grupos de um maior poder aquisitivo. Assim, a vinculação do Programa a esse clube reforça o achado desta pesquisa que destaco ao longo deste estudo: por contingências históricas, o basquete oficial ainda tem mais possibilidades de viabilização de sua prática restrita à esfera privada, em distintas regiões do Brasil.

Ainda a respeito do *Basquetebol sem fronteiras*, Hirata (2004), autor de um estudo que trata do potencial mercantil do basquete⁷², também chama atenção para o fato de, no cenário de ampliação da indústria de entretenimento, paralelo ao desenvolvimento dos meios de comunicação, o esporte haver passado a ser visto como espetáculo. De um lado, o progresso tecnológico dos meios de comunicação de massa possibilitou que as informações chegassem a um maior número de pessoas, nos pontos mais remotos do planeta e em tempo real. Do outro, a necessidade de ocupação do tempo livre do ser humano criou a indústria do entretenimento.

71 O UNICEF, organismo das Nações Unidas, comprometido com o desenvolvimento humano, por exemplo, realizou oficinas para permitir o trabalho de prevenção de HIV com os adolescentes envolvidos por essa atividade. A oficina é conduzida por especialistas em HIV, Aids e sexualidade e faz parte da agenda oficial do programa *Basquete Sem Fronteiras*.

72 Esta é uma pesquisa do mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual de Ponta Grossa no estado do Paraná.

Segundo o autor, o esporte, ao lado da música e do cinema, ocupa um lugar de destaque no cotidiano da vida do homem contemporâneo.

Hirata também destaca a contribuição do programa *Basquetebol sem fronteiras*, enfatizando que, ao resultar de uma articulação entre entidades de vários contextos, não só promove ação educativa em grupos sociais, mas pode se constituir numa tentativa, por parte de empresas esportivas, de ampliação de seus nichos de consumidores, na relação com outras culturas, de outras partes do globo, ampliando-se, assim, um movimento articulado dessas organizações, por intermédio do basquete. Nas palavras de Hirata,

Um indício da globalização e da busca por novos mercados é visível na oferta de páginas específicas da NBA para países como China, Brasil, Canadá, França, Alemanha, Inglaterra, Taiwan. As equipes oferecem também sítios em diferentes idiomas, em especial as equipes que contam com jogadores estrangeiros. A equipe do Denver Nuggets, do brasileiro Nenê Hilário, tem um em português, aparentemente com o intuito de atingir o público brasileiro e aumentar o seu mercado consumidor. Outro indício desse intento, localizado nessa mesma página, é o projeto BASKETBALL WITHOUT BORDERS, que poderia ser traduzido para o português como Basquete sem fronteiras. Esse projeto objetiva realizar clínicas com atletas e técnicos de diferentes países, em três continentes – Europa, América do Sul e África – sob a condução de técnicos, dirigentes e atletas de equipes da NBA. O sítio indica que o objetivo do projeto é proporcionar amizade, boa vontade e educação para os jovens através do esporte, porém nas entrelinhas talvez estejam pequenas pistas que conduzam a tentativa de encontrar novos nichos de mercado para a NBA (HIRATA, 2004).⁷³

Como se observa, neste trecho, para além da dimensão da *responsabilidade social*, o autor enfatiza a dimensão mercadológica, expressa nas estratégias desenvolvidas pelas empresas, no intuito de conquistar a expansão de mercados e ampliar a visibilidade de seus serviços e produtos, no caso, fortalecendo, principalmente, a profissionalização das equipes do basquete norte-americano. O Programa pode ajudar a atrair esses jogadores como trabalhadores em potencial em busca de oportunidades profissionais, vindos de outros espaços geográficos em que esta prática não tem investimentos necessários para sua manutenção, a exemplo do que se observa no Brasil e em outros países sul-americanos, conforme está destacado, por exemplo, no capítulo três. Assim, esse programa pode contribuir com a difusão e perpetuação de valores e a conquista de mais adeptos que venham compor e fortalecer a “legião da NBA”, ampliando-se também as relações de sociabilidade produzidas entre essa liga e as diversas culturas.

Nessa perspectiva, o programa *Basquetebol sem fronteiras* se traduz, portanto, como uma iniciativa que, dentre outros propósitos, promove o sentido coletivo de uma prática esportiva, se sobrepondo ao sentido da competição individual, extrapolando as quadras e ga-

73 Estudo disponível no site <http://www.efdeportes.com/efd79/basquete.htm>. Acesso em março de 2008.

nhando o âmbito das “relações comunitárias” internacionais, em distintas culturas, em vários pontos do mundo. Desse modo, reforça minhas reflexões acerca do jogo de basquete como uma estratégia que deixa transparecer interações complexas entre o campo do esporte e outras esferas da vida na sociedade contemporânea, cuja utilização pode servir para fortalecer o sentido de organização do *trabalho em equipe*.

Tais considerações contribuem para reforçar a relação já referida, anteriormente, entre a dinâmica do basquete e a construção “da vivência de equipes”, que se concretiza em seu campo, inclusive, ganhando dimensões de importância econômica e social percebidas para além do âmbito das quadras de esporte. Essa relação, que, como já foi enfatizado, acompanha o basquete desde aquela escola de Massachussets, no início da chamada *Era Moderna*, se faz presente, também, na experiência de institucionalização desse esporte Escolinha objeto de análise nesta pesquisa, bem como no movimento dos *Amigos do basquete*, no BNB clube, em Fortaleza nos dias atuais, que tem como base, também, o *princípio de solidariedade*.

Enfim, me parece que o propósito que articula a *ação solidária* dos *Amigos do basquete* no BNB clube em Fortaleza guarda analogia com o motivo que leva à concretização do programa *Basquetebol sem fronteiras*, quando a proposta do jogo extrapola seus objetivos imediatos competitivos da prática de esportes propriamente dita, e pode promover o exercício de ações de *cooperação*, processos edificados no dia-a-dia de intervenções de certos grupos e que se fazem presentes em organizações sociais de esferas distintas (educação, lazer, economia, comunicação), podendo aparecer também no jogo de basquete, ao longo da história, conforme venho observando por ocasião desta pesquisa. A busca de produção do “jogo associativo” que move os *Amigos do basquete* ou o *Basquetebol sem fronteiras* transcende a história desse campo específico dos esportes e vem atualizando, a cada ano, as memórias “basquetebolísticas” ou a tradição do jogo inventado em uma escola cristã em Massachussets, no final do século XIX.

Ocorre-me pensar que o *sentido de equipe* presente na dinâmica do basquete é um princípio que aparece, também, na cultura organizacional de algumas empresas chamadas *modernas*. As possibilidades de viabilização desse sentido do jogo podem, porém, ser afetadas, por descontinuidades de apoios econômicos ou mesmo políticos, através de relações que extrapolam o campo do esporte. Quero lembrar que, possivelmente, os processos de articulações que ligam indivíduos e entidades estão envolvidos também por motivos que podem desencadear divergências nesta complexa rede de organizações que promovem esse empreendimento, em busca de atender a interesses específicos e compatíveis com a diversidade de áreas de atuação que traduzem também a posição que tais organizações ocupam na dinâmica da sociedade moderna. As motivações dessas entidades, ainda que tenham propostas similares, expressam possivelmente pontos de discordância que distinguem, por exemplo, um organismo como a UNICEF e a empresa multinacional comercial Mc Donald’s. Assim, mesmo assumindo um compromisso social com parceiros, alguma(s) dessas associações empresariais pode não obter retorno compatível com suas expectativas imediatas para garantir seus interesses no mercado.

Eventualmente, o alcance ou não de objetivos, por parte dos integrantes dessa rede, pode contribuir para que algumas organizações sociais, inicialmente, vinculadas ao programa, venham a se desligar do mesmo.

No capítulo seis, será enfatizada a descrição de jogos como espaço de expressão de rituais que servem para promover a reconstituição de tradições e consolidação de identidades sociais também acenando para o fortalecimento de grupos sociais.

CAPÍTULO 6

OS JOGOS COMO RITUAIS

1. O ritual esportivo e as identidades sociais

Apresento, neste capítulo, uma reflexão sobre a prática esportiva que se projeta por meio de rituais, envolvendo os grupos componentes do universo da minha investigação, a Escolinha de basquete, no BNB Clube, e o grupo de jogadoras do CEFET. Para efetivar essa discussão, faço a articulação entre algumas leituras realizadas sobre o tema e o campo da pesquisa.

Observa-se nas situações analisadas a criação de uma identidade construída a partir de ações de indivíduos, e de grupos imbuídos de certos propósitos, sentimentos, valores e preferências. Assim, vai se estabelecendo, entre eles, uma série de interações, de modo a se concretizar, ali, uma forma social ou entidade, da qual pode ser exemplo aquele grupo que se encontra em treinos preparatórios para jogar em uma competição e, em função desta, os jovens programam tarefas e dividem responsabilidades. Em tal situação, conforme pude observar, os jogadores são envolvidos em um processo ou conjunto de iniciativas como: providenciar recursos materiais para a viagem, entre os quais estão transportes, ou confecção de uniforme; submeter-se a uma avaliação médica, além de eventual enfrentamento de dificuldades vivenciadas no atendimento às exigências no dia-a-dia dessa preparação. Essa forma de identificação é assumida por indivíduos e grupos diferentes, em situações concretas. Tomo como exemplo a equipe de basquete feminino ou as *basqueteiras* do CEFET-CE, cujo processo de preparação para participar do VI EDCENNE-2005, em Teresina, acompanhei de perto. Fazendo-me presente ao treino preparatório, em Fortaleza, ficava atenta às inúmeras formas de interação; desde aquelas inerentes às próprias regras do jogo na quadra, a outras que se expressavam nas “combinações”, entre atletas, sobre o que levar para a viagem, porque levar; escolha de matéria para confecção de distintivos, passando, ainda, pela troca de idéias acerca da postura de pais e mães em relação à participação do(a) filho(a) no torneio, etc. Ali, conversando com os atletas, com o técnico, registrando falas e outras expressões de linguagem, fui compreendendo a importância de aspectos aparentemente insignificantes na consolidação de uma identidade de grupo.

A sociabilidade no “mundo do basquete” é aqui entendida apoiada na perspectiva de Cuche, que vê a constituição de um determinado grupo, a partir da classificação feita de si próprio e reconhecida como tal, por outros, para propósitos de interação.

O autor, ao discutir cultura e identidade, considera que:

(...) No âmbito das Ciências Sociais, o conceito de identidade cultural se caracteriza por uma polissemia e uma fluidez. (...) Todo grupo é composto de uma identidade que corresponde a uma definição social que permite

situá-lo em um conjunto social. A identidade é ao mesmo tempo inclusão e exclusão, ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos de um certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista). Nessa perspectiva, a identidade cultural aparece como uma modalidade de categorização da distinção nós/eles, baseada na diferença cultural (CUCHE, 1999: 176, 177).

Para Cuche, não existe uma identidade em si; ou seja, considera tratar-se de uma construção que deve ser encarada numa perspectiva relacional. Desse modo, é possível afirmar que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais. Esta concepção se opõe àquela que vê a identidade como um atributo original e permanente que não poderia se modificar. Trata-se de uma mudança de perspectiva que coloca o estudo da identidade relacional no centro da análise e não mais a pesquisa de uma suposta essência que definiria a identidade (CUCHE, 1999: 183).

É possível, então, que um grupo ao qual indivíduos sejam ligados por adesão a uma prática cultural, possa se fazer representar como uma identidade devido suas diferenciações em relação a outros grupos ou adeptos de outra expressão. Trazendo para o caso em estudo, os *basqueteiros* em relação aos “*judocas*” configuram esse tipo. Eles se identificam e são identificados tomando como referência traços específicos quando se diferenciam em relação com outros grupos que fazem parte de outro contexto. Para definir identidade, o importante é localizar aqueles traços usados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural. Segundo Cuche,

Desse modo a construção de identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. A construção da identidade é dotada de eficácia social produzindo efeitos sociais reais. A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato (CUCHE, 1999: 182).

Trazendo essas noções para o campo deste estudo, comprehendo a construção da identidade tomando um episódio como ilustrativo: durante a fase preparatória do VI EDCENNE 2005, no CEFET-CE, a professora Maira, da Coordenadoria de Educação Física (do CEFET), por ocasião de uma reunião com os alunos e seus pais, em 09.09.05, enfatizava: “o sucesso e o bom retorno da viagem dependem de cada um de nós. Desejamos que o evento fique marcado positivamente, na lembrança de todos”. Neste caso, o desempenho de cada um, tal como expressa a professora, deve ter em vista o êxito de uma coletividade, de um *nós*. Este *nós*, por sua vez, vai se construindo nas vivências; conforme já mencionei anteriormente, nos treinos; nas brincadeiras e conversas informais, do grupo; nas reuniões mais formais e, ainda, nas viagens, como naquele momento. Enfim, dentro e fora da quadra, se constroem ou se fortalecem identidades, em meio a processos simultâneos de *cooperação* e *competição*.

No contexto cultural do CEFET, portanto, para além de uma *competição*, a partir da fala desta coordenadora, aparece a expectativa de *cooperação*, articulando jogadores que exercitam entre si uma *vivência de equipe*. Esse processo de relações sociais produz um sentimento de pertença a um núcleo articulado, compreendido pela imagem de um *nós*, pelo qual cada um se responsabiliza. A competição individual é vista como sendo construída, levando-se em consideração a convivência. Da perspectiva da fala da professora, cada um é parte dessa equipe (o grupo que representa a delegação do CEFET-CE no VI Encontro Desportivo de CEFETS Norte e Nordeste-2005) pela qual, todos são co-responsáveis. Lembro, ainda, que a criação do senso de equipe convive com o conflito constitutivo de qualquer grupo social. Isto, é claro, ocorria não apenas àquele grupo do CEFET-CE, mas, a todas as equipes participantes do Encontro. Assim, parafraseando Cuche, podemos dizer que, na definição da identidade, a percepção e a auto percepção se constituem elementos indispensáveis. Em outras palavras, vista por esse ângulo, a noção de identidade diz respeito à maneira como o grupo se vê e como é visto pelos outros.

Uma imagem de um *nós*, que identifica jogadoras de basquete do CEFET pode ser vista no momento em que a equipe entra em quadra, conforme descrito no 4º capítulo desta tese, na *Copa CEFET-2006*. Abraçam-se jogadoras e professor e gritam em coro: “Um, dois, três! CEFET!”, sob o apelo de Tony, que verbaliza na primeira pessoa do plural, assumindo uma personalidade coletiva, do grupo. Na sua condição de professor, ele ensina: “sem nervosismo e sem preocupação, vamos brincar de jogar basquete!”. Ao mesmo tempo, do lado oposto da quadra, a equipe adversária (do colégio Juvenal de Carvalho) entoava em coro, “Raça, raça, Juvenal!”. Essa afirmação ilustrava um outro *nós*. Ao assumir a forma coletiva, cada um desses grupos se compõe com base em vivências de sua própria história, se afirma da perspectiva de suas próprias características, a exemplo de nomeações, uniformes, cores, emblemas ou outros traços distintivos como histórias de participação em competições (acúmulo ou perda de títulos, pertencimento a um espaço social, a uma escola privada ou pública).

O momento do encontro se constitui, assim, em um espaço de afirmação das identidades contrastivas representadas por distintas delegações dos estados: CEFET-CE, CEFET-PA, CEFET-PI, CEFET-AL, CEFET-RN, CEFET-PE. Desse modo, cada grupo pode incorporar uma identidade (ou várias identidades). Identidades, portanto, situacionais que nesse contexto dos jogos se afirmam no exercício de oposição, em que certos grupos, com base em determinados atributos que lhes asseguram reconhecimento, se apresentam e firmam o seu lugar em relação a outras agremiações (CUCHE, 1999).

É sabido que identidades podem se expressar através de rituais. Peirano (1996), a esse respeito, considera o ritual como uma forma de ação maleável, criativa, com conteúdos diversos, que podem ser utilizados para várias finalidades como cívica, religiosa, política, esportiva. Interpretando significados dados à vida social através de rituais, em todas as épocas e lugares, a autora explica o papel que eles desempenham na construção da realidade social. Segundo ela, precisa-se evitar uma definição rígida e absoluta de ritual. Lembremos que há outros

grupos que não pensam e agem como *nós*. É um fenômeno especial que nos revela representações e valores de uma sociedade. Um ritual expande, ressalta ou ilumina o que já é comum em determinado grupo. O ritual é dinâmico; é algo mutável, se for considerada sua ocorrência histórica. Através de rituais, uma sociedade se recria e toma consciência de si. Rituais criam corpo de idéias, de valores, que, sendo partilhados socialmente, assumem uma conotação religiosa, mas não significa uma manifestação, necessariamente realizada tendo esse propósito. Os rituais podem afirmar ou questionar a sociedade, de forma variada, festiva ou contestatória.



Foto 21 – Esta imagem ilustra a conquista do campeonato sul-americano de basquete brasileiro, feminino, em 2008, na decisão contra a equipe da Argentina, no Equador.

Como uma situação ilustrativa, esta imagem evoca um ritual festivo, de celebração da vigésima primeira conquista do campeonato Sul Americano de Basquete Feminino do Brasil, em disputa contra a seleção da Argentina, em 29 de maio de 2008, no Equador. Esta é a décima segunda conquista consecutiva da equipe que mantém uma invencibilidade nesta competição, desde 1986. Esta imagem é rica em simbolismos, evocando: a bandeira nacional brasileira; o troféu, simbolizando uma conquista coletiva da delegação, e as medalhas de ouro acenando para a dimensão individual do rito esportivo. Jogadoras celebram o sentido individual

e coletivo, partilhados na vivência dessa conquista em grupo⁷⁴.

Outra situação envolvendo um ritual pode ser descrita ao se observar a construção do sentido do jogo coletivo por ocasião do *Campeonato Mundial Feminino de Basquete, 2006*, que se realizava no ginásio Ibirapuera, em São Paulo. Nesse contexto, me chamou a atenção o depoimento de Mikaela, atleta do Brasil, ao vencer as campeãs européias da República Tcheca: “é muito bom ouvir o grito da torcida, ‘eu sou brasileiro com muito orgulho, com muito amor’”. E acrescenta: “Isso é muito bom para a família do basquete”. Referia-se à vitória do Brasil contra as campeãs européias, pelo placar de 75 x 51 (24 pontos de vantagem). Através desse ritual, o basquete ganhou visibilidade local pela transmissão da televisão.

A fala da atleta evoca a idéia de *contribuição do basquete na construção de identidades*. Essas duas frases, aparentemente sem grande significado, são apropriadas para mostrar como o basquete, conforme mencionei no início, ajuda na formação de identidades relacionais nas quais estão implicadas a equipe e a torcida. E também evoca o sentimento de pertença (no caso, da atleta e da torcida, simultaneamente). Quer dizer, é na condição de jogadora de basquete (o esporte) que a atleta provoca na torcida o grito de aclamação: “eu sou brasileiro!”. Este brado evoca, para os torcedores, a pertença destes à nação. Por sua vez, ao falar para a imprensa, repetindo o que ouviu da torcida (“eu sou brasileiro!”), e acrescentando que “isto é muito bom para a família do basquete”, a atleta afirma, junto com a torcida, o seu sentimento de brasiliade e, ao mesmo tempo, evoca, também, a sua pertença àquela modalidade esportiva (integrante de um grupo). Esses sentimentos servem para distinguir a jogadora brasileira de basquete, *em relação a quem pertence à nacionalidade tcheca e em relação à categoria de adeptos de um outro jogo (por exemplo, do handebol)*. Destaco, pois, o aspecto *relacional* da identidade.

A expressão “a família do basquete” não representa um grupo qualquer. A expressão evoca uma instituição sólida, duradoura; e mais: esta expressão remete a algo bem mais amplo do que o time de basquete ao qual a atleta pertence naquele momento, ou naquela temporada; remete, pois, ao universo integrado pela categoria social “jogador de basquete”; isto é, evoca, como disse antes, o pertencimento a esse universo, juntamente com todos aqueles que “vestem a camisa” de *basqueteiro*. A esse respeito, lembro a imagem constantemente veiculada pela emissora *Sport TV*, quando as vozes de atletas pronunciavam: *We are basqueteball*. A imagem de atletas se expressando em inglês – este visto como *língua universal* – explicita, aqui, que “nós somos o basquetebol”, evocando o sentimento de pertença a uma categoria social e, mais ainda, a um universo de crenças, práticas e sentidos múltiplos de pertencimento.

Obviamente, esta série de associações, detalhadamente, não se processa de maneira consciente, na mente da atleta ou dos torcedores. Mas, há, naquele cenário, uma multiplicidade de símbolos – que se associam de diversas maneiras (artefatos e imagens visuais, auditivas, sonoras etc., conforme referi antes), símbolos que são lembrados em diferentes linguagens, por

⁷⁴ Registro de informações elaborado disponível do site <http://esportes.terra.com.br/Pequim.>, acesso em julho 2008

diferentes personagens – que termina por mandar todos esses “recados” (mensagens) para um público amplo.

Assim, por este raciocínio, depoimentos sobre a atuação do basquete feminino brasileiro, campeão sul-americano (identidade brasileira), ao vencer as campeãs européias, da República Tcheca (uma outra identidade nacional), mostram que nem só o futebol desperta uma “alma coletiva”, um sentimento de pertença a um grupo e a um lugar. Essa vitória ocorreu às vésperas da eleição, no Brasil, para presidente da República, em 2006, ao mesmo tempo em que a imprensa veiculava denúncias de violência e de corrupção na esfera política nacional. Enquanto isso, torcedores emocionados afirmavam que *o Brasil precisava de garra, desse patriotismo para se contrapor à violência e à corrupção*. Eles consideravam o basquete sua motivação para sorrir. Ao mesmo tempo, o ritual se tornou um espaço ou veículo de expressão de opiniões políticas desses adeptos.

No entanto, o time brasileiro perdeu para a equipe dos EUA a partida em que disputavam medalha de bronze. Em Fortaleza, o jornal *O Povo*, edição de setembro de 2006, noticiava a despedida sem bronze e se referia ao jogo, mencionando o desempenho fraco da equipe feminina do Brasil, naquela semifinal do *Mundial*. A forma como o fato é divulgado no jornal, não sinaliza o aspecto da equipe perder para o grupo que tem supremacia no basquete mundial. Afinal, o Brasil colecionava, naquele momento, dezenove títulos de campeão sul-americano de basquete, conforme citado, anteriormente. Ou seja, a leitura preconcebida do fato, ou a interpretação apresentada na divulgação da perda do *Mundial-2006* foi um julgamento apoiado em particularidades táticas / técnicas, aspectos físicos, em detrimento de variáveis de naturezas psicológica, histórica e cultural, que envolvem o jogo encenado. O time norte-americano – portanto, a identidade oposta, naquela situação, à equipe brasileira – era tido como o “leão ferido”, que não queria voltar para casa sem uma medalha, após perder sua vaga na final do torneio para a Rússia.

Essas considerações convergem para a discussão de Peirano a respeito dos ritos, ao conceber ritual como um sistema de comunicação de símbolos, feito de seqüências padronizadas de palavras, atos expressos de muitos meios. Segundo ela, as seqüências têm conteúdo e arranjo por graus variados de formalidade, repetição, condensação e permanência. E os rituais podem acionar, mas, também questionar certas estruturas que concorrem para assegurar novas legitimidades. São bons para pensar e viver. A partir de rituais, pessoas tomam conhecimento de seu mundo ideal. A autora vincula o ritual à criatividade e à originalidade. Nesse sentido, uma manifestação ritual favorece as mudanças (PEIRANO, 1994: 9; 10; 11; 19).

Esse raciocínio de Peirano me ajuda a explicar de que maneira alguns grupos, através de atividades esportivas, podem exercitar a memória de ações que incorporam e veiculam símbolos e evocação de sentimentos e valores, como a preferência pelo basquete ou a emoção de ser brasileiro. Sob essa perspectiva, podemos afirmar que esses mesmos grupos podem reinventar ou afirmar suas tradições, a exemplo da equipe norte-americana que confirma seu favoritismo na história de conquistas do *Mundial*. Ou, o exemplo da vitória do Brasil, que exerce a

ruptura com o favoritismo da equipe composta pelas jogadoras européias. Através dos rituais, também se preservam símbolos, como se verifica com atividades esportivas das quais os jogadores de basquete fazem parte durante competições, conforme tive oportunidade de acompanhar ao longo desta pesquisa. A esse respeito, destaco, a seguir, trecho de notícia informando sobre a cerimônia de abertura do torneio regional de equipes dos CEFETs do Norte e Nordeste, em 2005, realizado em Teresina:

(...) a solenidade de abertura do VI EDCENNE será realizada no dia 26. 09.05, às 19h, no Parque Poticabana. Cada delegação deverá selecionar 33 atletas de diversas modalidades para o desfile de atletas. Devem estar uniformizados. Dois atletas conduzem as bandeiras do Estado e do CEFET, que deverão ser trazidas pela delegação. Um atleta se juntará ao grupo que conduzirá a Tocha Olímpica. Convidamos todos os participantes para prestigiar o evento que tem show de dança, música e humor⁷⁵.



Foto 22 – Esta foto mostra a configuração da *mesa das autoridades* que incluía personagens representantes de diversas identidades, dispostos em meio à exposição de símbolos alusivos ao ritual olímpico.

Os aspectos histórico e cultural do ritual esportivo emergem quando o mestre de cerimônia dessa solenidade se refere à instituição, CEFET:

⁷⁵ Citação extraída de um texto do site do CEFET-PI, veiculado por ocasião do evento: [www.cefetpi.com.br.](http://www.cefetpi.com.br/), setembro de 2005.

(...) No dia 23 de setembro de 1909, o governo Nilo Peçanha criou a Escola de Aprendizes Artífices, que posteriormente, chamaram-se escolas industriais, escolas técnicas e, atualmente, são chamadas CEFETs (Centro Federal Tecnológico). Estas escolas visam atender às demandas impostas pelo desenvolvimento tecnológico.

A mesa de autoridades, nesta imagem rica em simbolismos, compõe a cerimônia de abertura do VI EDCENNE, 2005. A imagem nos remete à afirmação da tradição do ideário olímpico que transcende gerações, destacando-se a exibição do histórico símbolo dos anéis olímpicos coloridos, entrelaçados, significando a inter-relação dos continentes, sobrepostos ao fundo branco, evocativo da paz que, supostamente, se espera sirva de inspiração para regular os processos competitivos de relações entre os diversos contextos geográficos e sociais.

Um outro exemplo de atividades esportivas em que grupos exercitam a memória e incorporam e veiculam símbolos, os quais permitem aos mesmos reinventar suas tradições, pode ser observado deslocando-se do plano do evento regional para o âmbito nacional. Assim é que se encontra, na história do basquete brasileiro, a narrativa da conquista do prêmio maior desse esporte, pela equipe feminina – reconstituída por veículos de comunicação, a exemplo da Rede Globo de Televisão, na apresentação de cenas do ritual de entrega de medalhas, pelo presidente cubano Fidel Castro, às campeãs brasileiras, por ocasião da final histórica, entre as equipes de Brasil e Cuba, em 1991, em Havana, quando o Brasil foi campeão pan-americano –, ganhando, portanto, *medalha de ouro*, após disputar com as cubanas em seu próprio território. As cenas evocam a idéia de convivência e articulação de esferas do esporte com a política, de acordo com a perspectiva de Hobsbawm (2002), que concebe o esporte também como uma prática social, em meio à qual, os grupos humanos reinventam suas tradições e reproduzem símbolos culturais.

Essas imagens ficaram impressas nas memórias do basquete brasileiro e a elas é associado forte simbolismo. Imagens que são reavivadas e assim atualizadas, a cada nova competição, através de transmissões e discursos proferidos por personagens e desportistas, e veiculados nos meios de comunicação, conforme registrei com base nos comentários de figuras do “mundo do basquete”⁷⁶. Tais ocorrências afirmam a concretização da imagem do Brasil como sendo *o país tricampeão do basquete masculino pan-americano*.

A conquista do tricampeonato do basquete masculino, pelo Brasil, contribuiu para reviver o sentimento nacionalista, expresso através de uma aclamação coletiva, produzida na manifestação da Arena Olímpica do Rio de Janeiro, palco desse espetáculo esportivo. Ali, se ouvia um coro: *eu sou brasileiro com muito orgulho, com muito amor*. A perpetuação dessas representações (de nação, de nacionalismo, associadas ao basquete) é possibilitada pelo papel

⁷⁶ Essas cenas aparecem nas transmissões de emissoras de televisão, por ocasião de duas conquistas das equipes de basquete do Brasil, nos Jogos Pan-americanos 2007: *medalha de prata* para a equipe feminina contra a seleção dos EUA e *medalha de ouro* para a equipe masculina, conquistada contra a equipe de Porto Rico.

que os meios de comunicação exercem na divulgação, produção e reprodução de certos símbolos e imagens, na reconstituição de cenários e sentidos associados à memória coletiva, na sua relação com os espectadores, encontrados em diversos grupos sociais que incluem os jogadores e/ou simpatizantes do basquete.

Penso, no entanto, que é preciso relativizar o papel de rituais, pois do mesmo modo que servem à manutenção de tradição, por assumirem outras dimensões, a sua expressão pode desencadear outras manifestações, às vezes, contrárias às tradições. Essa pluralidade de funções dos rituais pode ser encontrada, no campo esportivo, no revezamento da Tocha Olímpica⁷⁷, considerado, aqui, como um *rito* preparatório para as Olimpíadas Mundiais⁷⁸. Assim, embora reconheça que o papel de rituais é associado, predominantemente, à manutenção de tradições, chamo atenção para as complexas relações que estão em jogo. Conforme visto nessa situação, o rito pode projetar também conflitos em situações específicas e desencadear reações, as quais se contrapõem à forma como um ritual se processa de uma perspectiva tradicional, conforme postula Hobsbawm. Dentre outros aspectos, é preciso contextualizar o momento histórico em que essas tradições são criadas e, também, as formulações dos pensadores acerca de fenômenos sociais. Nesse sentido, vale lembrar, por exemplo, que os Jogos Olímpicos têm origem no fim do século XIX⁷⁹. Essas observações mostram que a relação entre os receptores do ritual e a consolidação de tradições evocadas pela ordenação de um determinado evento nem sempre se dá sob o mesmo prisma e de maneira pacífica.

Em seguida, apresento uma discussão sobre valores associados ao jogo de basquete, expressos através de ritos e projetados no cenário de competições em que esse jogo é uma das modalidades figurantes, contribuindo para a criação de formas de sociabilidade. Tomo como referência a realização do Encontro Desportivo de CEFETs Norte e Nordeste, edições 2005 e 2006.

77 O revezamento da Tocha, segundo a tradição, consiste de um procedimento que ocorre, periodicamente, por ocasião de Olimpíadas Mundiais, momento em que este símbolo é conduzido por distintos países, saindo da Grécia, berço dos Jogos Olímpicos Modernos (1896), até o local-sede do Evento. Em 2008, a sede foi Pequim. Esse procedimento me reporta ao simbolismo da união das culturas pelo esporte, que foi criado com os Jogos Modernos, tais como foram idealizados pelo pedagogo francês, Pierre de Coubertin.

78 A propósito, me vêm à lembrança, por exemplo: a imagem de um manifestante caído e ferido, por ocasião da passagem da Tocha pela Grécia, rumo a Pequim, em 2008; ou diversas manifestações contrárias ao governo chinês, quando da passagem do *fogo simbólico* por Paris, Londres e Paquistão, dentre outros locais. Ao longo de todo o percurso no qual se dava o revezamento, o símbolo seguia sob forte escolta de segurança.

79 O revezamento da Tocha Olímpica nas Olimpíadas de Pequim-2008 assumiu uma feição distinta da que ele assume em outros momentos, ao longo da sua história. Conforme se podia acompanhar pelos meios de comunicação, registraram-se inúmeras reações, na opinião pública internacional, contra o governo chinês em 2008, devido a repressão que essa força política exerce atualmente no Tibete. Para o presidente do Comitê Olímpico Internacional, que incorporou a crítica de muitos manifestantes ao redor do mundo, aquela prática política do governo chinês era incompatível com o espírito olímpico. Vê-se o cenário do ritual projetando também atitudes de crítica política.



Foto 23 – Desfile da delegação do CEFET-Ceará, no VI EDCENNE.

Esta foto mostra uma equipe da *delegação* do Ceará. Aparecem aí, como símbolos de identidade local: a bandeira do estado do Ceará e a bandeira do CEFET-CE. Entre as atletas que conduzem a bandeira do CEFET, está a capitã da equipe de basquete. Além desses símbolos, vêem-se a tabuleta e o uniforme distintivo dos atletas da delegação. A solenidade do desfile de delegações na Abertura dos jogos tem início com uma queima de fogos de artifício. Na ocasião, foi anunciada a presença de 785 atletas⁸⁰. Convém lembrar que nem todos compareceram. No cortejo, os atletas caminham posicionados lado a lado, dispostos no espaço físico, agrupados em duplas ou em trios, em um trajeto que ia da entrada do Parque Poticabana⁸¹, circulando, para, posteriormente, tomarem posição em frente ao palco; este montado para abrigar a *mesa das autoridades*.⁸²

Em um dado momento daquela cerimônia, o diretor do CEFET-PI, tentando animar o ritual, lança a pergunta: “quem vai ganhar?”. E cada delegação presente respondia de modo a afirmar sua própria *identidade*: “é Alagoas!”, “é o Ceará!”, “é o Piauí!”. O coro era entoado assim no Parque Poticabana.

⁸⁰ Este número não se refere apenas a atletas; inclui os acompanhantes: professores, além dos motoristas dos coletivos que transportavam as várias delegações. Efetivamente, desfilaram 33 atletas, por delegação. O número total de membros de delegações foi de 881, de acordo com o documento nomeado VI EDCENNE 2005 (Encontro Desportivo dos CEFETS Norte Nordeste), Teresina-Pi, emitido pela organização do Evento.

⁸¹ O parque localiza-se na Avenida Cajuína, nas imediações do *shopping* Teresina, o principal, desta cidade.

⁸² No caso, a mesa era constituída de personalidades como: o diretor do CEFET-PI, o secretário de Esportes e Lazer de Teresina, o presidente do Conselho de CEFETs do Norte e Nordeste e o atleta juramentista tricampeão de vôlei, dentre outros.



Foto 24 – Esta imagem mostra a delegação alagoana presente ao EDCENNE 2005.

Como se pode observar, atletas estão vestindo uniforme azul e amarelo e exibem a bandeira de Alagoas, um símbolo ou sinal identitário desse Estado. A cena pode evocar a idéia de existência de rivalidades inter-regionais, de acordo com a qual um quer superar o outro, ou cada grupo representante regional assume para si a função de representar o seu lugar de origem, além de representar um grupo que defende a modalidade esportiva específica. Não só, por exemplo, se apresentam como nadadores, mas representam, através do esporte *natação*, o seu lugar de origem, no caso, o estado de Alagoas. Assim, cria-se, ali, uma diferenciação entre os diversos grupos e, em meio a essas diferenças, realiza-se uma disputa de interesses simbólicos, de troféus, por parte de grupos específicos e, ainda, se verifica a convivência de agremiações dentro da competição.

Observe-se, aqui, a evocação de valores de referência do grupo, como a “lealdade e respeito às regras”, sendo esses valores reafirmados não só em discurso, mas também por ocasião do desempenho de jogadores nas partidas. A incorporação desses valores, porém, é um fenômeno que não se dá de forma absoluta. Eles são relativamente assimilados por grupos que compõem o cenário; ou seja, é necessário relativizar o universo das experiências desses atores ou jogadores no processo de recepção de mensagens e vivências que experimentam, neste espaço de que fazem parte.

Revelações acerca do que significam os jogos se expressam diferentemente, em depoimentos de jogadores. Assim, na interpretação dos atletas, o basquete é associado a: brincadeira; rotina de estar junto; oportunidade de conhecer outros lugares e pessoas; motivação para jogar basquete; chance de viajar de graça, de partilhar brincadeiras em grupo, de encarar desafios; sonho de vir a ser um jogador de basquete; exercício de saúde e qualidade de vida; vivência de orgulho e felicidade pessoal, dentre outros aspectos.

Verifica-se, porém, que, se de um lado, há o espaço para reconstituir tradições e valores de um ritual de jogos, por outro lado, há uma incorporação de idéias que não se dá de modo equivalente pelos indivíduos, com diferentes experiências, que compõem esse grupo. O rito, em si, busca uma unidade, a partir da veiculação da idéia de “lealdade” ao adversário, proposto como valor universal. No entanto, a introjeção do conteúdo ritual se diferencia, quando também se particularizam as experiências de seus atores.

Essas condutas contrariam o sentido da incorporação uniforme de valores manifestados por ocasião da cerimônia. Nesta pesquisa, encontro um exemplo de função ritual, de evocação de identidade de grupo, no juramento proferido pelo atleta, por ocasião da solenidade de Abertura do EDCENNE 2005: “juro competir com lealdade e disciplina, respeitando as regras e o adversário pelo engrandecimento do esporte, do estado que represento e do meu CEFET”.

Os grupos, ao se apresentarem em situações distintas podem assumir identidades diferentes. Ou seja, em Fortaleza, o time de basquete, ao se apresentar como tal, evoca uma identidade institucional: “aqui está o CEFET”. Na competição inter-regional, equipes projetam a incorporação de múltiplas identidades: uma ilustração é relativa aos *basqueteiros* do CEFET-CE, da escola, da modalidade esportiva, ou time de *basqueteiros* do Estado do Ceará ou da cidade de Fortaleza. Jogadores assumem, pois, uma *identidade* em relação à situação. Estão, lá, na condição de alunos do CEFET ou de cearenses, nordestinos, fortalezenses ou nortistas, uma vez que a *competição* envolve equipes cuja procedência é sempre explicitada. A pluralidade de situações contribui, assim, para que o cenário possa projetar variadas identidades. Podem aparecer como *basqueteiros, futebolistas, nadadores*, ou outras nomeações específicas das modalidades variadas de práticas esportivas que tomam parte naquela competição.

Esta discussão converge para a perspectiva de Guedes (1998) acerca da afirmação que relaciona esporte e identificação coletiva. Sobre a identificação coletiva possível de se criar através de jogos, a autora admite que “Qualquer esporte é potencialmente capaz de acionar a dimensão de brasiliidade, das ‘identidades’ sociais, mas isso se faz em ‘ondas’ ao sabor dos êxitos obtidos” (GUEDES, 1998: 41). Ainda segundo ela, qualquer esporte pode produzir a identificação coletiva através das vitórias.

Tal afirmação me permite ver que, às vezes, o próprio atleta premiado pelo desempenho individual bem sucedido se apresenta como personalidade coletiva, ao fazer alusão à sua conquista, assumindo a fala na primeira pessoa do plural. *Nós vencemos*, incluindo assim, na conquista, também a participação de torcedores ou simpatizantes. Aqui, pode ser observado de que maneira nuances das dimensões individual e coletiva do ritual aparecem. Tal identificação pode ser ilustrada, levando-se em consideração a conquista de uma medalha olímpica, através da fala ou dos gestos, quando o atleta vitorioso, vestindo o uniforme ou envolvido na bandeira de sua equipe, abre os braços e estende a mão ao público que o assiste. Tal gesto evoca a idéia de nação ou de outra instituição, com a qual se partilha aquela conquista.

Essas considerações ganham reforço, apoiadas em uma afirmação de Da Matta, cuja perspectiva de leitura dos ritos de desporto modernos admite a convivência de uma dimensão individual e que também envolve o espírito coletivo. Quando o jogador se sai vitorioso numa disputa, essa conquista é também sentida em uma dimensão coletiva. O raciocínio de Guedes (1998) articula-se a considerações de Da Matta (1990), para quem “o ritual é dramatização que legitima coisas e relações”. Reportando-se aos rituais esportivos na sociedade moderna, este autor afirma que a tendência é se criar, nesses rituais, o momento coletivo, sobrepondo-se ao individual, o que pode ser visto, por exemplo, em comemorações nas quais, segundo Da Matta, é possível perceber a dialética da competição individualista, contribuindo para englobar, na vitória, outros indivíduos.

A vitória de uma seleção de basquete numa competição – em que estão envolvidas várias instituições, incluindo distintas modalidades esportivas, escolas, estados e símbolos esportivos aliados à evocação do hino nacional, músicas de uma dada localidade, etc. – pode significar a vitória de indivíduos que compõem não apenas o grupo de competidores, mas de pessoas que fazem parte de uma instituição; ouve-se, por exemplo, “o frevo dos Vassourinhas!” como o canto do povo de um lugar, simbolicamente representado por essa seleção, o que se expressa através de indivíduos que podem vestir sua camisa ou conduzir sua bandeira. Neste caso, me vêm à lembrança jogadores de basquete do CEFET do Estado de Pernambuco.

Para ilustrar como a competição individual se transforma na celebração de um momento coletivo, menciono: a conquista da medalha de ouro, pela equipe do CEFET-CE, por ocasião da *Copa CEFET-2006*; a conquista da medalha de prata, pelo CEFET-CE, no EDCEN-NE 2005, em Teresina; a conquista da medalha de prata pela seleção brasileira feminina de basquete na Arena Olímpica, em julho de 2007, nos jogos Pan-Americanos, no Rio de Janeiro. E, em meio à evocação do sentimento de pertença – que envolvia espectadores e jogadores de basquete naquela Arena Olímpica – observo, ainda, uma espécie de idolatria da figura de Janete, cujo nome era proferido aos gritos pela torcida. Via-se, ali, a aclamação da atleta consagrada, que jogava sua partida de despedida da seleção, e aparecia venerada em cartaz erguido no meio da torcida, com a seguinte frase: “obrigado sua majestade Janete!”.

Para reforçar a argumentação de que essa dinâmica permite a emergência de diversas identidades, me apoio também no estudo de Weis (1996) acerca do basquete como espaço de preservação de tradição cultural de descendentes alemães, em Santa Cruz do Sul, na região do Sul do Brasil. Ele considera que a modalidade esportiva está presente como elemento de especial importância, em Santa Cruz do Sul. A conquista de uma equipe de basquete deste lugar se associa à imagem da mesma cidade; portanto, se vincula a aspectos econômicos e culturais da região. Contribuiu, ainda, para criar vários grupos com as respectivas formas de representação, como: Sociedade Ginástica, *Corinthians Sport Club*, Grêmio Atlético Sampaio, além da Liga de basquete em Santa Cruz do Sul, a Liga Atlética de Santa Cruz do Sul (LASC) ou LSCB (Liga Santa Cruzense de Basquete).

Nesse estudo, o autor menciona a agremiação de adeptos deste esporte, nomeada Corinthians Club, que se tornou campeão da Liga Nacional do Basquetebol, conquista que deu à cidade a denominação de *capital gaúcha e brasileira do basquete*. Segundo Weis, o basquete foi inserido com dificuldades em Santa Cruz, em 1931, na Sociedade Ginástica e, em 1939, no Corinthians Club e acrescenta que, com sua inserção, cresceu entre os imigrantes o interesse pela preservação da cultura, intensificando-se também os laços sociais e o espírito festivo. O clássico envolvia a Sociedade Ginástica e o Corinthians Sport Club cuja rivalidade mobilizava um público em torno de 2000 pessoas, para assistir ao evento. Além disso, ressalta que as agremiações criadas no processo dessa competição expressam, paralelamente, relações de cooperação.

A abordagem de Weis reforça, assim, um dos pressupostos desta pesquisa; ou seja, me ajuda a perceber com mais clareza a função desse esporte na afirmação de identidades culturais, realçando a produção do *sentido de equipe* como fator que ordena a dinâmica das relações sociais no “mundo do basquete”.

Numa alusão às associações de basquete as quais se ligam à representação regional, Weis afirma que a Sociedade Ginástica e o *Corinthians Sport Club* sempre representaram condignamente Santa Cruz do Sul, em todos os campeonatos por eles disputados. As duas representações de maior tradição da cidade revezavam melhores e piores resultados em certames por elas disputados, de modo que sempre se observava a convivência do “espírito competitivo e o associativo”. O autor enfatiza bem o papel de associações esportivas na consolidação de uma identidade regional. Ali, segundo ele, é necessário que o adepto fosse filiado a essas entidades para exercer a prática. Weis, ao comentar a história das vitórias dessas associações, afirma:

O título de campeão citadino deu direito ao Corinthians Sport Club de representar Sta. Cruz no campeonato estadual de 1942, que foi realizado em Porto Alegre em Janeiro de 1943. Mesmo na condição de caloura, a equipe do Corinthians, representou bem a cidade, conseguindo, nesse certame, obter o título de vice-campeão estadual, perdendo apenas para a equipe do Internacional (WEIS, 1993: 76).

Em 1946, revela o autor, que a sociedade Ginástica e o Corinthians Sport Club fizeram parceria e, juntos, patrocinaram a realização do campeonato estadual de basquetebol, em Santa Cruz do Sul. A Sociedade Ginástica tornava-se campeã do interior e vice-campeã estadual, perdendo apenas para o Internacional, de Porto Alegre, que ficou com o título (WEIS, 1996: 81).

2. Copa CEFET 2006: competição e cooperação num jogo de relações entre as cenas pública e privada

Conforme alusões feitas anteriormente, a complexa rede de relações que se estabelece no universo do basquete se expressa, simultaneamente, nas formas de competição e de conflito.

Aqui, examinando cenas da Copa CEFET-2006⁸³, em Fortaleza, com a participação de instituições dos setores público e privado, analiso aspectos da dinâmica dessa relação “competição-conflito”.

Outra vez, volto minhas atenções para o ritual de Abertura desse torneio, no qual identifico relações hierárquicas. Tal como ocorre em solenidades dessa natureza, pude observar a composição de uma mesa à qual tiveram assento personagens que, no contexto, se constituem autoridades: professores integrantes da coordenação do evento e diretores da escola. A *mesa* ocupa um patamar superior ao plano da quadra em que estão distribuídos atletas uniformizados, de acordo com a respectiva simbologia de suas equipes, numa configuração, segundo a qual, distintos grupos representados aparecem no plano, também físico, de interações, diferenciando-se por aspectos de oposição umas às outras, a partir de sua autodenominação. Conforme o raciocínio de Denys Cuche (1999), temos aí identidades contrastivas.

A entidade nomeada colégio Santa Cecília exibe seus símbolos característicos, uma história e tradição peculiares (colégio privado; tradicionalmente dirigido por religiosas; localizado em área “nobre” da cidade de Fortaleza, etc.); tem personagens próprios; uniforme, nas cores vinho e branco; o distintivo de uma harpa figura na blusa dos atletas como emblema da agremiação; exibe também sua própria bandeira. Esta agremiação se diferencia da escola pública CEFET, cuja trajetória histórica é marcada, dentre outros aspectos, pela localização em bairro de “classe média” da cidade; pela sua tradição de *escola federal*, padrão de ensino de *boa qualidade*, voltada ao atendimento de um público jovem, em termos profissionalizantes, no âmbito do ensino médio. Do ponto de vista simbólico, preserva também suas cores distintivas, azul e amarelo, presentes, portanto, no uniforme que, além do um emblema, traz o sinal diacrítico que traduz a imagem da meia lua, o sol e a jangada.

Desse modo, cada uma com seus distintivos, as equipes de basquete de ambas as instituições se apresentam como grupos que assumem identidades situacionais, em oposição, vistas também ali, como escola pública e escola privada.

Pode-se pensar em relações cooperativas dentro de equipes na construção de entidades e, também, na associação de confrontos em jogos, como reforçam os professores de Educação Física, Tony e Maira. Esta me chamou para que eu participasse da mesa, dizendo: “Já que veio nos prestigiar, sente aqui com a gente”; enquanto Tony admitia que “esta Copa se faz sempre no sentido de competir para congregar”.

Tais relações também são competitivas, por possibilitarem a disputa de interesses simbólicos divergentes (não só convergentes), entre diversos grupos, no caso, em busca de uma premiação que se expressa, na dimensão individual, através de medalhas de ouro e prata, e, na dimensão coletiva, através do troféu, símbolo atribuído à conquista do campeonato por uma das equipes.

⁸³ Essa Copa vem sendo realizada, anualmente, em Fortaleza, desde 2000. Em 2006, envolveu várias modalidades (atletismo, natação, judô, *handebol*, voleibol, basquetebol, futebol, futsal). Vêem-se, em maior número, as modalidades coletivas. Participaram 16 equipes, representantes de instituições públicas e privadas, predominantemente escolas, mas não só esse tipo de entidade.

Articulações entre os espaços público e privado podem ser observadas, ainda, no momento Encontro Desportivo de CEFETS do Norte Nordeste, em Teresina-2005 e Recife-2006, quando, mesmo não dispondo de patrocínios, os adeptos do jogo me revelaram que houve empréstimo das instalações do clube local Círculo Militar, cedendo, por exemplo, as piscinas. Também universidades públicas cooperaram com os jogos interestaduais do CEFET, pondo à disposição dos atletas suas instalações, para desempenho de atividades. É neste sentido que podemos falar, também, que o jogo de basquete se projeta como espaço, interativo, no interior do qual se estabelece todo um conjunto de relações, por exemplo, na concretização de parcerias, pondo em articulação agentes e instituições nos âmbitos do público e do privado.

Chamam atenção, ainda, as relações cooperativas através de parcerias exercidas no intuito de divulgar o basquete, por ocasião da programação municipal de iniciativa da Célula de Esporte e Lazer da Prefeitura, nos centros esportivos.

3. *O dia B Municipal do Basquetebol: identidades que se consolidam nesse contexto*

Conforme referido anteriormente, esta pesquisa me possibilitou acompanhar, também, uma experiência promovida pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, associada ao setor privado, envolvendo a criação de equipes esportivas, denominada *O dia B Municipal do Basquetebol*, ocorrida em 23.12.06. Assim, registrei uma iniciativa do programa *Esporte na comunidade*, ligado à Célula de Esporte e Lazer. Tal programação ocorreu em centros de esporte públicos, a exemplo do Ginásio Paulo Sarasate, onde se apresentaram várias expressões do jogo de basquete. De acordo com Tales – gerente do *Esporte na comunidade*, ex-jogador da seleção cearense de basquete –, a iniciativa visou “valorizar e divulgar o basquete junto ao público em geral” e mostrar o jogo através de oficinas com fundamentos básicos, a saber: o drible, o arremesso e o passe. Segundo ele, o evento foi sendo divulgado por Internet, incluindo o *site* da prefeitura, envio de e-mails aos clubes e ligas, carros de som nos bairros, cartazes, *folders*, ligeira entrevista na *TV Diário* e a comunicação “boca a boca”, entre os *adeptos do basquete*.

O cartaz do *Dia B Municipal do Basquete* anunciava a programação desta maneira: “Prefeitura de Fortaleza, Você construindo a Fortaleza Bela, Esporte e Lazer”. Aparecem no seu conteúdo símbolos da cidade de Fortaleza, da campanha *Fortaleza Bela*⁸⁴ e da Associação dos Oficiais de Basquetebol. Além disso, nele constam as seguintes informações: *Célula de Esporte e Lazer fone: 32545848/32545309/31051309 Horário: Manhã - Das 8h às 11:30 tarde das 13:30 às 17h. Na Beira Mar a partir das 14:30.*

⁸⁴ Campanha *Fortaleza Bela* é um slogan publicitário da propaganda política que tem como propósito difundir a imagem da administração municipal sob responsabilidade da então prefeita de Fortaleza, do Partido dos Trabalhadores (PT), Luiziane Lins. Tal slogan foi criado na sua primeira gestão que compreende o período de 2004 a 2008. Examinando um pouco do conteúdo da campanha *Fortaleza Bela*, na cobrança do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), no início do ano de 2006, encontro uma ilustração de como se dá a apropriação do basquete pela publicidade no setor público. Ali, o jogo de basquete é usado, em uma peça publicitária, veiculada pelo jornal, para persuadir o contribuinte a pagar o IPTU, de forma a ter seu direito à prática esportiva assegurado.

Locais:

Centro de Cidadania do Conjunto Ceará, Av. s/n 1^a etapa Conjunto Ceará

Centro de cidadania do José Valter, Rua 69 s/n, 2^a etapa, José Valter Ginásio Paulo Saraste, Rua Ildefonso Albano 2050, Dionísio Torres Quadra Póliesportiva da Beira Mar, s/n, Meireles (Arena)

Sobre o fundo do cartaz foi desenhada a imagem de um negro e musculoso atleta que salta para *enterrar*⁸⁵ a bola na cesta.

Os sujeitos da programação do *Dia B do basquete* eram alunos-monitores, articulados aos professores da escola e do clube (respectivamente, colégio Batista e Círculo Militar). Ali, apresentaram-se grupos que são diferenciados porque pertencem a distintas sub-modalidades que fazem parte desta categoria social nomeada, de forma mais genérica, como *jogadores de basquete* ou *basqueteiros*.

Como parte da programação do Evento, se apresentaram diversas categorias de jogadores de basquete, no âmbito local. Entre eles, destaca-se o *Basquete de rua* da CUFA, também chamado *basquete-arte ou street ball*. Esta última é a denominação que a categoria recebe nos EUA, onde surgiu. Outro grupo de adeptos que participou desta iniciativa foi a *Associação dos Veteranos e Amantes do basquetebol* (AVAB), que venceu a *seleção do Dia B*, composta dos alunos de escolas e clubes, por um placar de 48 X 43, na partida de encerramento da programação do *Dia B*. Houve a apresentação de equipes de *basquete para olímpico*⁸⁶. No caso de jogadores *para olímpicos* ou de *streetball*, esses se apresentam como modalidades específicas. Em função de suas especificidades, esses atores jogaram entre si (dentro daquela modalidade).

Observa-se, assim, uma rede de identidades criadas no contexto do basquete. Indivíduos podem se articular em torno de motivações específicas e passarem a se sentir partícipes de certas entidades como a AVAB, ou a entidade do *basquete arte*, e dessa maneira passam a se perceber como um componente desse grupo. E, assim, o indivíduo desenvolve um sentimento de pertença a esse grupo, como uma referência; gesta-se, desse modo, uma relação de identificação.

Chamo atenção para imagens destacadas nesse momento que distinguem os diversos tipos de *basqueteiros*: “veterano e amante do basquetebol”; o adepto do *street ball*, ou o jogador de basquete *para-olímpico*. São classificações que dão a esses grupos uma nomeação que os caracteriza e os identifica, especificando-os como um *nós*. Essa classificação permite que tais jogadores se reconheçam e sejam reconhecidos pelas respectivas denominações, em suas relações com outras pessoas e grupos. A integração de grupos específicos, por parte de determinados indivíduos, permite que se lhes atribua o status de partícipe daquela agremiação e, como parte desse contexto, passam a participar de atividades da vida em sociedade.

⁸⁵ *Enterrar* é a designação daquela jogada em que o atleta pula muito alto, à altura do aro da tabela que apóia a cesta para colocar a bola dentro. Trata-se de uma prática muito usada pelos *streeteiro*s ou adeptos do *street ball* e também aparece na cena do basquete oficial, embora sem muita freqüência.

⁸⁶ Esta nomeação é a mesma do basquete em cadeira de rodas.



Foto 25 – Equipe de *street ball*, basquete-arte ou basquete de rua.



Foto 26 – Seleção feminina do Dia B do basquetebol, composta por alunas predominantemente de escolas privadas e clubes, nos quais se joga o basquete oficial, em Fortaleza.

Esta seleção foi escolhida durante a programação do dia 23.12.07, e o critério que norteou sua escolha foi o desempenho técnico do atleta nos exercícios de fundamentos básicos das oficinas que demonstraram o basquete para o grande público. A seleção foi escolhida para realizar o confronto com a Associação dos Veteranos, no encerramento da programação que visou “divulgar e valorizar o basquete para um público mais amplo”.



Foto 27 – Associação dos Veteranos e Amantes do Basquete.

Esta seleção dos jogadores que já não participam de competições oficiais foi convidada para compor o *amistoso* de encerramento da programação do *Dia B Municipal do Basquetebol*. Ela participou de uma partida, confrontando-se, assim, com jogadores, oriundos de clubes e escolas, predominantemente do setor privado.

4. Em cena: símbolos, gestos e representações regionais

Conforme explicitado antes, no seu estudo do basquete com os descendentes alemães Weis (1996) considera que os jogos podem ser vistos como espaço de preservar tradições.

Numa analogia entre esse estudo e minha pesquisa, analiso o espaço do jogo de basquete, bem como de outros esportes, recompondo cenários com mensagens e símbolos, como: o juramento; posturas gestuais padronizadas, do tipo estender o braço direito no momento de jurar, ou a mão no peito esquerdo ao cantar e reverenciar o hino nacional, diante do hasteamento da bandeira ou da condução da tocha olímpica. Os jogos contribuem desta forma para articular, laços e tradições, interesses idênticos, como o propósito de competir na Copa CEFET, ou o de representar aquela entidade específica, encontrar e fazer novos amigos, dentre outros.

No contexto da escola pesquisada, as representações ou formas de agrupamento, de escolas que se apresentam na competição local, intitulada VI Copa CEFET, se constituem das seguintes nomeações: entre escolas privadas, há os colégios: Santa Cecília, Juvenal de Carvalho, Sete de Setembro (do Centro e da Aldeota), Farias Brito, Darwin e Lourenço Filho. Há, ainda, as equipes do Corpo de Bombeiros e do Colégio Militar. Entre as escolas públicas, estão: Escola Antônio Sales, Dom Quintino, Liceu do Ceará, Escola Municipal Creuza Carmo e Escola Estadual Paulo Benevides. Tais entidades são representantes de instituições escolares. Posicionam-se na quadra, abaixo do palco, em frente à *mesa das autoridades* que compõe o ceremonial.

Na modalidade específica do basquete, me chamou a atenção o fato de o maior número de equipes neste torneio ser oriundo da esfera privada. Esta observação reforça aquela idéia segundo a qual o basquete é praticado, aqui, predominantemente por atletas ligados de algum modo ao setor privado. Ou seja, é neste último que se desenvolve a maioria das equipes, até em função da demanda de infra-estrutura. Outras dimensões de interações durante a VI Copa CEFET podem ser observadas, se levarmos em consideração a presença dos espectadores do jogo que compõem outros grupos: amigos, familiares de atletas, alunos da escola, cujo número, no período da Copa CEFET-2006, era restrito, devido à greve que atingia a escola. Fazia-se representar, também, na cena, a Federação, através de uniformes e emblemas distintos, ou seus patrocinadores que tentavam se projetar, incluindo, ainda, a sua marca registrada, sendo esses aspectos característicos de grupos, passíveis de serem chamados de sinais diacríticos.

Além do simbólico hino nacional executado durante o evento, no momento de hastear as bandeiras, vêem-se os distintivos de entidades que se faziam representar, no ritual, a exemplo de escolas do estado, com uniformes comuns. Apareciam também a *medalha de prata*, que significa a conquista *individual* relacionada ao segundo lugar da competição, e a *medalha de ouro*, simbolizando a conquista do primeiro lugar, *pela equipe*. Observei o troféu, que atribui sentido à conquista da equipe vencedora do torneio. Os símbolos de competição individual ou que representavam a vitória da equipe, como grupo construído, como medalhas e troféus, se associavam a representações que evocam a idéia de conquista individual, cujo símbolo é a medalha ou de conquista em equipe, em caso de haver obtenção de troféu pela equipe que conquista o primeiro lugar do torneio.

Via-se a reverência aos símbolos por ocasião do hasteamento da bandeira nacional na cerimônia dos jogos. Ao mesmo tempo, a memória do desporto associado a uma coletividade era evocada, sugerindo às pessoas ali presentes o pertencimento a uma nação, ou a certos estados. Assim, os times aparecem posicionados na foto, em grupos separados, por espaços físicos delimitados para cada equipe de representantes dos CEFETS de cada estado que participava da competição. Entre os presentes, pessoas que se ligavam, também, por um sentimento que pode identificá-las com uma determinada agremiação esportiva. A cerimônia evocava uma idéia de unidade, reunindo em uma espécie de totalidade aquelas pessoas (isto é, separadas, como disse antes, mas, simultaneamente, integrando, naquela ocasião, um todo).

A criatividade em um ritual basquetebolístico pode ser observada no exercício de valores idealizados quando se projetam paralelamente a rupturas dessas condutas que fazem parte de uma cultura dos adeptos do basquete, conforme visto ao longo da pesquisa. Entre eles, destacam-se: a valorização do *jogo em equipe*, o desencorajamento da atitude de “estrelismo”, a ênfase na “evitação do contato corporal”, entre os adeptos, de uma linguagem, que busca preservar o opositor de embates físicos, ou as chamadas faltas do jogo. Essas noções idealizam a ordenação desse esporte, na vivência; porém, às vezes, aparecem contrariadas, e desencadeando os conflitos, fato que, como enfatizado antes, sinaliza para a conotação dinâmica e criativa do ritual. É necessário

considerar que a convivência e interpretações que indivíduos fazem na suas relações com os símbolos refletem experiências da dimensão pessoal, uma vez que o mesmo símbolo pode assumir distintas interpretações quando se diversificam essas experiências individuais.

No caso do basquete, chama a atenção a expressão criativa que eventualmente pode gerar modificações manifestas, por exemplo, no florescimento de um estilo derivado de sua forma oficial, como o *basquete-arte*, que adapta à sua feição, especificidades como o tempo do jogo, o número de integrantes, o cenário físico, bem como as regras ou movimentos, a exemplo da ginga dos dribles com que um jogador ultrapassa seu adversário. Também pode ser traduzido como uma adaptação criativa, desse jogo, o *racha* beneficente dos *Amigos do basquete* do BNB clube, por essa expressão se afastar dos padrões do desempenho do jogo quando esse é observado num contexto oficial, de competição conforme está descrito no capítulo cinco desta tese.



Foto 28 – Hasteamento de bandeiras, evocando identidades.

Esta imagem destaca as bandeiras dos estados e escolas representados no torneio, e que compareceram à Abertura do evento em Teresina: Ceará, Alagoas, Pará, Paraíba, Pernambuco, Maranhão, Piauí. Igualmente, chamavam a atenção gestos e posturas nos rituais como, por exemplo, os indivíduos que eram convidados a compor a *mesa das autoridades*; o ato de hastejar bandeiras era exercido por esses personagens, durante a execução do hino nacional, entoado simultaneamente, ao posicionamento de atletas, que estendiam sua mão sobre o peito esquerdo.

Viam-se ainda, como parte da referida cerimônia, alunos posicionados de pé, enfileirados na quadra, lado a lado, em grupos separados, cada um deles representando distintas entidades ou instituições, evocando o ideal de unidade veiculado nesse contexto. Vê-se também

o cortejo de jogadores de agremiações oriundas de diversos lugares, acompanhando o atleta que conduzia a tocha olímpica, reverência ao remanescente símbolo da “união” idealizada em torno da disputa esportiva, relembrado a cada repetição do ritual.



Foto 29 – Desfile da Tocha Olímpica, em Teresina, por ocasião do VI EDCENNE, 2005.

Este é o desfile de atletas de várias delegações, conduzindo a Tocha Olímpica, símbolo que, como sabemos, remonta à instituição dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, em 1896, em Atenas. Seu significado está associado ao propósito de criação desses jogos com a idéia de consolidar o *espírito olímpico* e unificar fronteiras de países. Portanto, é um símbolo associado à busca de uma espécie de mundialização de sentidos do esporte, como atividade a ser abraçada por todas as nações. Ao ser chamada também de *fogo simbólico* essa tocha significa a luz ou o sonho da *competição apaziguada* (ELIAS, 1992). Dessa perspectiva, se espera que esse símbolo possa reger a convivência entre os grupos e as nações. No basquete, a união se projeta através da tentativa de consolidação de um *sentido de equipe* que, supostamente, permitiria uma competição “civilizada” por parte de *basqueteiros*⁸⁷.

Como parte dos rituais, o desfile se fez por um cortejo composto de atletas de distintas identidades regionais, fundadas nessa perspectiva unificada, da qual pode ser um exemplo a agremiação que representa o CEFET do Ceará. Com suas especificidades na caracterização

⁸⁷ Essas considerações históricas estão destacadas no capítulo três deste estudo.

do local com símbolos próprios, cada uma das delegações levava um representante. Tais representantes, neste cortejo, traduziam um *corpo* (coletivo) das delegações participantes do evento. Nesse cenário em que se apresentavam as identidades regionais, os times se faziam representar através de cinco modalidades de esportes coletivos e quatro individuais. O maior número de modalidades que aparecia no torneio também sinalizava para uma ênfase que a realização do ritual dá à dimensão coletiva do esporte.

Entre as várias equipes presentes, apareciam os grupos de basquete dos estados do Pará, Alagoas, Ceará e Rio Grande do Norte. Em meio às várias unidades da Federação (estados) que se exibiam ali com diversas modalidades, o basquete, com apenas quatro equipes, sinalizava o seu lugar de um esporte com pouca visibilidade em nossa cultura, especialmente, nas regiões consideradas menos desenvolvidas. Nesta situação, me refiro ao Norte e Nordeste, conforme foi discutido no capítulo três.



Foto 30 – Delegações representantes das diversas identidades estaduais e regionais.

As várias delegações posicionavam-se num patamar, no espaço físico em frente e pouco abaixo da *mesa das autoridades*, diante da simbólica Pira Olímpica. Estes grupos apresentavam um ritual cujo ideal é o de reverenciar e reconstituir a memória social dos Jogos Olímpicos, cena que evoca, além de outras épocas históricas, grupos construídos e posições sociais.

As designações pelas quais os grupos são reconhecidos e se reconhecem – CEFET-PA, CEFET-CE, CEFET-PI, CEFET-AL, CEFET-PE, CEFET-PB, CEFET-RN – traduzem, ima-

gens de escolas e de equipes esportivas regionais, se nos referimos à competição do EDCENNE. No desfile de abertura do EDCENNE-2005, vê-se, por exemplo, a banda do CEFET-PI tocando uma música regional, daquele estado; o Ceará desfilou ao som de *Mulher Rendeira*; a Paraíba, ao som da música *Paraíba* (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira); Pernambuco, ao som do frevo *Vassourinhas* (Joana Batista e Matias da Rocha). O apresentador referia-se a aspectos da cultura de cada estado, e mencionava o número de componentes de cada delegação específica, todas recebidas, efusivamente, pelo público presente ao Parque Poticabana, em meio aos aplausos, gritos e assobios de componentes das delegações e do público em geral. Um telão projetava cenas de monumentos históricos e expressões consideradas típicas, a exemplo da culinária, além de outras imagens do estilo de vida do “povo do estado do Piauí”.

Para que seja compreendida a constituição de um grupo *regional*, destacam-se certas expressões de seu lugar de origem como a linguagem e a música associadas a ele. Como ilustração, menciono de um lado, o CEFET-CE e, por outro lado, a escola que tomo como referência analógica CEFET-PE. Da perspectiva de uma identidade relacional, se verificam as diferenciações associadas a outros traços de linguagem e música específicas daquele lugar. Assim, se um grupo desfila ao som da canção *Mulher Rendeira*, música que simboliza a cultura cearense, o outro grupo evoca o frevo dos *Vassourinhas* do folclore pernambucano. Ou um grupo que se apresenta em um momento pode se diferenciar por mudanças de trajetórias de atletas que ultrapassam a faixa-etária exigida para competir ou deixam a própria escola, sendo este um dos fatores que alteram, desse modo, essa constituição do grupo em relação a distintos momentos históricos, fato que caracteriza a identidade relacional.

Assim, é possível se dizer aqui que, através do cenário do VII EDCENNE, aparecia a convivência em cena, de grupos com expressões regionais distintas, articulando-se com o cenário dos jogos, transformando-o num palco, portanto, também de afirmações de grupos que se autodenominam e se auto-reconhecem a partir de suas próprias habilidades e expressões, em que a luta por sua afirmação coletiva extrapolava o âmbito das quadras e se expandia para o palco da vida cotidiana, em que estas identidades também disputavam seus lugares.

A delegação dos desportistas *nortistas*, as famílias de *cefetianos*, *paraenses*, *basquetereiros* ou *judocas*, ou *futebolistas* faziam parte da cena do desfile. De acordo com a composição do cortejo definida a partir da orientação do EDCENNE-2005, trinta e três atletas, por delegação, deviam compor o desfile, representando as nove modalidades inscritas no certame. A seguir, apresento o anúncio da solenidade de abertura do VII EDCENNE-2006, de 18 a 24 de novembro no CEFET-PE, Recife⁸⁸.

88 Informações disponíveis do site do CEFET-PE, <http://www.cefetpe.br регистрация>, acessadas em novembro de 2006.

SOLENIDADE DE ABERTURA

18 de novembro de 2006

PROGRAMAÇÃO

17h00	Concentração das Equipes (Ed. Física)
17h20	Avisos: Locais de Competições e Boletim; (M. Comp. Mesa Solene)
	Entrada das Equipes no campo do CEFET-PE A entrada de cada equipe será ao som da música típica do seu estado; Clip, exibido num telão, de cada CEFET, seguida de coreografia típica.
17h30	
18h20	Histórico dos EDCENNEs (prof. Eber Lima)
18h30	Entrada da Equipe de Arbitragem Hino Nacional e hasteamento das bandeiras: nacional, estado e CEFET-PE, EDCENNE
18h40	Hino de Pernambuco Execução Banda da Polícia Militar e Coral do CEFETPE
19h00	Entrada da Tocha Olímpica
19h30	Acendimento da Pira
19h35	Juramento do Atleta/(ler o currículo esportivo do aluno)
19h40	Saudação Geral aos participantes do evento (ANFITRIÃO)
19h45	Palavra das autoridades
20h10	Declaração de abertura pela mais alta autoridade presente (Sérgio Gaudêncio)
20h20	Saída das equipes
20h30	Apresentação artística: Grupo de dança do prof. Black escobar (20min)
21h50	Encerramento
21h55	No Estacionamento Banda de Forró pé de Serra.

Baseada nesta descrição, é possível olhar o espaço dos jogos como festa e expressão de identidades sociais de diferentes lugares. Pode-se ver a convivência de músicas regionais; os jogos interagem com a manifestação musical. Naquele momento, a *Grande Festa do esporte* envolve, além de uma pluralidade de personagens, múltiplas linguagens, configurando-se um cenário de extrema diversidade cultural. Tal qual aparece o *Balé da cidade de Teresina*, por ocasião do evento que houve lá, durante o VI EDCENNE, vê-se em Recife o grupo de dança do professor Black Escobar, ou a expressão do forró em Pernambuco. Dessa maneira, o cenário da solenidade de abertura dos jogos, evoca uma variação de expressões culturais, traduzida em coreografias e músicas de cada lugar de onde provêm os grupos que participam desse EDCENNE.

Os jogos e as danças andam juntos numa combinação entre a disputa, individual ou coletiva, e os aspectos lúdicos da vivência dos grupos sociais. Assim, o forró *pé de serra*⁸⁹ conclui a cerimônia de Abertura. Um aspecto que chama atenção se refere aos jogos, mostrando interações entre vários grupos que ali parecem afirmar sua história; símbolos que os identificam como atores que atualizam a memória social do desporto, em que não só se vê a preferência, por vários estilos de jogos, mas também estão presentes outros elementos culturais como a música de cada lugar.

Por ocasião do VII EDCENNE-2006, algumas identidades se apresentavam como escolas, integradas por um *espírito associativo*, as quais simbolizavam estados e regiões. Podiam ser vistas as escolas que participavam desse evento. Eram elas: CEFET-PA, CEFET-PE, CEFET-PI, CEFET-PB, CEFET-RN, CEFET-CE, CEFET-AL, segundo noticiou o *Jornal do Comércio*, de Recife, em novembro de 2006.

Considerando o espaço do jogo como lugar de projeção de valores regionais, para além da prática esportiva, tomo como referência, também, para interpretar a situação, um estudo etnográfico de Damo (2000), analisando o *grenal*⁹⁰.

O autor trabalhou com os conceitos de *identidade social*, *lealdade* e *regionalismo*, como aspectos que podem ser observados e compreendidos no contexto da prática esportiva. Entre os valores observados, na investigação da relação entre os grupos envolvidos nos processos sociais estudados, ele identifica a *lealdade*, traduzida por um sentimento de pertencer a um “clube do coração”, com o qual o adepto partilha sentimentos de dor e de alegria, por estar identificado com suas vitórias e derrotas. A exemplo de Guedes (1998), Damo vê o futebol como linguagem que traduz, também, a identidade do país; refere-se à expressão do nosso imaginário, “futebol, uma paixão nacional”. Segundo ele, trata-se de uma linguagem reveladora de estilos de vida de grupos, através da qual suas manifestações culturais aparecem.

Sobre o significado do futebol, o autor afirma:

89 De acordo com Almeida, a dança de salão também sofre com as determinações sociais, políticas, econômicas e culturais. Tomemos como exemplo o forró, sem nos prendermos nas controvérsias da origem do nome. No Nordeste, o forró nunca deixou de ser tocado e nem dançado, mas aqui, na região Sudeste, era identificado apenas pelos ritmos musicais do xote, baião e xaxado, tocados inicialmente por Luiz Gonzaga, Dominguinhos e, depois, pelas bandas Mastruz com Leite, Caciques do Nordeste, Cavalo de pau e outras do gênero. Nas aulas de dança de salão, o forró era apresentado como uma prática simples, de poucos passos e de fácil aprendizagem. Mas, é no final de 1995 e início de 1996, que o forró assume o modismo da época, invade a região sudeste e atinge em massa os estudantes universitários, que acabam adotando o forró e o denominam de “Forró Universitário”. Como uma onda nacional, este ritmo toma conta de toda a população estudantil e, com um novo e moderno ritmo que admite os instrumentos musicais eletrônicos na composição de suas músicas, mantém, do tradicional forró, apenas os instrumentos zabumba, triângulo e a sanfona. No que se refere aos estilos do forró, ocorre uma inserção de passos de outras danças provindos de ritmos como rock (“soltinho”), samba rock, salsa, bolero e outros, descaracterizando o forró e os demais estilos da dança de salão, que, no baile, passa a ser apreciado e executado pelo prazer de dançar, de se mostrar, enfim de se expressar.(ALMEIDA, 2005).

90 Clássico do futebol gaúcho, jogado pelos dois maiores rivais de seu futebol: os times *Grêmio* e *Internacional*.

(...) se na moda existem tendências, da estação, no futebol têm-se várias competições, distribuídas ao longo do ano, e tanto um quanto outro obedecem a uma certa circularidade cíclica. Há também produtores, críticos, exibicionistas, modelos que estão *in* e *out*, correspondendo a cada grupo, espaços publicitários bem determinados, quer na moda, quer no futebol. Embora, por vezes, se apresentem como naturais e necessários, são, portanto, imposições sociais de ordem cultural (...) (DAMO, 2000: 11).

Em convergência com essa sua reflexão que relaciona esportes e identidades, o trabalho de Silva (2004) aborda as razões que levaram à idéia de o futebol se configurar como um dos símbolos de identidade nacional, entre as décadas de 1930, e 1950.

A verificação do gradativo aumento de espaço destinado às notícias relacionadas aos clubes, e à seleção brasileira, ampliava-se nos periódicos de grande circulação, revelando, em parte, a medida desse interesse. A construção do Maracanã reforçou a dimensão dos significados atribuídos ao esporte. Ao conquistar a Copa do Mundo em 1958, o Brasil passou a ser conhecido como o país do futebol (SILVA, 2004).

Relativizando os contextos específicos dos jogos, esses estudos reforçam a análise que faço, aqui, sobre toda essa simbologia e a ritualização, presentes no cenário de Abertura dos jogos regionais, conforme explicitado antes, dentre outros, expressando-se como: uniforme, bandeira e música. Convém lembrar, porém, que o elemento musical como símbolo dinâmico extrapola ainda sua dimensão regional.

Os rituais como manifestações que acionam identidades extrapolam, igualmente, o âmbito local. Encontram-se similaridades entre as cerimônias em que se apresentam as equipes em jogos regionais, e a abertura de olimpíadas internacionais. Por exemplo, nesse caso, vêem-se agrupamentos ou construção de grupos de pessoas que se ligam por partilharem uma nacionalidade específica; um território comum; uma língua oficial única; um hino; uma bandeira; um uniforme; um sistema de crenças; enfim, sentimentos, cores distintivas ou símbolos materiais, com base nos quais um “corpo social” se faz representar e se afirma em oposição a um outro.

Desse modo, faz sentido pensar idéias que ordenam a criação de uma identidade dos *basqueteiros*, como um *espírito de equipe, disciplina* e reverência ao lugar do outro no grupo como valores culturais construídos nesse contexto, que organizam a forma de jogar no sentido de que são incorporados na relação entre o indivíduo e o grupo social do qual ele faz parte, dentro de vivências construídas em suas relações cotidianas. A linguagem construída a partir do próprio grupo pode ser um sinal diacrítico que serve à sua distinção como uma equipe específica, acentuando, também, o sentimento de pertença do indivíduo a uma determinada agremiação.

5. Streetball: as novas formas de identidades relacionadas ao basquete

Ainda que essa variação do basquete oficial não seja o foco desta investigação, no contexto da discussão pode ser vista como mais uma das expressões desse esporte que vem ganhando espaço, nos últimos tempos. Trata-se de uma modalidade cujo surgimento está vinculado ao movimento cultural da música *hip hop*, e se difundiu dos EUA, onde nasceu, para outros contextos do globo. Na nação norte-americana, essa prática começou nas quadras de cimento dos chamados bairros pobres de Brooklyn e Harlem. No Brasil, o *basquete de rua* surgiu no Hutuz festival *Rap*, no Rio de Janeiro, em 2002. Seus adeptos criaram uma competição com cesto de lixo, uma vez que não tinham acesso ao basquete de quadras.⁹¹

Acerca do *streetball*, vale ressaltar que esse jogo é derivado do basquete oficial, e tem regras mais flexíveis que aquelas convencionais. De acordo com o depoimento de seus adeptos, esse “é um jogo mais criativo, em que jogadores criam seus próprios dribles e joga-das”. No que concerne ao número de jogadores, enquanto no basquete oficial cada equipe conta com cinco atletas, no *streetbal* são apenas quatro pessoas.

O Hutuz organizou o primeiro campeonato e este não absorveu toda a demanda de equipes. Em função dessa ampla mobilização, um coordenador do festival Rap e a coordenação nacional da CUFA criaram um campeonato com a participação inter-estadual de equipes, reunindo mais de 1500 jogadores, de distintas regiões, evento que é patrocinado, pela Eletrobrás, pelo Ministério dos Esportes e Governo Federal, além da prefeitura do Rio de Janeiro. Assim, surgiu a primeira LIBBRA (Liga Brasileira do Basquete de Rua), em 2004, que se distribuiu em sete etapas, das quais participaram noventa e seis equipes masculinas e noventa e seis femininas, sem contar com uma equipe do país africano, Cabo Verde.

No Rio de Janeiro, localizado na região Sudeste considerada a mais desenvolvida do Brasil, jogadores migram do basquete de rua para o basquete profissional nos clubes. Segundo um coordenador da CUFA (Central Única das Favelas) do Rio de Janeiro, essa modalidade é uma via de mão dupla, pois é um veículo que absorve os atletas do jogo profissional de clubes que perdem condições de manutenção, ao mesmo tempo em que produz atletas com expectativas de profissionalização, que saem do basquete de rua e já alcançaram clubes como Tijuca, Vasco e Mangueira.

Enquanto isso, em Fortaleza, na região Nordeste, com outras condições de manutenção da prática, segundo alguns jogadores o basquete dos clubes é afetado com a desativação de equipes, e seus atletas vão para o basquete de rua. Essas considerações estão apoiadas também em pesquisa nos jornais locais, Diário do Nordeste e O Povo, e em eventuais notícias veiculadas por telejornais da Rede Globo de Televisão, que falam de uma febre do basquete de rua, bem como em observações realizadas durante o estudo de campo, quando acompanhei a

⁹¹ Informações do site da LIBBRA (Liga Brasileira de Basquete de Rua), registradas em maio de 2007.

apresentação dessa variação do jogo, por ocasião da programação do Dia B Municipal do Basquete, conforme mencionado anteriormente, nos ginásios municipais da cidade.

O *basquete arte*, ou o *basquete de rua* vem se difundindo pelo Brasil, se expandindo para outros espaços geográficos. Sob a denominação de *streetball*, esse movimento já atingiu vários estados, não se limitando somente ao contexto urbano. A SEBAR (Seletiva Estadual do Basquete de Rua), em sua terceira edição do campeonato estadual cearense (2007), tem alcançado não só Fortaleza, mas municípios como Maracanaú e Sobral.⁹²

De acordo com dados do *site*, a SEBAR é uma competição organizada pela CUFA, em todo o Brasil. Na sua terceira edição, no Ceará, a Seletiva teve o objetivo de incentivar a formação de equipes regionais para disputar o título de campeão estadual de *basquete de rua*, de 2007. Essa seletiva visa promover a inserção e a integração social dos jovens carentes no âmbito cultural e esportivo. Segundo seus organizadores, o jogo foi criado com o propósito de promover integração de adeptos de uma modalidade que são envolvidos com o esporte, independentemente, de posição social ou origem étnica.

Observo que o uso do termo “carente”, no caso, reflete uma visão construída na convivência entre determinados grupos, que apresentam diferenças culturais, entre si, do ponto de vista de educação, nível de renda e outras peculiaridades que os distinguem, no contexto. Esse tipo de classificação, nomeada “carente”, traz consigo um estigma ou expressa uma invenção gerada na perspectiva de linguagem adotada por outro grupo que reserva para si a legitimação desse poder de estigmatização, com quem o grupo assim classificado se relaciona. Um exemplo dessa classificação se verifica, às vezes, quando tal visão é introjetada pelos próprios indivíduos assim designados. Ou quando um ator social, um jornalista, por exemplo, designa os *basqueteiros streteiros*, como “carentes”, uma vez que estes não dispõem da mesma infra-estrutura e oportunidades para praticarem o jogo conforme é observado, ao se fazer uma analogia com as possibilidades de que dispõem os jogadores do basquete oficial.

6. Percursos do *Street ball*

De acordo com organizadores da SEBAR-Ce, o campeonato nacional do *basquetebol de rua* pretende ser um evento em que cada membro possa mostrar o seu talento que, na maioria das vezes, é restrito às “peladas” que acontecem nas ruas e praças de comunidades periféricas do país, ofuscadas pelas “peladas de futebol”. Segundo eles, além do intuito de promover e divulgar a modalidade esportiva *basquete de rua* – que tem se ampliado historicamente, com o movimento *hip hop* – não pretendem que essa prática fique restrita a um público específico.

A Seletiva Estadual do Basquete de Rua-2007 selecionou dois times, um feminino e um masculino para representarem o estado do Ceará na competição anual, nacional, que ocor-

92 Respectivamente, situados na Região Metropolitana de Fortaleza, e na zona norte do estado, a mais de duzentos quilômetros da Capital.

eria no mês de agosto desse mesmo ano, na cidade do Rio de Janeiro.

Segundo os adeptos dessa modalidade, “ela é descontração, brincadeira, ou arte de passar a bola e de fazer amigos para que alguém possa se sentir parte da tribo de basqueteiros”. Nesse caso, são chamados *streteiros*. Essa modalidade vem sendo praticada em vários estados do Brasil como, Distrito Federal, Pará, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso, Espírito Santo, dentre outros e, anualmente, no âmbito regional, ocorre nesses estados, a Seletiva Estadual de Basquete de Rua, etapa eliminatória para o campeonato nacional ou LIBBRA (Liga Brasileira de Basquete de Rua).

Verifico que a linguagem relativa às noções de “tribo” ou “família”, evocadas estas duas últimas em depoimentos de adeptos, traduz a expressão de formas de sociabilidades que ilustram como o sentimento de pertença grupal e, paralelamente, exclusão em relação a outros grupos distintos, é uma marca sempre presente no “teatro do basquete”.

Há um aspecto interessante que observo no âmbito do *basquete-arte*: embora a competição não seja o propósito dessa modalidade, ela adota os mesmos critérios de classificação do basquete oficial, a exemplo da fase eliminatória do campeonato nacional e da escolha de equipes campeãs e, ainda, atribuição de premiação aos vitoriosos, seguindo classificações. O time vencedor da LIBBRA-2007 ganhou o prêmio de três mil reais.

Segundo o que tem sido noticiado em jornais impressos, ou com base na justificativa formulada por “streteiros”, os quais já mencionei, o *streetball* surgiu dentre outras razões, em função da falta de acesso de determinados segmentos populacionais ao basquete oficial. No discurso dos praticantes, sua emergência se verifica, assim, por falta de estrutura. Ressalte-se que essa falta de estrutura e equipamentos já foi abordada anteriormente nesta tese, e aparece em depoimentos dos professores Tony, Campainha e Moreira (este do Colégio Batista). A centralização de intervenções, por parte da Federação Cearense de Basquete, segundo entrevistados, tem prejudicado o desenvolvimento de certas práticas, inviabilizando a realização de competições e criando sanções para quem participa de jogos de basquete oficial, não promovidos por essa entidade⁹³.

De acordo com o que tenho observado e depoimentos colhidos, a modalidade *streetball* foi ganhando espaço, à medida que se inviabilizavam as práticas do basquete oficial e surgiam disputas entre grupos, no âmbito das decisões (por exemplo, entre Federação Cearense de Basquete e um grupo dissidente, Federação de Basquete do Ceará) que dizem respeito à prática desse esporte no Ceará.

Um dos adeptos do *streetball*⁹⁴ reforçou essa informação, ao comentar que a expansão desta modalidade se deu de forma concomitante à perda de espaço do basquete oficial.

93 Nesse contexto, surgiu, inclusive, uma ação judicial envolvendo o SINDICLUBES e a Federação Cearense de Basquete, cujo processo, ainda em andamento, tem sido noticiado pelos meios de comunicação, jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*, além de aparecer nas revelações de adeptos envolvidos com a prática.

94 Refiro-me a uma conversa com um jogador, no dia 23.12.06, no Ginásio Paulo Sarasate. Ele integra o grupo *Fanáticos do street team*, é também uma equipe da modalidade de jogo oficial, formada pelos alunos do colégio privado Ari de Sá, em Fortaleza.

Embora, como já disse na descrição da metodologia, este tema não integre o núcleo do meu problema de estudo, ao longo da pesquisa pude perceber o *basquete-arte* sendo praticado por *basqueteiros* que freqüentam a escola privada. Tal fato me leva a ver essa modalidade contribuindo para diversificar e expandir as redes de interação social no “mundo do basquete”.

A relação entre perda de espaço do basquete oficial e expansão do *basquete-arte* foi noticiada, ainda, pelo jornalista Rafael Luís, na edição do jornal *O Povo* de 29.12.06, sob o título *Geração perdida*. A matéria menciona a migração de jogadores do basquete oficial, do Fortaleza Esporte Clube, para a equipe de *basquete de rua*, representando a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), com apoio do Clube dos Advogados, uma das classificadas, no Ceará em 2007, para ir ao campeonato a ser disputado no Rio de Janeiro.

Lembro que a citada equipe do Fortaleza é coordenada pelo professor Campainha, também técnico da escolinha do BNB Clube e que, em entrevista concedida para esta pesquisa, questionou o que ele chama de *crise financeira porque passam os clubes locais* e que repercute criando dificuldades para a viabilização do basquete profissional. Esse depoimento converge com a opinião de Fernando Carvalho, jogador profissional do Fortaleza Esporte Clube.⁹⁵

Os jornais de grande circulação diária em Fortaleza, a saber, *Diário do Nordeste* e *O Povo*, são veículos que noticiam matérias alusivas ao basquete de rua; porém, o fazem com pouca freqüência. Eventualmente, o basquete pode se tornar mais presente nas páginas da imprensa, e, dessa maneira, mais visível, dependendo de alguma variável contextual, a exemplo da ocorrência da Seletiva Estadual, no ano de 2007, evento de repercussão estadual, que tem como um de seus objetivos a disputa do Campeonato Nacional de Basquete de Rua.

A variação do jogo adquire visibilidade relativa também através dos *sites* específicos. Assim, no âmbito da comunicação virtual, encontram-se os *sites* da Seletiva Estadual de Basquete de Rua (SEBAR) da CUFA (Central Única das Favelas) e da LIBBRA (Liga Brasileira do Basquetebol de Rua).

Investigando, pois, essa modalidade – que, como afirmei antes, surgiu dentro do movimento cultural *Hip hop* –, observei que no período de 14 a 21 de abril de 2007, em Fortaleza e no interior do Ceará, ocorreu a primeira etapa da Seletiva do Basquete de Rua, uma programação envolvendo a disputa de equipes para o campeonato cearense. Tais seletivas ocorreram nos diversos estados da Federação e se constituíram iniciativas organizadas, regionalmente, definindo equipes de basquete para participarem do campeonato brasileiro dessa modalidade.

O jornal *O Povo*, na edição de 14.04.07, noticiou:

95 Conforme mencionei anteriormente, em dezembro de 2007, por ocasião do Encontro dos *Amigos do basquete*, Campainha me informou que este clube fechara suas portas ao basquete. Atenta a dinâmica desse evento, posteriormente, na edição 2008 do mesmo, Campainha disse que o clube reabriu.

Basquete de rua

Etapa abre seletiva estadual

Equipes cearenses de basquete de rua iniciam hoje, às 10h, em Sobral, a disputa da 1ª etapa da Seletiva Estadual do Basquete de Rua (SEBAR). O evento busca a formação de equipes para integrar o campeonato estadual de basquete de 2007. A seletiva traz uma novidade nesta temporada: a redução para 15 anos da idade de participação dos atletas. O evento pretende tornar cada vez mais profissional o esporte que ocorre nas ruas e praças das periferias do país. Entre os destaques estão os times masculinos da OAB, apoiados pelo clube dos advogados, campeão cearense do ano passado e a CUFA basquete de rua, vice-campeã. O atleta João Felipe da Costa Alves que surgiu na Central Única das Favelas hoje é considerado um dos melhores jogadores e uma das estrelas da CUFA. Entre as equipes femininas, participam da competição o Quadrabol, campeã de 2006 e a CUFA basquete de rua, vice-campeã estadual e que ganhou a quarta etapa da Liga Brasileira de Basquete de rua (LIBRA), no Rio de Janeiro, em 2006.

A mesma edição do jornal se refere ao significado desse jogo:

O que prevalece no basquete de rua é a forma organizada com que as equipes, mantêm o esporte, a disciplina de cada competidor e o empenho dos atletas para manter despesas. Ernando Ferreira Rodrigues, coordenador da Liga Urbana Cearense (LUCE) declarou que a liga esse ano não recebeu um único patrocínio da prefeitura ou do estado. Segundo ele, a entidade recebeu R\$ 30.000 reais através de uma emenda parlamentar da assembléia legislativa. A Liga Urbana Cearense surgiu com o objetivo de promover integração social de jovens através do esporte, com destaque para o basquete de rua. A modalidade funciona como trabalho de formação de cidadania de atletas entre 12 e 20-anos. De acordo com o coordenador, a entidade esse ano pretende atender diretamente 400 atletas.

O jornal destaca, ainda, os eventos que compõem a Seletiva:

evento	data	local
1ª etapa	15.04	Sobral
2ª etapa	22.04	Maracanau
3ª etapa	29.04	Conjunto Ceará
4ª etapa	06.05	Serviluz
5ª etapa	13.05	Pantanal
6ª etapa	20.05	Aldeota
Final	27.05	Poço da draga.

Este texto jornalístico nos faz perceber aspectos de uma expansão gradativa, geográfica, gradativa, do basquete de rua, na dinâmica dos grupos sociais, ficando evidente, também, a construção de várias equipes que se criam no universo do basquete local. Tais acontecimentos

me fornecem elementos que me permitem compreender, cada vez com mais que clareza, algo que podíamos chamar de uma plasticidade desse esporte (reinventando-se, historicamente, na sua relação com o mundo em que se insere), e reforçam a idéia desse jogo como veículo de produção de interações em sociedade. Aqui, como se pode ver, o basquete transita do contexto da capital do estado às cidades do interior. Os artefatos do basquete de rua ou *streetball* são adaptados do jogo oficial, a exemplo da cesta do lixo e da tabela, bem como o cenário, todos recriados para que esse esporte seja praticado em um espaço de rua ou praça, ao invés de quadra do clube ou da escola. O código de regras do jogo é criado a partir de adaptações que o distinguem do outro que regula o jogo oficial, a exemplo do controle do tempo da partida e do número de faltas permitidas. O jogo se passa em quinze minutos, distintamente do jogo oficial, que ocorre em quatro intervalos de dez minutos, no total, quarenta minutos.

Segundo me revelou um jogador do *streetball*, esse jeito de jogar só permite que o atleta cometa no máximo três faltas, quando então, é retirado de cena. Supõe o interlocutor que o número de faltas individuais tolerado, comparado ao do jogo oficial, é menor, talvez, em função de que por sua ênfase na descontração, busca-se evitar brincadeiras abusivas que possam desencadear provocações ou mal entendidos. Isto faz com que o *basquete de rua* seja ainda, teoricamente, menos tolerante com agressão física, se comparado ao jogo tal como é jogado, oficialmente. Entretanto, no jogo oficial, o treinador precavido já retira o jogador com três faltas, pra evitar que ele seja expulso antes de atingir o limite máximo de faltas permitido neste caso (cinco faltas) e consequentemente seja expulso da equipe.

Examinando-se, portanto, sob a ótica dessa série de diferenças, observam-se, assim, recriações no significado do jogo. Um outro exemplo da recriação histórica dessa invenção cultural é o caso do basquete de *cadeirantes*, também nomeado *basquete de cadeira de rodas* ou *basquete paraolímpico*. Segundo o depoimento do presidente da Associação de Atletas Para Olímpicos do Ceará, em entrevista à emissora de televisão CNN, em agosto de 2006, esse jogo foi criado na Inglaterra do pós-guerra, para ajudar pessoas feridas no conflito bélico.

Encontro inspiração em Vieira (2006) para explicar a recriação, historicidade e circularidade do basquete como expressão de processos culturais. Esta autora afirma:

(...) espero que possamos tratar com razoável objetividade possíveis vinculações históricas entre a nossa cultura e a de outros povos como também articulações internas à própria cultura brasileira, como parte integrante de sua dinâmica (VIEIRA, 2006: 47).

Na minha interpretação, a recriação do basquete se expressa também na derivação de categorias de *basqueteiros*. Desse modo, criação de várias identidades – tais como *streteiros*, *paraolímpicos*, atletas oficiais, *veteranos* e *amantes do basquete*, *amigos do basquete* – possibilita às pessoas se sentirem, no contexto desse esporte, identificadas com sua equipe, o que lhes permite se representarem e se articularem em círculos sociais, se sentirem membros partícipes deles. Essa di-

nâmica pode expressar subdivisões, classificações, hierarquias. Exemplifico, com base no percurso da experiência de um *basqueteiro cadeirante* com quem conversei: ele viera do trabalho nas Lojas Otoch (comércio), com o presente de Natal que comprara para sua mulher, e estava no ginásio Paulo Sarasate, participando do *Dia B Municipal do Basquetebol*, na véspera do Natal de 2006; com essa movimentação geográfica e social, esse atleta terminava por ampliar seus espaços de interação.

Esta observação me faz pensar na perspectiva da dinâmica da produção cultural, pois a nomeação *streetball* guarda uma vinculação histórica que traduz combinações culturais entre nosso jeito de jogar e a forma que originou essa subcategoria do basquete norte-americano. Ou seja, no Brasil, o *basquete de rua* guarda vinculações externas com a cultura norte-americana e articulações internas, traduzidas no crescimento dessa manifestação cultural envolvendo diversas regiões, criando inter-relações entre vários espaços que extrapolam mesmo o contexto citadino. Segundo noticiou o jornal *O Povo*, em 01.05.07:

O Basquete de rua é muito conhecido como basquete arte, marcado por jogadas geniais. Por não ser reconhecido como modalidade esportiva, não se prende às regras convencionais. A liberdade de criar novas regras é o que caracteriza o esporte. Mas os projetos realizados pela CUFA não têm como principal objetivo o esporte pelo esporte, mas sim como ferramenta de formação intelectual, cultural e humana das comunidades, bem como construir pontes que possam viabilizar um diálogo igual das demandas da favela com o asfalto e servir de referência para as políticas públicas, diz Preto Zezé, dirigente da Cufa-Ce.

Naquele momento, participava dos jogos um grande número de equipes que integram a segunda etapa da Seletiva estadual do basquete de rua 2007, no bairro Conjunto Ceará, incluindo cinqüenta equipes integrantes das modalidades masculino e feminino.

No jornal *O Povo* de 14.05.07, lê-se:

Na rua. Domingo é dia de basquete

Os moradores do planalto Airton Senna tiveram um domingo regado a muito basquete e hip hop. A quarta etapa da seletiva estadual do basquete de rua (SEBAR) levou os jogos à antiga favela Pantanal, para amenizar a imagem de violência do bairro.

Reunindo esta e outras tantas matérias veiculadas através da imprensa, às quais tive acesso ao longo da pesquisa, constato que, aos poucos, essa variação do basquete oficial mobiliza muitas equipes. Baseada na consolidação dessas entidades, encontro elementos para compreender como o sentido da equipe ordena a forma de jogar basquete, de modo que nesta categoria há também a orientação de uma ação coletiva que se sobrepõe à iniciativa individual. Para se ter uma idéia mais aproximada a respeito do que acabo de escrever, cito o seguinte dado: como parte da etapa desse campeonato disputada no Planalto Airton Senna, a competição envolvia vinte e nove jogos. Ora, uma experiência dessa natureza deve ser levada em considera-

ção, quando se pretende, por exemplo, refletir, mesmo que superficialmente, sobre repercussões que possa trazer para o cotidiano de pessoas ou categorias sociais que vivem nesses espaços.

O jornal cita fala do coordenador de atividades da CUFA local, Preto Zezé, por ocasião da programação diária: “Quem disse que notícias sobre essa comunidade têm de ser apenas de morte? Vamos quebrar esse tabu”.

Essas alusões que aparecem nos depoimentos dos *streteiros* sinalizam a imagem de fortalecimento de uma “comunidade” que vai na contramão da estigmatização de indivíduos ou grupos sociais, na medida em que o desenvolvimento dessa modalidade se associa a condutas que servem para que certos agrupamentos estejam associados a uma imagem positiva de *cooperação* e outras atitudes consideradas aceitas de uma perspectiva social, como união, práticas que estimulem o desenvolvimento pessoal, uma vez que o desempenho dessa atividade articula-se a várias dimensões da vida, ao promover alternativas de profissionalização, saúde, educação e lazer, adaptadas aos seus personagens, nos respectivos cenários de que fazem parte.

Nas chamadas regiões desenvolvidas, a exemplo da região Sudeste do Brasil, como na cidade do Rio de Janeiro, muitos jogadores cuja iniciação se dá no *basquete de rua* alcançam a profissionalização, passando a praticar esse esporte nos clubes. Em relação ao trânsito do *basquete de rua* para o campo da profissionalização, também no Rio de Janeiro se verifica um movimento contrário ao que observo em Fortaleza. Ou seja, nesta cidade, há casos de deslocamento de *basqueteiros*, dos clubes para as ruas e praças, em função da falência de suas entidades mantenedoras.

A fala do coordenador de atividades da CUFA, antes mencionada, veiculada pelos adeptos do *basquete-arte* aponta para a possibilidade de consolidação de uma imagem fortalecida do lugar social do qual se sentem parte, de algum modo protegidos de certos estigmas, o que pode reforçar, nesses habitantes, o sentido de pertença àquela identidade local. Assim o “*basquete-arte*” se constitui em mais um reforço à construção de identidades por uma contribuição dessa forma de competição, enriquecendo, de algum modo, o estilo de vida daquele bairro ou comunidade da qual tais atores fazem parte.

O jornal *O Povo*, edição de 14.05.07, referindo-se à realização da Seletiva-2007, em Fortaleza, também noticiou que *o dia foi cheio*. Registraram-se vinte nove jogos que somaram pontos para a “próxima e última etapa”, que seria realizada no domingo seguinte, 20 de abril de 2007, na comunidade Quadras, Aldeota.

Na mesma edição, Ernando Ferreira, coordenador da competição, relatou: “na Semana que vem saberemos quantas equipes se classificarão para a etapa final que deve ocorrer no dia 26 ou 27 de maio, a depender da vontade dos atletas”. Ainda de acordo com matéria de jornal, as equipes Perphorme e Quadrabol, respectivamente, masculina e feminina marcaram mais pontos. Para quem não conhece o *basquete de rua*, as partidas eram disputadas em quinze minutos, ou até que uma das equipes formadas por quatro atletas marcassem vinte e um pontos.

Para a final, classificaram-se as quinze equipes masculinas e sete femininas, para se juntar às agremiações Franca e Santana, já classificadas na etapa de Sobral.

A jornalista Yanna Guimarães, na mesma edição daquele periódico, se referiu a um morador do Planalto Airton Sena, Pedro Guimarães, dezesseis anos, que pratica o basquete como *hobby*, e que desejava participar da Seletiva do “ano que vem”. Segundo esse interlocutor, não sabia jogar bola com os pés e então aprendeu a jogar com as mãos. Ele costumava jogar com os amigos, quando morava no Bairro de Fátima, e acrescentou que “isso aqui é muito bom!”.

Dentro de toda essa dinâmica envolvendo as várias unidades, vão se gestando sentimentos de pertença; tanto em relação ao grupo específico (de uma região, por exemplo), quanto ao conjunto maior, formado pelos vários grupos (de todas as regiões). No contexto desse lugar de pertença, definido com base na associação de indivíduos por propósitos que os identificam, são produzidas essas entidades, fato que me faz reforçar a idéia segundo a qual o espaço do basquete é visto como um jogo que fortalece a formação de equipes.

Além disso, apoiada nos dados coletados ao longo da pesquisa, percebo, também, que o *basquete de rua* aparece migrando de um estado ou de uma cidade para outros espaços geográficos, articulando jogadores e experiências, em torno de sua prática, em distintas regiões.

Para além da competição, o *basquete-arte*, pode ser visto da perspectiva de seus praticantes, como o espaço de cooperação, na estruturação de grupos, que se empenham, em organizar equipes, cultivando “disciplina” e assumindo despesas com artefatos que servem à manutenção das equipes, como revela o presidente da Liga Urbana Cearense. Essa dinâmica foi observada por mim também no contexto do jogo oficial. Relações de competição e cooperação encontram, assim, um lugar na mesma cena. O *streetball* originário do cesto de lixo pode ser comparado à forma do jogo de basquete, tal como se expressou no momento em que foi inventado, em 1891, com uma cesta de colher pêssegos, em Massachussets. Uma invenção cultural que expressa um movimento, revelando-se, assim, a criatividade e a riqueza de adaptações do homem à prática do basquetebol, em relação a diversos grupos de adeptos, em espaços históricos e sociais também variados.

Com estas considerações, dentre outros aspectos, quero chamar atenção para o fato de como uma outra expressão dessa prática cultural, nomeada *street ball* pode favorecer o *sentido de equipe*, que, conforme esta abordagem, se constitui em um princípio significante, na organização do basquete. Essas novas identidades construídas no contexto do basquete reforçam, portanto, uma forma de sociabilidade produzida, fenômeno para o qual tenho chamado atenção, ao longo deste estudo, com base nas conversas de personagens e em observações de cenários e imagens registrados como parte desta investigação, acerca do “mundo do basquete”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese tomou como referência o basquete como uma produção que, a exemplo de qualquer outra prática de grupos, envolve adaptações e variações de sua performance, na medida em que pode ser aprendido por diferentes grupos e em momentos distintos. Assim, se observou que a categoria *streetball*, inventada nos EUA, veio para o Rio de Janeiro, lá já se recriou o basquete, concretizando-se essa reinvenção através de um Campeonato Nacional, que vem articulando essa variação da prática disseminada nas distintas regiões do Brasil, produzindo os campeonatos estaduais, cujos jogos compõem um cenário rico de formas de articulações pessoais, grupais e regionais, através das quais é possível captar a dinâmica da vida social.

E é essa perspectiva antropológica que me permitiu ver o jogo inventado numa escola de Massachussets, em 1891, migrando para vários lugares do mundo. Um exemplo dessa migração é o deslocamento do basquete dos EUA para São Paulo, em 1896, e sua expansão para várias regiões do Brasil, alcançando públicos diversos. Foi incorporado pelos *basqueteiros para-olímpicos*, pelos partidários do *street ball*, por *basqueteiros* oficiais, por *veteranos e amantes* desse jogo, por voluntários de iniciativas empresariais benéficas; ao mesmo tempo, se modificando em função de adaptações pelas quais foi passando em seu percurso histórico, ocupando a diversidade de lugares geográficos e sociais e momentos históricos, em função dos significados que lhe são atribuídos pelos diversos grupos que o incorporaram. Portanto, foram se recriando, assim, várias formas de basquete. Isso pode ser ilustrado através da produção de distintas nomeações e estilos de prática, aos quais tenho feito referências, ao longo desta tese.

Interpretando o basquete como espaço de criação de identidades culturais e preservação de simbolismos que se projetam no contexto dos rituais, procuro enfatizar o papel dessas manifestações na produção de valores e afirmação de identidades e memórias. Considero, porém, que esse papel de manter tradições precisa ser relativizado, levando em conta certas contingências históricas nas quais ocorrem as suas manifestações. No entanto, convém destacar que as formas de identidades que apareceram variaram, de acordo com as diversas categorias elucidadas no campo do basquete, em função de adaptações criativas, experimentadas pela convivência de sujeitos humanos, em qualquer dinâmica histórica no interior da qual se processam relações de cooperação e disputas em cujo campo essas práticas culturais são vivenciadas, ressaltando, sempre, que todas essas experiências extrapolam o campo esportivo.

As conclusões às quais se pode chegar com os resultados da pesquisa, sistematizados nesta tese, tratando da sociabilidade entre os atores que encenam o basquete, me permitiram identificar esse jogo como atividade que, ao longo da história, esteve associada, especialmente, ao setor privado, nas esferas do Lazer e da Educação, nas diversas regiões da sociedade brasileira, e encontrado com maior destaque na população de menor faixa etária, identificando-se nesse universo crianças e adolescentes em clubes e escolas, destacadamente, em competições inter-colegiais temporárias. O basquete é, assim, considerado um esporte da Era Moderna, fundado com o objetivo de promover sociabilidades.

Ao longo de sua história, os adeptos do basquete atribuem-lhe uma imagem associada a *delicadeza*, a *cordialidade* e a valorização do *trabalho em conjunto*; este último sendo um princípio também enfatizado por certas empresas e instituições na vida contemporânea. No jogo de basquete, temos que a função de um armador no desempenho individual depende de um certo arranjo da equipe, de alguém que vai lhe passar a bola para que possa articular, adequadamente, armar o jogo com um outro atleta, isto é, para quem ele vai passá-la; por exemplo, o *pivô* que se infiltra pelo centro do *garrafão*, acompanhando a disputa do *rebote*, ou para o *jogador* que ataca partindo no intuito de converter a cesta pelas laterais da quadra. Jogadores exercem suas funções, de acordo com a exigência de arranjos de jogadas ensaiadas, em uma performance grupal, na inter-relação com o papel do técnico.

Esse cenário do basquete contemporâneo, por outro lado, contribui para a reinvenção de seus significados por parte de grupos sociais que buscam uma renovação de sua expressão por um processo de recriação na forma de novas modalidades que passaram a conviver com a tradição do basquete oficial, em consequência de perdas materiais e de laços sociais que se verificaram no contexto das mudanças que repercutem na dinâmica cultural, observadas no cenário desta prática em relação aos processos de competição social mais ampla. Vê-se, paralelamente, às mudanças culturais, a transformação e adaptação do basquete às novas regras e espaços que traduzem situações ilustradas nesta tese com base no estilo derivado do basquete oficial nomeado *basquete de rua*. Há uma reinvenção do jogo para se adaptar às novas condições em que esta prática ocorre. O mesmo se verifica em relação ao basquete *para-olímpico*. Essas questões são aprofundadas nos capítulos três e seis desta tese.

No Brasil, o basquete adquire uma visibilidade relativa, a exemplo de sua presença, em maior escala, em competições inter-colegiais, já que não tem sido difundido com maior ênfase e freqüência, pelos meios de comunicação, por razões históricas e culturais. Verifica-se também que o lugar do basquete na sociedade brasileira reflete suas origens na região mais desenvolvida desse território e sua dinâmica projeta uma forte herança da cultura americana onde ele foi fundado. E, considerando a dinâmica cultural brasileira, convém destacar a contribuição do basquete espanhol que se faz presente através da composição da equipe masculina cujos jogadores atuam em clubes do basquete espanhol. A investigação desse jogo projeta ainda um tratamento histórico dado à organização econômica desta prática, também observado no âmbito internacional em que é preciso olhar sua importância relativa em analogia com outros esportes mais antigos e que ganham mais importância cultural, como no caso do futebol.

Na atualidade, cada vez mais, este esporte tem sido usado pela publicidade como veículo de difusão e afirmação de imagens associadas ao contexto de organizações públicas ou/e privadas. Além de essa prática ser identificada na esfera da profissionalização, o basquete serve também à concretização de programas de doações a entidades filantrópicas, reforçando a imagem de um jogo cuja origem está articulada, historicamente, com uma rede filantrópica internacional. No contexto da prática benficiante ou de programas sociais, ele serve como mediador de relações entre indivíduos e grupos oriundos de esferas sociais diferentes, a exemplo dos

clubes recreativos e empresas de comunicação. Nesses termos, observou-se nesse estudo, ainda, a realização da Seletiva Estadual de Basquete de Rua (SEBAR), que tem articulações com a Liga Brasileira do Basquete de Rua (LIBBRA) ou campeonato nacional dessa modalidade.

Por ocasião dos treinos semanais que constituíram o universo da pesquisa (dos grupos investigados), verificou-se que ensaios dos fundamentos básicos (o drible, o passe e o arremesso), permitem a incorporação, simultaneamente, de princípios e valores culturais, por parte dos atores de basquete. Além disso, viram-se outras experiências, vivenciadas em conjunto pelos jogadores, no seu cotidiano, como através de amistoso, permitindo o reencontro entre alunos e ex-alunos, a preparação das viagens do CEFET-Ce para os encontros regionais anuais ou os momentos em que jogadores da escolinha jogavam conversa fora nos intervalos de treinos, ou se reuniam por ocasião dos jogos amistosos anuais benéficos, ligando os “amigos do basquete”. Essas vivências que consolidavam a construção dos grupos contribuíram para o fortalecimento de suas identidades. Refiro-me, neste momento, especificamente à escolinha Centro Esportivo Campainha e à equipe CEFET-CE.

Entretanto, a viabilização do basquete, como também a de outros jogos coletivos no Brasil, encontra empecilhos em políticas de deliberação de recursos, quer seja por parte do setor público ou em âmbito privado, nas diversas regiões do país. Através de seus rituais, esse jogo contribui para a visibilidade de identidades, símbolos e tradições nos planos regional, nacional ou internacional. De acordo com as constatações desta tese, o discurso jurídico da Constituição do Brasil, de 1988, e a propaganda política oficial guardam uma descontinuidade com relação aos incentivos financeiros apregoados. É isto que se percebe, por exemplo, nas interrupções de realização de suas programações ou competições. Enfatizo, assim, a ausência de patrocínios, por parte de setores público e privado, como fator inibidor do fortalecimento do basquete, no âmbito das organizações sociais em que esse esporte se faz presente.

Considerando a discussão explicitada nesta tese, empregando os conceitos de *sociabilidade* (Simmel) e de *competição civilizada* (Elias), foi possível observar o “mundo do basquete”, como contexto de encenação de relações, envolvendo múltiplos significados e formas de sociabilidades, no cotidiano das pessoas, grupos ou instituições que, vistos sob este ângulo, extrapolam o âmbito esportivo. Nesse espaço, são produzidas, também, manifestações de valores que alcançam várias esferas da vida, como pode ser visto em descrições aqui mencionadas, de encontro de grupos, por ocasião dos rituais. Utilizando-me do conceito de *ritual* da perspectiva do pensamento de Hobsbawm, por exemplo, observo esse “mundo do basquete” priorizando o destaque de valores, símbolos e artefatos, reunidos por viabilização de ações sociais, envolvendo esse jogo, que não se limitam a fronteiras temporais e espaciais específicas, em que trajetórias de adeptos do basquete buscam, dentre outros intuitos, a consolidação do *trabalho em equipe* evidenciado ao longo da tese nos liames dos processos de sociabilidade, imersos nas tensões, envolvendo as dimensões pública e privada, individual e coletiva, em convivência com interesses políticos e econômicos.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, C. M. Um olhar sobre a Dança de Salão, in *Movimento & Percepção*, Espírito Santo de Pinhal, S. P. V.5, n.6, jan./jun. 2005,
- BALEY, F. G. *Gifts and poison*. Oxford: Basil Blackwell, p. 1-25, 1971.
- BOOP, M. *Almanaque do Melhor Basquete do mundo*. São Paulo: Editora Panda Books, 2004.
- BOURDIEU, P. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- BOURG, J. F. e GOUGUET J. J. *Economia do esporte*. Bauru-SP: EDUSC, 2005.
- COELHO, T. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- CONNERTON, Paul. *Como as sociedades se recordam*. Oeiras: Celta edt, 1993.
- CUCHE, D. *A noção de cultura nas Ciências Sociais*. Bauru-SP: EDUSC, 1999.
- Da MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1990.
- DAMO A. S. *Futebol e Identidade Social*. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2000.
- ELIAS, N. *A Sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS, N. e DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FERREIRA JÚNIOR, R. *NBA, CBB, NLB: Relações de Poder no Universo Organizacional do Basquetebol Brasileiro*. Tese de mestrado em Educação Física apresentada ao departamento de Educação Física do setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.
- FILHO, E. M. e FERNANDES, F. (org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.
- FREITAS, I. C. M. *Da periferia ao palco: a ressocialização de crianças e adolescentes de Fortaleza através da arte*. Fortaleza, UFC, 2000.
- FREITAS, I. C. M. *Destinos (im)prováveis: trajetórias de jovens egressos de uma experiência de arte-educação*. Fortaleza, UFC, 2006.
- GAUDIN, B *O basquete no país do futebol*, in revista de Ciências Sociais, número 1, V.38, UFC, 2007.
- GUEDES, S. L. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.
- HIRATA, E. *O potencial Comercial do Basquetebol no Brasil*. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, apresentada ao Programa de pós-graduação da Universidade

- Estadual de Ponta Grossa, Paraná, 2004. Disponível no site <http://www.efdeportes.com/efd79/basquete.htm>, acesso em 2008.
- HOBSBAWM, E. e RANGER, T. *A Invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- LEITE LOPES, J. S. “*A vitória do futebol que incorporou a pelada*”. In Revista da USP, número 32, USP, 1996/97.
- LOPES, J.S.L., *Classe etnicidade e cor na formação do operariado* In (org) BATALHA, H.M. SILVA F.T FONTES (org.). A. Cultura de classe, identidade e diversidade. Campinas-SP: Editora UNICAMP, 2004 (124 a 163)
- MARTIN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.
- MONTAGNER, P.C *Esporte de competição e educação? O caso do basquetebol*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação da Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba-SP, 1993.
- MURAD, M. *Dos pés à cabeça*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.
- NORMANDO T. S. *O futebol como objeto de investigação acadêmica*, disponível no site <http://efdeportes.com/> Revista digital - Buenos Aires - ano 98-número 58, acesso em março /2003.
- PONTES, A. M. F. *A Cidade dos clubes*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.
- PEIRANO, M. *Rituais Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- DE ROSE Jr, DANTE, *A criança, o jovem e a competição esportiva*, in (org) DE ROSE Jr. DANTE, *Esporte e Atividade Física na Infância e Adolescência*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SOARES, G. “*A mulher nas olimpíadas*”, Revista Ciência Hoje da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), Rio de Janeiro: Volume 8/número 43, 1988, p. 34.
- O basquetebol sem fronteiras*, disponível no site <http://www.nba.com/brasil/burbamericas14205.htm>. Acesso em 24.03.2007.
- SILVA. L. V. L. *Torcedores e Torcidas: um estudo sociológico sobre o futebol*. João Pessoa: Sal da Terra editora, 2007.
- VERONEZ, L.F. Quando o estado joga a favor do privado: as políticas do esporte após a constituição de 1988. Tese de doutorado apresentada na Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2005. Disponível no site <http://libdigi.unicamp.br> da Biblioteca Virtual da UNICAMP, acesso em junho, 2008.
- VIEIRA, M. S. *Velhos Sanfoneiros*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

WACKAUNT, L. *Corpo e Alma*. Rio de Janeiro: Relume Duamará, 2002

WEIS, G. F. *O Caso do Basquetebol em Santa Cruz do Sul*, dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Regional, UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul), Santa Cruz do Sul, 1996.

WEBER, M. *Economia e sociedade*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1991, v. 1.

WOLF, M. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: editorial Presença 1999.